

CAROLINE ELIZABETH BRERO

A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO (1920)
E NARIZINHO ARREBITADO (1921)

CAROLINE ELIZABETH BRERO

A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO (1920)
E NARIZINHO ARREBITADO (1921)

Dissertação de Mestrado em Letras (Área de Concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada, Linha de pesquisa: Crítica e História Literária) apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
ASSIS – SP
2003

Aos meus pais e ao Martin,
pelo amor.

AGRADECIMENTOS

À professora Alice Áurea Penteadó Martha, pelo incentivo;

Aos amigos José Oildes e May Holmes, pela inestimável ajuda;

Aos professores João Luís C. T. Ceccantini e Álvaro Simões, pelas contribuições apontadas no exame de qualificação;

Ao professor Carlos Erivany Fantinati, pela dedicação e orientação deste trabalho.

A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS *A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO* (1920) E *NARIZINHO ARREBITADO* (1921)¹

Caroline Elizabeth Brero

RESUMO: Essa pesquisa tem por finalidade organizar cronologicamente e analisar criticamente artigos, ensaios e referências dedicados às obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) e *Narizinho Arrebitado* (1921), de Monteiro Lobato, publicados em livros e periódicos entre 1920 e 2001. O trabalho teve também como objetivo avaliar os estudos críticos divididos em última instância em duas categorias: os que contribuíram com análises esclarecedoras e inovadoras sobre os dois livros e os que se limitaram a repetir lugares-comuns acerca deles. A pesquisa abarcou ainda a recepção das obras em meio eletrônico (Internet). Procurou finalmente verificar em que períodos de nossa história literária as obras foram mais estudadas e os enfoques recebidos.

PALAVRAS-CHAVE: *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato, História Literária.

¹ Dissertação de Mestrado em Letras (Área de Concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada – Linha de Pesquisa: Crítica e História Literária), apresentada na Unesp (Universidade Estadual Paulista) – Campus de Assis – Faculdade de Ciências e Letras – Assis – SP, 2003. Orientador: Dr. Carlos Erivany Fantinati.

L'ACCUEIL CRITIQUE DES OEUVRES *LA FILLETTE AU PETIT NEZ POINTU*
(1920) ET *PETIT NEZ POINTU* (1921)

Résumé: Cette recherche a pour but l'organisation chronologique et l'analyse critique des articles, des essais et des références consacrés aux oeuvres "La fillette au petit nez pointu" (1920) et "Petit nez pointu" (1921), de Monteiro Lobato, publiées en livres et en périodiques entre 1920 et 2001. Ce travail a eu encore le but d'évaluer les études critiques scindés, finalement, en deux catégories: les études qui ont contribués à des analyses éclaircissantes et inovatrices sur les deux oeuvres et ceux qui se sont limités à répéter des lieux-communs sur les deux livres en question. La recherche a eu aussi l'aide des renseignements informatisés (Internet). Et finalement elle a cherché à vérifier les périodes de notre histoire littéraire, où ces oeuvres ont été encore étudiées et comment elles ont été ciblées.

Mot clé: "La fillette au petit nez pointu" et "Petit nez pointu", Monteiro Lobato, Histoire Littéraire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 09
1. A CRÍTICA E AS OBRAS A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO E NARIZINHO ARREBITADO	p. 14
1.1 Década de 20: O encantamento da crítica com as primeiras obras infantis de Monteiro Lobato.....	p. 18
1.2 Década de 30: A estilística lobatiana e as vozes da crítica	p. 22
1.3 Década de 40: A pedagogia lobatiana nas farpas da crítica	p. 25
1.4 Década de 50: A aversão da Igreja às obras lobatianas.....	p. 34
1.5 Décadas de 60 e 70: O crescente interesse da crítica pela vida e obra de Monteiro Lobato.....	p. 41
1.6 Década de 80: O passeio da crítica pelos lugares-comuns.....	p. 53
1.7 Década de 90 e os anos 2000 e 2001: Tentativas de acerto.....	p. 71
1.8 <i>A Menina do Narizinho Arrebitado e Narizinho Arrebitado</i> na Internet.....	p. 84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 86
BIBLIOGRAFIA SOBRE MONTEIRO LOBATO	p. 89
BIBLIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO	p. 103
BIBLIOGRAFIA DE APOIO	p. 104
APÊNDICE A - OS OLHARES DA CRÍTICA SOBRE A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO E NARIZINHO ARREBITADO (1920-2001)	p. 105

APÊNDICE B – BIBLIOGRAFIA SOBRE A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO E NARIZINHO ARREBITADO.....	p. 194
ANEXO A – ARTIGOS CRÍTICOS SOBRE A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO E NARIZINHO ARREBITADO.....	p. 203
ANEXO B – ILUSTRAÇÕES.....	p. 233

INTRODUÇÃO

A pesquisa bibliográfica ou de documentação vem sendo paulatinamente reconhecida no Brasil. Todavia, ainda há uma evidente carência nesse campo de pesquisa acadêmica, pois não são muitos os pesquisadores que se dedicam a fazê-la.

O interesse relativamente pequeno por este tipo de pesquisa é verificado sobretudo nas bibliotecas: ora o material de consulta necessita de atualização de cadastros e de sistemas de organização mais eficientes que auxiliem a localização das referências procuradas, ora a carência é do próprio material, que muitas vezes é extraviado ou simplesmente não é localizado. Diante da necessidade de se fazer pesquisa desse cunho, acreditamos que este trabalho vem contribuir para que a memória bibliográfica brasileira seja resgatada.

Este estudo sobre a recepção da crítica de *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* consiste na compilação e comentários sobre artigos, ensaios e referências dedicados a essas obras, cujas publicações se deram em livros e periódicos entre 1920 e 2001. O trabalho tem também como finalidade apontar os estudos críticos que contribuem com análises esclarecedoras sobre as obras em questão e os que submeteram essas obras a lugares-comuns.

Em virtude do interesse que as obras infantis de Monteiro Lobato suscitam nos leitores e nos estudiosos da literatura, ao longo de várias décadas,

verificou-se a necessidade e a importância de reunir a recepção crítica das duas primeiras obras infantis, a partir das quais se originou toda produção infantil lobatiana, trabalho que ainda não havia sido realizado e que poderá contribuir para dirimir equívocos que se propagam a respeito destas obras e facilitar as pesquisas sobre a produção lobatiana, pois, embora as obras se constituam como documentos literários importantes, não têm recebido maior atenção do meio acadêmico, visto que os trabalhos feitos apresentam mais caráter panorâmico do que cunho crítico e monográfico.

Foram considerados de grande importância para a análise da recepção da crítica sobre as obras em questão as alusões ocasionais, as referências e os verbetes de dicionários e enciclopédias, os artigos de periódicos, teses e *sites* na Internet.

A pesquisa sobre a recepção crítica das obras *A menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* teve seu início a partir do nosso ingresso no Programa de Pós-Graduação em Letras, em 1999, sob a orientação do professor Dr. Carlos Erivany Fantinati.

Num primeiro momento, o projeto tinha como finalidade a reunião de dados sobre a recepção crítica da primeira obra infantil de Monteiro Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), bem como a indexação destes estudos críticos, conforme o critério cronológico, a fim de constituir um panorama nítido do período literário em que a obra foi mais estudada e reeditada, assim como o período de menor interesse dos críticos pela obra.

Todavia, o material coligido no decorrer da pesquisa nos fez mudar a proposição primeira do trabalho, que era estudar somente a obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*, pois sua leitura elucidou a confusão a que essa obra foi

submetida. Muitos artigos a respeito de *A Menina do Narizinho Arrebitado* traziam erroneamente dados sobre *Narizinho Arrebitado* e vice-versa. Observou-se então que para atingir o objetivo proposto não teria como desvencilhar uma obra da outra durante a sondagem do material.

A pesquisa constituiu-se basicamente de três etapas. Na primeira, foram consultados estudiosos renomados sobre Monteiro Lobato, como Edgard Cavalheiro e Leonardo Arroyo, de onde foram retiradas informações de dados biográficos do escritor e de sua produção, assim como indicações bibliográficas necessárias para se chegar a outros estudos críticos.

Na etapa seguinte, foi percorrido um longo e árduo caminho, que teve início a partir do acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), no campus da Universidade Estadual Paulista em Assis; em busca de novas referências, foram folheados, uma vez que nesse Centro não havia catalogação por assunto, todos periódicos que continham artigos literários escritos a partir de 1920, como *O Estado de São Paulo*, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *Correio da Manhã*, *D.O Leitura*, *Leia Livros*, *Mensagem de Letras*, *Folha da Manhã*, *A Festa*, *Correio Paulistano*, *Folha de São Paulo*, *Proleitura*, *Revista Veja*, entre outros. Apesar de muitos periódicos, pouquíssimos artigos que versavam sobre o assunto pesquisado foram encontrados.

O próximo passo foi pesquisar na cidade natal do escritor, em Taubaté. Na Divisão de Museus, Patrimônio, Arquivo Histórico Professor Paulo Camilher Florençano (DMPH), foram encontrados vários artigos sobre Monteiro Lobato, porém as quinze pastas depreciadas, com as quais contava o Museu, guardavam de modo aleatório os artigos colados em cartolinas e sem as devidas

referências bibliográficas. Ainda em Taubaté, foram visitados a biblioteca da Universidade de Taubaté (Unitau), onde foram encontrados alguns livros sobre Monteiro Lobato, a Biblioteca Municipal de Taubaté e o Sítio do Pica-Pau Amarelo, que continham apenas algumas poucas obras do escritor.

Em São Paulo, na Biblioteca Municipal Mario de Andrade pôde-se consultar alguns números das *Revista do Brasil*, *Revista Brasiliense*, *Revista Brasileira*, *Revista da Academia Paulista de Letras* e do *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mario de Andrade*, também foram encontradas muitas referências que faltavam aos artigos coletados em Taubaté. Mas, alguns artigos publicados em revistas e jornais considerados obras raras tiveram o acesso impedido, mesma dificuldade encontrada na Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, na qual nenhuma referência pedida podia ser manuseada, somente a bibliotecária podia segurar para ser feita a leitura, algumas anotações, e, quando necessário, a cópia manuscrita. A Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato possuía poucas edições diferentes de *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* e as existentes no acervo estavam expostas, protegidas por vidros, e era proibido tocá-las; foi inútil insistir. Esta Biblioteca apesar de aparentemente ter muito material sobre o escritor, quase não contribuiu com a pesquisa.

Também foram visitados alguns acervos da Universidade de São Paulo (USP), como as bibliotecas da Faculdade de Letras e da Faculdade de Educação, biblioteca da Escola de Comunicação e Artes, onde foram encontradas várias teses e dissertações sobre Monteiro Lobato.

A pesquisa prosseguiu, desta vez na Biblioteca Nacional, na Casa de Rui Barbosa, na Fundação Getúlio Vargas, na Pontifícia Universidade Católica do Rio

de Janeiro, lugares onde foram encontrados alguns novos artigos e teses.

A etapa final do trabalho caracterizou-se pela organização do material encontrado, que foi selecionado conforme o objetivo proposto, reunido cronologicamente e analisado.

O trabalho está dividido da seguinte forma, apresenta uma primeira parte que consiste na descrição formal das obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, análise das referências encontradas para esclarecer se as obras foram elogiadas ou criticadas, quais os aspectos polêmicos que contêm, quais os críticos que se preocuparam em registrar sua opinião sobre as obras quando de seus lançamentos e, finalmente, a comparação entre elas.

Na segunda parte, tem-se a análise das referências sobre as obras *A Menina o Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* encontradas na Internet; na seqüência, apresentam-se as Considerações Finais, que trazem um breve balanço sobre as recepções da crítica, no período pesquisado.

Constituem partes integrantes desta dissertação apêndices e anexos. O apêndice A apresenta resenhas dos artigos críticos que foram coligidos sobre as duas obras. O apêndice B traz a bibliografia de toda referência encontrada sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*.

Os anexos trazem curiosidades sobre as duas obras; o anexo A se constitui de reproduções de alguns artigos críticos importantes sobre a obra infantil lobatiana. E, finalmente, o anexo B é composto por reproduções das capas originais das obras, algumas fotos de Monteiro Lobato, anúncios publicitários das obras feitos pelo escritor, entre outros

1. A CRÍTICA E AS OBRAS *A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO* E *NARIZINHO ARREBITADO*

Monteiro Lobato numa carta destinada ao seu amigo Godofredo Rangel, datada de 8/9/1916, comenta do seu interesse em traduzir a seu modo as velhas fábulas infantis, visto que havia uma grande carência no Brasil de livros destinados às crianças:

Ando com várias idéias. Uma: vestir a nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tido em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos - sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. (...) As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora de mato - espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. (...) É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.²

Mas, somente em 1920, segundo esclarece o depoimento do próprio Monteiro Lobato, seu amigo engenheiro e também escritor, Toledo Malta, que publicara em 1920 seu único romance sob o pseudônimo de Hilário Tácito, pela *Revista do Brasil*, de propriedade de Lobato, conta-lhe uma história que o surpreende. Assim Monteiro Lobato relata o episódio numa entrevista concedida a Justino Martins

² LOBATO, M., *A Barca de Gleyre*, v. 2, p. 104.

para a *Revista do Globo*³:

_Toledo Malta, autor recente de *Madame Pommery*, surdo como uma porta mas inteligente de dar gosto, vinha todas as tardes ao meu escritório (...) para uma partida de xadrez, porque ali o xadrez tinha mais importância que edições de livros e literaturas. E, incidentalmente, contou-me a história dum peixinho que por haver passado algum tempo fora da água, “desaprendeu a arte de nadar”, e de volta ao rio afogou-se.

Prosegue Justino Martins em seu artigo relatando o que Lobato lhe contou. Lembra o escritor que naquela tarde perdeu a partida de xadrez, por causa do peixinho, que então começou a nadar em sua imaginação e, quando o amigo saiu, correu para a mesa e escreveu a *História do Peixinho que Morreu Afogado*. Publicou-a em seguida e depois resolveu ampliá-la, “misturando-a com cenas da fazenda onde passara a sua infância”. O mais intrigante é que nem mesmo Monteiro Lobato soube dizer onde publicou esta história.

Quando, em uma outra entrevista, Silveira Peixoto lhe pergunta como começou a escrever livros para crianças, de modo bem displicente responde:

_ Vieram como vêm as crianças. Um grão de pólen me caiu um dia em algum óvulo cerebral e gerou o primeiro - *A Menina do narizinho arrebitado*.

_ Por que preferiu um “narizinho arrebitado”?

_ Não preferi...Veio assim, de momento. Eu queria dar um traço característico, pitoresco, a minha pequena personagem. E que traço mais pitoresco do que um narizinho arrebitado?

_ Os outros?

_ Que outros?

_ Os outros livros para crianças?

_ Vieram muito naturalmente, como vagões atrás de uma locomotiva. Tudo saiu de um narizinho...⁴

Quando Monteiro Lobato começa a escrever para crianças, ele já era

³ Um Mundo sem Roupa Suja, [s.i.d.]. In: *Obras Completas de Monteiro Lobato*, v. 09 – Prefácios e Entrevistas, p.146.

um editor com razoáveis lucros, pois a tiragem de seu livro *Urupês* atesta que o escritor obteve um grande sucesso em pouco tempo; mas é com o gênero infantil que descobre o filão editorial. E a esse respeito disse, em tom irônico, Lobato:

_ Neste pau tem mel, pensei comigo (...) e era natural que me dedicasse ao gênero. Escrevi, então, a história dum leitão malandro chamado Rabicó, e ao sabor da fantasia foram nascendo os outros personagens: Pedrinho, Quindim o rinoceronte, o Burro Falante, a Emília. Todo Natal eu punha um ou dois livros novos com o prazer com que uma galinha põe um ovo. E afirmo que jamais pretendi ser pioneiro de qualquer coisa; sempre quis apenas ganhar a vida...⁵

Em 1920, Monteiro Lobato publicou em fragmentos a história de *Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado* na Revista do Brasil, à época de sua propriedade. No natal do mesmo ano, o escritor lança *A Menina do Narizinho Arrebitado*, tendo como subtítulo *Livro de figura*; publicado pela Monteiro Lobato e Cia/Revista do Brasil, o livro continha 43 páginas, era cartonado, com formato de 29 x 22 cm, e com ilustrações coloridas de Voltolino⁶.

Em abril de 1921, o escritor publica *Narizinho Arrebitado*, cujo subtítulo é *Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*, pela Monteiro Lobato e Cia. O livro, diferente do primeiro, traz a história ampliada com novos episódios e 181 páginas, em formato 18 x 23 cm, em brochura, e também com ilustrações de Voltolino, mas em branco e preto. A primeira edição desse livro entrou na história pela ousadia de Lobato em ter feito uma tiragem recorde de 50.500 exemplares e por ter vendido tudo. Uma das estratégias para vendê-los foi anunciar no jornal.:

⁴ Entrevista concedida a Silveira Peixoto para a *Gazeta-Magazine*, [s.i.d.]. In: *Obras Completas de Monteiro Lobato*, v. 09 – Prefácios e Entrevistas, p.100.

⁵ Entrevista concedida a Justino Martins para a *Revista do Globo*, [s.i.d.]. In: *Obras Completas de Monteiro Lobato*, v. 09 – Prefácios e Entrevistas, p.147.

O meu *Narizinho*, do qual tirei 50.500 – a maior edição do mundo! – tem que ser metido bucho a dentro do público, tal qual fazem as mães com o óleo de rícino. Elas apertam o nariz da criança e enfiam a droga e a pobre criança ou engole ou morre asfixiada. Gastei 4 contos num anúncio de página inteira num jornal daqui. Faz de conta que é Gelol. “Dói? Gelol.” (...) Nunca imaginei que 50.500 fossem tanta coisa! (...) O problema agora é vender, fazer que o público absorva a torrente de narizes.⁷

O anúncio a que Lobato se refere foi feito n’*O Estado de São Paulo*, em 12 de abril de 1921, e traz opiniões de professores, da crítica, e das crianças; o livro foi anunciado com o preço de 2.500 réis, com desconto de 25% a revendedores.

A outra estratégia usada pelo escritor foi distribuir 500 exemplares de *Narizinho Arrebitado* nas escolas públicas. Esse caso pitoresco merece ser contado com as próprias palavras de Monteiro Lobato:

Cheguei a tirar uma edição de 50500 exemplares do *Narizinho Arrebitado* – Isto é claro, por mera inexperiência, pois um editor, por maior confiança que tenha num livro, nunca se arrisca a tamanha loucura...Há todavia um deus para os bêbados e outro para os inocentes. O deus dos inocentes premiou nossa inocência com um autêntico milagre: - a tal edição monstro esgotou-se em oito ou nove meses! O Dr. Washington Luís estava na presidência de São Paulo. Um belo dia saiu a correr os grupos escolares em companhia do secretário Alarico Silveira. De escola em escola, notou que em todas elas havia um livrinho de leitura, extraprograma, muito sujinho e surrado. Era justamente o meu *Narizinho*. Os 500 exemplares a mais dos 50 mil eu os havia tirado em papel melhor e mandado de presente a todos os grupos do Estado. E como fossem absoluta novidade, a criançada atirou-se a eles e os leu à moda das crianças-escangalhadamente. O Dr. Washington fez ao seu secretário a seguinte observação:

– “Se este livro anda assim em tantos grupos, é sinal de que as crianças gostam dele. Indague de quem é e faça uma compra grande para uso em todas as escolas”.

No dia seguinte, Alarico me telefonou pedindo que passasse pela Secretaria. Lá me contou das visitas da véspera e da opinião do presidente. Depois – “Quantos exemplares, desse livro pode você vender ao governo?”.

– “Quantos quiser, Alarico. Temos narizes a dar com pau. Posso fornecer cinco, mil, dez mil, vinte mil, trinta mil...” Alarico pensou que fosse brincadeira e para pilhar-me, disse:

⁶ Pseudônimo de Lemmo Lemmi – 1886-1926

⁷ LOBATO, M., *A Barca de Gleyre*, v. 2, p. 230. Esta carta destinada ao seu amigo Godofredo Rangel é de 21/05/21.

_ “Pois mande trinta mil ao almoxarifado...”⁸. (sic)

O conjunto da apreciação crítica da obra infantil lobatiana não conta com unanimidade de opiniões. Seus livros foram ora exaltados, ora criticados, e até recolhidos de bibliotecas e escolas. Mas as opiniões dissonantes são de ordem diversa: política, religiosa, estética. O material encontrado durante a pesquisa e posteriormente analisado mostra esses múltiplos olhares da crítica, os quais estão divididos em décadas neste trabalho.

1.1 Década de 20: O encantamento da crítica com as primeiras obras infantis de Monteiro Lobato

No dia 21/12/1920, um dia depois do lançamento de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, pela Monteiro Lobato e Cia/Revista do Brasil, um artigo⁹ sobre o livro é publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, o qual prevê que *A Menina do Narizinho Arrebitado* seria muito bem recebida pelas crianças, devido a algumas peculiaridades como a ilustração feita por Voltolino, a linguagem clara e acessível às crianças e por conter uma narrativa que, além de interessante e divertida, é também instrutiva. Como se observa, o artigo ressalta a advertência antes feita por Monteiro Lobato na carta ao amigo Godofredo Rangel, em 08/09/1916, na qual denomina as fábulas em português como “moitas de amora de mato – espinhentas e impenetráveis”, devido às traduções mal feitas. Em outras palavras, o primeiro artigo crítico encontrado a respeito da primeira obra infantil publicada de Monteiro Lobato vai ao

⁸ Retirado da *Revista Brasiliense*, São Paulo, n. 10, p. 163.

⁹ *O Estado de São Paulo*, 1920, 21 dez.

encontro das idéias que ele almejava alcançar quando confia a Rangel seu projeto de traduzir as fábulas estrangeiras.

No dia 03/01/21, outro artigo¹⁰ é publicado n’*O estado de São Paulo* que, intitulado "Um livro para crianças", elogia a *Revista do Brasil* por publicar "um delicioso livro para crianças *A Menina Narizinho Arrebitado* contrária à literatura infantil brasileira que é deplorável". O artigo ainda ressalta que além de contar com a ilustração de Voltolino tem a "simplicidade encantadora" de Lobato, e isto explica o porquê do sucesso do livro que já estava sendo bem vendido.

Na *Revista do Brasil*, o crítico Breno Ferraz¹¹ publica, no dia 05/01/1921, um artigo que confronta o livro de Monteiro Lobato com o sistema educacional brasileiro. Designando *A Menina do Narizinho Arrebitado* de *Narizinho Arrebitado* e de "livrinho-revolução", o crítico comenta que ele caiu como uma "bomba" no ambiente escolar, acostumado com a "banalidade" e "mediocridade" dos livros de leituras para as crianças. Conforme Breno Ferraz, o livro de Monteiro Lobato tem seu valor porque privilegia a imaginação e desenvolve e liberta a personalidade "animando-a para a cabal eclosão, fim natural da escola". Objetivo exatamente oposto ao da política educacional da época, cujo fim seria o de desenvolver o lado lógico, científico, educando “pela inteligência”.

Em 30/01/21, Alceu Amoroso Lima¹² publica um artigo em que questiona sobre a dupla função de Monteiro Lobato, o de ser escritor e editor. Para o crítico, os interesses de ambas as funções não são compatíveis, pois o editor deve se preocupar com a aceitação do livro e o escritor com a necessidade de expressão. Assim

¹⁰ Coisas da Cidade – Um livro para crianças. *O Estado de São Paulo*, 03 jan.

¹¹ Ferraz, Breno. *Narizinho Arrebitado*. *Revista do Brasil*, 1921, 05 jan., p.157.

sendo, o crítico aconselha Lobato a não mercantilizar a sua arte. Todavia, no desfecho do artigo, admite que essa dupla editor-escritor deu certo com *Narizinho Arrebitado*, que interessa aos adultos pelo que há de “pitoresco no maravilhoso” e às crianças pelo “gosto da aventura”. Esta história de Monteiro Lobato agrada, conforme o crítico, porque tem “graça, invenção e pitoresco”. Em outro artigo¹³, publicado em 25/05/21 e intitulado “Livros para crianças”, Alceu amoroso Lima, detendo-se desta vez na crítica à política educacional brasileira à época, traça um paralelo entre três livros: *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, *Primeiras Saudades*, de Manuel Bonfim e *Os Bonecos de Violeta*, de João Lúcio. Para o crítico, enquanto os livros de Bonfim e João Lúcio têm o interesse de educar, de instruir, *A Menina do Narizinho Arrebitado* consegue a “reabilitação” da imaginação, o livro interessa à criança.

Conforme o crítico, o livro despertaria na criança o gosto pela leitura, por meio de *Narizinho Arrebitado* a criança sentiria que o livro “não é apenas um instrumento de disciplina, mas um campo maravilhoso para a expansão de um mundo interior, reprimido ou apenas pressentido”. Alceu Amoroso Lima tece muitos elogios a *Narizinho Arrebitado*, porém afirma que é um livro “incompleto e parcial”, porque não tem finalidade educativa: “o defeito do Sr. Monteiro Lobato (...) é permanecer no primeiro grau da literatura infantil (interessar), ao menos nesse primeiro livro, já que outros nos promete no gênero”. Para finalizar, comenta o grande benefício do livro: “conservar às crianças a sua infância, sem forçar a natureza, sem provocar o amadurecimento artificial desse fruto delicadíssimo, que é a alma infantil”.

Salta à vista que tanto Breno Ferraz como Alceu Amoroso Lima

¹² O artigo foi publicado pela primeira vez em 30 de janeiro de 1921. Encontra-se transcrito no livro do próprio autor: LIMA, A. A., *Estudos literários*, v. 1, p. 301-305

abreviam o título da primeira obra, denominam de *Narizinho Arrebitado* o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, porém não geram nenhuma dúvida, visto que à época do artigo de Breno Ferraz (05/01/21) e do primeiro de Alceu Amoroso Lima (30/01/21) o segundo livro (*Narizinho Arrebitado*, de 1921) ainda não havia sido publicado. No segundo artigo de Alceu Amoroso Lima, fica evidente que analisa o primeiro livro (*A Menina do Narizinho Arrebitado*, 1920).

A importância da imaginação e do prazer para a formação das crianças é tema dos artigos de J. A. Nogueira¹⁴, datados de 1922, nos quais defende que *Narizinho arrebitado* (1921) tem sua importância porque consegue instruir as crianças sem atormentá-las e tem uma história cuja simplicidade não exclui "o complexo, o vago e nebuloso", elementos que fazem parte da imaginação da criança.

J. A. Nogueira¹⁵ diz defender as histórias lobatianas de um outro crítico, que merece “admiração por seu apurado gosto e grande cultura”, mas afirmara que *Narizinho Arrebitado* desconsidera a parte educativa que devem ter as obras para crianças. Uma inferência a partir dos textos encontrados leva à concluir que este estudioso é Alceu Amoroso Lima, pois como se observa em seu artigo “Livros para crianças”, o crítico afirma que *Narizinho Arrebitado* é “incompleto e parcial” por facultar o prazer à leitura, mas não se preocupar com a função educativa. Para Nogueira, as lições morais são postas de modo tão perspicaz que “se insinua sem ser sentido – única maneira de deixar vestígios indelévels na alma das crianças”. Para ele, será difícil encontrar outras histórias infantis em que as lições sejam dosadas com mais “arte e sagacidade” que em *Narizinho Arrebitado*.

¹³ O artigo foi publicado pela primeira vez em 25 de maio de 1921. Encontra-se transcrito no livro do próprio autor: LIMA, A. A., *Estudos literários*, v. 1, p. 347-357

¹⁴ NOGUEIRA, J.A. Literatura infantil – Reabilitemos a imaginação. *O Estado de São Paulo*, 1922, 28 set.

Como se verifica, os primeiros discursos da crítica sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, datados da década de 20, enaltecem as obras de Monteiro Lobato. Os textos dos críticos citados ressaltam as inovações conquistadas por Monteiro Lobato, quais sejam: a ilustração de Voltolino, a simplicidade e clareza da linguagem que torna o texto mais acessível, pois até então ela era tida como grande obstáculo para o entendimento do leitor infantil das traduções que lhes eram dadas; outras inovações são a preocupação com o prazer da leitura, o divertimento do leitor e a valorização dada à imaginação.

No tocante à instrução, reside o início de uma polêmica, pois com exceção do crítico Alceu Amoroso Lima, todos os outros textos apresentados ressaltam a presença da instrução, a função educativa da história.

1.2 Década de 30: A estilística lobatiana e as vozes da crítica

Na década de 30, com a publicação de muitas outras histórias, Monteiro Lobato ainda é observado quanto à astúcia em conquistar os dois tipos de públicos leitores de suas histórias: as crianças, para as quais suas histórias são feitas, e os pais das crianças, os quais avalizam a leitura. Como bem observou Viriato Corrêa¹⁶, em seu artigo *O Bandeirante do Livro*, de 1932, ano de publicação de *Viagem ao céu*, os dois tipos de leitores têm interesses diferenciados, os pais procuram a finalidade da obra, as crianças o prazer, o divertimento proporcionado por ela. Viriato também observa que somente o aceite dos pais não valida a obra, como ele e muitos outros escritores acreditavam. Viriato, que desde 1908 se dedicava à literatura infantil,

¹⁵ Id., Literatura infantil – *Narizinho Arrebitado*, por Monteiro Lobato. *O Estado de São Paulo*, 1922, 03 out.

reconhece em o criador de Narizinho o verdadeiro escritor da literatura infantil. Assim, destaca da literatura de Monteiro Lobato a simplicidade das narrativas aliada ao vocabulário enxuto e claro. E a aproximação com a criança que o referido escritor conquistou é o que Viriato Corrêa mais admira: “é ai que está o maior segredo do criador de Narizinho e que nós outros ainda não adquirimos: saber com precisão o que fere e o que não fere as retinas infantis”.

No ano seguinte, em 1933, quando Monteiro Lobato publicaria *As caçadas de Pedrinho*, *História do mundo para as crianças*, e traduções como *Alice no país das maravilhas*, *Pinocchio* e as *Aventuras do Barão de Munchausem*, o escritor Manuel Bandeira¹⁷ avalia como Monteiro Lobato conseguia tamanha aproximação ao falar com as crianças. Mas a linguagem lobatiana, inovadora, considerada caminho de acesso às crianças, e que foi tão exaltada pela crítica, por considerá-la simples e clara, é criticada por Manuel Bandeira neste artigo por ser: “por demais de gente grande, por demais gramaticalmente certa”. A mesma linguagem que anos mais tarde incomodaria os conservadores por ser considerada demasiada chula e despreocupada “gramaticalmente”.

Ainda em 1935, Jorge Amado¹⁸ publica um artigo no qual afirma que Lobato foi o primeiro a criar uma série de livros que "por muitos anos serão o encanto da meninada". Conforme o escritor, os livros de Lobato, lidos por adultos e crianças, contêm imaginação suficiente para causar "imenso prazer". Embora admire a obra de Monteiro Lobato, Jorge Amado discorda do escritor quando ele introduz em suas histórias o pó de pirlimpimpim como artifício para passar da realidade para a fantasia:

¹⁶ CORREA, V., *Diário de S. Paulo*, 1932, 02 set.

¹⁷ BANDEIRA, M., *Impressões literárias*, *Diário de Notícias*, 1933, 12 nov.

¹⁸ AMADO, J., *Livros infantis*, *Revista Brasileira*, 1935.

“a criança pode estar no plano da realidade e passar para o da imaginação naturalmente, de olhos bem abertos, bem acordados, sem qualquer auxílio que o da sua própria imaginação”. Tudo indica que Lobato se inquietava com este espaço limítrofe entre realidade e fantasia comentado por Jorge Amado. Há uma mudança significativa entre a primeira versão de 1920 (*A Menina do Narizinho Arrebitado*) e a versão de 1931 (*Reinações de Narizinho*). Naquela versão de 1920, as aventuras de Narizinho no Reino das Águas Claras se resumem a um sonho despertado por uma voz:

...toda perturbada, ia responder, quando uma voz conhecida a despertou: _ Narizinho, vovó está chamando!

A menina sentou-se na relva, esfregou os olhos, viu o ribeirão a deslizar como sempre e lá na porteira a tia velha de lenço amarrado na cabeça. Que pena! Tudo aquilo não passara dum lindo sonho...¹⁹ (sic)

Na versão de 1931, Narizinho escuta a mesma voz e envolvida por um vendaval retorna à realidade:

_ Narizinho vovó está chamando!...

Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar.

Estava no sítio de Dona Benta outra vez!²⁰

Há que se ressaltar que em toda a obra infantil de Monteiro Lobato existe uma procura constante em penetrar no mundo imaginário, sendo ora o sonho, ora o recurso do pó de pirlimpimpim, ora o poder do faz-de-conta. Monteiro Lobato está sempre inovando e buscando melhorar o apuro estético na sua literatura infantil, pois, como lembra Orígenes Lessa²¹, em 1939, Monteiro Lobato não sabia “seguir os

¹⁹ LOBATO, M., *A menina do narizinho arrebitado*, 1920, p. 43 (edição fac-símile).

²⁰ Id., *Reinações de Narizinho*, 1968, p. 29.

²¹ LESSA, O., Lobato, *Jornal da Manhã*, 1939, 13 jan.

trilhos batidos, havia uma coisa que não havia no Brasil: livros para crianças”.

O que houve de fato nesta década de 30 foi o total esquecimento, por parte da crítica, das primeiras obras infantis, pois, como se verifica, não foi encontrado nenhum registro de artigo crítico que referencie *A Menina do Narizinho Arrebitado* ou *Narizinho Arrebitado*. Isso pode ser explicado pelo grande número de publicações de novas histórias infantis feitas por Lobato, pois entre 1930-1939 foram publicados, além de traduções e adaptações, os seguintes livros: *O pó de pirlimpimpim* (1931), *Reinações de Narizinho* (1931), *Viagem ao Céu* (1932), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Histórias do Mundo para as Crianças* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934), *História das Invenções* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *Aritmética da Emília* (1935), *Memórias da Emília* (1936), *D. Quixote das Crianças* (1936), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *O Poço do Visconde* (1937), *Serões de Dona Benta* (1937), *O Minotauro* (1939), *O Picapau Amarelo* (1939). Porém, algo muito importante da obra lobatiana prevaleceu, o grande entusiasmo que suas características estilísticas causavam nos críticos da época.

1.3 Década de 40: A pedagogia lobatiana nas farpas da crítica

A literatura infantil tida como instrumento de instrução para a formação da criança alça grandes discussões também nos anos 40. No início desta década, Edgard Cavalheiro²² publica um artigo em que discute a circulação e o consumo das obras lobatianas por todo Brasil, evidenciando quão surpreendente é o feito para o período. O biógrafo de Monteiro Lobato adverte que a crítica deveria dar

²² CAVALHEIRO, E., No Sítio do Picapau Amarelo, *Gazeta Magazine*, 1942, 11 jan.

mais atenção ao gênero infantil e argumenta que a capacidade do escritor de se comunicar com as crianças deve-se à imaginação presente em suas histórias. Essa mesma idéia é compartilhada por Hermann Lima²³, que destaca ter sido iniciado no mundo das letras por contos lobatianos, e o mesmo caminho seguem suas filhas.

Em seu artigo “Lobato e as crianças”, Nelson Werneck Sodré²⁴ também comenta a capacidade de Monteiro Lobato de utilizar uma linguagem compatível com a dos leitores e a sensibilidade para detectar as suas preferências, isto explica por que o escritor tem a capacidade de atingir os estágios psicológicos da criança.

Para Nelson Werneck Sodré, a literatura infantil de Lobato, a qual começou produzir “incidentalmente”, era apenas um prenúncio do que viria a ser a literatura infantil brasileira. O crítico comenta ainda que a literatura de Lobato “representa uma exceção em nosso meio, precursora, é certo, daquilo que poderá ser, algum dia entre nós, a literatura infantil”; à época, Lobato já havia produzido todo o conjunto de sua obra para crianças.

Em 1946, por ocasião da publicação das obras completas de Monteiro Lobato, um dos ilustradores de vários de seus livros dá sua opinião sobre a literatura infantil lobatiana. Conhecido como Belmonte²⁵, Benedito Bastos Barreto afirma que Lobato além de criar era o primeiro a se deliciar com “aquela imensidão paradisíaca que é o Sítio do Picapau amarelo”. No seu parecer, “quem podia criar um mundo assim e viver dentro dele, vinga-se soberanamente deste outro mundo real em que nos

²³ LIMA, H., O Jubileu de *Urupês*, *Revista da Semana*, 1943, 18 de set.

²⁴ SODRÉ, N. W., Lobato e as crianças, *Leitura*, 1944, nov.

²⁵ BELMONTE, Lobato, *Folha da Noite*, 1946, 29 abr.

debatemos, com inflação monetária, filas de carne e pão, câmbio negro, malandragens, piratarias, Estado Novo, ladroeiros, falta de vergonha e calamidades adjacentes”.

Em meados da década de 30, a partir de seu livro *Histórias do Mundo para as Crianças* (1933), Lobato começa a introduzir conteúdos didáticos em suas histórias, como lições de gramática, geografia, aritmética. Este procedimento é o alvo da crítica de Antonio Candido²⁶ e Sylvio Rabelo²⁷. Para este, o que estraga a literatura infantil da maioria dos escritores do gênero é a intenção pedagógica. Rabelo lembra que Lobato conseguiria romper com essa tradição nas primeiras histórias, porém retoma em seus últimos livros as lições escolares; concluindo esta idéia, afirma que “não está longe o dia em que Monteiro Lobato acabe virando uma tia velha – tia rabugenta e falando só”. Antonio Candido define Monteiro Lobato como “desbravador e útil”, no tocante às primeiras obras, mas quanto aos últimos livros, caracteriza-os como “cheios de graves defeitos”, alcançando a “vulgarização”, provavelmente, devido ao lastro educativo que elas contêm. Em 1947, num artigo em que comenta o livro “Sílvia Pélica na liberdade”²⁸, Candido faz alusão a alguns escritores clássicos da literatura infantil, os quais integram uma lista de livros do gênero recomendados por ele, como os irmãos Grimm e Perrault, Madame d’Aulnay e Monteiro Lobato, deste escritor entram no rol apenas os títulos pertencentes à sua primeira fase, na qual se encontra *Narizinho Arrebitado*.

Outro crítico que também levanta questões sobre as histórias com teor didático é Eduardo Palmério. Em seu artigo, datado do ano de 1947, sob o pseudônimo

²⁶ CANDIDO, A., Monteiro Lobato (notas de crítica literária), *Folha da Manhã*, 1944, 10 dez.

²⁷ RABELO, S., Lobato do panfleto e da caricatura, *Diário de S. Paulo*, 1944, 21 maio.

²⁸ Esse artigo foi publicado pela primeira vez em 20 de fevereiro de 1947, no *Diário de São Paulo*, Encontra-se transcrito no livro: LAJOLO, M., ZILBERMAN, R., Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos, p. 329-333.

de Lorotoff²⁹, discute a influência que um livro pode causar na formação do pequeno leitor. Para o crítico, Monteiro Lobato, que na época já era um dos autores infantis mais vendidos, seria mais útil e interessante para as crianças se tivesse história menos instrutiva e conclui seu texto com a seguinte questão: "os adultos lêem Lobato porque não temos escritores para adultos, ou as crianças lêem Lobato porque não há escritores para crianças no Brasil?".

No ano de 1948, muitos artigos foram escritos sobre Lobato e sua obra, indubitavelmente, por conta de seu desaparecimento no dia 4 de julho do referido ano. Dentre os vários artigos encontrados destacam-se os que discutem sobre a literatura infantil do escritor, como é o caso de "Monteiro Lobato", o qual Cândido Motta Filho³⁰ afirma que o escritor de "alta linhagem" tornou-se um "escritor do povo" não por suas idéias políticas, mas pelas "idéias humanas", por acreditar que escrevendo para crianças conseguiria mudar o mundo para melhor, pois elas fariam "a grande revolução brasileira". Segundo Cândido Motta Filho, Monteiro Lobato "conversava com ela (criança) de uma forma singular. Respeitava-a como um sábio e a via sempre curiosa e sem asco".

Também José Lins do Rego³¹, em seu artigo "Lobato", lembra que depois de várias decepções que teve na vida, Monteiro Lobato migrou para "o país das maravilhas da nossa querida Alice"; e, então, sendo um "Carrol de alma de passarinho", conquistou o "coração dos meninos". O crítico ressalta, sobretudo, que "o escritor do *Narizinho*" foi admirado pela melhor crítica - a do seu próprio público

²⁹ LOROTOFF, *O Jornal*, 1947, 22 nov.

³⁰ MOTTA FILHO, Cândido. Monteiro Lobato. *Diário de São Paulo*, 1948, 06 jul.

³¹ REGO, J. L., Lobato, *O Globo*, 1948, 06 de jul.

infantil. E ainda lembra, em outro artigo³², que houve um tempo em que a crítica sobre literatura infantil não via em Lobato a "sedução para o mundo da infância"; certa época, ele próprio chegou a acreditar que Lobato tinha um estilo "seco e, às vezes, áspero", mas neste último artigo o escritor se redime e reconhece ter cometido um grande equívoco: "Erro total de crítica. Os meninos que liam Lobato teriam sorrido do crítico apressado."

Outro que também presta sua homenagem ao grande escritor falecido é Francisco Pati³³, que defende a idéia que depois de Monteiro Lobato será difícil inovar na literatura infantil. Neste artigo, Pati observa que Lobato não precisou "falar como as crianças falam para ser lido e admirado por elas". E o estro do escritor foi ter escrito para crianças como escrevia para adultos, "simplificando os temas e não o estilo". Três dias depois, escreve seu segundo artigo³⁴ sobre a literatura infantil lobatiana. Defendendo agora a importância de Lobato para o gênero, Pati lembra que o escritor conseguia fazer com que as crianças se esquecessem do autor enquanto liam; em suas histórias, Lobato se "limita a ser o intérprete (...), o guia dos pequenos em presença da vida e da natureza", a ponto dos pequenos leitores acreditarem que elas próprias inventavam ou descobriam o que estava nas histórias. Segundo o crítico, assim eram feitos os verdadeiros livros "para crianças". Os livros escritos por Lobato são diferentes daqueles que Pati denomina como escrito "sobre crianças", ou seja, aqueles em que a voz do autor está presente em toda a história; é desta forma que, ao invés de mostrar o "estado de espírito" das crianças, o autor mostra o seu próprio

³² Id. Lobato e os meninos, *Diário de São Paulo*, São Paulo, 07 jul. 1948.

³³ PATI, F., *Literatura para crianças*, *Correio Paulistano*, 1948, 06 jul.

³⁴ Id., *O escritor e a criança*, *Correio Paulistano*, 1948, 09 jul.

“estado de espírito”. Por fim, em seu terceiro artigo, “Rótulo estrangeiro”³⁵, do mesmo mês, o crítico evidencia que já se foi o tempo em que as obras infantis estrangeiras eram preocupação, “no setor das letras infantis”, porque Lobato conseguiu mostrar aos outros países que o Brasil conquistara uma literatura infantil genuína e auto-suficiente, depois do Sítio do Picapau Amarelo não há mais razão para os contos de Andersen no Brasil: “Quem quiser ler Andersen, leia-o, mas não me venha dizer que o faz por não encontrar nada superior nas letras brasileiras”. A nova preocupação, segundo Pati, é descobrir outros autores brasileiros.

Neste mesmo ano, Viriato Corrêa³⁶ também lhe presta homenagem e novamente evidencia as qualidades de Lobato, bem como atribui a ele o título de maior escritor infantil brasileiro e um dos maiores do mundo, pois "o criador de *Narizinho*" sabia o caminho certo de conduzir as crianças às histórias: "caminhos simples, de linhas retas, caminho colorido, deslumbrante e surpreendente como um bazar de brinquedos. A linguagem é de uma simplicidade que atinge ao prodígio".

Viriato lembra, neste artigo, que existem dois receptores distintos da literatura infantil: as crianças e os pais das crianças. A estes importa a finalidade da história, sua moralidade, seu ensinamento; àquelas o caminho que conduz à finalidade. Conforme o crítico, isto explica o porquê dele próprio ter sido tão elogiado pela crítica e não ter vendido tanto; então, reconhece que depois de consumir as histórias lobatianas encontrou o caminho certo, escreveu *Cazuza* (1938) e conquistou o público que desejava.

Retratando-se da picardia com que escreveu o artigo sobre a literatura

³⁵ Id., Rótulo estrangeiro, *Correio Paulistano*, 1948, 21 jul.

³⁶ CORREA, V., Monteiro Lobato, *A Noite*, 1948, 15 jul. [s.i.p.]

infantil de Monteiro Lobato, datado de 1947, o crítico Lorotoff³⁷ lembra que Lobato procurou “desvirtuar a orientação pedagógica da sua obra destinada às crianças, inculcando-lhe determinado sentido ideológico mais revolucionário do que mandam os bons costumes”. Como no artigo anterior, lembra que a obra de Monteiro Lobato pode ser lida tanto por adultos como por crianças, uma vez que seus talentos trazem muitas coisas boas, como a linguagem que não apresenta os “exageros de pureza”, “sem cair na impropriedade”. Também reafirma que as histórias de Monteiro Lobato têm um fundo de virtude, de ensinamentos úteis que até sacrificam a obra no que ela poderia apresentar de mais interessante, “mas é uma obra em que há muita coisa de agradável, de bom e de útil”. Como se observa, Lorotoff reforça, como já afirmara no artigo de 1947, a idéia de que a obra infantil de Monteiro Lobato é até certo ponto comprometida com o utilitarismo, com o moralismo. Outrossim, enquanto no artigo anterior utilizava essa característica para questionar a situação da literatura brasileira com a indagação: “os adultos lêem Lobato porque não temos escritores para adultos, ou as crianças lêem Lobato porque não há escritores para crianças no Brasil?”, neste artigo, posiciona-se em defesa do escritor frente às críticas e polêmicas que sua obra está começando a suscitar.

Tristão de Athayde³⁸ também escreveu um artigo em agosto deste mesmo ano, afirmando que Monteiro Lobato é o escritor mais popular da literatura brasileira e ressalta, sobretudo a linguagem produzida pelo escritor como muito próxima da fala do povo e “com um mínimo de deformação erudita”. Lobato, lembra o crítico, escrevia “como ouvia e como pensava. E com isso ia renovando, de dentro para fora, o patrimônio da linguagem brasileira, do ‘estilo brasileiro’”.

³⁷ LOROTOFF, O Lobato infantil, *Diário de São Paulo*, 1948, 16 jul. Pseudônimo de Eduardo Palmério.

O crítico define Monteiro Lobato como um "livre criador de figuras". Atesta ainda que o mundo criado por ele ficará tão marcado na literatura brasileira como a obra dos irmãos Grimm na literatura universal. E ainda lembra que “se o modernismo, com sua revolução estética, datada de 1922, pode-se dizer que Lobato por duas formas o precedeu - em 1918, com o realismo nativista dos *Urupês* e, em 1921, com a *Menina do Narizinho Arrebitado*” (sic). Essa afirmação sobre a precedência modernista de Lobato inicia, contudo, a confusão da data da publicação com o título do livro publicado, pois seria por muitos reproduzida.

Outro crítico favorável à literatura de Monteiro Lobato é Afonso Schmidt³⁹ que apresenta um panorama da evolução do livro infantil no Brasil. Schmidt observa que Lobato foi o grande influenciador do destino da literatura infantil, quer seja na produção de outros escritores, quer seja no aspecto tipográfico e mercadológico do livro infantil, pois antes do escritor, entre outras coisas, os livros continham ilustrações com “tintas inferiores, capas clichês” e ainda omitiam os nomes dos autores.

Ainda conforme Schmidt, com as narrativas de Lobato, umas divertidas, outras sérias e instrutivas, houve um grande salto qualitativo na literatura infantil brasileira: “Sem Monteiro Lobato a América Latina seria diferente. O Brasil seria uma terra carrancuda”; e mais, “ainda há, com certeza menino que não saiba na ocasião, quem seja o Presidente da República, mas nenhum deles ignora as aventuras da Emília”.

Ao ler as correspondências que Lobato trocou com amigos durante sua vida, é possível verificar que, desde 1943, o músico baiano Adroaldo Ribeiro da Costa

³⁸ ATHAYDE, T., Um homem livre, *Diário de Notícias*, 1948, 01 ago.

engendrava a idéia de fazer uma opereta a partir da história de *Narizinho*. Em resposta a sua carta, Lobato dá seu parecer sobre a idéia:

Recebi sua carta de 18 de março e o caderno com a partitura da opereta *Narizinho*, e a promessa da música. Numa opereta a música é tudo, e se o amigo for um Humperdink, aí da Bahia, poderá fazer uma coisa linda como a ópera de Hansel e Gretel desse compositor alemão. A parte literária, teatralizada, está muito boa, viva, desembaraçada, com todas as qualidades que o teatro requer.

Contando o caso ontem ao Edgard Cavalheiro (...) acha que se a música for como deve ser, poderá ser irradiada com muito sucesso...⁴⁰

Três meses depois desta carta, Lobato envia-lhe outra, comentando ter então recebido a partitura de *Narizinho* e que seria preciso encontrar um crítico que soubesse apreciar tal obra, e tão logo tivesse o parecer lhe escreveria novamente:

Para ajuizar seu trabalho tenho de descobrir aqui um meu amigo de Nova Iorque, Raul Galvão, que é um tipo esquisitíssimo, anda atualmente meio fora de circulação, de modo que tenho de campeá-lo. Logo que o encontre e tenha a sua opinião sobre a partitura, escreverei de novo.⁴¹

Somente em 1947, Adroaldo consegue realizar a opereta *Narizinho Arrebitado*, em Salvador: “Recebi por mãos de um seu irmão a carta de 5 deste, convidando-me para assistir à estréia da opereta. Bravos! (...) Votos para que a sua opereta corresponda a tanto trabalho e paciente espera”⁴².

Ao retornar do espetáculo, Lobato escreve a Adroaldo, contando da repercussão da iniciativa e fazendo-lhe uma proposta:

O Estado de São Paulo, que é o grande jornal daqui, publicou a notícia inclusa, onde v. tem exatamente o que penso da opereta. Acho possível transforma-la em opereta repertório – mas temos de remodela-la.

³⁹ SCHMIDT, A., Monteiro Lobato, *Revista da Academia Paulista de Letras*, 1948, set.

⁴⁰ LOBATO, M., *Cartas Escolhidas*, 1972, p. 187.

⁴¹ *Ibid.*, p. 191.

⁴² *Ibid.*, p. 257.

Pai que sou da história, posso refazer o libreto, tirando e pondo – liberdade que faltava a v. Bem arrumado o libreto, v. cuida lá da música, da melhor maneira possível – de música não entendo.⁴³(sic)

De fato, escrever novo libreto para o espetáculo foi a última criação infantil de Monteiro Lobato.

Pode-se verificar que os artigos publicados após seu desaparecimento ressaltam o gênio que foi Monteiro Lobato, alguns críticos chegam a se desculpar por terem apontado algum defeito em sua obra infantil; há também o destaque para o legado que o escritor deixou para a literatura infantil brasileira.

Os artigos encontrados nesta década convergem para um mesmo ponto, isto é, o de que Lobato foi um mestre da literatura infantil, haja vista que soube como ninguém traduzir, adaptar e, sobretudo, criar. As críticas destes anos ressaltaram as qualidades literárias de criação e de expressão que tanto fascinaram as crianças e os adultos, mas, no balanço geral das discussões da crítica da década de 40, a controvérsia quanto ao caráter formativo de sua literatura ainda persistiu, muito embora tenha encontrado refúgio no estilo descompromissado, leve do autor.

1.4 Década de 50: A aversão da Igreja às obras lobatianas

Quando, em 1937, Getúlio Vargas põe fim à liberdade política, Monteiro Lobato é convidado a integrar o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. A recusa de Lobato colabora com sua perseguição e com o recolhimento de seu livro *O escândalo do Petróleo* das livrarias e bibliotecas.

⁴³ Ibid., p. 261.

Ainda na década de 30, a idéia de tornar a educação pública um direito de todos, pregada pela Escola Nova, choca-se com as idéias dos católicos conservadores; pois, para a Liga Eleitoral Católica, quando o Manifesto Pioneiro da Escola Nova (1932) consagra a escola pública obrigatória, gratuita e laica, retira a educação concentrada até então na instituição familiar e destrói os princípios de liberdade de ensino.⁴⁴

Os integrantes da Liga Católica acusaram os escolanovistas de comunistas e materialistas e como Monteiro Lobato comungava de algumas idéias desses educadores, foi travada uma guerra também contra seus livros infantis. As campanhas para queimá-los atingiram as escolas privadas das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e até Taubaté. Depois, a proibição dos livros ganhou espaço também nas escolas públicas e bibliotecas.

Os ataques promovidos por integrantes da igreja católica persistiram mesmo depois da morte do escritor.

A partir da década de 50, instaura-se novamente a controvérsia quanto à recepção da crítica sobre a obra infantil de Monteiro Lobato no tocante ao intuito pedagógico que apresenta. Em 1951, um artigo de Virgínia Cortês de Lacerda⁴⁵, que comenta os defeitos da literatura infantil no Brasil, lembra de antemão a afirmação do crítico Tristão de Athayde, para o qual os livros para crianças antes de Lobato tinham o grande problema de ser impregnados de pedagogismo, moralismo e com o intuito comercial; e ainda, aos livros para crianças faltavam o ilogismo, a espontaneidade, o imprevisto.

O artigo de Virgínia Cortês de Lacerda tem como objetivo traçar um

⁴⁴ GUIRALDELLI JUNIOR, P. *História da educação*, 1991, p. 43.

roteiro de orientação geral aos dirigentes de leituras para a infância. Dentre os livros indicados está *Reinações de Narizinho*, que, conforme a autora, é constituído pelos onze primeiros trabalhos de Monteiro Lobato que foram publicados em volumes separados. Dos contos de *Reinações de Narizinho*, a autora destaca *Narizinho Arrebitado*, com o qual Monteiro Lobato “inaugurou a literatura brasileira no ano de 1922” (sic). Como se observa, a informação é equivocada, pois *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi publicada em 1920 como a primeira obra da literatura infantil brasileira e *Narizinho Arrebitado*, em 1921.

Conforme o juízo de Virgínia Cortês de Lacerda, o livro *Reinações de Narizinho*, no qual se insere também *Narizinho Arrebitado*, é uma obra romântica e adocicada, sem risco às crianças pelo conteúdo, uma vez que é desprovida de pessimismo e da "escrita das entrelinhas". Ela ainda faz restrições a algumas obras de Lobato como as que criticam a sociedade e a política e as que apresentam idéias “evolucionistas” ou são muito "irreverentes" por tratarem da Bíblia e da religião. As obras que apresentam tais características não são recomendadas por serem, segundo a autora, "deseducativas, nocivas e prejudiciais às crianças”.

Alguns padres nesta década de 50 atacaram as obras infantis do escritor, acentuando ainda mais a polêmica sobre seu caráter educativo. Nesse mesmo ano da publicação do artigo de Virgínia Cortês de Lacerda, o padre Adalberto de Paula Nunes⁴⁶ publica um artigo no qual afirma que os livros infantis de Monteiro Lobato não educam, apenas instruem, pois “ele sempre conta às crianças uma súpula de conhecimentos úteis e aproveitáveis para enriquecer os conhecimentos de seus pequenos leitores. Não passa, porém, disto”.

⁴⁵ LACERDA, V. C., Monteiro Lobato e a literatura infantil, *Leitores e livros*, p.30.

Um argumento contra a recomendação das obras infantis de Monteiro Lobato foi encontrado pelo padre Adalberto numa das cartas que Lobato escreve ao seu amigo Godofredo Rangel, afirmando que os únicos valores morais de um homem são "o amor, o jogo e o álcool". Diante disto, o padre questiona: "como poderá (Monteiro Lobato) ser apresentado e recomendado às crianças como o escritor preferido e como educador seguro dos nossos pequenos cidadãos?".

Contrário à premissa de que Monteiro Lobato deu uma grande contribuição à literatura infantil, o padre J. A. Abbade⁴⁷ legitima o artigo de Adalberto Paula, e afirma ser uma “balela” tributos que fazem em torno do nome de Monteiro Lobato e sua literatura infantil. Abbade afirma que Lobato não foi um educador, foi um destruidor de “caráteres para a infância”, idéia justificada pela afirmação do escritor de que o homem é um “produto da monera através da evolução da matéria”. Diante disto, o autor conclui que Lobato foi ateu, materialista e evolucionista.

Talvez essa guerra travada entre a igreja e as obras infantis lobatianas explique por que Cecília Meireles em seu livro *Problemas de Literatura Infantil*⁴⁸, publicado em 1951, portanto no auge dessa polêmica, não menciona em nenhum momento a produção infantil de Monteiro Lobato. O livro de Cecília Meireles discorre sobre a estética da literatura infantil, sobre a influência que as primeiras leituras exercem nas crianças, e faz ainda um breve panorama da literatura infantil; assim, seria natural que tratasse, de certa maneira, de algum aspecto da literatura lobatiana, visto que nesse momento o escritor já era consagrado “pai da literatura infantil

⁴⁶ NUNES, A. P., Por que Monteiro Lobato não é educador?, *A Folha*, 1951, 27 ago. [s.i.p.]

⁴⁷ ABBADE, J. A. P., Monteiro Lobato e a literatura infantil, *Diário de Notícias*, 1952, 04 set.

⁴⁸ Esse livro originou-se de três conferências proferidas pela autora sobre literatura infantil, em janeiro de 1949, na cidade de Belo Horizonte. Essas conferências foram refundidas e reunidas em livro, a fim de integrar a Coleção Pedagógica da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

brasileira”.

Contrário aos insultos à obra de Monteiro Lobato, Djacir Menezes⁴⁹ faz uma crítica aos pedagogos, que apenas obedecem às regras. Segundo o crítico, a obra de Monteiro Lobato agrada inclusive aos adultos justamente porque não obedece às regras, às convenções, tem graça pela "espontaneidade" e "intuição da alma infantil". Assim como fizeram os críticos da obra infantil de Monteiro Lobato na década de 20 e 30, Djacir ressalta a linguagem "viva, deliciosa, apropriada, imaginativa, direta e coloquial" que o escritor soube usar nas histórias. Outro destaque dado pelo autor é o da recepção da obra infantil pelos adultos e pelas crianças, pois, conforme Menezes, “o que não agrada o adulto, não agrada à criança. A recíproca não é exata, mas a regra é infalível”. E conclui que o maior triunfo do escritor foi rejeitar a pedagogia "vulgar e cheia de regras e princípios" ao criar o Sítio do Picapau Amarelo.

Até o final dos anos 50, o rol de inimigos declarados das obras de Monteiro Lobato continuava crescendo. Outro que tem seu nome elencado neste rol é o padre Sales Brasil⁵⁰, que tenta provar em seu livro que as idéias desenvolvidas na obra infantil lobatiana são comunistas, o que seria um grande transtorno para a educação e a formação cristã das crianças brasileiras.

A respeito de *Narizinho Arrebitado* somente menciona que começou a partir de um conto *História do Peixinho que morreu afogado*, que depois Lobato ampliou, criando outros personagens, até chegar a *Reinações de Narizinho*.

Como resposta ao livro do padre Sales Brasil, foram publicados de pronto dois artigos e ambos apresentam depoimentos de intelectuais e educadores que

⁴⁹ MENEZES, D., Lobato e as crianças, *Diário de São Paulo*, 1956, 26 ago.

discordam do ponto de vista de Sales Brasil. No artigo “Intelectuais paulistas repudiam a crítica aos livros de Lobato”⁵¹ aparecem o biógrafo de Lobato, Edgard Cavalheiro, o escritor Tales de Andrade e a diretora da Divisão de Bibliotecas Infantis da Prefeitura de São Paulo, Lenira Fracaroli, e o escritor Paulo Dantas. Conforme Cavalheiro, a mensagem que Lobato tentara transmitir por meio de suas histórias não era comunista, nem tão pouco “lições de catecismo”; para ele, Lobato rompeu com a superstição e a fantasia presentes no pensamento brasileiro por anos a fio e tentou instaurar em seu lugar uma completa libertação de preconceitos. O biógrafo explica também que Lobato não conhecia a pedagogia, mas foi um educador, e sempre deu muito crédito à fantasia, à imaginação. Tales de Andrade também descartou a presença de qualquer idéia comunista na obra infantil lobatiana e alertou que a verdadeira “perniciosidade” estava nas histórias em quadrinhos que à época alcançavam todas as crianças - mesma opinião compartilhada por Lenira Fracaroli. Paulo Dantas vai um pouco mais além em sua crítica, afirmando: “se Lobato fosse seguir de perto as normas do clero, da Pedagogia e da convenção, jamais teria sido o grande e inconfundível escritor que foi”.

Do segundo artigo, “Por favor, não privem as crianças dos belos livros de Lobato”⁵², merece destaque o depoimento de Érico Veríssimo, que apela para os críticos não atacarem os escritores que desejam um “mundo de paz e justiça social”, como Lobato. Veríssimo afirma que ao invés de criticar os escritores “devíamos tratar de reformar, melhorar o mundo, a sociedade em que vivemos, para que nenhum escritor tivesse o direito de ser pessimista”, como o foi Lobato, na concepção de Veríssimo. Por fim, o escritor Érico Veríssimo faz um apelo, que dá o título do

⁵⁰ BRASIL, Pe. S., A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças, 1957.

⁵¹ Intelectuais brasileiros repudiam a crítica aos livros de Lobato, 1957, 30 ago.

⁵² Por favor, não privem as crianças dos belos livros de Lobato!, *Folha da Tarde*, 1957, 04 set., p.19.

referido artigo: “Por favor, não privem as crianças dos belos livros de Lobato!”

No final desse mesmo mês, o padre Sales Brasil publica uma carta⁵³ destinada a Tristão de Athayde⁵⁴, na qual comenta sua entrevista concedida a um jornal sobre a tão polêmica obra *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*.

Nessa carta, além de questionar muitas das afirmações feitas por Tristão de Athayde, Sales Brasil afirma concordar com o crítico quanto à técnica empregada por Lobato em seus livros infantis, reconhecendo ser o escritor um grande artista, haja vista que sua técnica consegue deixar o livro infantil muito mais apetitoso e com grande sutileza, a ponto de burlar a atenção até de intelectuais do porte de Athayde, que não enxerga os traços ideológicos contidos na obra. Tanto o padre reconhece o bom estilo de Lobato que afirma: “o estilo não vale mais do que as idéias, nem a arte literária mais do que a filosofia da vida, como nem a roupa nem os enfeites valem mais do que a pessoa. O que digo é que quando o Mal vem recoberto por um estilo bom, tanto pior!”

Antônio Soares Amora⁵⁵, em 1958, também aborda a ideologia vinculada à obra infantil lobatiana. Ao começar o artigo, lembra do pioneirismo do escritor em explorar a literatura infantil no Brasil, na década de 20. Reconhece que o estudo da literatura infantil lobatiana permite concluir que sua obra atingiu tanto as crianças urbanas como as do campo. Além de classificar Lobato de corajoso, o mais influente autor brasileiro do gênero, define suas histórias como originais e autênticas, características que contribuem para o êxito de sua obra. Outra virtude se encontra no

⁵³ A literatura infantil de Monteiro Lobato, *A Tarde*, 1957, 14 set.

⁵⁴ Entrevista concedida ao jornal *O Globo*, 1957, 26 ago.

⁵⁵ AMORA, A. S., Em terras das diabruras, *Suplemento Literário*, 1958, 01 março, p. 04.

trabalho com a linguagem ao usar o léxico e o estilo próximos à experiência infantil, tom coloquial e neologismos.

Contudo, Antonio Soares Amora questiona o valor ético das peraltices praticadas pelos personagens infantis. Considera perigoso que os leitores confundam essas “maldadezinhas” e identifiquem “traquinices gaiatas, domínios sobre os mais fracos e resistências desatinadas à autoridade dos adultos, com vitalidade e personalidade”. O crítico encerra seu artigo lamentando que dentro desse mundo tão imaginativo não tenha um “sopro de bondade”, pois nem por isso esse mundo “seria menos autêntico, menos alegre, enfeitado por nossa gurizada. Seria apenas mais belo e mais verdadeiro”.

1.5 Décadas de 60 e 70: O crescente interesse da crítica pela vida e obra de Monteiro Lobato

Ainda nos anos 50, começaram a ser produzidas biografias sobre a vida de Monteiro Lobato e sua obra infantil. Em 1954, Jorge Rizzini⁵⁶ escreve o que ele afirma ser a primeira biografia feita sobre Monteiro Lobato. Para fazê-la, o autor se apropria do estilo narrativo e cria um diálogo entre Lobato e algumas crianças; cria uma situação como se o próprio escritor relatasse sua vida e suas obras. Mesclando frases do próprio Lobato com adaptações e algumas informações trazidas pelo autor, há o relato da história do peixe que morrera afogado, a princípio contada por Toledo Malta, durante uma partida de xadrez. O Lobato personagem conta que um mês depois de ouvir a história escrevia as aventuras que estão em *Reinações de Narizinho*. O livro

⁵⁶ RIZZINI, J., Vida de Monteiro, 1954.

também esclarece que, antes de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, as histórias que chegavam ao Brasil eram traduzidas em Portugal, numa linguagem que as crianças não entendiam. A respeito de *Narizinho Arrebitado*, Jorge Rizzini lembra que foram vendidos 50.500 exemplares e que as histórias chegaram aos Estados Unidos, Chile, Uruguai, Itália, Espanha, entre outros.

No ano seguinte, Edgard Cavalheiro⁵⁷ publica o que viria a ser considerada a melhor biografia feita sobre o escritor Monteiro Lobato. Um capítulo desta biografia, que é composta por dois volumes, Cavalheiro dedica à literatura infantil lobatiana. No capítulo intitulado “Sítio do Picapau Amarelo”, Cavalheiro relembra que Lobato jogava xadrez com Toledo Malta, quando este lhe contou a história do peixinho que morrera afogado, pois por ter passado algum tempo fora d'água, desaprendera a nadar. Por conta desta história, o próprio Monteiro Lobato relata, num depoimento transcrito por Cavalheiro em seu livro, que escreveu a *História do Peixinho que Morreu Afogado*. O escritor lembra que depois foi adaptando a história até chegar em *Narizinho Arrebitado*, mas para esta versão última o escritor pensara em dar o nome de *A menina do carço no pescoço*, e chegou a divulgar fragmentos na *Revista do Brasil* com o título de *Lúcia, A Menina do Narizinho Arrebitado*. O autor também lembra que a primeira edição de *Narizinho Arrebitado*, "cartonada, elegante, muito bem ilustrada por Voltolino", teve 50.500 exemplares que foi esgotada em "oito ou nove meses". Isto porque, explica o autor, Washington Luis era o presidente de São Paulo à época, e saindo para visitar as escolas do Estado, junto com Alarico Silveira, notou que havia em cada escola um livro "muito sujinho e surrado". Então, conta Cavalheiro que o presidente pediu ao secretário Alarico que

⁵⁷ CAVALHEIRO, E., Monteiro Lobato: vida e obra, 1955, v. 2.

providenciasse a compra do livro. No dia seguinte, o secretário comprou de Monteiro Lobato 30.000 exemplares de *Narizinho Arrebitado*.

Como se observa, nessas biografias começam a ressurgir dados sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado* e/ou *Narizinho Arrebitado*, pois foi a partir destas histórias que a literatura infantil de Lobato começou. Além das biografias, surgem os livros que traçam um panorama da literatura infantil brasileira, como faz Bárbara Vasconcelos de Carvalho em seu *Compêndio de Literatura Infantil*⁵⁸. Nele, a autora faz um histórico da literatura infantil, desde o surgimento das fadas até Walt Disney, considerado o novo gênio animador do maravilhoso e da Fábula Moderna.

Segundo a autora, o século XX é o século voltado para a criança, mas, afirma erroneamente que quem realiza a literatura infantil brasileira, em 1921, é Monteiro Lobato com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que, ainda conforme a autora, foi o “abre-te sésamo” do mundo maravilhoso em que iriam habitar “todas as crianças de nossa terra e de todo o mundo”.

Apesar de aparecerem dois biógrafos de Lobato na década de 50, é a partir dos anos 60 que esta nova tendência ganha impulso, no que se refere aos estudos lobatianos. Em 1960, a Biblioteca de Salvador⁵⁹ homenageia o escritor publicando uma biografia sua. Este livro ressalta que em toda a sua vida de escritor e patriota, "de pioneiro e realizador", o que mais se destaca é o Lobato escritor infantil. É com este gênero que o escritor se revela gênio literário, atesta o livro.

Até 1921, a literatura infantil brasileira dispunha de poucos títulos, como algumas traduções, histórias de fundo folclórico ou lendas européias adaptadas.

⁵⁸ CARVALHO, B. V., *Compêndio de Literatura Infantil* – para o 3º ano normal, 1959.

⁵⁹ SALVADOR. Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, Monteiro Lobato - o pai de "Emília". Salvador: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1960.

Alguns autores brasileiros já escreviam livros para crianças, mas com cunho didático, como informa essa biografia. Somente com *Narizinho Arrebitado* inicia-se a literatura infantil brasileira, que teve depois tantos brilhantes seguidores. A primeira edição desta obra teve 50.000 exemplares, uma aventura editorial nunca mais realizada. Ressalta também que *Narizinho Arrebitado* começou a partir de um conto, *História do peixinho que morreu afogado*, que depois Lobato ampliou, criando outros personagens, até chegar a *Reinações de Narizinho*.

Nesta mesma linha, reunindo dados equivocados, a cidade natal de Lobato, Taubaté, também faz uma homenagem ao escritor. Comemorando o cinquentenário do livro *Urupês* e a XVI Semana Monteiro Lobato, publica um livro que ressalta a vida de Lobato, seus principais feitos, suas lutas e suas obras. Lembra que ao mesmo tempo em que criava suas obras, como *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Lobato se "aprofundava na observação da problemática nacional". Informa também que a literatura infantil de Monteiro Lobato foi reunida pela Editora Brasiliense, em 17 volumes. O primeiro trabalho do gênero tinha o "título hoje imortal" *Narizinho Arrebitado*. (sic)

Em 1961, mais um livro traz um panorama da literatura infantil, *Literatura infanto-juvenil (de acordo com os programas das escolas normais)*, de Antonio D'Ávila⁶⁰, evidencia a importância de Monteiro Lobato para o cenário literário, sobretudo, no ano de 1920, quando lançara *A Menina do Narizinho Arrebitado*, livro que teve muita repercussão: "nunca outro livro havia provocado tão profundo interesse e tão forte quebra dos cânones tradicionais em obras de leitura".

Na parte dedicada à literatura infantil brasileira, o livro de Antonio

⁶⁰ D'ÁVILA, A., *Literatura infanto-juvenil (de acordo com os programas das escolas normais)*, 1961.

D'Ávila lembra o aparecimento de Lobato e afirma que o ano de 1920 teve muita importância no cenário literário, pois Tales de Andrade lançara *Saudade* e Lobato *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Este último livro fez época em nossas escolas, porque além da novidade do tema, segundo o autor, “trazia ainda o estilo pitoresco da sátira ingênua e leve ironia, lembrando a veia irrequieta e saltitante de Lewis Carroll, no famoso *Alice no país das maravilhas*”. A partir de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, lembra o autor, muitos personagens bem traçados invadiram as aventuras do sítio, com suas travessuras e as suas graças entre a realidade e a fantasia.

Esta comparação entre as histórias de Lobato e Lewis Carroll já havia sido feita por José Lins do Rego, em 1948, em seu artigo *Lobato*, ao comentar a habilidade do escritor em escrever para crianças; na década seguinte, muitos críticos também faziam a mesma comparação.

Já em 1964, Nelson Travassos, em *Minhas Memórias de Monteiro Lobato*⁶¹, faz uma análise da vida e obra do escritor e defende a idéia já levantada por Athayde, em 1948, de que Monteiro Lobato foi precursor da Semana da Arte Moderna e revolucionário da literatura brasileira. Conforme o autor, por curiosidade escreve *A Menina do Narizinho Arrebitado* e descobre com isso "um filão editorial de imensas possibilidades financeiras. Faz depois uma descoberta maior, qual seja o prazer advindo de escrever para as crianças".

Em 1968, Leonardo Arroyo⁶², assim como seus contemporâneos, traça um panorama da história da literatura infantil, desde seu surgimento até a situação da literatura infantil brasileira no ano de 1968 e assim organiza uma antologia da produção para crianças existente no Brasil. Numa parte do livro intitulada “O gênio de

⁶¹ TRAVASSOS, N. P., *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*, 1964.

Monteiro Lobato”, o autor ressalta que o escritor já em seu primeiro livro, *Narizinho Arrebitado*, apresenta características inovadoras como “o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional, (...) o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão”. Conforme Arroyo, esses aspectos originais renovaram o conceito de literatura infantil no Brasil, que estava preso, até então, à fase da literatura escolar. Três livros são aludidos como os principais da literatura escolar brasileira pelo autor, quais sejam: *Através do Brasil*, *Saudade* e *Narizinho Arrebitado*. Sobre este último, o autor considera curioso o fato de aparecer como “literatura escolar”, uma vez que apresenta características que transcendem o âmbito pedagógico, finalidade última dos outros dois primeiros livros citados. E segue afirmando que “Monteiro Lobato teve que fazer concessões à literatura escolar no primeiro plano do êxito de sua obra literária para a infância”, pois para ele, Lobato de maneira alguma poderia ter vendido 30.000 exemplares de sua primeira edição. Traçando um panorama da literatura infantil de Lobato, o autor tenta estabelecer sua gênese; assim, reporta-se ao livro de Jorge Rizzini, o qual atesta que a primeira história escrita por Lobato foi a do peixinho que morreu afogado, contada ao escritor por Toledo Malta, durante uma partida de xadrez. Toledo contou-lhe a história de um peixinho que, “ficando algum tempo fora d’água, naturalmente para limpeza de um pequeno aquário, desaprendera de nadar”. Arroyo afirma que foi dessa história que nasceu o Sítio do Picapau Amarelo, uma vez que “o peixinho puxou, na imaginação do escritor, velhas lembranças da fazenda, brincadeiras com as irmãs, as estórias contadas pelo agregado Evaristo, a pesca de lambaris no ribeirão com a mulata Joaquina tudo gente da infância de Monteiro Lobato em Taubaté”. Baseando-se também nas informações veiculadas

⁶² ARROYO, L., *Literatura infantil brasileira - ensaios de preliminares para a sua história e suas fontes*, 1968.

pelo livro de Edgard Cavalheiro, o autor lembra que Narizinho iria receber o título de *A menina do caroço no pescoço*. Menciona ainda que este livro foi muito bem recebido quando inicialmente alguns fragmentos foram publicados na *Revista do Brasil*. Arroyo também retoma a apreciação de Bruno Ferraz sobre *Narizinho Arrebitado*, já referenciado pelo livro de Cavalheiro, que ressalta que o crítico “sentiu bem que algo de novo se inaugurava com o livro de Monteiro Lobato”. Faz-se necessário observar que, apesar de Arroyo fazer um “repeteco” das informações sobre *Narizinho Arrebitado*, diverge da premissa defendida por Cavalheiro e Guimarães Menegale quanto à forma didática dos primeiros *recontos* de Lobato, que segundo eles, visavam, sobretudo, aos escolares. Leonardo Arroyo adverte que essa premissa não é verdadeira, uma vez que “a forma de aparecimento na fase da literatura escolar era um imperativo de desenvolvimento histórico da literatura infantil”. O conto *Narizinho Arrebitado*, para Arroyo, aparece como *Segundo livro de leitura para uso nas Escolas Primárias*, mas o conteúdo é lúdico e não didático. Afirma ainda Leonardo Arroyo que, quando o livro já estava consagrado, Lobato reviu as histórias para modificá-las e “dar-lhes outro destino dentro de uma independência que não precisa mais subordinar-se, formalmente, à literatura escolar”.

O autor aponta também que Lobato pediu o parecer do amigo missivista Godofredo Rangel sobre o livro *Narizinho Arrebitado*; conforme o autor, as correspondências trocadas entre os dois amigos mostram que Lobato “perseguia seriamente o seu ideal de escrever para crianças”. E mesmo após ter saído a primeira edição de *Narizinho Arrebitado*, Lobato pediu a Rangel que o experimentasse em seus alunos. De fato, numa carta datada de 9/2/1921, Lobato escreve a Rangel:

Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.⁶³

Outra polêmica levantada por Arroyo se refere ao número de exemplares da primeira edição de *Narizinho Arrebitado*. Em seu texto, afirma que o livro teve uma edição inicial de 50.500 exemplares, mas em nota de rodapé adverte: “o exame do arquivo da Companhia Editora Nacional, contudo, revela uma edição de 60.000 exemplares”. Este dado apresentado pelo crítico é de grande relevância, visto que pela primeira vez houve a preocupação de se verificar por meio do documento mencionado a autenticidade sobre o número de exemplares publicados de *Narizinho Arrebitado*. Finalizando, o autor lembra que em 1947, época em que *Narizinho* já era o livro mais lido de Lobato, estreou, em Salvador, a opereta de Adroaldo Ribeiro da Costa baseada no livro, com grande êxito.

Também traçando um panorama da literatura infantil brasileira, Renato Almeida⁶⁴, em 1968, conclui que Lobato foi o grande escritor do gênero, porque criou um “estilo próprio, acessível e gracioso”, e, com exceção do uso que faz da linguagem, merece grande louvor. Para ele, o emprego de certas expressões “grosseiras e vulgares e xingamentos”, como faz Monteiro Lobato, não são justificáveis na literatura infantil: “a explicação de que é usual não prevalece, toda educação é uma forma de constrangimento e não é possível às crianças desnecessariamente infundir os aspectos desagradáveis da existência”. Conforme o autor, foi em 1921 que Lobato publicou seu primeiro livro infantil *Narizinho Arrebitado*, que continha a indicação de *Livro de leitura* (sic). Porém, lembra que este

⁶³ LOBATO, M., *A Barca de Gleyre*, v. 2, 1951, p. 228.

livro libertou-se do destino escolar e transformou-se em um clássico na literatura infantil, identificando com as crianças brasileiras. Ainda afirma o autor que, apesar da linguagem equivocada, Lobato “foi saudado como 'o começo de uma grande biblioteca a construir'. E assim o foi, quaisquer que sejam os reproches possíveis e acertados”.

Na década de 70, o grande destaque continua sendo as biografias de Monteiro Lobato. Adaptando o recurso já usado por Jorge Rizzini, em 1954, que transforma Lobato em personagem que responde às perguntas das crianças também fictícias, os autores desta época se apropriam deste subterfúgio para contar a história do escritor. Sidônio Muralha é um desses autores que, em seu livro *Um personagem chamado Pedrinho*⁶⁵, assume o papel de narrador e num diálogo travado com o personagem Pedrinho relata a história de Monteiro Lobato e sua obra. Neste livro, Muralha conta que, em 1921, Lobato dedicou-se à literatura infantil e com *Narizinho Arrebitado* lançou o Sítio do Picapau Amarelo e seus célebres personagens.

Usando o mesmo recurso, a enciclopédia *Grandes Personagens*⁶⁶ traz uma biografia do escritor que tem como narradora a personagem D. Benta. Conta-se que Monteiro Lobato, por volta de 1918, estava muito ocupado em editar livros, e por isso escrevia muito pouco. Só em 1920 é que escreve um conto *História do Peixinho que Morreu Afogado*. A partir daí, “resolveu ampliar o conto, misturando-o com cenas da sua infância passada em Taubaté”. O conto recebe então, em 1921, o título de *Narizinho Arrebitado*, “que depois passaria a chamar *Reinações de Narizinho*” (sic). E isso é tudo que o livro traz sobre o início da literatura infantil de Lobato.

⁶⁴ ALMEIDA, R., Literatura infantil. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, v. 6, p. 200-222.

⁶⁵ MURALHA, S., *Um personagem chamado Pedrinho: a vida de Monteiro para os alunos lerem e os professores também*, 1970.

⁶⁶ Monteiro Lobato. In: *Grandes personagens da nossa história*, 1970, p. 941-956.

Já Paulo Dantas⁶⁷ conta a história da vida de Monteiro Lobato em primeira pessoa. Usando textos autobiográficos do escritor, faz uma montagem, cortando, colando, escrevendo e transcrevendo, como se fosse o próprio Lobato falando. Quando aborda a literatura infantil lobatiana, a informação importante que ressalta sobre seu início é que tudo começou com uma simples história contada por Toledo Malta de um peixinho que morrera afogado por ter desaprendido a nadar. Para isso se utiliza das próprias palavras de Lobato, o qual ainda conclui que esta história logo depois virava a história de *Narizinho*.

Por fim, fechando o ciclo dos personagens e narradores conhecedores da vida de Monteiro Lobato, tem-se Alaor Barbosa⁶⁸, que relata a biografia do escritor por meio de um diálogo entre o sobrinho Tidinho e o seu tio Titi. Em um destes diálogos, o narrador revela ao seu sobrinho que o primeiro livro publicado por Lobato, *Reinações de Narizinho*, cujo nome anterior foi *Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado*, surgiu de uma história contada por Toledo Malta a Lobato, durante uma partida de xadrez. Esta história, Lobato aproveitou-a e escreveu dando o nome de *História do Peixinho que Morreu Afogado*. "Reescreveu-a e aumentou-a (...), a história cresceu e virou a história da menina que tinha o *Narizinho Arrebitado* (...), que mais tarde Lobato aumentou ainda mais e melhorou e denominou de *Reinações de Narizinho*".

No livro *Conversando de Monteiro Lobato*⁶⁹, José Carlos Marinho Silva ressalta o preconceito que sofre a literatura infantil pelos estudiosos e afirma que o próprio Monteiro Lobato manteve uma certa resistência a ela. A partir de 1921, com

⁶⁷ DANTAS, P., Presença de Lobato, 1973.

⁶⁸ BARBOSA, A., Monteiro Lobato das crianças, 1975.

⁶⁹ SILVA, J. C. M., Conversando de Monteiro Lobato, 1979.

a publicação de *Narizinho Arrebitado* e a “história do peixe que esqueceu de nadar, começa a surgir em Lobato a idéia da saga do Pica Pau Amarelo”.(sic)

Nas biografias e artigos escritos entre os anos de 1960 e 1979 há a repetição das informações contidas em muitos artigos anteriores, como por exemplo, a alusão ao conto *História do peixinho que morreu afogado*, de Toledo Malta, escrito em 1920, como originário da história d’*A Menina de Narizinho Arrebitado* que depois viraria *Narizinho Arrebitado*, publicado em 1921; outro dado que se destaca é o desencontro de informações quanto ao número de exemplares (50.000 ou 50.500) vendidos do livro *Narizinho Arrebitado*, com a novidade de mais um número divulgado por Leonardo Arroyo, 60.000 exemplares de *Narizinho Arrebitado*.

Há que se notar que grande parte dos textos apresentados reproduz as mesmas idéias equivocadas presentes nos antigos textos escritos entre os anos 40 e 50 ou acrescentam um dado novo sobre uma velha discussão, porém equivocado também. Entre os anos 60 e 70, com a nova tendência de se fazer história da literatura infantil e contar a trajetória de vida de um dos mais importantes escritores, sucumbiram as críticas e estudos sobre a obra infantil lobatiana. Isto facilitou a propagação dos lugares-comuns e legitimou os equívocos e dúvidas sobre a gênese da literatura infantil lobatiana, como alguns dados sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado*, ou seja, o título, a data da primeira publicação, o número de exemplares vendidos da primeira edição de *Narizinho Arrebitado*, entre outros.

Além das biografias apresentadas, ainda foram encontrados alguns artigos que também apresentam informações equivocadas, como “Dúvidas e indefinições da literatura infantil nacional”⁷⁰, publicado no Estado de São Paulo, em

⁷⁰ Dúvidas e indefinições da literatura infantil nacional, *O Estado de São Paulo*, 1978, 25 jun., p.24.

1978, que, comentando a situação da literatura infantil brasileira, recorre à editora Cecília Reggiane Lopes, a qual afirma ter sido Monteiro Lobato perspicaz o bastante para conseguir se impor no mercado, pois a primeira edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado* alcançou a tiragem de 20 mil exemplares considerada fantástica para a época. Como não foi possível encontrar nenhum documento sobre o número de exemplares vendidos da primeira edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, não é possível para precisar se a afirmação é verdadeira ou se é mais uma confusão com *Narizinho Arrebitado* e seu número recorde de 50.500 exemplares.

Também em 1979, para confirmar a falta de informação nova sobre Monteiro Lobato e sua obra, tem-se como exemplo o artigo “Monteiro Lobato, o filho que Taubaté não esquece”⁷¹, o qual faz referência à obra *A Menina do Narizinho Arrebitado* para ilustrar que ao mesmo tempo o escritor cuidava de sua “vida artística”, escrevendo para crianças, e se “aprofundava na observação da problemática nacional”, exatamente o mesmo texto contido no livro publicado pela Secretaria da Prefeitura de Taubaté *Monteiro Lobato é símbolo*. O artigo finaliza repetindo também um erro ao afirmar que *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi a primeira obra infantil publicada em 1921, pela Monteiro Lobato e Cia.

⁷¹ Monteiro Lobato, o filho que Taubaté não esquece, *Valeparaibano*, 1979, 05 dez.

1.6 Década de 80: O passeio da crítica pelos lugares-comuns

A década de 80 é a que mais tem trabalho publicado sobre a obra infantil de Monteiro Lobato e, desta forma, a que mais apresenta textos que fazem referências à *Narizinho Arrebitado*. Nesta década, os dados referentes à primeira publicação infantil de Monteiro Lobato são repetidos e divulgados sempre de modo equivocado, como se observa em alguns artigos: “São Paulo homenageia o escritor Monteiro Lobato”⁷², no qual se lê que sua primeira obra *Reinações de Narizinho* foi publicada em 1921; no artigo de Camões Filho⁷³, em que se afirma que *A Menina do Narizinho Arrebitado* teve uma edição extraordinária de 50 mil exemplares; em um artigo de Edgard Cavalheiro⁷⁴ em que há uma referência *A Menina do Narizinho Arrebitado* como a primeira “historieta infantil” publicada em 1921. Nesta década, foram encontrados de Eliana Yunes três estudos publicados sobre a obra de Monteiro Lobato. Dois fazem referência à primeira publicação infantil do escritor. No primeiro artigo, que data de 1980⁷⁵, a autora afirma que *Narizinho Arrebitado* foi publicado em 1921 e “inaugura na tradição de traduções estrangeiras e adaptações portuguesas de clássicos, o que viria a ser genuinamente brasileiro e literário voltado para a infância”, isto é, erroneamente, classifica *Narizinho Arrebitado* como primeira obra infantil publicada por Lobato; já em 1982, em seu livro *Presença de Monteiro Lobato*⁷⁶, Yunes afirma que, em 1921, foi publicado *A Menina do Narizinho Arrebitado*, mas sua confusão vai além disso ao ressaltar que “mesmo com o subtítulo *Segundo livro de*

⁷²São Paulo homenageia o escritor Monteiro Lobato, *Folha da Tarde*, 1980, 18 abril.

⁷³FILHO, C., Acende-se hoje a chama simbólica da Semana Monteiro Lobato, *Vale Paraibano*, 1981, 19 abril.

⁷⁴CAVALHEIRO, E., Influência de Monteiro Lobato, *Ciências e Trópicos*, p. 315-320, 1981, jul./dez.

⁷⁵YUNES, E., A maioria da literatura infantil brasileira, *Tempo Brasileiro*, n° 63, 1980, out.-dez.

⁷⁶Id., *Presença de Monteiro Lobato*, 1982.

leitura para uso nas escolas primárias seu conteúdo se afasta do didático e envereda pelo lúdico”. Como se observa, este é o subtítulo de *Narizinho Arrebitado* e não de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que é *livro de figura*.

Outra estudiosa de Monteiro Lobato que mistura as informações sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* é Nelly Novaes Coelho. Em 1981, em seu livro *A Literatura infantil: teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*⁷⁷, a autora afirma que quando *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi publicado, “em 1921, Monteiro Lobato estava com 39 anos de idade” (sic) e que, antes de Lobato realizar seu projeto e de começar a adaptar as fábulas de Esopo e La Fontaine, saíam na *Revista do Brasil* (SP), de 1920, uns fragmentos da estória de *Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado*. E conclui que, “no ano seguinte, é lançado como 2º *livro de leitura* (numa tiragem de 50500 exemplares, feita em sua própria editora recém-criada) *A Menina do Narizinho Arrebitado* (ilustr. de Voltolino) que foi uma lufada de ar puro na atmosfera pesada dos livros então destinados às crianças nas escolas”. (sic)

Nesse mesmo livro, na parte em que organiza cronologicamente as obras infantis do escritor, denominada de *Originais*, a autora cita na seguinte ordem: “*A Menina do Narizinho Arrebitado* – 1920; *O Saci* – 1921; *Fábulas* e *O marquês de Rabicó* – 1922...”, todavia, não há nenhuma referência à *Narizinho Arrebitado*.

Salta à vista que, nesse livro, a autora faz uma fusão entre os dados de *Narizinho Arrebitado* com os de *A Menina do Narizinho Arrebitado* e assim ignora que tenham sido publicadas duas obras distintas, como pode ser observado quando cita a cronologia das obras infantis do autor, em que referencia somente *A Menina do*

Narizinho Arrebitado, publicada em 1920, contradizendo sua afirmação posta na introdução, qual seja, a de que *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi publicada em 1921.

Entretanto, numa espécie de retratação desses equívocos e omissões cometidos, no mesmo ano, Nelly Novaes Coelho publica *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*⁷⁸, no qual afirma: “quando *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi publicado, em 1920, Monteiro Lobato estava com 38 anos de idade”. No decorrer do texto, aproveita alguns fragmentos do livro anterior, corrigindo os equívocos e acrescentando alguns dados novos como, por exemplo, quando retoma do livro anterior o projeto de Lobato de adaptar as fábulas de Esopo e La Fontaine, lembra que antes de fazê-lo “saíram na *Revista do Brasil* (SP) uns fragmentos da estória de *Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920. Nesse mesmo ano, publica *A menina do Narizinho Arrebitado*, pela editora Monteiro Lobato & Cia., com ilustrações coloridas de Voltolino. O livro vinha classificado como *livro de figuras*, por isso ele foi incluído na nova diretriz pedagógica (Escola Nova), que enfatizava a função da imagem nos livros infantis”. A autora informa ainda que o livro foi apresentado num “belo volume de 43 páginas, cartonado, em formato 30 x 20 cm, e com inúmeras ilustrações coloridas de Voltolino”.

Em ambos os livros, Nelly Novaes Coelho compara o escritor Monteiro Lobato com o inglês Lewis Carroll, e *A Menina do Narizinho Arrebitado* com *Alice no país das maravilhas*, comparação que já havia sido feita por José Lins do

⁷⁷ COELHO, N. N., *A Literatura infantil: teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*, 1981.

⁷⁸ Id., *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*, 1981.

Rego, em 1948, e, em 1961, por Antonio D'Ávila.

Nesta mesma década, surgem livros interessantes sobre a perspicácia empresarial de Monteiro Lobato, como o de Alice Mitika Koshyama⁷⁹, que analisa as estratégias usadas pelo empresário Monteiro Lobato para vender seu livro *Narizinho Arrebitado*, que teve o maior número de exemplares em uma única edição. Para a pesquisadora, a primeira grande idéia de Lobato foi tentar atender e conquistar um público diferente “exposto à produção alienígena”⁸⁰. Para isso, dedicou-se à literatura infantil, produzindo literatura nas escolas primárias, pois sabia que as crianças eram receptivas a qualquer informação ministrada. Assim, o primeiro livro que editou era “em papel-jornal, com formato e encadernação semelhantes ao do *Primeiro livro de leitura*, de João Kopke, de 1920, e o tipo de composição igual ao do livro *Saudade*, de Tales de Andrade”.

Koshyama destaca a preocupação do escritor em testar a receptividade das crianças ao seu texto, para tanto, lembra a autora, que recorre às cartas publicadas em *A Barca de Gleyre*, Lobato encomendava ao seu amigo Godofredo Rangel que fizesse teste em seus alunos para ver se elas se interessavam por *Narizinho Arrebitado*.

O livro ainda menciona que, antes do final do ano de 1921, a edição de 50 mil exemplares estava toda vendida, isso porque usou a estratégia de distribuir 500 exemplares nas escolas primárias estaduais. E então reconta a história divulgada pelo próprio Lobato, de como foi efetuada a venda para as escolas; o presidente do estado de São Paulo, em visita às escolas, vira os livros bastante manuseados e então pediu a seu secretário Alarico Silveira que adquirisse mais exemplares do livrinho. A

⁷⁹KOSHIYAMA, A. M., Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor, 1982.

quantidade comprada foi de 30.000 exemplares.

A autora também lembra que, em 1921, Lobato publicou *Narizinho Arrebitado* usando uma linguagem mais brasileira, contrastante com os textos de Portugal. E uma outra estratégia para induzir um maior consumo foi apresentá-la como literatura didática.

Em 1982, ano do centenário de nascimento de Monteiro Lobato, a Metal Leve publicou uma edição fac-símile da obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Nesta edição, Francisco Barbosa publica seu artigo “Monteiro Lobato e o direito de sonhar”⁸¹, no qual comenta o interesse de Monteiro Lobato em fazer literatura infantil já em 1912. Barbosa comenta dos sucessos dos livros: *O Saci Pererê* e *Urupês*, da forte influência que Monteiro Lobato teve de Mark Twain e Camilo Castelo Branco, e, finalmente, refere-se como adaptação de *História do peixinho que morreu afogado* a primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. E observa que o número de exemplares desta obra foi 60.000 e não 50.000 como afirmou Edgard Cavalheiro.

O autor evidencia ainda que *Narizinho* "nascera com uma estrela na testa", pois o secretário de Washington Luís, Alarico Silveira, comprou 30.000 exemplares para serem distribuídos às escolas públicas. Por fim, o autor observa que, “em 1934, o escritor decidiu reunir as aventuras de Narizinho num único volume, denominado de *Narizinho Arrebitado*”.(sic)

Conforme se verifica, o artigo de Barbosa faz uma verdadeira miscelânea com as informações das três obras de Monteiro Lobato: *A Menina do*

⁸⁰ Idem, p.81

⁸¹ BARBOSA, F. A., Monteiro Lobato e o direito de sonhar. In: LOBATO, Monteiro, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (fac-símile), p. 45-57.

Narizinho Arrebitado (1920), *Narizinho Arrebitado* (1921) e *Reinações de Narizinho* (1931). Embora este último título não tenha sido citado, sabe-se que, em 1934, Monteiro Lobato publicou a segunda edição de *Reinações de Narizinho*, sendo que a primeira data de 1931; e de *Narizinho Arrebitado* é o número de exemplares que ele contesta; aliás, estas informações, embora não tenham sido referenciadas, foram certamente retiradas das obras de Leonardo Arroyo e Edgard Cavalheiro; e, finalmente, sobre *A Menina de Narizinho Arrebitado*, a única informação que procede é a que se refere à *História do peixinho que morreu afogado*, muito embora a obra não tenha surgido de uma adaptação como afirma Barbosa, mas sim de uma inspiração a partir deste conto de Toledo Malta.

Nessa mesma esteira de equívocos se encontra o artigo de Maria da Glória Lopes⁸², que ao divulgar o lançamento da edição fac-símile do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* repete todas as informações equivocadas presentes no texto de Francisco Assis Barbosa.

No mesmo ano, Gilberto Mansur reitera o equívoco com o nome e a data de publicação do livro afirmando em seu artigo⁸³ que *Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado* fora publicado em 1921 e depois ampliado para *Reinações de Narizinho*. Outrossim, aponta que Monteiro Lobato melhora suas produções: “nas primeiras edições de *Narizinho Arrebitado*, por exemplo, Lúcia acorda depois da visita ao Reino das Águas Claras; mas nas edições seguintes, essa aventura termina de modo diferente, com Narizinho atendendo ao chamado de D. Benta”. Em outro artigo⁸⁴, publicado no mesmo ano, o autor, ao citar *Narizinho Arrebitado*, informa a data

⁸² LOPES, M. G., A volta da Menina do Narizinho Arrebitado, *O Estado de São Paulo*, 1982, 15 ago.

⁸³ MANSUR, G., Um sonho de verdade, *Jornal da Tarde*, 1982, 17 abril.

⁸⁴ Id., Arte de dizer às crianças a verdade inteira, *O Estado de São Paulo*, 1982, 18 abril, p.8-10.

correta, dizendo que antes de 1921, ano de sua primeira edição, o que havia para ser lido pelas crianças nem era literatura, eram contos com fundos folclóricos. Gilberto Mansur chama a atenção do leitor para o que denomina de aspecto saudável da literatura infantil de Monteiro Lobato: “sua fidelidade aos conceitos de verdade, justiça e liberdade”. Faz-se interessante observar que Mansur adverte que os críticos deveriam se preocupar com outras características no que diz respeito à obra de Monteiro Lobato, pois muita coisa óbvia já fora dita e repetida. Ora, esta afirmação feita por Mansur se configura num contra-senso, pois nem ele mesmo inova nas informações, repetindo lugares-comuns dos estudos já feitos sobre Monteiro Lobato e sua obra, como é o caso do artigo anterior citado, em que ressalta as mudanças ocorridas nas distintas obras e edições, assunto este já cotejado por tantos outros estudiosos da obra infantil de Lobato. Com base no material encontrado nesta pesquisa o que primeiro levanta esta problemática da divisão do mundo real e do mundo imaginário, já em 1935, é Jorge Amado.

Ligia Cademartori Magalhães em seu ensaio “Literatura Infantil Brasileira em formação”⁸⁵, também de 1982, apresenta um estudo em que são destacados alguns autores da produção nacional e, em especial, a contribuição e as inovações de Monteiro Lobato. Segundo a autora, começa com a publicação de *Narizinho Arrebitado* o rompimento dos “cânones pedagógicos cristalizados” da literatura brasileira.

Para Cademartori, o texto de *Narizinho Arrebitado*, embora tenha surgido como literatura escolar, se diferencia dos demais de sua época por ter como objetivo “interessar a criança, captar sua atenção e diverti-la”.

Ainda no esteio das homenagens a Monteiro Lobato, a Biblioteca Municipal Mário de Andrade organiza um ciclo de palestras sobre Monteiro Lobato. No rol dos estudiosos que se apresentaram estão Alfredo Bosi e Nelly Novaes Coelho. Bosi⁸⁶ inicia sua conferência, lembrando que a imagem de conservador de Lobato foi superada quando, “em vinte e poucos, escreveu *Reinações de Narizinho*” (sic), considerado por ele como a obra-prima da literatura infantil universal, a qual não foi superada nem mesmo pelo próprio escritor. Um dos itens que contribui muito para a grandiosidade da obra, conforme o crítico, é o fato do mundo do maravilhoso se misturar com o mundo real, não havendo um limite divisório entre os dois. Para ilustrar tal idéia faz menção às “duas versões de *Reinações de Narizinho*”, lembrando que na primeira, a da década de 20, Narizinho sonha, isto é, a partir do sonho as coisas acontecem, nascem as personagens da história; enfim, para o crítico, “aquele mundo do sonho poderia ser caracterizado como algo que não é realidade”.

Mas, na segunda versão, editada na década de 30, conforme Bosi, isto é corrigido por Lobato. Narizinho chega à beira do ribeirão das Águas Claras e, como na primeira versão, continua tomada pelo sono, mas “não dorme”, pois é incomodada por dois insetinhos que se colocam sobre seu nariz e começam a conversar. Para o crítico Alfredo Bosi, é a partir daí que Lobato dá “o grande salto”, fundindo a “realidade cotidiana e o mundo da imaginação” *Reinações de Narizinho* se torna “matriz de tudo que vem depois”. Haja vista que o crítico ao citar o livro *Reinações de Narizinho* escrito em “vinte e pouco” tem o propósito de se referir aos livros *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* para, então, compará-los ao livro

⁸⁵MAGALHÃES, L. C., Literatura infantil brasileira em formação, In: ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Lúcia C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*, 1982, p. 135-152.

Reinações de Narizinho, editado na “década de 30”. Como se observa, mais uma vez é posto em pauta o tema abordado por Jorge Amado, em seu artigo de 1935, da fusão dos dois mundos, o da realidade e o do maravilhoso, e não pára por aqui, pois a próxima a tratar dele é Nelly Novaes Coelho⁸⁷ em sua palestra. Entretanto, ao contrário de Alfredo Bosi, nesta circunstância, a escritora já define bem o título da primeira obra infantil de Monteiro Lobato, uma vez que já havia publicado seu livro *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*, em que diferencia as obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* e *Reinações de Narizinho*. (ver referência 46, p. 115) Segundo a autora, a primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi baseada em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, uma vez que sua personagem Alice está quase adormecendo quando vê um coelho passar correndo pela sua frente, e resolve segui-lo, entrando, então, em uma toca que a leva ao “país das maravilhas”. Lúcia também está quase adormecendo quando percebe em seu nariz um peixinho e um gafanhoto conversando, acaba por segui-los e entra no Reino das Águas Claras. Ambas personagens voltam, no final da história, para a realidade ao acordarem.

A autora faz notar que Lobato se apropria da fórmula tradicional, no início de sua produção, mas rompe com ela ao fundir o maravilhoso e o real no mesmo espaço, como acontece no volume atual de *Reinações de Narizinho*.

Ainda no ano de 1982, Paulo Dantas organiza um livro em

⁸⁶BOSI, A., Lobato e a criação literária, *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 43, nº 1/2, jan/jun, 1982, p. 19-33.

⁸⁷ COELHO, N. N., Monteiro Lobato e a ficção para crianças. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 43, nº 1/2, p. 129-137, jan./jun,1982.

comemoração ao centenário de nascimento de Monteiro Lobato⁸⁸, em que são compilados artigos diversos sobre o escritor e sua obra. Desse livro, somente um artigo traz referência sobre *Narizinho Arrebitado* é o de João Carlos Marinho⁸⁹, em que faz uma espécie de síntese das idéias e até do próprio título de seu livro, publicado em 1979. Sendo assim, a mesma premissa defendida é a de que a partir de *Narizinho Arrebitado* (1921) surgiu em Lobato a idéia da saga do Sítio do Picapau Amarelo, culminando, “em 1934, na decisão de construí-la” (sic). E, seguindo o caminho da repetição, a data que supostamente seria de *Reinações de Narizinho* continua errada.

Outra revista que resolve homenagear Monteiro Lobato, neste mesmo ano, é a *Letras de Hoje*, da PUC do Rio Grande do Sul. Nesta revista, dois artigos que fazem referências às obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* são destacados, um de Marisa Lajolo⁹⁰, que desconsidera *A Menina do Narizinho Arrebitado* como primeira obra lobatiana e o outro de Laura Sandroni⁹¹, que mais uma vez incorre num erro, a relação título e data da primeira obra infantil. Esta ressalta no artigo a idéia do progresso inerente em Lobato, pois fundou a Monteiro Lobato e Cia, lutou pelo petróleo e criou uma literatura infantil, a partir de 1921, publicando *A Menina do Narizinho Arrebitado*, da qual mais tarde surgiram “outros títulos (...) que, na edição definitiva de 1934, foram por ele reunidos com o título de *Reinações de Narizinho*”. Aquela também trata da modernidade em Lobato, mas pelo viés do editor e do escritor infantil, que inicia com *Narizinho Arrebitado*, publicada em 1921.

⁸⁸ DANTAS, P. (org.), *Vozes do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*, 1982.

⁸⁹ SILVA, J. C. M., *Conversando de Lobato*. In: DANTAS, P. (org.), *Vozes do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*, 1982, p. 181-193.

⁹⁰ LAJOLO, M., *A modernidade em Monteiro Lobato*, *Letras de Hoje*, nº 49, 1982, set., PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 15-22.

Na contramão dos elogios e homenagens prestados a Monteiro Lobato por conta de seu centenário de nascimento, o jornalista Cláudio Abramo publica um artigo em que desfere sua ira contra a literatura e o homem Lobato. Em seu artigo⁹², Abramo retoma o fato ocorrido em 1948, quando acusou Lobato de propagandeador do plano econômico do então presidente argentino Juan Perón, feito por meio do livro *La Nueva Argentina*. Para a defesa de tal proposição mune-se de dois indícios, quais sejam: o livro ter sido assinado com um pseudônimo e o acordo feito sobre o valor recebido por cada exemplar vendido. O jornalista afirma que o artigo tinha apenas caráter informativo e confessa tê-lo escrito com certa “irritação”, em resposta à “ostensiva hostilidade” com que o escritor tratava os jornalistas. Lembra ainda que no livro que Edgard Cavalheiro escreveu sobre Monteiro Lobato, inseriu somente a resposta do escritor e ignorou seu artigo e seus argumentos apresentados.

No ano seguinte, em 1983, Abramo comenta, num outro artigo⁹³, a exposição dos livros da coleção Terramarear promovida pelo SESC-Pompéia (SP). Nesse artigo, o jornalista ressalta a “iniciativa inteligente de editores cuja identidade ignoro” que tanto contribuiu para a formação de uma geração leitora; e prossegue defendendo que essa coleção substitui “a chatice monocórdia e piegas da literatura de Monteiro Lobato, responsável, como penso, - mas sei que poucos concordarão comigo – por um achatamento das aspirações dos brasileiros”.

Não se sabe se propositadamente ou não, Cláudio Abramo diz ignorar a identidade dos editores da coleção, mas sabe-se que essa coleção fazia parte de um projeto editorial da Companhia Editora Nacional, fundada por Monteiro Lobato e

⁹¹ SANDRONI, L. C., A função transgressora de Emília no universo do Pícapau Amarelo. In: *Letras de Hoje*, nº 49, set de 1982, PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 87-95.

⁹² ABRAMO, C., No ventre da história, *Folha de São Paulo*, 1982, 18 abr.

Octalles Marcondes Ferreira e também que Lobato foi o tradutor da maioria dos livros, como os que foram citados pelo jornalista como exemplo de boas traduções: *Caninos brancos, Tarzan, Mowgli, o menino lobo*.

Em 1984, em mais um artigo⁹⁴, Abramo reforça sua aversão a Lobato. Neste, ele avalia a recepção que teve uma lista de livros que indicara a jornalistas e estudantes da área ao responder à crítica feita por um leitor, por ter omitido no rol das leituras o nome de Lobato. Em resposta, o crítico desfeve: “não incluí Monteiro Lobato porque não incluí. É uma questão de escolha, de afetividade. Talvez o meu colega tenha razão, mas gosto é gosto”. Esta resposta faz pressupor que a leitura das obras de Monteiro Lobato lhe desagradou, e aí reside uma contradição, pois em 1982, em *No ventre da história*, afirma nunca ter lido Lobato.

Apesar de existirem ressalvas de alguns poucos críticos no sentido de justificar os malefícios que causam os livros infantis de Lobato, a crítica se empenhou, sobretudo em 1982, em referendar a legitimidade de uma produção que começou em 1920, com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, pois é a partir de então que o escritor é apontado como revolucionário, inovador e conhecedor da alma infantil.

A recepção positiva sobre a obra lobatiana não pára. Em 1983, outro livro sobre Monteiro Lobato e sua obra é publicado, *Atualidades de Monteiro lobato: uma revisão crítica*⁹⁵, organizado por Regina Zilberman, é constituído por um elenco de artigos, cujos autores já contavam com publicações anteriores sobre o assunto.

Alguns artigos do livro referenciam *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, como o de Guilhermino César, Eliana Yunes,

⁹³ Id., Mowgly, Tarzan e Kaspar Hauser. *Folha de São Paulo*, 1983, 28 out.

⁹⁴ Id., Nós e os outros, *Folha de São Paulo*, 1984, 13 nov.

⁹⁵ ZILBERMAN, R. (org.), *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*, 1983.

Antonio Hohlfeldt e Glória Maria Fialho Pondé. O artigo de Guilhermino César⁹⁶ ressalta as atitudes contraditórias de Monteiro Lobato, visto que na primeira edição de “*Narizinho Arrebitado* (1920)” (sic) apresenta uma ilustração que contém exatamente traços artísticos que criticara em Anita Malfati, ou seja, características impressionistas que ele censurou nos quadros da pintora aparecem nos bichos representados como figuras humanas nas ilustrações do livro.

Guilhermino César observa também que Lobato muda seu estilo até então marcado pelo lusitanismo presente em suas primeiras obras. Ao publicar *Narizinho Arrebitado*, Lobato tem a necessidade de ser simples e para isso constrói de maneira diferente a linguagem de suas personagens, dando aos diálogos tons mais brasileiros.

Ainda sobre Lobato e o modernismo, Eliana Yunes⁹⁷ atenta, em seu artigo, para o fato de que *Narizinho Arrebitado* exemplifica as inovações de Lobato, como a linguagem inovadora, o imaginário que “é perpassado pelo simbólico” e o desaparecimento dos limites entre realidade e maravilhoso. A autora observa que “a apropriação de certas passagens, históricas ou ficcionais, para sua reescritura, aproxima-o do antropofágico sem manifesto”.

Mais uma vez aparece um artigo que pauta sobre as diferenças entre a primeira publicação de “*Narizinho Arrebitado*, 1920” (sic), e a primeira história que constitui *Reinações de Narizinho*, publicado, em 1931, pela Cia Editora Nacional. Antonio Hohlfeldt⁹⁸, autor do artigo, observa que as modificações feitas por Lobato não foram apenas de informação, mas também de simplificação, cujo objetivo era dar

⁹⁶ CESAR, G., Monteiro Lobato e o Modernismo Brasileiro, In: ZILBERMAN, Regina (Org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*, p. 33-40.

⁹⁷ YUNES, E., Lobato e os modernistas, Op. cit., p. 50-54.

mais dinamicidade ao texto.

Para Antonio Hohlfeldt, é importante comparar as duas versões de *Narizinho Arrebitado*, porque a primeira marca a estréia de Lobato na literatura infantil e, a outra, “a busca de articulação unitária desta literatura”. Para ele, as modificações “permitem verificar, de qualquer maneira, o quanto Lobato reviu e corrigiu a versão definitiva de *Narizinho Arrebitado*, colocando-a de acordo com sua maneira em evolução de ver as coisas”.

Além da repetição do tema, Antonio Hohlfeldt peca por se equivocar quanto ao título da primeira obra, que é *A Menina do Narizinho Arrebitado* e não *Narizinho Arrebitado*. Mesma falha comete Glória Maria Pondé⁹⁹, ao afirmar que embora Lobato tenha publicado somente em 1920, *Narizinho Arrebitado*, já em 1912, o escritor se interessava pela literatura infantil.

De 1983 é também o *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira (1882-1982)*, de Nelly Novaes Coelho¹⁰⁰. No verbete *Monteiro Lobato*, a autora apresenta as mesmas informações contidas nos outros dois livros publicados em 1981, quais sejam: *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo* e *A Literatura infantil: teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*; outrossim, apresenta dados contidos nos livros de Edgard Cavalheiro, Leonardo Arroyo e Francisco Assis Barbosa. Nessa obra, Coelho informa com dados corretos as características de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) e *Narizinho Arrebitado* (1921), como a apresentação gráfica, a ilustração, o formato, o título e ano de publicação, o número de exemplares vendidos. Todavia, ao

⁹⁸ HOHLFELDT, A., Comparando Lobato com Lobato, Op. cit., p. 106-110.

⁹⁹ PONDÉ, G. M. F., A herança de Lobato, Op. cit, p. 111-116.

discriminar os títulos dos livros publicados até o ano de 1924, a autora comete um equívoco, contradizendo seu próprio texto, quando informa que *A Menina do Narizinho Arrebitado* é de 1921, ao lado de *O Saci*. Este mesmo equívoco entre título e ano de publicação se repete na edição do *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: século XIX e XX*, de 1995, no tópico cujo subtítulo é “O projeto”.

No ano seguinte, José Antonio Pereira Ribeiro¹⁰¹ faz uma espécie de biografia de Monteiro Lobato, pois seu livro traz informações sobre a vida, as obras e as lutas do escritor. Quanto à origem da literatura infantil lobatiana, o autor resgata a história, segundo a qual, Monteiro Lobato começou a escrever para criança quando Toledo Malta contou-lhe a história do peixinho que morreu afogado e, acrescenta que, publicou esta história e depois a reformulou, acrescentando outros personagens, “todos reais, lembranças, reminiscências da infância”.

O autor também se apropria da nomenclatura usada por Nelly Novaes Coelho para dividir a produção infantil de Lobato: “Originais, adaptação e traduções”. Das obras originais, a primeira citada, com data incorreta, é “*A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1921”.(sic)

Conforme Ribeiro, Lobato conseguiu misturar o “imaginário com a realidade concreta” e foi exatamente isto que mais atraiu as crianças na história de *Narizinho Arrebitado*. A partir de então, o autor discorre sobre a desgastada teoria da diferença entre “a primeira e a segunda versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado*”. Enfim, conclui o autor que é entre estas duas versões que “ocorre a evolução da arte da Lobato destinada às crianças”.

¹⁰⁰ COELHO, N. N., Monteiro Lobato, In: *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira (1882-1982)*, 1983, p. 718-734.

¹⁰¹ RIBEIRO, J. A. P., *As diversas facetas de Monteiro Lobato*, 1984.

Também de 1984 é o livro *Literatura infantil: história e histórias*, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo¹⁰². Nele as autoras traçam um panorama da história da literatura infantil no Brasil, quando chegam à época da emancipação do gênero, denominada por elas de “Segundo período da literatura infantil brasileira”, citam como primeira obra original *Narizinho Arrebitado*, de 1921. Na seqüência, comentam que *Narizinho Arrebitado*, no início, repetiu o mesmo sucesso de *Saudade*, de Tales de Andrade; livros adotados, ao mesmo tempo, nas escolas públicas do estado de São Paulo.

Acrescentam também que, a partir de *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato define o sítio como espaço e boa parte do elenco que vai constituir as aventuras de todo tipo: Lúcia, Tia Nastácia, Dona Benta, Pedrinho, seres mágicos, animais falantes, eventuais seres aquáticos ou ilustres personagens advindos de outras histórias.

Todavia, no ano seguinte, Marisa Lajolo publica *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*¹⁰³, uma pequena biografia do escritor, na qual lembra que a mais bela invenção de Lobato, O sítio do Picapau Amarelo, começa com a publicação de “A Menina do Narizinho Arrebitado, de 1921” (sic), antecipada com alguns fragmentos publicados na *Revista do Brasil*. Com essa obra, o escritor inaugura a literatura infantil, “gênero marcadamente moderno” e inova também quando “imprevidente mas premonitoriamente” imprime 50.000 exemplares de *Narizinho Arrebitado* dos quais 500 distribui às escolas públicas paulistas, como meio de difusão do livro.

Comparando as informações do livro anterior *Literatura infantil: história e histórias* com as que estão contidas neste último, se observa que naquele há

¹⁰² ZILBERMAN, R. & LAJOLO, M., *Literatura infantil: história e histórias*, 1984, p. 45-83.

a informação que *Narizinho Arrebitado* foi publicado em 1921 e, nesse último, que *A Menina do Narizinho Arrebitado* é de 1921. A informação do primeiro livro é equivocada porque *Narizinho Arrebitado* não é a primeira obra original, mas a equivalência da data com o título da obra estão corretas, ao passo que no segundo livro, embora o título da primeira obra esteja correto, o ano de publicação não corresponde a ele. Igualmente equivocado é o número de exemplares vendidos, apresentado por Lajolo, visto que a discussão desde a década de 60 sobre a quantia exata comercializada gira em torno dos números 50.500 e 60.000 e não 50.000, como informa a autora. Também em 1986, em *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*, Zilberman e Lajolo¹⁰⁴ continuam mencionando que *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi publicada em 1921 e obteve de pronto grande vendagem.

Laura Sandroni compartilha do mesmo erro em seu livro *De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas*¹⁰⁵, pois também afirma que *A Menina do Narizinho Arrebitado* inaugura a literatura infantil brasileira, em 1921.

Em 1988, Vasda Bonafini Landers¹⁰⁶ defende a tese que Monteiro Lobato foi o “verdadeiro pai do Modernismo”, visto que deu as diretrizes do novo movimento, se preocupou com o nacionalismo, com o folclore, com a inovação da linguagem brasileira e sempre preteriu a imitação dos modelos estrangeiros.

Entretanto, relata a autora, Lobato ficou conhecido como regionalista e a este respeito lembra que “o retardamento da valorização da obra de Lobato está

¹⁰³ LAJOLO, M., Monteiro Lobato: a modernidade do contra, 1985.

¹⁰⁴ ZILBERMAN, R. & LAJOLO, M., Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos, 1986, p. 117-119.

¹⁰⁵ SANDRONI, L., De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas, 1987.

resultando no retardamento da valorização do artista”.

Evidencia também que, além de *Urupês*, o escritor havia publicado, até 1922, *Cidades Mortas*, *Problema Vital*, *Idéias de Jeca Tatu* e sua primeira obra para criança *Narizinho* (1921). Com esta última obra, Lobato construiu um mundo livre, “utópico, baseado na sua 'desadoração' aos sistemas rígidos”. Ressalta ainda que o Sítio representa o Brasil com suas peculiaridades, como a língua coloquial, a comida típica, o folclore; “é o Brasil que os modernistas só foram descobrir anos depois da Semana”.

Ainda em 1988, o periódico paulista *Leia* publica um número cuja temática é a consolidação dos leitores e dos livros infanto-juvenis no mercado editorial brasileiro nas décadas de 70 e 80. Duas autoras que participaram deste número, Débora Peleias¹⁰⁷ e Lígia Cademartori¹⁰⁸, lembram em seus respectivos artigos que a história do livro infanto-juvenil começa com a primeira publicação de Lobato. Conforme Cademartori, o escritor obteve sucesso com *Narizinho Arrebitado* “graças a chancela do governo de Estado de São Paulo, recebida em 1920, que comprou 30.000 exemplares” do livro, tiragem impossível de ser vendida na época, “tivesse Lobato seguido outros caminhos”. Já para Peleias, tudo começa quando Lobato edita, em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

Como se observa, ainda persistem os equívocos acerca de *Narizinho Arrebitado* e *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Há uma grande fusão de suas características como se se tratasse somente de uma única obra.

¹⁰⁶ LANDERS, V. B., De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo, 1988.

¹⁰⁷ PELEIAS, D., A historinha vira assunto sério, *Leia*, ano X, nº 114, p. 65, 1988, abril.

¹⁰⁸ CADEMARTORI, L., Nem isto nem aquilo: literatura irrestrita, *Leia*, 1988, março, nº 113, ano X, p. 57.

Márcia Kupstas¹⁰⁹ em sua biografia de Monteiro Lobato não vai além dos lugares-comuns e dos equívocos sobre as duas primeiras obras infantis. Dentre os velhos dados repetidos há o de que *Narizinho Arrebitado* foi lançado em 1921 e que sua primeira edição contou com 50 mil exemplares, sendo que 30 mil foram vendidos às escolas públicas de São Paulo, no governo Washington Luís. Há ainda uma referência ao livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* como um “conto publicado em 1921” (sic), que optava por um final “semelhante aos de tantos livros: a aventura fora um sonho. Porém quando sai *Reinações de Narizinho*, Lobato já optara por unir a fantasia e a realidade”.

1.7 Década de 90 e os anos 2000 e 2001: Tentativas de acerto

Depois de 1988, somente em 1992 e 1993 são encontrados dois artigos que fazem referências à obra *Narizinho Arrebitado*; os dois são de Alaor Barbosa e foram publicados no periódico *D.O. Leitura*. O primeiro artigo¹¹⁰ comenta a importância de Lobato para o Modernismo e o segundo¹¹¹ observa as inovações feitas pelo escritor em sua obra infantil, como a linguagem, a fronteira inexistente entre o real e o imaginário e a introdução do progresso científico e técnico nas histórias. Ambos artigos são concluídos com a citação de Tristão de Athayde, o qual afirmou em um artigo de 1948 (ver referência 14, p. 90) que Monteiro Lobato precedeu o Modernismo por duas formas - uma em 1918, com *Urupês*, e a outra em 1921, com *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Segundo Alaor Barbosa, "*Reinações de Narizinho*

¹⁰⁹ KUPSTAS, M., Monteiro Lobato, 1988.

¹¹⁰ BARBOSA, A., 1922-1992: Monteiro Lobato e os Modernistas. *D.O. Leitura*, 11(122), 1992, julho.

¹¹¹ Id., O sítio do pica-pau amarelo. *D.O. Leitura*, 12(134), 1993, julho.

foi escrito em 1920 e depois no início de 1921", somente um ano depois aconteceria a semana emblemática no Teatro Municipal de São Paulo, marcando o início do Modernismo.

Em 1994, o português Fernando Marques do Vale¹¹² publica um estudo sobre a literatura infantil de língua portuguesa. Neste estudo, ao falar de Monteiro Lobato lhe confere o título de criador da literatura infantil brasileira e aponta as inovações e as influências de sua literatura junto ao leitor e à literatura infantil brasileira contemporânea.

Segundo o autor, em 1920, a renovação da literatura se impunha com a publicação, na *Revista do Brasil*, da história de *Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado*, que depois foi publicada pela Editora Monteiro Lobato e Cia com o título *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Lembra o autor que, classificado como *livro de figuras*, *A Menina do Narizinho Arrebitado* estava de acordo com as diretrizes da Escola Nova, que preconizava imagens nos livros infantis, e ao mesmo tempo era uma inovação no gênero.

Fernando Vale atesta que o sucesso desta obra fez com que, em 1921, ela fosse lançada com o novo título de *Narizinho Arrebitado - segundo livro de leitura* e vendesse 50.500 exemplares; lembra também que quem ficou encarregado de “avaliar o interesse que esta obra despertava” nas crianças foi o amigo de Lobato, Godofredo Rangel.

Ainda sobre a primeira edição de *Narizinho Arrebitado* (1921), o autor afirma que Lobato, usando a fantasia, mas se cuidando com a lógica, “fez com que a aventura ‘maravilhosa’ de Narizinho no Reino da Águas Claras terminasse no

¹¹² VALE, F. M., *A obra infantil de Monteiro Lobato: Inovações e repercussões*, 1994.

momento em que a menina ia responder ao príncipe Escamado, que a pedia em casamento”, isto porque há o esclarecimento final de que “tudo aquilo não passara de um lindo sonho”. Assim, a presença do maravilhoso dentro do cotidiano acabou por ser anulada. Mas, o escritor toma consciência da diferença entre os mundos da criança e do adulto e, aos poucos, consegue quebrar os limites entre estes dois mundos, e então quando publica a versão definitiva intitulada *Reinações Narizinho* a fusão real/maravilhoso é total. Para Fernando Vale, como para tantos outros autores, esta e outras obras, de 1921 a 1931, demonstram a evolução no pensamento e na arte do escritor, em relação ao convívio do fantástico com o real. O autor ressalta que o sucesso obtido com *Narizinho Arrebitado* ajudou Lobato no grande salto dado por ele ao modo de produção literário, superando os mecanismos editoriais de distribuição e propaganda do livro no Brasil.

Para finalizar este estudo, o autor cita os três ilustradores de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Voltolino, Belmonte e Jurandir Ubirajara, para lembrar que com as ilustrações das obras infantis foram abertas novas oportunidades ao aparecimento e consagração de diversos artistas brasileiros e estrangeiros.

Salta à vista que todas as informações são “repetecos” de tudo que já foi escrito sobre a obra, mas há que se ressaltar também que os equívocos repetidos por muitos não procedem no livro de Fernando Vale; ao contrário, ele relaciona data e título, número de exemplares e as demais características, de modo correto.

Outro livro que também esclarece as dúvidas e confusões quanto ao título e à data de *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* é *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, de Hilda Junqueira Villela

Merz¹¹³. Nesta pesquisa histórica dos livros infantis de Monteiro Lobato, a autora organizou cronologicamente as obras do escritor. Ao comentar *Narizinho Arrebitado*, a autora lembra que já em 1916 Lobato se preocupava com a pobreza da literatura infantil brasileira, a ponto de pensar em traduzir fábulas para crianças; mas, somente em 1920, após ouvir a história do peixinho que desaprendera a nadar, Lobato escreveu *História do peixinho que morrera afogado*. No final do mesmo ano, publicou *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que iniciou o “mundo maravilhoso da vida no Sítio do Picapau amarelo”. Segundo a autora, com este livro, Lobato transformou a literatura infantil em “gênero nobre”. Em 1921, publicou *Narizinho Arrebitado*, dando continuação à história de Narizinho, Pedrinho e de novos personagens.

No mesmo ano, Lajolo e Zilberman¹¹⁴, em seu *A formação da leitura no Brasil*, destacando a astúcia de Lobato para vender *Narizinho Arrebitado*, lembram da propaganda de *Narizinho Arrebitado* que saiu n’*O Estado de São Paulo*, em 12 de abril de 1921. Sobre o anúncio ressaltam que as opiniões de professores, da crítica e das crianças têm a finalidade de criar no leitor a vontade de obter o livro. É interessante observar que este filão editorial descoberto por Lobato passa a ter grande importância para os estudiosos da década de 90. A partir do livro de Alice Mitika Koshiyama, que evidencia o caráter inovador de Monteiro Lobato no tocante à indústria editorial e ao modo de distribuição, passa a ser lugar-comum observar essas habilidades do escritor-editor, que começou testando sua estratégia com a obra *Narizinho Arrebitado*.

Em 1997, José Roberto Whitaker Penteado¹¹⁵ publica *Os filhos de*

¹¹³ MERZ, H. J. V. et alii, Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato, 1996.

¹¹⁴ LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R., A formação da leitura no Brasil, 1996.

¹¹⁵ PENTEADO, J. R. W., Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto, 1997.

Lobato, livro em que defende a tese que a leitura dos livros infantis de Lobato influenciou na formação ideológica dos dirigentes da sociedade brasileira, Penteadó também comenta o marketing de distribuição feito por Monteiro Lobato para alcançar a venda de 50.500 exemplares de *Narizinho Arrebitado*, em 1921. Ao fazer uma revisão biográfica do escritor, o autor lembra que, em 1920, Lobato publica, em edição da própria *Revista do Brasil*, sua primeira história infantil *A Menina do Narizinho Arrebitado* - no mesmo ano publicou esta história em livro; no ano seguinte, em 1921, o livro levou o título de *Narizinho Arrebitado - segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*, e, em 1931, englobando as histórias publicadas entre 1920 - 1930, publicou *Reinações de Narizinho*.

Nesse mesmo ano, é publicada a biografia *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*¹¹⁶, que comenta que *A Menina do Narizinho Arrebitado* tem sua origem num *insight* que Lobato teve durante uma das costumeiras partidas de xadrez. O *insight* se deu quando Hilário Tácito contou-lhe a história do peixinho que morrera afogado por ter desaprendido a nadar. Monteiro Lobato transformou essa história em um conto intitulado *A história do peixinho que morreu afogado*. Ao desenvolvê-la melhor, lança a primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Um ano depois, sob o título de *Narizinho Arrebitado*, o livro teve uma edição recorde de 50.500 exemplares.

Ainda sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado*, os autores comentam que por meio de sua primeira edição fac-símile foi possível verificar que seu autor sempre reformulava seus textos alterando, acrescentando ou cortando situações, nomes e frases. Embora as informações trazidas por *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*

¹¹⁶ AZEVEDO, C. L., et alii, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, 1997, p. 157-168.

não sejam novidades, o livro já contribui por não repetir as informações equivocadas. Essa qualidade também apresenta o livro de José Roberto Whitaker Penteado, *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*.

Em 1998, na *Revista da Biblioteca Municipal Mario de Andrade*, Rizio Bruno Sant'Anna¹¹⁷ publica uma bibliografia comentada sobre Monteiro Lobato. A respeito de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, o autor diz em nota que foi sua primeira obra infantil e que, na *Revista do Brasil*, foram escritos novos episódios com o título de *Lúcia, a menina do narizinho arrebitado*. Estes episódios foram publicados com o título de *Narizinho Arrebitado*, em 1921. Essa bibliografia comentada de Sant'Anna traz um registro importante, duas adaptações que tiram *A Menina do Narizinho Arrebitado* do papel: uma, em 1945, feita por Marina de Andrada Procópio de Carvalho que realiza a radiodifusão da obra, pela Rádio Globo do Rio de Janeiro; e a outra, em 1947, de Adroaldo Ribeiro da Costa que realiza a opereta *Narizinho Arrebitado* [ver referência n.º 10, p.118], para a qual Lobato escreveria um novo livreto, sua última criação infantil.

Nessa mesma revista da Biblioteca Municipal Mario de Andrade, Nelly Novaes Coelho¹¹⁸ publica um artigo e incorre no mesmo erro, antes sanado em seu livro *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. Esquecendo das informações corretas uma vez publicadas, Coelho afirma, neste artigo, que em 1921, Lobato resolve escrever um livro para crianças, destinado à leitura nas escolas: *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que foi uma revolução para a literatura infantil e um “rebuliço na grande pobreza que

¹¹⁷ SANT'ANNA, R. B., Monteiro Lobato: Bibliografia Comentada, *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, v. 56, 1998, jan./dez., p. 163-189.

imperava nos livros infantis da época”. E como nessa época o tema Lobato – editor estava no auge, a autora não esquece de mencionar em seu artigo os novos processos que o escritor introduziu no mercado editorial brasileiro, os quais modernizaram a parte gráfica dos livros, a inovação no processo de venda e distribuição, e também o espaço concedido aos novos escritores para mostrarem suas obras.

Data também de 1998, o livro *30 anos de literatura para crianças e jovens - algumas leituras*, organizado por Elizabeth D’Angela Serra. Nele Laura Sandroni¹¹⁹ publica um artigo, no qual afirma que Lobato inaugura a literatura infantil brasileira com a publicação de “*A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921” (sic). Para Sandroni, sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precederam, uma vez que a linguagem original, criativa e coloquial preconiza o Modernismo. Como se observa, a autora insiste em repetir os antigos erros, pois mais uma vez título e ano de publicação da obra citada não são correspondentes.

Em 1999, Eliane Marta Teixeira Lopes e Maria Cristina Soares de Gouvêa organizam o livro *Lendo e escrevendo Lobato*, que é uma espécie de coletânea dos novos trabalhos sobre Monteiro Lobato e sua obra. Nesta coletânea aparecem nomes de novas pesquisadoras de Monteiro Lobato, como o da própria organizadora Maria Cristina Soares de Gouvêa, Adriana Silene Vieira e Cilza Carla Bignoto. Maria Cristina Soares de Gouvêa¹²⁰ analisa em seu artigo “A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim” os elementos e recursos textuais utilizados na literatura infantil brasileira. Para tanto, a autora recorre a produção inicial datada dos primeiros anos do

¹¹⁸ COELHO, N. N., Um dos dínamos da cultura brasileira na primeira metade do século, *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, v. 56, 1998, jan./dez., p. 139-146.

¹¹⁹ SANDRONI, L., De Lobato à década de 1970, In: *30 anos de literatura para crianças e jovens - algumas leituras*, SERRA, E. D. (org.), 1998, p. 11-26.

século XX. Esta produção tinha como característica, segundo a autora, a descrição de um cotidiano infantil modelar, cujas virtudes e defeitos deveriam ser incorporados e evitados respectivamente. Somente a partir da década de 20, conforme a autora, é que se criam mundos pautados pela imaginação do autor, onde tempo e espaço reais são rompidos cedendo lugar à fantasia; como exemplo deste novo tipo de representação do gênero é citada *A Menina do Narizinho Arrebitado*, conforme a autora, “de 1921” (sic). Maria Cristina Gouvêa diz que a novidade de *A Menina do Narizinho Arrebitado* estava, sobretudo, nos novos referenciais e na linguagem fundada no recurso ao fantástico e à imaginação, características que rompem com os cânones que banalizavam o texto literário anterior. O erro de correlação entre título e ano cometido por Maria Cristina Gouvêa é repetido por Adriana Vieira¹²¹, cujo trabalho se baseia nas correspondências enviadas por Monteiro Lobato a Godofredo Rangel. São as cartas nas quais Lobato apresenta suas idéias sobre a produção de uma nova literatura infantil. Conforme a autora, “em 1921, publica *A Menina do Narizinho Arrebitado*” (sic) e reforça sua crítica às traduções de obras infantis disponíveis no Brasil. Por sua vez, o trabalho de Cilza Carla Bignoto¹²² compara duas personagens infantis de Lobato: Negrinha e Narizinho. Ao comentar *Narizinho*, a autora o denomina de “marco do início da série de aventuras dos habitantes do sítio” e chama a atenção para o subtítulo do livro: *segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*, ressaltando que o escritor ainda visava aos escolares, porém, encontrou espaço não só para um projeto pedagógico, mas também político, econômico e literário.

¹²⁰ GOUVÊA, M. C. S., A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim, In: *Lendo e escrevendo Lobato*, 1999, p. 13-29.

¹²¹ VIEIRA, A. S., O livro e a leitura nos textos de Lobato, op. cit., p. 45-64.

¹²² BIGNOTO, C. C., Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato, op. cit., p. 101-114.

Em 2000, Marisa Lajolo¹²³ publica *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, e nele lembra que entre a “fundação e a falência” de sua editora, Monteiro Lobato e Cia, Lobato começa a desenvolver sua melhor invenção que é o Sítio do Picapau Amarelo, o qual aparece pela primeira vez em *Narizinho Arrebitado*, em 1921, cujos primeiros trechos foram publicados na *Revista do Brasil*.

Ainda sobre *Narizinho Arrebitado*, o livro informa também que Monteiro Lobato distribuiu “milhares de exemplares” às escolas públicas paulistas. O governador, ao visitar as escolas, sensibilizou-se ao ver exemplares tão surrados pelo uso e comprou outros 30.000. Pelo que consta nos dados encontrados sobre a quantia de exemplares distribuídos por Lobato às escolas atinge um total de 500 exemplares, e não milhares, como se refere Lajolo.

Em 2001, Eliane Debus¹²⁴, em sua tese de doutorado, cujo objetivo foi investigar a influência que Lobato exerceu na formação de leitores que viveram sua infância nas décadas de 20, 30, 40, também comenta *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Eliane Debus observa que, até a publicação dessa obra, cujos fragmentos saíram na *Revista do Brasil*, em 1920, o gênero “era confundido e tratado como literatura escolar, intimamente ligada à pedagogia”, ou seja, sua introdução se dava na escola. Mas disto, conforme a autora, nem mesmo Lobato conseguiu escapar: “*Narizinho Arrebitado* que daria a independência do gênero, também fez concessões”.

A autora destaca ainda a prestigiada imagem do Lobato editor, tão discutida e valorizada a partir da década de 90, bem como ressalta a preocupação de Lobato em divulgar e vender os livros. Alude também que para atingir o recorde de 50.500 exemplares vendidos de *Narizinho Arrebitado*, Lobato anunciou o livro no

¹²³ LAJOLO, M., Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida, 2000.

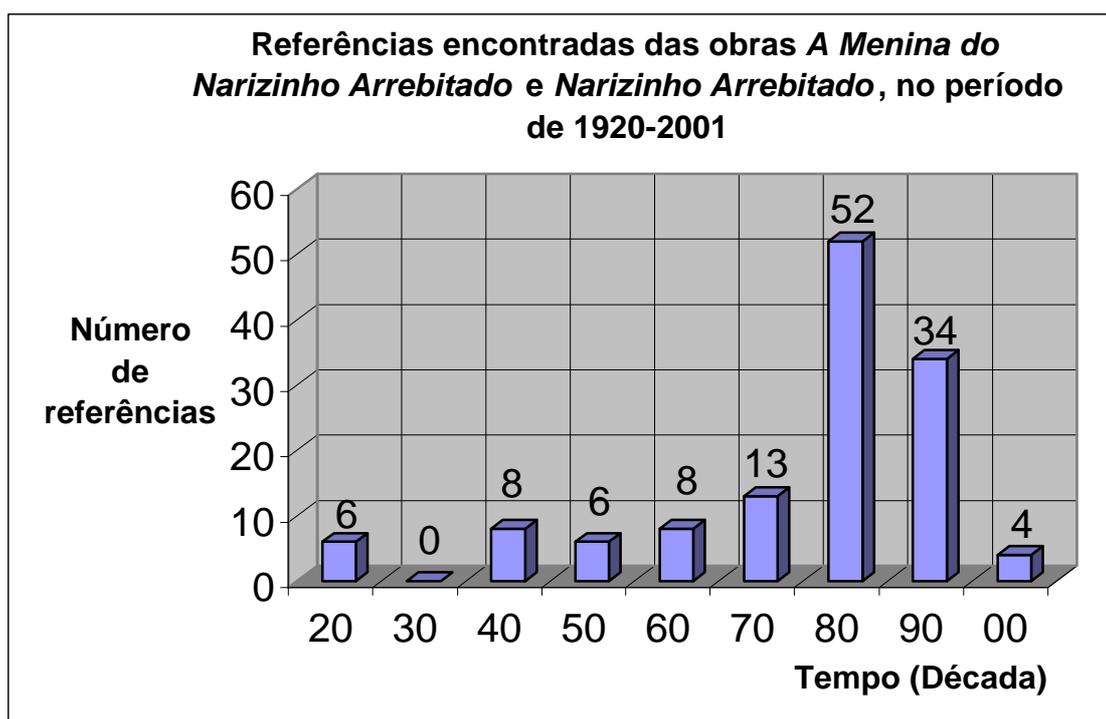
jornal e distribuiu gratuitamente 500 exemplares às escolas. No tocante às ilustrações de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, a autora observa que, antes de publicar esse livro, o escritor criticava todos os demais que continham muitas figuras; mas nesse, além de trazer ilustração, informa que é um “*livro de figuras* por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino”.

A autora também afirma acreditar que a fronteira entre a realidade e fantasia foi uma incógnita perseguida por Lobato, pois na primeira versão de *Narizinho Arrebitado* a aventura da menina não passa de um sonho, já em 1931, ao ouvir a voz de D. Benta, as personagens “somem por encanto e ela (Narizinho), envolvida numa ventania, retorna ao sítio”.

Pelo que podemos verificar até aqui, por meio dos textos encontrados, a causa do grande interesse que as obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* despertam ainda hoje se deve ao fato de ter sido as primeiras publicações infantis do escritor e o início do que viria a ser a gênese da literatura infantil brasileira. A modernidade e a inovação de Lobato já estão registradas, como se pôde ver, nos primeiros estudos críticos analisados.

¹²⁴ DEBUS, E. S. D., O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação do leitor, 2001.

Os momentos de interesse da crítica nos textos *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* aparecem com maior ou menor intensidade desde 1920, com a primeira publicação, até 2001. Esses momentos podem ser bem visualizados com a ajuda do gráfico abaixo:



Como pode ser observado, as décadas que apresentam maior interesse da crítica literária pelas obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* são 80 e 90 e a década de menor interesse se mostra nos anos 30, mais especificamente entre 1923 e 1939, visto que neste período não se encontra nenhuma referência sobre as obras. No início da década de 20, quando da publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e posteriormente de *Narizinho Arrebitado*, aparecem os textos que realmente avaliam a obra, e expõem o parecer, a análise dos textos.

Na década de 30, embora tenham surgido artigos relevantes por versarem sobre a estilística da obra infantil lobatiana como os artigos de Jorge Amado, Manuel Bandeira, Viriato Corrêa, verifica-se uma lacuna, um período inepto no que diz respeito às referências sobre os dois primeiros livros; fato que pode ser explicado pelo grande número de publicações de novas histórias infantis escritas por Lobato.

Já na década seguinte, constata-se um notável número de publicações de estudos sobre o escritor e sua obra, sobretudo pelo fato de seu desaparecimento em 4 de julho de 1948. Além desse episódio que avulta os estudos sobre a figura do escritor e a importância de suas obras infantis, citando as duas primeiras obras que constituem a gênese de sua invenção maior que é o Sítio do picapau amarelo, outro grande impulso foi dado à crítica, a polêmica levantada por alguns padres e uma parte dos críticos conservadores sobre a subversão trazida pela obra lobatiana e o mal que causaria na mente das crianças; a polêmica ficou ainda mais acirrada quando foi publicado o livro *Literatura infantil ou Comunismo para crianças*, do padre Sales Brasil, em 1955.

Há que se lembrar também que adaptações da obra infantil lobatiana foram feitas nos anos 40; uma, em 1945, feita por Marina de Andrada Procópio de Carvalho que realiza a radiodifusão da obra, pela Rádio Globo do Rio de Janeiro; e a outra, em 1947, de Adroaldo Ribeiro da Costa que realiza a opereta *Narizinho Arrebitado*, para a qual Lobato escreveria um novo libreto, sua última criação infantil.

A partir da década de 60, as referências feitas pela crítica às duas primeiras obras infantis aumentaram consideravelmente, impulsionadas que foram pelas novas tendências vigentes nos estudos de Literatura, dentre elas a biografia. Depois de 1954, quando Jorge Rizzini publica a primeira biografia sobre Monteiro

Lobato, se intensifica esse tipo de estudo biográfico sobre o escritor.

Desde então, Lobato é destacado como o criador da literatura infantil e se evidenciam a importância e inovação de sua literatura infantil. Nas décadas de 60 e 70, algumas peculiaridades sobre a origem da literatura infantil de Lobato são bastante exploradas, como a inspiração que Toledo Malta concedeu a Monteiro Lobato, contando-lhe a história do peixinho que morreu afogado, a quantidade de exemplares vendidos da primeira edição de *Narizinho Arrebitado*, a principal estratégia de divulgação usada pelo escritor de distribuir às escolas públicas 500 exemplares.

A década de 80, em que se comemorou o centenário de nascimento do escritor, consagrou Lobato como escritor original e insubstituível, tornando-se assim objeto de estudo de várias dissertações de Mestrado, de livros, de artigos publicados em periódicos e revistas, e lhe rendeu muitas homenagens.

Na década de 90, o tema explorado foi o Lobato editor, sob esse viés o que mais se destacou de *Narizinho Arrebitado* foi a vendagem da primeira edição da obra e as estratégias usadas para atingir tal objetivo.

Enfim, o que se pode concluir da leitura dos textos encontrados sobre as obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, entre o período rastreado, 1920 a 2001, é que, em sua maioria, ratificam os juízos presentes nos primeiros estudos críticos feitos na década de 20 e perpetuam a confusão legada, sobretudo pela década de 40 - período no qual se volta a referenciar tais obras -, muito embora vários estudiosos da década de 90 tenham tido o cuidado de sanar esses equívocos, sobretudo no que diz respeito ao ano de publicação, número de exemplares vendidos, títulos das duas primeiras obras infantis, *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* e até mesmo de *Reinações de Narizinho*.

1.8 *A Menina do Narizinho Arrebitado e Narizinho Arrebitado na Internet*

Ao pesquisar as diferentes formas de recepção crítica das duas primeiras obras infantis de Monteiro Lobato, foi necessário recorrer também à Internet como fonte de estudo.

Foram encontrados vários *sites* que fazem referência a Monteiro Lobato, sobretudo com *links* biográficos. Há também resumos e fragmentos de livros, tanto da literatura adulta como infantil.

Alguns *sites* são dedicados às personagens infantis e apresentam cenários, sons e basta um simples clique no *mouse* sobre a figura que o internauta é transportado às características do personagem escolhido. Existem ainda *sites* que disponibilizam as obras de Monteiro Lobato para serem impressas em sua íntegra.

Embora o nome de Monteiro Lobato apareça em muitos *sites*, não foi encontrado nenhum *site* exclusivo das obras infantis. As obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* quando encontradas são citadas apenas como referências do início da produção infantil lobatiana. As informações trazidas pelos *sites* são de alguns velhos dados, como o número de exemplares vendidos, o ano de publicação das obras, número de página que o livro contém. Em sua maioria apresentam dados corretos, aliás grande parte é cópia de livros conhecidos sobre Monteiro Lobato ou mesmo de outros *sites*.

O fato de Monteiro Lobato estar presente em muitos *sites* demonstra o interesse que ainda hoje desperta nos leitores modernos; todavia, a crítica de suas

obras nesse meio de comunicação não pode ser considerada representativa, pois apenas repete velhos clichês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao levantarmos a fortuna crítica das duas primeiras obras infantis de Monteiro Lobato, quisemos reconstituir a recepção que obtiveram da crítica, observando os estudos que contribuíram, esclarecendo ou apontando novos dados, e os que apenas repetiram informações. Algumas constatações e/ou conclusões já foram explicitadas ao longo do trabalho, mas pretendemos retomar algumas aqui.

Denominados de “Livrinho-revolução”, “belíssima obra de arte”, livro “delicioso”, que tem “graça, invenção, e pitoresco”, de livros que conservam “às crianças sua infância, sem forçar a natureza, sem provocar o amadurecimento artificial desse fruto delicadíssimo que é a alma infantil”, as obras *A menina do narizinho arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, quando publicadas, foram recebidas com êxito pela crítica, houve uma unanimidade em enaltecê-las. Todavia, alguns aspectos das obras causaram polêmicas, como a linguagem considerada ora inovadora, simples e clara, ora vulgar e grosseira; o lado pedagógico também foi ora exacerbado, ora considerado “incompleto e parcial”.

Como foi possível observar por meio do material coligido, no decorrer das décadas de 20, 30 e 40, a recepção crítica da produção literária infantil de Monteiro Lobato se deu em jornais e revistas; isto se deve ao fato de os periódicos ser um dos poucos meios para a divulgação dos textos nesta época; outrossim, os trabalhos acadêmicos e teóricos sobre a literatura infantil eram ainda muito raros. Os artigos críticos publicados durante esse período são os que de fato analisam as obras, seu

estilo, sua linguagem, elementos como a imaginação e o prazer que as obras suscitam, são esses os artigos que comentam o tema, destacam a ilustração e as demais inovações que alcançou Monteiro Lobato.

Quando livros de crítica começam a ser publicados, anos após o falecimento do escritor, a vida e o conjunto de obras de Lobato são enaltecidos, surgem várias biografias que organizam e compilam fatos vividos pelo admirável cidadão Monteiro Lobato, sempre presente na vida política, intelectual e social do país. Essas biografias exaltam também a obra infantil lobatiana, numa época em que esse gênero ainda não tinha o seu valor reconhecido.

Entretanto, despontam, ainda na década de 50, as opiniões que, influenciadas pela polêmica causada pela igreja, depreciam tudo relativo a Monteiro Lobato. Evidentemente, a polêmica levantada por autoridades clericais, como alguns padres que se manifestaram contrários às obras lobatianas, gerou debates em jornais; por meio deles, alguns críticos favoráveis a Lobato tentaram combater os articulistas adversários. Ainda assim, em meio a censura que sofreram os livros de Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado* escaparam do rol das obras consideradas permissivas, os dois livros foram “salvos” por alguns críticos que os denominaram de “adocicados”.

Os livros que tratam da obra infantil lobatiana geralmente coroam o escritor de “pai da literatura infantil”, “o criador de Narizinho”, e, na maioria das vezes, é a partir daí que se recordam das publicações de *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, ao lado das peculiaridades que marcaram seu surgimento, como a inspiração advinda do amigo Toledo Malta, as estratégias de venda, o número, exorbitante para a época, de exemplares vendidos em uma única

edição, entre outras.

Ora, o trabalho tentou mostrar que muitas dessas informações, encontradas em grande parte das publicações sobre Monteiro Lobato e o conjunto de sua obra infantil, aparecem de forma errônea, uma vez que seus autores parecem despreocupados em referenciar tais dados equivocados. Isso ocorre sobretudo na década de 80, período em que aparece a maior quantidade de referências, pois além de repetir lugares-comuns, o fazem sem o devido cuidado e assim se equivocam. Os anos seguintes parecem tentar sanar esse percalço, visto que os autores, ao relacionar as características com os livros, revelam maior cuidado para não errar.

Essa constatação revela o quanto a crítica pode ter se equivocado também em outras obras de Monteiro Lobato. Muitos aspectos da obra lobatiana ainda estão por ser estudados. A sensação de que a obra e a vida de Monteiro Lobato são fontes inesgotáveis de estudo prevalece. Isso é sinal que o fazer literário de Monteiro Lobato está à espera de outros pesquisadores.

BIBLIOGRAFIA SOBRE MONTEIRO LOBATO

Artigos de periódicos

[s.i.a]. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 dez. 1920.

Coisas da Cidade - Um livro para crianças. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 jan. 1921, Estadinho.

Opereta de Narizinho Arrebitado. *Revista Fan Magazine*, São Paulo, 1948.

Morreu Monteiro Lobato. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 06 jul de 1948.

Monteiro Lobato vivo. Durante 15 minutos. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 04 jul. 1948.

Dúvidas e indefinições da literatura infantil nacional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 24, 25 jun. 1978.

Monteiro Lobato, o filho que Taubaté não esquece. *Valeparaibano*, Vale do Paraíba, 05 dez. 1979.

São Paulo homenageia o escritor Monteiro Lobato. *Folha da Tarde*, São Paulo, 18 abr. 1980.

Intelectuais brasileiros repudiam a crítica aos livros de Lobato. São Paulo, 30 ago. 1957.

Por favor, não privem as crianças dos belos livros de Lobato!, *Folha da Tarde*, São Paulo, 04 set. 1957, p.19.

ABBADE, J.A Peixe. Monteiro Lobato e a literatura infantil. *Diário de Notícias*, 04 set. 1952.

ABRAMO, Cláudio. No ventre da história. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1982.

_____. Nós e os outros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1984.

- _____. Mowgly, Tarzan e Kaspar Hauser. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 out. 1983.
- ALVES, Januária Cristina. Literatura infanto-juvenil - A história da Estória. *D. O. Leitura*, São Paulo, nº 152, p. 03, 1996
- ANDRADE, Antônio Carlos de Angelo. Monteiro Lobato uma breve biografia. *Vale Industrial do Paraíba*, Taubaté, 18 abr.1998.
- AMADO, Jorge. Livros infantis. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, 1935.
- AMORA, Antonio Soares. Em terras das diabruras. *O Estado de São Paulo*, 01 mar.1958, p. 04, Suplemento Literário.
- ASSIS, Denise. Dona Benta na Justiça. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 2001.
- ATHAYDE, Tristão de. Um homem livre. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 ago. 1948.
- BANDEIRA, Manuel. Impressões literárias. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1933.
- BARBOSA, Alaor. 1922-1992: Monteiro Lobato e os Modernistas. *D.O. Leitura*, São Paulo, 11(122), jul. 1992.
- _____. O sítio do pica-pau amarelo. *D.O Leitura*, São Paulo, 12(134), jul.1993.
- BELMONTE. Lobato. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 abr. 1946.
- BERTOZZO, Sandra Maria Giovanetti. De Lobatos a Lobato. *Proleitura*, ano 05, nº 18, fev. 1998.
- BEZERRA, João Climaco. Vida e obra de Monteiro Lobato. *Revista Brasiliense*, São Paulo, n. 10, p. 1-18, 1957.
- BOSI, Alfredo. Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, nº 1/2, jan/jun, 1982, p. 19-33, 1982.
- BRASIL, Pe. Sales. A literatura infantil de Monteiro Lobato. *A Tarde*, Salvador, 14 set. 1957.
- CALLADO, Antonio. Este é um país hostil a editores e hortênsias. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 20 out. 1996, p. 5-10.
- CANDIDO, Antonio. Monteiro Lobato (notas de crítica literária). *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 dez. 1944.

CARR, Stella. O mágico das sobrelhas em til. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 37, n° esp., p. 21-23, jul./dez 1976.

CAVALHEIRO, Edgard. No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11 jan. 1942.

_____. Monteiro Lobato e as Crianças - I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 mai. 1943.

_____. Monteiro Lobato e as Crianças - II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 mai. 1943.

_____. Há vinte e cinco anos...*Boletim Bibliográfico Biblioteca Pública Municipal*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 97-105, out./dez. 1943.

_____. As crianças escrevem para Monteiro Lobato. *Panorama: arte e literatura*, Minas Gerais, ano I, n.7, abril/maio, 1948.

_____. Influência de Monteiro Lobato. *Ciências e Trópicos*, Recife, 9 (2): 315-320, jul./dez, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. Monteiro Lobato e a ficção para crianças. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, n° 1/2, p. 129-137, jan./jun,1982.

_____. Um dos dínamos da cultura brasileira na primeira metade do século. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, jan./dez., 1998, p. 139-146

CORREA, Viriato. O bandeirante do livro. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 02 set. 1932.

_____. Monteiro Lobato. *A noite*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1948.

COSTA, Francisco. Reinações de Lobato. *Cult - Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Livraria Cultura, n° 12, p. 36-38, jul. 1998.

DANTAS, Paulo. Lembranças próximas e afetos quentes do mestre e amigo Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v.37, n.esp., p. 49-55, jul./dez. 1976.

FEITOSA, Mirna. O narizinho que se meteu na literatura. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 set. 1997.

FERRAZ, Breno. Narizinho Arrebitado. *Revista do Brasil*, São Paulo, 05 jan. 1921, p.157.

FILHO, Camões. Acende-se hoje a chama simbólica da Semana Monteiro Lobato.

Vale Paraibano, 19 abr. 1981.

GAMA E MELLO, Virginius da. De Lobato a Cassiano. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 dez. 1971, Suplemento Literário.

GÓES, Maria Lúcia Pimentel de Sampaio. Lobato, marco zero. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, jan./dez. 1998, p. 153-160.

HECKER Fº, Paulo. O problema da literatura infantil. *O Estado de São Paulo*, ano XVII, nº 798, 12 nov. 1972, Suplemento Literário.

JOSEF, Bella. Monteiro Lobato revisitado. *Suplemento de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano XV, nº 821, 26 jun.1982, p. 5.

KAIROVSKY, Lúcia. A consciência do mundo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, nº 798, 12 nov. 1972, Suplemento Literário.

LACERDA, Virgínia Cortes de. Monteiro Lobato e a literatura infantil. *Leitores e livros*. Rio de Janeiro 2(05): p.30-43, jul. a set., 1951.

LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*, nº 49, set 1982, PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 15-22

LESSA, Orígenes. Lobato. *Jornal da Manhã*, São Paulo, 13 jan. 1939.

LIMA, Herman. O Jubileu de Urupês. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 18 set. 1943.

LOPES, Maria da Glória. A volta da *Menina do Narizinho Arrebitado*. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 ago. 1982.

LOROTOFF. Lobato e duas literaturas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1947.

_____. O Lobato infantil. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 16 jul. 1948.

LUCAS, Fábio. O mundo das cartas. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori. O Brasil levado a sério. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.15, n.3, 1982.

_____. Nem isto nem aquilo: literatura irrestrita. *Leia*, São Paulo: Cia editora Joruês, ano X, nº 113, p. 57, mar. 1988.

MANSUR, Gilberto. Entenda Monteiro Lobato: ele e a nossa literatura infantil. *Jornalivro*, São Paulo, n. 3, p. 21-26, 1972.

_____. Um sonho de verdade. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 abr. 1982.

_____. Arte de dizer às crianças a verdade inteira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2(97): p.8-10, 18 abr. 1982, Suplemento Cultural

MARTINS, Ibiapara. Lobato, um cético que acreditou no Brasil. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v.37, nº esp., jul./dez de 1976, p. 29-30.

MARTINS, Gilberto. O sítio do pica-pau. *Vale do Paraíba*, São José dos Campos, 20 abr.1982.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Aspectos da literatura infantil de Monteiro Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 42, nº 1, p. 81-93, jan./mar 1981.

MENEZES, Djacir. Lobato e as crianças. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1956.

MOTA, Carlos Guilherme. Um militante do livro. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 dez. 1997, p. 5-6.

MOTTA FILHO, Cândido. Monteiro Lobato. *Diário de São Paulo*, 06 jul. 1948.

Narizinho, Opereta em quatro atos. Salvador: Teatro do Instituto Normal da Bahia. Original de Adroaldo Ribeiro da Costa. Música Agenor Gomes, 1947.

NOGUEIRA, J.A. Literatura infantil – reabilitemos a imaginação. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 set. 1922.

_____. Literatura infantil – Narizinho Arrebitado, por Monteiro Lobato. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 out. 1922.

NUNES, Adalberto de Paula. Por que Monteiro Lobato não é educador?. *A Folha*, Jundiaí, 27 ago. 1951.

NUNES, Cassiano. A correspondência de Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982.

NUNES, Flávio Bellegarde. Estilo de Lobato. *A voz do Vale*, Vale do Paraíba, 17 mar. 1984.

PACHECO, Renato. Emília: personagem de Monteiro Lobato. *Revista Brasiliense*. São Paulo, nº 10, p. 159-174, 1957.

PATI, Francisco. Literatura para crianças. *Correio Paulistano*, São Paulo, 06 jul. 1948.

_____. O escritor e a criança. *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 jul. 1948.

_____. Rótulo estrangeiro. *Correio Paulistano*, São Paulo, 21 jul. 1948.

PEIXOTO, Silveira. Vida, Paixão e Morte de Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, nº 1/2, p. 49-65, jan./jun 1982.

PELEIAS, Débora. A historinha vira assunto sério. *Leia*, São Paulo: Cia Editora Joruês, ano X, nº 114, ano X, p. 65, abr. 1988.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Um cidadão incômodo. *Istoé*, São Paulo, 21 abr. 1982, p. 46-48.

PINTO, Edith Pimentel. A “gramatiquinha” de Monteiro Lobato. *D.O Leitura*, São Paulo, v.8, n.88, p. 2-3, set. 1989.

PINTO, Ziraldo Alves. Meu amigo mais antigo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 set. 1997, p. 5-6.

RABELO, Sylvio. Lobato do panfleto e da caricatura. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 21 mai. 1944.

REGO, José Lins. Lobato. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 jul. 1948.

_____. Lobato e os meninos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 07 jul. 1948.

RIBEIRO, Leo Gilson. Lobato, brasileiro roxo. *Caros amigos*, dez. 1997.

RIBEIRO, Rui. Monteiro Lobato, inovador como literato e como editor. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1982.

RUIZ, Silvia. Biblioteca Básica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 out. 1998.

SANDRONI, Laura. A função transgressora de Emília no universo do Picapau Amarelo. *Letras de Hoje*, nº 49, set de 1982, PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 87-95.

SANT'ANNA, Rizio Bruno. Monteiro Lobato: Bibliografia Comentada. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, jan./dez. 1998, p. 163-189.

SÃO PAULO. Ano do Centenário de Nascimento de Monteiro Lobato. *Biblioteca infanto-juvenil Monteiro Lobato*, São Paulo, nov/1981- abril/1982.

SCHMIDT, Afonso. Monteiro Lobato. *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo, set. 1948.

SILVA, Adriana Vera; JOVER, Ana; GUIMARÃES, Camila. A viagem da leitura.

Nova Escola, mai. 1998.

SILVA, Eliana Floriano da (Org). Bibliografia de e sobre Monteiro Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v.37, n.esp., p. 103-253, jul./dez. 1976.

SILVA, Maria Betty Coelho. O carisma de Monteiro Lobato. *Diário Oficial do Estado*, Salvador, nº 12102 e 12103, 17 e 18 de abr. 1982.

SOBRE Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: PUC/Divisão de Intercâmbio e Edições, 1982. (Cadernos da PUC/RJ, 35)

SODRÉ, Nelson Werneck. Lobato e as crianças. *Leitura*, nov. 1944.

TAUBATÉ. Recordando Monteiro Lobato. *Boletim Histórico Cultural*. Taubaté: Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico, ano I, nº 08, abril/1996.

TRAVASSOS, Nelson Palma. O livro no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 ago. 1943.

VARELA, Dallor. Um tesouro oculto em Monteiro Lobato. *Vale Paraibano*. São José dos Campos, 19 abr.1984.

VILLA, Marco Antonio. Um combatente entre nós. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1998.

YUNES, Eliana. A maioria da literatura infantil brasileira. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 63, out-dez., 1980.

Livros

AGUIAR, Vera Teixeira. Monteiro Lobato na escola. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983.

ALMEIDA, Renato. A literatura Infantil. In: COUTINHO, Afrânio (Org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968. v. 6, p.200-222.

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Brasília: INL, 1982.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

- ATHANÁZIO, Enéas. *Meu amigo Hélio Bruma*. São Paulo: Editora do Escritor, 1987.
- _____. *Três Dimensões de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1975.
- ATHAYDE, Tristão. Monteiro Lobato – I. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.
- BARBOSA, Alaor. *Monteiro Lobato das crianças*. Goiânia: Oriente, 1975.
- _____. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Monteiro Lobato e o direito de sonhar. In: LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Ed.fac-sim. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 45-57.
- BELINKY, Tatiana. Sem fronteira entre realidade e fantasia. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- BIGNOTO, Cilza Carla. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 101-114.
- BRASIL, Sales, Padre. *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças*. Bahia [Salvador]: Aguiar Souza/Livraria Progresso, 1957
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CAPARELLI, Sérgio. Televisão, programas infantis e a criança. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compêndio de Literatura Infantil – para o 3º ano normal*. São Paulo: IBEP/ Cia Editora Nacional, 1959.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955.
- _____. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- _____. Monteiro Lobato entre a cruz e a espada: defesa do seu amigo e biógrafo. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.
- CESAR, Guilhermino. Monteiro Lobato e o modernismo brasileiro. In: ZILBERMAN,

Regina. (Org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983.

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages: Monteiro lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

_____. *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1981.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: (1882-1982)*. São Paulo: Quíron, 1983.

CONTE, Alberto. *Monteiro Lobato: o homem e a obra*. São Paulo: Brasiliense, 1948.

DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato: depoimentos*. São Paulo: Traço, 1982.

_____. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

D'ÁVILA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil (de acordo com os programas das escolas normais)*. São Paulo: Editora do Brasil, 1961.

DÍDIMO, Horácio. *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza: EUFC, 1996.

DONATO, Mário. O meu Lobato. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

FRIAS FILHO, Otávio & CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifos, 1999.

FRACCAROLI, Lenyra C. Lobato e a biblioteca infantil. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

Fundação Getúlio Vargas/CPDOC. Monteiro Lobato [verbete]. In: _____. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984, v. 3, p. 1904-1906.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 13-29.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985

HOHLFELDT, Antonio. Comparando Lobato com Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 106-110.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Queros, 1982.

KUPSTAS, Márcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1987.

_____, _____. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1988.

_____, _____. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1966.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

LOPES, Eliane Maria Teixeira et alii. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUCAS, Fábio. *Do Barroco ao Modernismo*. São Paulo: Ática, 1989.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.

MARTINS, Justino. Um Mundo sem Roupa Suja. In: *Obras Completas de Monteiro Lobato*, v. 9 – Prefácios e Entrevistas, 14 ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1972, p.146

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1978. v. 6 e 7.

MELQUIOR, José Guilherme. O publicista Lobato. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

MELLONI, Rosa Maria. *Monteiro Lobato: a saga imaginária de uma vida*. São Paulo: Plêiade, 1998.

MERZ, Hilda Junqueira Villela. *Lobateana: idéias, pensamentos e fotos de Monteiro Lobato*. Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, Prefeitura do Município de São Paulo, 1985.

_____. *Lobatiana: Monteiro Lobato – meio ambiente*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____ et alii. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Monteiro Lobato. In: *Grandes personagens da nossa história*. São Paulo: Abril Cultural, 1970, p. 941-956.

MONTELLO, Josué. *O conto brasileiro: de Machado de Assis a Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

MURALHA, Sidônio. *Um personagem chamado Pedrinho: a vida de Monteiro Lobato para os alunos lerem e os professores também*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

NUNES, Cassiano. *Breves estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1969.

_____. *Correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: Copidart, 1982.

_____. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1984.

_____. *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil*. São Paulo: s.n., 1986.

_____. *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.

_____. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

PALLOTTINI, Renata. Eu lia um livro... In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato* São Paulo: Traço, 1982.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/ Dunya, 1997.

PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário Universal de Literatura (Bio-bibliográfico e cronológico)*. Porto: Livraria Latina Editora 2, Santa Catarina, 10, p. 745-746.

PEREIRA, Astrogildo. Uma biografia de Monteiro Lobato. In: _____. *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. A herança de Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983, p. 111-116.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf/SMC, 1984.

RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional. Monteiro Lobato: 1882-1948; catálogo da exposição organizada pela Seção de Promoções Culturais; apresentação de Célia Ribeiro Zaher; prefácio de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro, 1982.

RIZZINI, Jorge. *Vida de Monteiro*. São Paulo: Piratininga, 1954

ROCHA, Ruth. Era uma Vez. In: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato*. (Literatura Comentada) São Paulo: Abril Educação, 1981.

SALVADOR. Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. *Monteiro Lobato: o pai de Emília*. Salvador: BIML, 1960.

SANDRONI, Laura Constância. O nacionalismo na literatura no início do século XX. In: KHÉDE, Sônia Salomão (org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

_____. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angela (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens - algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998, p. 11-26.

SANDRONI, Luciana. *Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. Ilust. Laerte. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

_____. *O Sítio no descobrimento: a turma do Picapau Amarelo na expedição de Pedro Álvares Cabral*. Ilust. Roberto Fukue. São Paulo: Globo, 2000.

SILVA, João Carlos Marinho. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Obelisco, 1978.

_____. Conversando de Lobato. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 181-193.

SILVA, Júlio César da. *Monteiro Lobato: Panorama da obra e análise semiológica dos contos*. Prefeitura Municipal de Taubaté: Editora Cronos, 1980.

SILVA, Maria Leonor Alvarez. *Monografia sobre Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

SOBRE Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: PUC/Divisão de Intercâmbio e Edições, 1982.

TAUBATÉ. *Monteiro Lobato é símbolo*. Taubaté: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1968.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974.

VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: Inovações e repercussões*. Lisboa: Portugal Mundo Editora, 1994.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

VIEIRA, Ângela de Faria. *Monteiro Lobato na Televisão: Comunicação, Arte e Educação*, mai. 1998.

VIEIRA, Adriana Silene. O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 45-64.

YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.

_____. Lobato e os modernistas. In: ZILBERMAN, Regina (Org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983, p. 50-54.

Dissertações e Teses

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: ECA/USP, 1980. (Dissertação de Mestrado)

BERTOZZO, Sandra Maria Giovanetti. *Reverendo Monteiro Lobato: vida e obra de Edgard Cavalheiro – uma leitura de Monteiro Lobato*. Assis: UNESP, 1996. (Dissertação de Mestrado).

CAGNETI, Sueli de Souza. *A inventividade e a transgressão nas obras de Lobato e Lygia: confronto*. Florianópolis: UFSC, 1988. (Dissertação de Mestrado).

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O saber impotente: estudo da noção de ciência na obra infantil de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO, Reginaldo Pinto de. *Estilística da indignação: a sátira nos contos de Monteiro Lobato*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. (Dissertação de Mestrado).

DEBUS, Eliane Santana Dias. *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação do leitor*. Florianópolis: UFSC, 2001. (Tese de Doutorado)

MACHADO, Maria Cristina Gomes. *Reinações de um escritor: Monteiro Lobato*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1993. (Dissertação de Mestrado)

MARTINS, Nilce Sant'Ana. *Língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*. São Paulo: FFLCH/USP, 1972. (Tese de Doutorado)

PALLOTA, Miriam Giberti Póttaro. *Criando através da atualização: fábulas de Monteiro Lobato*. Bauru: UNESP, 1996. (Dissertação de Mestrado)

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Processos expressivos na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: PUC, 1980. (Dissertação de Mestrado).

WERKMEISTER, Diana Maria Noronha. *A formação do leitor de literatura: histórias de leitores*. Porto Alegre: PUC, 1993. (Tese de Doutorado)

BIBLIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO

A Menina do Narizinho Arrebitado: livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino. Ed. fac-sim. São Paulo: Metal Leve, 1982.

A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência de Monteiro Lobato com Godofredo Rangel. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1951, 2v.

Prefácios e entrevistas. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias; desenhos de Voltolino. 1 ed. São Paulo: Monteiro Lobato, 1921.

Cartas escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1964.

Conferências, artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1972.

Críticas e outras notas. São Paulo: Brasiliense, 1965.

Reinações de Narizinho. São Paulo: Brasiliense, 1968.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ABRAMOVICH, Fani. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 2 ed. ver. e aumentada. Rio de Janeiro: Ministério Educação e Cultura, 1955.

GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1991.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1978.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção de 1870-1920*. RJ: Olympio, 1973.

MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 2.ed. São Paulo: Martins, 1981. 3 v.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Editora, 1981.

_____. (Org.) *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

**APÊNDICE A : OS OLHARES DA CRITICA SOBRE A *MENINA DO
NARIZINHO ARREBITADO E NARIZINHO ARREBITADO***
(1920-2001)

MEIO IMPRESSO (Livros, Enciclopédias, Periódicos, Dicionários, Teses)

1920

1) [s.i.a] *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 dez.

O artigo prevê que *A Menina do Narizinho Arrebitado* faria sucesso entre as crianças, pois, além de bem ilustrado por Voltolino, supera os estrangeiros, visto que estes, às vezes, chegavam a ser incompreensíveis às crianças, devidos às traduções mal feitas. Outra característica ressaltada é a linguagem usada por Lobato neste conto: muito clara e por isso muito acessível às crianças. A narrativa, por sua vez, "sempre imaginosa, interessante, instrutiva, prende o espírito, absorve, encanta, delicia, levando-o insensivelmente, como que preso por invisíveis, mas poderosos fios para o mundo imaginário e encantador, onde os animais vivem e falam como nós". Conforme o artigo, tudo isso é escrito por Monteiro Lobato com muita singeleza e conhecimento psicológico da criança. Finalizando, o artigo aposta que o conto viria "prestar o inestimável benefício de divertir, de espairecer o espírito e de instruir".

1921

2) Coisas da Cidade - Um livro para crianças. *Estadinho*, São Paulo, 03 jan.

O artigo elogia a *Revista do Brasil* por acabar de publicar um “delicioso livro para crianças: *A Menina do Narizinho Arrebitado*”. Ressalta que a literatura infantil no Brasil é “deplorável”, tem livros “insossos e desinteressantes”, que não conseguem prender a atenção de seu leitor, de forma que “se o leitorzinho não tem muita propensão para a leitura, acaba (...) dormindo quando não atira logo para longe o livro-massador”. Para encerrar, o autor resume a história e lembra que a ilustração do livro é de Voltolino e, somando a isto, tem-se a “simplicidade encantadora” de Monteiro Lobato, o que explica o sucesso do livro que até então já estava sendo bem vendido.

3) FERRAZ, Breno. *Narizinho Arrebitado*. *Revista do Brasil*, São Paulo, 05 jan., p.157.

O artigo faz reflexões acerca da situação educacional brasileira e uma relação da obra *Narizinho Arrebitado* com a educação. Segundo o autor, *Narizinho Arrebitado* caiu como uma “bomba” no ambiente escolar, acostumado com a “banalidade e a mediocridade” dos livros de leitura para as crianças. O “livrinho-revolução”, como o autor designa *Narizinho Arrebitado*, é para ele absolutamente original e totalmente em desacordo com a política educacional da época. Breno Ferraz critica a política educacional do momento, que, segundo ele, tinha como objetivo

desenvolver o lado lógico, científico, “educar pela inteligência”, formando assim “homens práticos” e deixando de escanteio a imaginação. E *Narizinho Arrebitado* tem seu valor porque faz exatamente o contrário do adotado pela escola, “faz o que não fazem as mais sábias lições morais e instrutivas: desenvolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para a cabal eclosão, fim natural da escola”.

4) *Revista do Brasil*, São Paulo, ano VI, jan/mar, p. 42-50.

A nota comenta que a literatura infantil tem sido com algumas exceções muito pobre e “cheia de artifício - fria, desengraçada, pretenciosa”. Conforme a nota, ler certos “livros de leitura” equivale a “vacina preventiva contra os livros futuros”; mas, felizmente começa a esboçar no âmbito literário “uma reação salutar, contra este tipo de literatura, puros homens de letras voltam-se para o gênero”, como Lobato, que publicou *A Menina do Narizinho Arrebitado*, obra que está sendo ampliada com novos episódios.

1922

5) NOGUEIRA, J.A. Literatura infantil – reabilitemos a imaginação. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 set.

O artigo defende a importância e a necessidade da imaginação para a formação do homem. Nogueira ressalta que *Narizinho Arrebitado* (1921) e *Fábulas* (1922), de Monteiro Lobato, e *Como se aprende a língua*, de Sampaio Dório, são livros que fazem parte de um movimento corajoso de reabilitação da imaginação e são

importantes porque conseguem instruir as crianças sem atormentá-las, reunindo com arte “o útil e o agradável”. Promete dar, em outros artigos, a impressão acerca de cada um desses trabalhos.

6) NOGUEIRA, J.A. Literatura infantil – Narizinho Arrebitado, por Monteiro Lobato. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 out.

Como o prometido no artigo anterior, “Literatura infantil”, J. A. Nogueira comenta *Narizinho Arrebitado*, afirmando de antemão ser uma “belíssima obra de arte, dessas que encantam a imaginação das crianças sem falsear-lhes o espírito”. Para o autor, Monteiro Lobato, com esse livro, reintegra a imaginação no ambiente escolar. *Narizinho Arrebitado*, para J. A. Nogueira, é uma história cuja simplicidade não exclui “o complexo, o vago e nebuloso”, próprios da imaginação infantil. Nogueira ainda chama a atenção do leitor para a moralidade da obra, posta de modo tão perspicaz que “se insinua sem ser sentido – única maneira de deixar vestígios indeléveis na alma das crianças”. O autor do artigo discorda da posição de um outro crítico que afirma que Monteiro Lobato desconsidera em *Narizinho Arrebitado* a parte educativa que devem ter as obras para crianças. Nogueira lembra que será difícil encontrar histórias infantis em que as lições morais sejam dosadas com mais “arte e sagacidade” que em *Narizinho Arrebitado*. Por fim, o autor elege *Narizinho Arrebitado* uma das melhores histórias maravilhosas assim como *Pele de Asno* e *A bela e a fera*.

1940

7) PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário Universal de Literatura (Bio-bibliográfico e cronológico)*. Porto: Livraria Latina Editora 2, Santa Catarina, 10, p. 745-746.

O verbete informa que Monteiro Lobato começou a escrever quando foi exercer no interior de São Paulo o cargo de promotor e teve contato com "gente humilde e políticos falhos de cultura", a partir daí escreveu *Urupês*. Sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado* informa que sua primeira edição foi de 50.000 exemplares, sendo que 30.000 foram vendidos às escolas públicas do estado de São Paulo.

1943

8) CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato e as Crianças - I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 mai.

O autor anuncia que os livros infantis de Monteiro Lobato seriam traduzidos para a língua espanhola e editado por uma editora argentina. Diz que isso se trata de uma grande iniciativa, pois abrange toda a obra do criador de *Narizinho Arrebitado*. Também confidencia ter recebido uma pasta de Monteiro Lobato com parte das cartas enviadas pelas crianças ao escritor.

9) CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato e as Crianças - II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 mai.

O autor continua a falar sobre as correspondências das crianças enviadas a Monteiro Lobato, que no momento estão em suas mãos. E ressalta que um dos depoimentos que referencia *Narizinho Arrebitado* diz: "tendo lido todos os livros de sua biblioteca de *Narizinho Arrebitado* e admirando todos os personagens, mas não tendo o prazer de conhecê-los, venho por meio desta pedir-lhe a fineza de convidá-los (...) para lanchar comigo".

1947

10) *Narizinho*, Opereta em quatro atos. Salvador: Teatro do Instituto Normal da Bahia. Original de Adroaldo Ribeiro da Costa. Música Agenor Gomes.

Adaptação do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*. No libreto da opereta, o conto é referido como o marco inicial da literatura infantil brasileira. Também diz que a história foi "mais tarde modificada e incluída no livro *Reinações de Narizinho*".

11) Opereta de Narizinho Arrebitado. *Revista Fan Magazine*, São Paulo.

Nota publicada na *Revista Fan Magazine* que comenta que a partitura de *Narizinho*, feita pelo Professor Adroaldo Costa, "agradou muito" e foi considerada pelos críticos musicais como "perfeitamente infantil". A nota ainda destaca que *Narizinho* foi o maior sucesso do Teatro Guarani, de Salvador.

1948

12) PATTI, Francisco. Literatura para crianças. *Correio Paulistano*, São Paulo, 06 jul.

O artigo defende a importância de Monteiro Lobato para a literatura infantil. O autor observa a dificuldade de inovação dos autores de literatura infantil depois das histórias criadas por Lobato e lastima, num desabafo confessional, não ter nascido depois de *Narizinho Arrebitado*, pois sua geração foi "nutrida à custa (...) de Chiquinho e Zé Macaco".

13) Morreu Monteiro Lobato. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 06 jul.

A notícia destacada é a do falecimento de Monteiro Lobato e o que o escritor foi e fez em vida. Dentre estes grandes feitos destacados, um dos mais ressaltados é o da criação da literatura infantil brasileira, com a história de *Narizinho Arrebitado*.

14) ATHAÍDE, Tristão. Um homem livre. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 ago.

O artigo defende que Monteiro Lobato é o escritor mais popular da literatura brasileira, pois não há quem não o tenha lido. Esta premissa baseia-se no experimentalismo do autor que ao comentar Monteiro Lobato com seus “discípulos”, observa a “satisfação e intimidade em todas as bocas e revela que todos (...) o leram”. Isto porque todos foram crianças a partir de 1921, ano em que Lobato revolucionou a literatura infantil com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Sobre esta obra ressalta o crítico que “se o modernismo, com sua revolução estética, data de 1922, pode-se dizer que Lobato por duas formas o precedeu – em 1918, com o realismo nativista dos *Urupês*, e em 1921, com *A Menina do Narizinho Arrebitado*”. Além de destacar a linguagem utilizada por Monteiro Lobato como popular e minimamente erudita, o autor ressalta a literatura infantil de Lobato ao compará-lo com os irmãos Grimm: “o mundo dos mitos infantis de sua lavra ficará tão fortemente marcado em nossas letras como a obra dos irmãos Grimm na literatura universal”.

1951

15) LACERDA, Virgínia Cortês de. *Monteiro Lobato e a literatura infantil – leitores e livros*. Rio de Janeiro 2(5): p. 30-43, jul a set.

O artigo assinala os defeitos da literatura infantil no Brasil que, geralmente feitas por professores, é impregnada de pedagogismo, moralismo e com o

intuito comercial. Até antes de Monteiro Lobato, aos livros para as crianças faltavam ilogismo, espontaneidade, o imprevisto. A autora transcreve alguns comentários sobre livros de Monteiro Lobato, cujo objetivo é que sirva de roteiro de orientação geral aos dirigentes de leituras para a infância. Dentre os livros citados está *Reinações de Narizinho*, o qual, segundo a autora, é constituído pelos onze primeiros trabalhos de Lobato que foram publicados em volumes separados, dos quais a autora destaca *Narizinho Arrebitado*, com o qual Monteiro Lobato lançou-se pela primeira vez na literatura infantil, em 1922. Sobre o livro, a autora observa a “singeleza no estilo e na concepção do enredo”. Também caracteriza o enredo como “típico sonho de menina à beira do riacho, onde aparecem animais do reino das águas – peixes, caramujos, etc., e a fatos alusivos as histórias tradicionais – Cinderela, etc.”. Inserido nos livro de primeira fase, juntamente com o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *O marquês de Rabicó*, *O casamento de Narizinho*, *Aventuras de Príncipe*, *Gato Félix*, *O irmão de Pinocchio*, *Circo de cavalinho*, *Pena de papagaio e Pó de Pirlimpimpim*, *Narizinho Arrebitado* é desprovido de pessimismo, característica fácil de ser encontrada nos outros livros, e das escritas das “entrelinhas”.

1953

16) *Narizinho Arrebitado* - órgão do curso primário anexo do Colégio Normal Monteiro Lobato. Redator: profº Sebastião M. Bonato, nº 29, ano 5, Taubaté, maio.

Nome do jornal estudantil do Colégio Normal Monteiro Lobato, que começou a ser publicado a partir de 1953.

1954

17) RIZZINI, Jorge. *Vida de Monteiro*. São Paulo: Piratininga.

O autor informa que esta é a primeira biografia feita sobre Monteiro Lobato. Para fazê-la, o autor se apropria do estilo narrativo e cria um diálogo entre Lobato e algumas crianças; desta forma, esclarece sua vida e suas obras. O capítulo intitulado *A volta à Terra da garoa* ressalta a publicação de *Urupês*, o Lobato editor e o criador da literatura infantil brasileira. Mesclando frases do próprio Lobato com adaptações e algumas informações trazidas pelo próprio autor, há o relato da história do peixe que morrera afogado, a princípio contada por Toledo Malta, durante uma partida de xadrez. O Lobato personagem conta que um mês depois de ouvir a história escrevia as aventuras que estão em *Reinações de Narizinho*. O livro também evidencia que, antes de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, as histórias que chegavam ao Brasil eram traduzidas em Portugal, numa linguagem que as crianças não entendiam. A respeito de *Narizinho Arrebitado* lembra que foram vendidos 50.500 exemplares e que as histórias chegaram aos Estados Unidos, Chile, Uruguai, Itália, Espanha, etc.

1955

18) CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Editora Companhia.

Nesta biografia de Monteiro Lobato, o autor, no capítulo “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, dedicado à literatura infantil lobatiana, conta que Lobato jogava xadrez com Toledo Malta, quando este lhe contou a história do peixinho que morrera afogado, por ter passado algum tempo fora d'água, desaprendera a nadar. Por conta desta história, o próprio Monteiro Lobato conta, num depoimento transcrito por Cavalheiro em seu livro, que escreveu a *História do Peixinho que Morreu Afogado*. O autor lembra que depois foi adaptando a história até chegar em *Narizinho Arrebitado*, mas para esta versão última o escritor pensara em dar o nome de *A menina do caroço no pescoço*, e chegou a divulgar fragmentos na *Revista do Brasil* com o título de *Lúcia, a Menina do Narizinho Arrebitado*. O autor também lembra que a primeira edição de *Narizinho Arrebitado* "cartonada, elegante, muito bem ilustrada por Voltolino" teve 50.500 exemplares que foi esgotada em "oito ou nove meses". Isto porque, explica o autor, Washington Luis era o presidente de São Paulo à época, e saindo para visitar as escolas do estado, junto com Alarico Silveira, notou que havia em cada escola um livro "muito sujinho e surrado". Então, conta Cavalheiro, o presidente pediu ao secretário Alarico que providenciasse a compra do livro. No dia seguinte, o secretário comprou de Monteiro Lobato 30.000 exemplares de *Narizinho Arrebitado*.

1956

PEREIRA, Astrojildo. Um Biografia de Monteiro Lobato. In: _____. *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 89-99.

O artigo relata a vida de Monteiro Lobato, seu pioneirismo, suas realizações. Afirma que críticos e educadores reconhecem o escritor como melhor autor brasileiro de livros e histórias infantis; e cita *Narizinho Arrebitado*, de 1921, como sua primeira obra do gênero. Ressalta sua edição inicial de 50.000 exemplares e observa, citando Edgard Cavalheiro, que “escrevendo *Os Doze Trabalhos de Hércules*, Monteiro Lobato conclui a saga infantil iniciada em 1921 com *Narizinho Arrebitado*”.

Encerra o artigo afirmando que acredita ter sido na “elaboração da literatura infantil que o gênio de Lobato pode realizar-se plenamente como escritor”.

1957

19) PACHECO, Renato. Emília: personagem de Monteiro Lobato. *Revista Brasiliense*, São Paulo, nº 10, p. 159-174.

O artigo comenta as obras infantis de Monteiro Lobato, dando mais destaque à análise da personagem Emília. O autor aponta que o livro que deu a Monteiro Lobato o título de "maior contador de histórias de todos os tempos (...), com estilo próprio de escrever, foi *Reinações de Narizinho*, escrito de 1921 a 1929". O artigo também transcreve a afirmação de Monteiro Lobato de que *Narizinho*

Arrebitado lhe rendeu 50.500 exemplares vendidos.

1959

20) CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compêndio de Literatura Infantil – para o 3º ano normal*. São Paulo: IBEP/ Cia Editora Nacional.

A autora faz um histórico da literatura infantil, desde o surgimento das fadas, aludidas pela primeira vez por Pomponius, geólogo do primeiro século de nossa era, até Walt Disney, considerado o novo gênio animador do maravilhoso e da Fábula Moderna. Segundo a autora, o século XX é o século voltado para a criança, mas quem realiza a literatura infantil brasileira, em 1921, é Monteiro Lobato com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que, ainda conforme a autora, foi o “abre-te sésamo” do mundo maravilhoso em que iriam habitar “todas as crianças de nossa terra e de todo o mundo”.

1960

21) SALVADOR. *Monteiro Lobato - o pai de "Emília"*. Salvador: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

Esta biografia de Monteiro Lobato lembra que em toda a sua vida de escritor e patriota, "de pioneiro e realizador", o que mais se destaca é o Lobato escritor infantil. É com este gênero que o escritor se revela gênio literário. Até 1921, a

literatura infantil brasileira dispunha de poucos títulos, como algumas traduções, histórias de fundo folclórico ou lendas européias adaptadas. E alguns autores brasileiros já escreviam livros para crianças, mas com cunho didático. Somente com *Narizinho Arrebitado* inicia-se a literatura infantil brasileira, que teve depois tantos brilhantes seguidores. A primeira edição desta obra teve 50.000 exemplares, uma aventura editorial nunca mais realizada. Menciona também que *Narizinho Arrebitado* começou a partir de um conto, *História do peixinho que morreu afogado*, que depois Lobato ampliou, criando outros personagens, até chegar a *Reinações de Narizinho*.

1961

22) D'ÁVILA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil (de acordo com os programas das escolas normais)*. São Paulo: Editora do Brasil.

O livro traz um panorama histórico da literatura infantil desde seu surgimento até os dias atuais. Na parte dedicada à literatura infantil brasileira, o livro evidencia o aparecimento de Lobato e afirma que o ano de 1920 teve muita importância no cenário literário, pois Tales de Andrade lançara *Saudade* e Lobato *A Menina do Narizinho Arrebitado*, livro este que teve muita repercussão como "nunca outro livro havia provocado tão profundo interesse e tão forte quebra dos cânones tradicionais em obras de leitura. Fez época em nossas escolas, porque a par da novidade do tema, trazia ainda o estilo pitoresco da sátira ingênua e leve ironia, lembrando a veia irrequieta e saltitante de Lewis Carroll, no famoso *Alice no país das*

maravilhas". A partir deste livro de Lobato, lembra o autor, muitos personagens bem traçados invadiram as aventuras do sítio, com suas travessuras e as suas graças entre a realidade e a fantasia.

1964

23) TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiro Lobatos*. São Paulo: Edart.

O autor, analisando a vida e a obra de Lobato, defende a tese de que o escritor foi o verdadeiro precursor da Semana da Arte Moderna e também revolucionário da literatura brasileira. Afirma também que Lobato preparou-se para escrever ficção aos adultos e terminou escrevendo para crianças. Conforme o autor, por curiosidade escreve *A Menina do Narizinho Arrebitado* e descobre com isso "um filão editorial de imensas possibilidades financeiras. Faz depois uma descoberta maior, qual seja o prazer advindo de escrever para as crianças".

1966

24) LIMA, Alceu Amoroso. Arte e mercantilismo. In: ____ *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 301-305.

Neste artigo publicado pela primeira vez em 30/01/21, o autor discute sobre a dupla função de Monteiro Lobato, o de ser escritor e editor. O autor aponta que os interesses do artista e o do editor não são compatíveis, pois o editor deve se preocupar com a aceitação do livro e o escritor com a necessidade de expressão; ou seja, “o interesse do editor, (...) se exprime por quantidade, e o do artista, se manifesta por qualidade, não podem harmonizar-se sem lamentáveis concessões”. É por isso que o crítico questiona a legitimidade do Lobato editor-escritor. Assim sendo, o autor aconselha Lobato: “coíba-se quanto antes o Sr. Monteiro Lobato de mercantilizar a sua arte, refreando uma pressa inadmissível de publicidade, sem o necessário carinho pela sua obra”. Após desabafar essa idéia, comenta então a qualidade dos contos de Lobato. E, por fim, admite que esta dupla editor-escritor deu certo com *Narizinho Arrebitado*, que interessa aos adultos e às crianças. Aos adultos impressiona o que há de “pitoresco no maravilhoso”, às crianças o que importa é “o próprio gosto da aventura”. A história de *Narizinho Arrebitado* agrada porque tem “graça, invenção e pitoresco”.

25) LIMA, Alceu Amoroso. Livros para crianças. In: _____. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, vol. I, p. 347-351.

O autor discute sobre a importância de três livros dirigidos à criança: *Primeiras Saudades*, de Manuel Bonfim, *Os Bonecos de Violeta*, de João Lúcio e *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato. Para o autor, o dever do escritor de literatura infantil é despertar na criança o interesse pela leitura; se a criança percebe que a leitura é uma forma de educação, "não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação". Assim, o autor aponta que o livro de Manuel Bonfim não pode interessar as crianças porque é "um livro grave, severo, conceituoso, sem a espontaneidade da vida real ou a graça da fantasia". Seu livro deve ser dado apenas às crianças "que tenham já compreendido o prazer da leitura, mas não como estímulo a esse prazer". Sobre *Os Bonecos de Violeta*, afirma que o autor "não tem o mesmo preconceito contra a fantasia, de que já se utiliza com mais liberdade e intercala pequenas fábulas pautadas com graça e fluência", por outro lado, "peca na grandiloquência da linguagem e na retórica". Da mesma forma que o livro de Manuel Bonfim, o livro de João Lúcio tem o objetivo de instruir antes de interessar. Sobre *A menina do Narizinho Arrebitado*, o crítico ressalta, neste artigo publicado pela primeira vez em 25 de abril de 1921, que o livro consegue a "reabilitação" da imaginação; para ele, o livro será o preferido pelas crianças pelo "seu pitoresco, pela vivacidade da ação, pela naturalidade e frescura da linguagem, pelo misto de realidade ativa e de mágica fantasia". O livro de Lobato atende ao primeiro requisito da literatura infantil: "interessa". Por meio de *Narizinho Arrebitado* a criança "criará gosto pela leitura, sentirá que o livro não é apenas um instrumento de disciplina, mas

um campo maravilhoso para a expansão de um mundo interior, reprimido ou apenas pressentido". Mas este livro é também "incompleto e parcial" porque não tem finalidade educativa: "o defeito do sr. Monteiro Lobato (...) é permanecer no primeiro grau da literatura infantil (interessar), ao menos nesse primeiro livro, já que outros nos promete no gênero". E encerra o crítico dizendo que *Narizinho Arrebitado* "será facilmente acusado de futilidade. Vejo-lhe um grande benefício: conservar às crianças a sua infância, sem forçar a natureza, sem provocar o amadurecimento artificial desse fruto delicadíssimo, que é a alma infantil".

1968

26) ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira - ensaios de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Edições Melhoramentos.

Neste livro, o autor traça a história da literatura infantil, desde suas raízes e origens até a situação da literatura infantil brasileira em 1968 (ano de publicação do livro), e conclui este trabalho com uma antologia da produção para crianças existente no Brasil. Na parte intitulada *O gênio de Monteiro Lobato*, o autor ressalta que o escritor já em seu primeiro livro, *Narizinho Arrebitado*, apresenta características inovadoras como "o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional, (...) o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão". Conforme o autor, esses aspectos originais renovaram o conceito de literatura infantil no Brasil, presos ainda à fase da literatura escolar. O autor alude a três livros da literatura escolar brasileira como os principais, quais sejam: *Através do*

Brasil, Saudade e Narizinho Arrebitado. Sobre este último, o autor considera curioso o fato de aparecer como *literatura escolar*, uma vez que apresenta características que transcendem o âmbito pedagógico, finalidade última dos outros dois primeiros livros citados. E segue afirmando que “Monteiro Lobato teve que fazer concessões à literatura escolar no primeiro plano do êxito de sua obra literária para a infância”, pois para ele, Lobato de maneira alguma poderia ter vendido 30.000 exemplares de sua primeira edição. Tentando traçar um panorama da literatura infantil de Lobato, o autor tenta estabelecer a gênese dessa literatura; assim, refere-se a Jorge Rizzini que atesta que a primeira história escrita por Lobato foi a do peixinho que morreu afogado, contada ao escritor por Toledo Malta, durante uma partida de xadrez. Toledo contou-lhe a história de um peixinho que, “ficando algum tempo fora d’água, naturalmente para limpeza de um pequeno aquário, desaprendera de nadar”. Arroyo afirma que foi dessa história que nasceu o sítio do pica-pau amarelo, uma vez que “o peixinho puxou, na imaginação do escritor, velhas lembranças da fazenda, brincadeiras com as irmãs, as estórias contadas pelo agregado Evaristo, a pesca de lambaris no ribeirão com a mulata Joaquina tudo gente da infância de Monteiro Lobato em Taubaté”. Baseando-se nas informações de Edgard Cavalheiro, o autor lembra que *Narizinho* iria receber o título de *A menina do caroço no pescoço*. Lembra ainda que este livro foi muito bem recebido quando inicialmente alguns fragmentos foram publicados na *Revista do Brasil*. Arroyo também lembra da apreciação de Bruno Ferraz sobre *Narizinho Arrebitado*, citado por Cavalheiro, que ressalta que o crítico “sentiu bem que algo de novo se inaugurava com o livro de Monteiro Lobato”. Arroyo discorda de Cavalheiro e Guimarães Menegale quando afirmam que Lobato deu forma didática aos primeiros *recontos*, visando, sobretudo aos escolares. Segundo Arroyo, essa premissa não é

verdadeira uma vez que “a forma de aparecimento na fase da literatura escolar era um imperativo de desenvolvimento histórico da literatura infantil”. O conto *Narizinho Arrebitado*, para Arroyo, aparece como *Segundo livro de leitura para uso nas Escolas Primárias*, mas o conteúdo é lúdico e não didático. Fala ainda Leonardo Arroyo que quando o livro já estava consagrado, Lobato reviu as histórias para modificá-las e “dar-lhes outro destino dentro de uma independência que não precisa mais subordinar-se, formalmente, à literatura escolar”. O autor aponta também que o escritor pediu o parecer de Godofredo Rangel sobre o livro *Narizinho Arrebitado*; conforme o autor, as correspondências trocadas entre os dois amigos mostram que Lobato “perseguia seriamente o seu ideal de escrever para crianças”. E mesmo após ter saído a primeira edição de *Narizinho Arrebitado* pediu ao amigo Rangel que o experimentasse em seus alunos. Segundo o autor, *Narizinho Arrebitado* teve uma edição inicial de 50.500 exemplares, mas em nota de rodapé adverte: “o exame do arquivo da Companhia Editora Nacional, contudo, revela uma edição de 60.000 exemplares”. Finalizando o comentário sobre *Narizinho Arrebitado*, o autor lembra que em 1947, época em que *Narizinho* já era o livro mais lido de Lobato, estreou, em Salvador, a opereta de Adroaldo Ribeiro da Costa sob o tema do livro, com grande êxito.

27) ALMEIDA, Renato. Literatura infantil. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio. vol VI, p. 200-222.

O autor traça um panorama da literatura infantil desde seu surgimento e objetivo na Europa até chegar ao Brasil, no século XX. Sobre a literatura infantil brasileira, o autor evidencia que Lobato foi o grande escritor do gênero, porque criou

um *estilo próprio, acessível e gracioso*, e, com exceção do uso que faz com a linguagem, merece grande louvor. Segundo o autor, o emprego de certas expressões “grosseiras e vulgares” e xingamentos não são justificáveis na literatura infantil: “a explicação de que é usual não prevalece, toda educação é uma forma de constrangimento e não é possível às crianças desnecessariamente infundir os aspectos desagradáveis da existência”. Conforme o autor, foi em 1921 que Lobato publicou seu primeiro livro infantil *Narizinho Arrebitado*, que continha a indicação de *livro de leitura*. Porém, lembra o autor, este livro libertou-se do destino escolar e transformou-se em um clássico na literatura infantil, identificando com as crianças brasileiras. Ainda lembra o autor que Lobato “foi saudado como 'o começo de uma grande biblioteca a construir'. E assim o foi, quaisquer que sejam os reproches possíveis e acertados”.

28) TAUBATÉ. *Monteiro Lobato é símbolo*. Taubaté: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo.

Comemorando o cinquentenário do livro *Urupês* e a XVI Semana de Monteiro Lobato, o livro ressalta a vida de Lobato, seus principais feitos, suas lutas e suas obras. Lembra que ao mesmo tempo em que criava suas obras, como *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Lobato se “aprofundava na observação da problemática nacional”. Informa também que a literatura infantil de Monteiro Lobato foi reunida pela Editora Brasiliense, em 17 volumes. O primeiro trabalho do gênero tinha o “título hoje imortal” *Narizinho Arrebitado*.

1970

29) MURALHA, Sidônio. *Um personagem chamado Pedrinho: a vida de Monteiro para os alunos lerem e os professores também*. São Paulo: Brasiliense.

O autor, num diálogo travado com o personagem Pedrinho, conta a vida de Monteiro Lobato. Em uma passagem da narração lembra que a editora de Monteiro Lobato falira porque a Light cortou a energia elétrica. Porém, antes da falência o escritor já havia publicado *Urupês, Idéias de Jeca Tatu, Cidades Mortas, Negrinha, A Onda Verde, Narizinho Arrebitado, O saci, O Marquês de Rabicó* e outros livros. Neste livro há uma menção também aos nomes dados aos jornais escolares que se referem às obras de Lobato, como *Narizinho Arrebitado, Lobatinho e Picapau Amarelo*. Segundo o autor, antes de morrer, Lobato visita a Bahia e assiste à opereta infantil extraída de *Narizinho Arrebitado*, apresentada no Teatro Guarani, com mais de 100 figurantes. Ao final deste livro, o autor coloca uma breve biografia cronológica sobre Lobato. Nela informa que, em 1921, Lobato dedicou-se à literatura infantil e com *Narizinho* lançou o sítio do Picapau Amarelo e seus célebres personagens.

30) Monteiro Lobato. In: *Grandes personagens da nossa história*. São Paulo: Abril Cultural, p. 941-956.

A biografia do autor é contada por D. Benta, tendo como cenário o Sítio do Picapau Amarelo e todos seus personagens. Conta-se que Monteiro Lobato, por volta de 1918, estava muito ocupado em editar livros, e por conta disso escrevia muito pouco. Só em 1920 é que escreve um conto *História do Peixinho que Morreu Afogado*. A partir daí, "resolveu ampliar o conto, misturando-o com cenas da sua infância passada em Taubaté". O conto recebe então, em 1921, o título de *Narizinho Arrebitado*, "que depois passaria a chamar *Reinações de Narizinho*".

1972

31) DONATO, Mário. O meu Lobato. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano II, nº 97, p. 5-6.

O artigo consiste em um depoimento do autor sobre suas impressões ao conhecer Lobato quando ainda menino e depois quando passou a conviver com ele quando já era jornalista. Cita *A Menina do Narizinho arrebitado*, dizendo que foi a obra autografada que Monteiro Lobato lhe deu ao visitá-lo em sua Cia Monteiro Lobato, acompanhado por seu pai, que, por sua vez, trabalhava na Editora do escritor. Aponta ainda que a literatura lobatiana, "quase toda dos tempos de *O Minarete* e *Revista do Brasil* é utilitarista, pois sua intenção é antes de tudo 'reformular e consertar'. Até sua literatura infantil tem uma preocupação didática". O autor afirma ainda que

Lobato não era um "imaginativo", pois a idéia central de o *Narizinho* foi-lhe dada pelo escritor Toledo Malta.

32) HECKER Fº, Paulo. O problema da literatura infantil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano XVII, nº 798, 12 nov. 1972, Suplemento Literário.

O artigo defende a idéia de que a literatura infantil é um gênero menor, visto que, na maioria das vezes, é feita para distrair as crianças e "não responde a uma necessidade genuína de expressão. É algo fabricado porque facilmente comerciável". Para o autor, há cinco pontos que devem ser contemplados para se obter uma boa literatura infantil: o autor deve manter viva a psicologia infantil, ou seja, deixar ressaltado o ponto de vista da criança; não pensar que a criança é uma "'boboca', quando (...) é um ser de paixões fáceis, (...) além de possuir o senso crítico"; o autor deve falar à inteligência do leitor; o autor deve se preocupar em dominar o sentimento básico da criança, o medo; e, finalmente, a obra é "o ditado do inconsciente ou o talento (...), as receitas não resolvem". Se a literatura feita para criança contempla estes cinco itens, então se tem uma literatura tão rara como uma adulta. E atendendo a estes requisitos, existem alguns bons autores infantis, como Perrault, Grimm, Collodi, Amicis, e Monteiro Lobato, especialmente com sua primeira criação do gênero, *Reinações de Narizinho* (1921).

33) KAIROVSKY, Lúcia. A consciência do mundo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, nº 798, 12 nov. 1972, Suplemento Literário.

O artigo defende que a leitura deveria dar à criança significado sobre o mundo em que vive e exigir esforço dela na hora de concatenar as idéias. A leitura infantil ideal deveria apresentar personagens com múltiplas características, como bondade, maldade e esperteza e não uma coisa ou outra, de modo maniqueísta. Para a autora, a literatura infantil deveria retirar o "desnecessário e alienante", o fantástico, o super-herói, o valentão e mostrar a competição às crianças; e deveria, ainda, ter humor e ser menos ilustrada, deveria "apresentar uma pretensa solução que, de repente, é negada, e a solução passa a ser outra". A autora acredita ainda que a televisão é mais sedutora que a literatura, porque é "espetáculo, a criança pode participar, de alguma maneira", enquanto na literatura, os elementos são dispostos de forma tal que a criança "não tem o que fazer a não ser sentar-se e ler (...), o que se permite é apenas uma mudança de postura". Segundo a autora, talvez isso explique o porquê de se editar "dez vezes menos livros do que há 51 anos", quando *Narizinho Arrebitado* teve 50.000 exemplares numa única edição.

1973

34) DANTAS, Paulo. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor.

O autor conta a história da vida de Monteiro Lobato em primeira pessoa. Usando textos autobiográficos do escritor, faz uma montagem, cortando,

colando, escrevendo e transcrevendo, como se fosse o próprio Lobato falando. Um dos tópicos abordado no livro é a literatura infantil lobatiana. E pelas próprias palavras de Lobato lembra que tudo começou com uma simples história contada por Toledo Malta de um peixinho que morrera afogado por ter desaprendido a nadar. Lobato afirma que esta história logo depois virava a história de *Narizinho*.

1975

35) BARBOSA, Alaor. *Monteiro Lobato das crianças*. Goiânia: Oriente.

Composto por diálogos entre o sobrinho Tidinho e, o também narrador, seu tio Titi, o livro conta a vida de Monteiro Lobato. No capítulo de título *Nascimento de um pequeno grande mundo*, o narrador revela ao seu sobrinho que o primeiro livro publicado por Lobato, *Reinações de Narizinho*, cujo nome anterior foi *Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado*, surgiu de uma história contada por Toledo Malta a Lobato, durante uma partida de xadrez. Esta história, Lobato aproveitou-a e escreveu dando o nome de *História do Peixinho que Morreu Afogado*. "Reescreveu-a e aumentou-a (...), a história cresceu e virou a história da menina que tinha o *Narizinho Arrebitado* (...), que mais tarde Lobato aumentou ainda mais e melhorou e denominou de *Reinações de Narizinho*".

1976

36) CARR, Stella. O mágico das sobrelhas em til. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 37, nº esp., p. 21-23, jul./dez.

Depoimento autobiográfico e breve análise da literatura infantil de Lobato. A Menina do Narizinho Arrebitado é citada sem aspas, como personagem.

37) MARTINS, Ibiapara. Lobato, um cético que acreditou no Brasil. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v.37, nº esp., jul./dez, p. 29-30.

Neste artigo, o autor faz um breve comentário sobre Monteiro Lobato e refere-se a *Narizinho Arrebitado no Reino das Águas Claras* como o primeiro livro que leu.

1978

38) Monteiro Lobato vivo. Durante 15 minutos. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 04 jul.

A matéria reproduz a última entrevista de Monteiro lobato, concedida a Murilo Antunes Alves, dois dias antes de sua morte. Nesta entrevista, Lobato diz que Narizinho Arrebitado foi a obra que mais lhe agradou, pois foi a que mais lhe rendeu dinheiro.

39) Dúvidas e indefinições da literatura infantil nacional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 jun., p.24.

O artigo comenta a situação da literatura infantil brasileira e faz algumas referências importantes para seu entendimento histórico. O artigo inicia afirmando que a obra de Monteiro Lobato constitui um marco na literatura infantil, mas não é considerada como um “divisor de águas” por não ter sido entendida na época. O artigo cita Cecília Reggiani Lopes, editora especializada em livros infanto-juvenis na Pioneira, que afirma ter sido Lobato perspicaz o bastante para conseguir se impor no mercado, pois a primeira edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado* alcançou a tiragem de 20 mil exemplares, considerada fantástica para a época.

1979

40) Monteiro Lobato, o filho que Taubaté não esquece. *Valeparaibano*, Vale do Paraíba, 05 dez.

O artigo biográfico sobre Monteiro Lobato faz referência à obra *A Menina do Narizinho Arrebitado* para ilustrar que ao mesmo tempo cuidava de sua "vida artística", escrevendo para crianças, e "se aprofundava na observação da problemática nacional", sobretudo a do petróleo. Também cita *A Menina do Narizinho Arrebitado* para ressaltar que foi a primeira obra infantil publicada, em 1921, pela Monteiro Lobato e Cia.

41) SILVA, João Carlos Marinho. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Obelisco.

O livro traz uma análise das personagens do Sítio e as características literárias principais da obra infantil lobatiana. E menciona que grandes críticos literários, ao falarem sobre Monteiro Lobato, não citam sua obra infantil, confirmando o conceito de arte menor tida pelos estudiosos. Segundo o autor, até mesmo Lobato tinha uma certa resistência, acreditando que "a literatura infantil é uma arte menor e não é o lugar para os grandes talentos". Mas, a partir de 1921, com a publicação de *Narizinho Arrebitado* e "a história do peixe que esqueceu de nadar, começa a surgir em Lobato a idéia da saga do Picapau Amarelo."

1980

42) YUNES, Eliana. A maioria da literatura infantil brasileira. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 63, out-dez.

A autora defende neste artigo que, por diversos problemas, a literatura infantil não satisfaz, de modo geral, seus leitores, salvo as obras já maduras de Lygia Bojunga Nunes, que estão sendo cada vez mais lidas. Para entender o porquê desse "interesse crescente por seus livros", a autora do artigo tenta explicar fazendo um pequeno paralelo entre Lobato e Lygia. Segundo a autora, os escritores contemporâneos foram leitores de Lobato, sendo assim o escritor influencia de perto a

produção contemporânea e a literatura infantil brasileira. Tudo isso começa, em 1921, com *Narizinho Arrebitado*, que, nos dizeres da autora, "inaugura na tradição de traduções estrangeiras e adaptações portuguesas de clássicos, o que viria a ser genuinamente brasileiro e literário voltado para a infância".

43) São Paulo homenageia o escritor Monteiro Lobato. *Folha da Tarde*, São Paulo, 18 abr.

O artigo informa sobre a romaria organizada pela União Brasileira de Escritores e pela Comissão Permanente da Semana Monteiro Lobato a ser realizada neste dia que se comemora mais um aniversário do nascimento de Monteiro Lobato. O texto traz um brevíssimo comentário sobre a vida do escritor e aponta que Monteiro Lobato declarou ter cansado de escrever para adultos, "mas para crianças, um livro é todo um mundo". O autor afirma que esta declaração foi feita pelo escritor, em 1926, ou seja, cinco anos depois do lançamento de sua primeira obra *Reinações de Narizinho*.

1981

44) COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura infantil: teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron, Brasília: INL.

No capítulo 08, intitulado *Brasil – século XX*, Nelly Novaes Coelho faz uma retrospectiva histórica do desenvolvimento e modificações da literatura

infanto-juvenil e a escola dos anos 20 aos anos 80. Nessa ordem, quem primeiro aparece é Monteiro Lobato; segundo a autora, é Lobato que rompe com as “convenções estereotipadas” e introduz no século XX as idéias e formas novas de se fazer literatura. A autora começa seu texto observando que quando Lobato estava com 39 anos de idade, publica *A Menina do Narizinho Arrebitado*, no ano de 1921. A autora lembra que antes de Lobato realizar seu projeto e de começar a adaptar as fábulas de Esopo e La Fontaine, saíam na *Revista do Brasil* (SP) uns fragmentos da estória de *Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920. “No ano seguinte, o livro é lançado como “2º livro de leitura” (numa tiragem de 50500 exemplares, feita em sua própria editora recém-criada) *A Menina do Narizinho Arrebitado* (ilustr. De Voltolino) que foi uma lufada de ar puro na atmosfera pesada dos livros então destinados às crianças nas escolas”. Na parte em que organiza cronologicamente as obras infantis do escritor denominada de *Originais*, a autora cita “*A Menina do Narizinho Arrebitado* – 1920; *O Saci* – 1921; *Fábulas* e *O marquês de Rabicó* – 1922...”, não há nenhuma referência à *Narizinho Arrebitado*. Coelho compara o escritor brasileiro com o inglês Lewis Carroll, pois, conforme a autora, ambos fundiam o real e o maravilhoso em uma única realidade; assim, faz um paralelo entre *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Alice no país das maravilhas*.

45) *Narizinho Arrebitado* na Itália. *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo, ano XXXVII, nº 99, dez.

O artigo comenta que, em comemoração ao ano da criança proclamado pela UNICEF em 1979, foi publicada pela Editora Guinote Marzocco, de

Florença, uma versão italiana da "fábula" *Narizinho Arrebitado*. Na seqüência deste texto, há uma síntese da história de *Narizinho Arrebitado* e ressalta que o livro ajudará a enriquecer e alegrar as crianças que sofrem de fome. O artigo ainda completa: “será um divertimento ler juntos com nossos filhos tudo quanto da sua quente imaginação nos oferece *Narizinho Arrebitado*”.

46) COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática.

Este livro traz as mesmas informações sobre a obra do escritor Monteiro Lobato que o livro anterior *A literatura infantil: história, teoria, análise: as origens orientais ao Brasil de hoje*, publicado no mesmo ano; mas, neste livro, a autora faz uma espécie de correção quanto a alguns dados, como o ano de publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, uma vez que no livro anterior informa que, em 1921, Monteiro Lobato estava com 39 anos e publicou seu primeiro livro infantil. Neste, a autora aponta que *A menina do narizinho arrebitado* foi publicado em 1920, quando Lobato estava com 38 anos. *A menina do Narizinho Arrebitado* foi publicado pela editora Monteiro Lobato & Cia., com ilustrações coloridas de Voltolino. O livro vinha classificado como *livro de figuras*, por isso ele foi incluído na nova diretriz pedagógica (Escola Nova), que enfatizava a função da imagem nos livros infantis. A autora informa ainda que o livro foi apresentado num “belo volume de 43 páginas, cartonado, em formato 30x20 cm, e com inúmeras ilustrações coloridas de Voltolino”. Conforme Coelho, o sucesso de *Narizinho Arrebitado*, lançado no ano seguinte (1921), em formato 18 x 13 cm, em brochura e com as ilustrações de Voltolino, reduzidas e

em preto e branco, cuja tiragem chegou a 50.500 exemplares, se deu graças à identificação dos leitores com as situações narradas: “sentiam-se à vontade dentro de uma situação familiar e afetiva’, que era subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico, com a mais absoluta naturalidade”. Neste livro, a autora compara o escritor brasileiro com o inglês Lewis Carroll, de *Alice no País das Maravilhas*, pois ambos fundiam o real e o maravilhoso em uma única realidade.

47) FILHO, Camões. Acende-se hoje a chama simbólica da Semana Monteiro Lobato. *Vale Paraibano*, Vale do Paraíba, 19 abr.

Comemorando a XXIX Semana Monteiro Lobato, o artigo informa a programação do segundo dia e faz uma retomada biográfica sobre Monteiro Lobato. O autor do artigo fala dos grandes feitos de Monteiro Lobato e de suas obras literárias, entre elas destaca *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que "conquista o público, levando-o a um feito extraordinário: uma edição de 50.000 exemplares".

48) CARR, Stella. *O mágico das sobrancelhas em til*. *Diário de Taubaté*, Taubaté, 02 jul.

Idêntico ao artigo publicado em 1976, no *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. [ver referência nº 36, p. 140]

49) MARTINS, Ibiapara. Lobato, um cético que acreditou no Brasil. *Diário de Taubaté*, Taubaté, 04 jul.

Idêntico ao artigo publicado em 1976, no *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. [ver referência nº 37, p. 140]

50) CAVALHEIRO, Edgard. Influência de Monteiro Lobato. *Ciências e Trópicos*, Recife, 9 (2): 315-320, jul./dez.

O artigo ressalta o bom gosto literário de Monteiro Lobato. O autor faz uma pequena cronologia das obras publicadas; e sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado* lembra que foi a primeira “historieta” infantil publicada por Monteiro Lobato, em 1921. Afirma também que até este ano literatura infantil no Brasil era coisa rara.

51) MARTINS, Nilce Sant'Anna. Aspectos da literatura infantil de Monteiro Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 42, nº 1, p. 81-93, jan./mar.

Neste artigo, a autora analisa alguns aspectos peculiares e constantes nas histórias infantis de Lobato, como os personagens, o espaço (Sítio), a linguagem, os recursos do maravilhoso, o humorismo, o pessimismo. Ao analisar o espaço do sítio, diz ser ele "poeticamente descrito nas *Reinações de Narizinho* e no *Saci*, (este cenário) é proclamado um lugar de delícias que faz sonhar os pequenos leitores”.

1982

52) SANDRONI, Laura Constancia. Apresentação. In: YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa.

Nesta apresentação que a autora faz do livro de Eliana Yunes, há a referência a importância de Monteiro Lobato para a literatura infantil brasileira. A apresentação refere-se ao escritor como o criador da literatura infantil no Brasil e lembra que antes d'*A Menina do Narizinho Arrebitado*, os livros para crianças não tinham características literárias. Com este conto, Lobato inova em muitos aspectos, sobretudo na linguagem e, somente na década de 70, começa a aparecer um grupo de escritores vinculados a ele.

53) YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa.

O livro consiste numa coletânea de artigos sobre Lobato, antes apresentados pela autora em congressos. Logo na introdução do livro, a autora faz uma breve retomada da literatura infantil, lembrando que os textos de Monteiro Lobato trouxeram o prazer da leitura a outras faixas etárias. Aos poucos, lembra a autora, os textos clássicos adaptados e traduzidos cederam lugar aos textos dirigidos, efetivamente, à criança e ao adolescente. Neste contexto, surge, em 1921, *A Menina do*

Narizinho Arrebitado, que tem "um estilo coloquial, os motivos populares, a harmoniosa convivência entre o real e a fantasia" e que "de imediato seduziam aos leitores, pelo espaço de atividades criativas e idéias originais". O capítulo VII, intitulado *Lobato e a literatura infantil brasileira contemporânea*, faz um balanço do que foi a literatura infantil do século XIX, com seu tom moralizante, preocupação pedagógica, purismo lingüístico, e a literatura, depois de 1921, quando Lobato publica *A Menina do Narizinho Arrebitado*, esta sim verdadeira literatura infantil e brasileira. A autora lembra que mesmo com o subtítulo " 'segundo livro de leitura para uso nas escolas primárias' seu conteúdo se afasta do didático e envereda pelo lúdico".

54) KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T.A.Queiroz.

A autora analisa o trabalho de Lobato como empresário (editor e gráfico), escritor e tradutor de livros no quadro da história da comunicação no Brasil. Também procurou determinar, em que medida, as condições herdadas do passado ligavam-se às ações de Lobato e seus contemporâneos. No capítulo que trata de Monteiro Lobato, empresário e editor, a autora ressalta que Lobato teve a grande idéia de tentar atender e "conquistar um público exposto à produção alienígena" (p.81). Para isso, dedicou-se à literatura infantil, produzindo literatura nas escolas primárias, pois sabia que as crianças eram receptivas à qualquer informação ministrada. Assim, o primeiro livro que editou era em papel-jornal, com formato e encadernação semelhantes ao do *Primeiro livro de leitura*, de João Kopke, de 1920, e o tipo de composição iguais ao do livro *Saudade*, de Tales de Andrade. A autora menciona que

para testar a receptividade das crianças ao seu texto, Lobato encomendara "teste de leitura a Godofredo Rangel, então também professor primário. Pedia-lhe que experimentasse o '*Narizinho* escolar' em algumas crianças para ver se elas se interessavam". O livro ainda aponta que, antes do final do ano de 1921, a edição de 50 mil exemplares estava toda vendida, isso porque 500 exemplares ele distribuiu nas escolas primárias estaduais. O presidente do estado de São Paulo, em visita às escolas, vira os livros bastante manuseados e então pediu a seu secretário Alarico Silveira que adquirisse mais exemplares do livrinho. A quantidade comprada foi de 30.000 exemplares. Também lembra que, em 1921, Lobato publicou *Narizinho Arrebitado* usando uma linguagem mais brasileira, contrastante com os textos de Portugal. Para induzir um maior consumo apresentou-a como literatura didática.

55) BARBOSA, Francisco de Assis. *Monteiro Lobato e o direito de sonhar*. In: LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Ed. fac-sim. São Paulo: Brasiliense, p. 45-57.

O artigo comenta o interesse de Monteiro Lobato em fazer literatura infantil já em 1912, fala dos sucessos dos livros: *O Saci Pererê* e *Urupês*, da forte influência que Monteiro Lobato teve de Mark Twain e Camilo Castelo Branco, e, finalmente, refere-se como adaptação da *História do peixinho que morreu afogado* a primeira versão de *A menina do Narizinho Arrebitado*. E afirma que o número de exemplares desta obra foi 60.000 e não 50.000 como afirma Edgard Cavalheiro. O autor evidencia ainda que *Narizinho* "nascera com uma estrela na testa", pois o secretário de Washington Luís, Alarico Silveira, comprou 30.000 exemplares para

serem distribuídos às escolas públicas. Por fim, o autor observa que, em 1934, o escritor decidiu reunir as aventuras de Narizinho num único volume, denominado de *Narizinho Arrebitado*.

56) Na trilha do passado. *Veja*, São Paulo, 15 dez.

Comentário sobre os últimos lançamentos de livros, entre eles está a edição fac-símile de *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

57) SILVA, Maria Betty Coelho. O carisma de Monteiro Lobato. *Diário Oficial do Estado*, Salvador, nº 12102 e 12103, 17 e 18 de abr.

A autora apresenta um breve comentário sobre a importância da literatura lobatiana. Cita *Narizinho Arrebitado* para lembrar que, com sua publicação em 1921, surge a literatura infantil brasileira.

58) MARTINS, Gilberto. O sítio do Picapau. *Vale do Paraíba*, São José dos Campos, 20 abr.

O autor compara os personagens do sítio do pica-pau amarelo com pessoas da própria realidade de Monteiro Lobato. Há uma referência a *Narizinho Arrebitado*, lembrando que após a publicação de sua "obra-prima e matriz da toda a sua literatura infantil", Lobato construiu todo seu universo de sonhos e fantasias.

59) MANSUR, Gilberto. Um sonho de verdade. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 17 abr.

Este artigo relata o entusiasmo com que as crianças viveram as histórias de Monteiro Lobato; entusiasmo este evidenciado nas cartas que as crianças lhe remetiam. O autor inicia o artigo lembrando do depoimento de uma menina, à época com oito anos, que diz: "o que eu leio no *Reinações de Narizinho* é o que eu tinha vontade de sonhar todo dia...". O autor menciona que quando a menina confidenciava seu desejo, já fazia 50 anos que Monteiro Lobato publicara *Lucia ou A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921), ampliado depois para *Reinações de Narizinho*. Conforme o autor, com o passar do tempo as crianças iam entendendo melhor Monteiro Lobato e o que ele escrevia. E Monteiro Lobato também melhora suas produções: "nas primeiras edições de *Narizinho Arrebitado*, por exemplo, Lúcia acorda depois da visita ao Reino das Águas Claras"; mas nas edições seguintes, essa aventura termina de modo diferente, Narizinho atendendo ao chamado de D. Benta.

60) PINHEIRO, Paulo Sérgio. Um cidadão incômodo. *Istoé*, São Paulo, 21 abr., p. 46-48.

O artigo comenta as inovações feitas por Monteiro Lobato, como a de assumir o ciclo completo do livro "desde a escrita até a produção". O autor comenta suas proezas como editor, como defensor do ferro e do petróleo. Sobre *Narizinho Arrebitado*, o autor lembra que foi seu primeiro livro infantil, em 1921.

61) LOPES, Maria da Glória. A volta da Menina do Narizinho Arrebitado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 ago.

O artigo informa que José Mindlin, Diana Mindlin e Camila Cerqueira César lançam uma edição fac-símile da primeira edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que Monteiro Lobato editou em 1920. Com aproximadamente três mil exemplares, a obra inclui um estudo de Francisco de Assis Barbosa. A autora afirma que as histórias que envolviam Narizinho Arrebitado em aventuras foram todas compiladas em um só volume, em 1934: "*Narizinho Arrebitado* (que ganhou seu texto definitivo)". Informa ainda que o primeiro texto de *Narizinho Arrebitado* "está ligado à infância de algumas gerações", como a de Camila Cerqueira César que guarda até hoje um exemplar que uma irmã lia para ela. Foi dela a idéia da edição fac-símile. Também não foi difícil conseguir autorização da editora e da família de Lobato, que detêm os direitos autorais. A procura pela edição tem sido grande e Camila acredita no lançamento comercial, defendendo a idéia da grafia atualizada. Mas, segundo José Mindlin, seria interessante conservar a grafia "tal como era na década de 20, pode ser mais um elemento de diversão para a criança". Para o empresário "as crianças têm em si um potencial crítico que o adulto muitas vezes nem imagina". Mindlin ainda lembra que "Monteiro Lobato está na formação de pelo menos quatro gerações e se tivesse de escolher entre todas as suas obras escolheria a *Narizinho Arrebitado*, por sua raridade e por seu valor literário".

62) BOSI, Alfredo. Lobato e a criação literária. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, nº 1/2, jan/jun, p. 19-33.

O artigo faz parte de um ciclo de palestras organizado pela Biblioteca Mário de Andrade, cujo tema é Monteiro Lobato. O escritor é referido pelo autor como moderno-antimodernista, visto que foi revolucionário na literatura infantil e conservador como escritor adulto e como crítico literário. Segundo o autor, o lado menos moderno de Monteiro Lobato somente é superado quando, “em vinte e poucos”, escreve *Reinações de Narizinho*, obra que Bosi qualifica de obra-prima da literatura infantil universal, a qual não foi superada nem mesmo pelo próprio escritor em suas outras histórias. Bosi observa que nesta história o mundo do maravilhoso se mistura com o mundo do real, não havendo um limite divisório entre os dois. Para ilustrar tal idéia faz menção às “duas versões de *Reinações de Narizinho*”, lembrando que na primeira, a da década de 20, Narizinho sonha, isto é, a partir do sonho as coisas acontecem, nascem as personagens da história; enfim, para o crítico, “aquele mundo do sonho poderia ser caracterizado como algo que não é realidade”. Mas, na segunda versão, editada na década de 30, conforme Bosi, isto é corrigido por Lobato. Narizinho chega à beira do ribeirão das Águas Claras e como na primeira versão, continua tomada pelo sono, mas “não dorme”, pois é incomodada por dois insetinhos que se colocam sobre seu nariz e começam a conversar. Para Alfredo Bosi, é a partir daí que Lobato dá “o grande salto”, fundindo a “realidade cotidiana e o mundo da imaginação”. É por isso, conclui Bosi sua idéia, que “*Reinações de Narizinho* - é uma observação óbvia - são matriz de tudo que vem depois”.

63) PALLOTINI, Renata. Eu lia um livro. In: DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, p. 159-160.

A autora depõe que ganhou de sua mãe o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, determinando o começo de sua paixão por Lobato.

64) BASTOS, Abguar. Lobato: o escritor, o político e o profeta. In: DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, p. 121-124.

O artigo menciona *Narizinho Arrebitado* para dizer que de *Urupês* a *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato passou por duas barreiras: “a das realidades humanas com seus inúmeros problemas a dos sonhos incorruptíveis para dar às crianças um mundo de fantasias”.

65) SILVA, José Carlos Marinho. Conversando de Lobato. In: DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, p. 181-193

O artigo faz uma breve análise da literatura infantil de Monteiro Lobato, atentando, sobretudo para as características principais da literatura infantil e de seus personagens, do espaço onde se passa a história, o Sítio do Picapau Amarelo. Ao comentar as obras infantis produzidas por Lobato, divide-as em três categorias e

sugere qual é a seqüência das categorias recomendadas para iniciar a criança no mundo da leitura. Sobre *Narizinho Arrebitado*, o autor comenta que foi a partir de 1921 com sua publicação que surgiu em Lobato a idéia da saga do Sítio do Picapau Amarelo, culminando, em 1934, a decisão de construí-la.

66) MANSUR, Gilberto. Arte de dizer às crianças a verdade inteira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2(97): p.8-10. Suplemento Cultural.

O autor do artigo chama a atenção do leitor para o que denomina de aspecto saudável da literatura infantil de Monteiro Lobato: “sua fidelidade aos conceitos de verdade, justiça e liberdade”. Afirma que os críticos deveriam se preocupar com outras características, pois muita coisa óbvia já foi dita e repetida sobre Monteiro Lobato, como, por exemplo, que ele é o pai da literatura infantil brasileira, é o mais lido, etc. Há também, segundo o autor, muitas acusações de que ele teria sido preconceituoso, e isso deveria ser revisto. Até 1921, ano da primeira edição de *Narizinho Arrebitado*, o que havia para ser lido pelas crianças nem era literatura, eram contos com fundos folclóricos.

67) COELHO, Nelly Novaes. Monteiro Lobato e a ficção para crianças. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, nº 1/2, p. 129-137, jan./jun.

Nesta conferência pronunciada no auditório da Biblioteca Mario de Andrade, em São Paulo, a autora faz uma breve análise sobre as peculiaridades

formais e ideológicas da obra infantil de Monteiro Lobato. Atribui a Lobato o título de iniciador da literatura infantil brasileira com o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, "publicado em 1920, com total sucesso". Isto porque "sua maior novidade e valor, desde seus primeiros títulos, estava no desafio que lançava ao racionalismo tradicional abrindo as portas da imaginação para a criatividade que precisava ser liberada...". O artigo ressalta que a linguagem coloquial, bem humorada, usada na obra rompe com a seriedade e rigidez da linguagem escrita culta como a das traduções que vinham de Portugal. Segundo a autora, a primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi baseada em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, uma vez que sua personagem Alice está quase adormecendo quando vê um coelho passar correndo pela sua frente, e resolve segui-lo, entrando, então, em uma toca que a leva ao "país das maravilhas". Lúcia também está quase adormecendo quando percebe em seu nariz um peixinho e um gafanhoto conversando, acaba por segui-los e entra no Reino das Águas Claras. Ambas personagens voltam, no final da história, para a realidade ao acordarem. A autora faz notar que Lobato se apropria da fórmula tradicional, no início, mas rompe com ela ao fundir o maravilhoso e o real no mesmo espaço, como acontece no volume atual de *Reinações de Narizinho*.

68) PEIXOTO, Silveira. Vida, Paixão e Morte de Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, nº 1/2, p. 49-65, jan./jun.

Nesta conferência, o autor mostra a entrevista feita com Monteiro Lobato. Ao citar *Narizinho Arrebitado*, Lobato lembra que vendera 50.500 exemplares em oito meses, dos quais 30.000 foram comprados por Washington Luís, governador

de São Paulo, à época, para as escolas públicas.

69) RIBEIRO, Rui. Monteiro Lobato, inovador como literato e como editor. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 abr.

Conforme o título, o artigo aponta as ousadias e inovações de Monteiro Lobato tanto comercializando como escrevendo livros. Segundo o autor, o “editor matou o escritor”, uma vez que Lobato nada mais criou depois de *Urupês* que o superasse; sua única exceção foi a “prolífica literatura infantil iniciada com *A Menina do Narizinho Arrebitado*”.

70) SÃO PAULO. Ano do Centenário de Nascimento de Monteiro Lobato. Biblioteca infanto-juvenil Monteiro Lobato, São Paulo, nov./1981- abr./1982.

No ano em que se comemorou o centenário do nascimento de Monteiro Lobato, a Biblioteca Monteiro Lobato fez uma homenagem ao escritor. No folheto que traz a programação das atividades, inclui, no final, uma biografia do escritor. Uma das informações é que, em 1921, Lobato dedicou-se a literatura infantil e, com o “título hoje imortal” *Narizinho Arrebitado*, lançou o Sítio do Picapau Amarelo e seus personagens.

71) LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*, nº 49, set., PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 15-22.

Este texto aborda o Lobato editor, que viabiliza a circulação dos livros no Brasil dos anos 20; assim, em se tratando de indústria editorial, isto consistia em processo de modernização. Além desse grande feito "no modo de produção de sua literatura (e por extensão da brasileira em geral), (...) inaugurando uma prática editorial que incluía a distribuição e a propaganda", há ainda um outro aspecto que a autora destaca em Lobato, a sua produção infantil, começada em 1921 com o *Narizinho Arrebitado*.

72) MAGALHÃES, Lígia Cadermatori. Literatura infantil brasileira em formação. In: ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Lígia C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, p. 135-152.

O ensaio apresenta um estudo sobre, como o próprio título esclarece, a formação da literatura infantil no Brasil, em que são destacados alguns autores da produção nacional e, em especial, a contribuição e as inovações de Monteiro Lobato. Segundo a autora, começa com a publicação de *Narizinho Arrebitado* o rompimento dos "cânones pedagógicos" cristalizados da literatura brasileira. Para Cadermatori, o texto de *Narizinho Arrebitado*, embora tenha surgido como literatura escolar, se diferencia dos demais de sua época por ter como objetivo "interessar a criança, captar sua atenção e diverti-la".

73) SANDRONI, Laura Constância. A função transgressora de Emília no universo do Picapau Amarelo. *Letras de Hoje*, nº 49, set., PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 87-95.

O artigo tem como objetivo mostrar que o Sítio do Picapau Amarelo é uma "projeção idealizada do mundo real", bem como analisar a personagem Emília como sendo "intérprete do pensamento mais arrojado do autor". Concluindo seu artigo, a autora lembra que Lobato foi sempre comprometido com seu tempo e, como almejava muito o progresso do país, fundou a Monteiro Lobato e Cia, lutou pelo petróleo e criou uma literatura infantil brasileira, a partir de 1921, publicando *A Menina do Narizinho Arrebitado* e, mais tarde, seguiram-se "outros títulos (...) que, na edição definitiva de 1934, foram por ele reunidos com o título de *Reinações de Narizinho*".

74) JOSEF, Bella. Monteiro Lobato revisitado. *Suplemento de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano XV, nº 821, 26 de junho, p. 5.

Comemorando o centenário de Monteiro Lobato, a autora faz uma breve retomada à sua biografia, destacando suas principais lutas em vida e suas obras mais marcantes, bem como as inovações literárias. A autora aponta que Tristão de Athaíde atesta que Monteiro Lobato precedeu o Modernismo, visto que publicou, em 1918, *Urupês* e, em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

1983

75) NUNES, Cassiano. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: Copidart, 27 p.

Neste artigo, o autor analisa trechos de cartas trocadas entre Monteiro Lobato e D. Tainha que, colaboradora em jornais e revistas, publicou vários livros. Em um dos trechos analisado, o autor aponta que "o criador de *Narizinho Arrebitado*" foi um feminista, e esse feminismo, continua o autor, foi também observado pela crítica em sua literatura infantil: "Narizinho - como a Alice do País das Maravilhas - constitui uma fonte permanente de inspiração. Toda a obra infantil deriva do "sonho de Narizinho".

76) COELHO, Nelly Novaes. Monteiro Lobato. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira (1882-1982)*. São Paulo: Quíron, p. 718-734.

O verbete "Monteiro Lobato" começa com a apresentação da vida do escritor e já nesta parte informa que Lobato escreveu *A Menina do Narizinho Arrebitado*, "destinado ao público infantil, nas escolas". Na parte intitulada *Cronologia geral da obra (primeiras edições dos livros e ilustradores)*, a autora informa que em 1920 foi o ano de publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado (livro de figuras com desenhos de Voltolino)* e que foi editado pela Monteiro Lobato e Cia. No item *A Criação literária para as crianças*, a autora faz comentários sobre A

Menina do Narizinho Arrebitado, relata o enredo da história e, em seguida, informa que o livro traz uma "bem cuidada apresentação gráfica", com "volume cartonado, tipo álbum-de-figuras, formato 29 x 22 cm, com 43 páginas e pitorescos desenhos de Voltolino". Lembra também que no ano seguinte (1921) esta primeira versão foi reeditada como *Narizinho Arrebitado "segundo livro de leitura para uso das escolas primárias"*, com formato de 18 x 13 cm, com 181 páginas e a mesma ilustração, agora reduzida de Voltolino". Baseando-se nas informações de Francisco de Assis Barbosa contidas na edição fac-símile da primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, a autora informa que a versão de *Narizinho Arrebitado* (1921) teve uma tiragem de 60.000 exemplares, dos quais 30.000 foram comprados pelo governo paulista (Washington Luís). Atentando para os aspectos lingüísticos da obra, a autora aponta a presença de uma linguagem coloquial brasileira diferente da "linguagem culta portuguesa que existia mesmo nos livros infantis". Continua sua análise sobre a obra, observando que a obra lobatiana lida ainda hoje representa "o ponto de partida da literatura infantil brasileira"; assim, destaca o que considera as maiores novidades da obra: "novas relações crianças e adultos"; "questionamento do mundo convencional de então"; "o estímulo ao espírito lúdico e o desafio ao racionalismo imperante, através do incentivo à livre imaginação e à fantasia, indispensáveis à criatividade que precisava ser incentivada". Já falando dos livros publicados até 1924, a autora comete um equívoco, se contradizendo, ao informar que *A Menina do Narizinho Arrebitado* é de 1921, ao lado de *O Saci*. Comentando a fusão entre real e maravilhoso, a autora afirma que "um dos grandes 'achados' da criação lobatiana foi a anulação de fronteiras entre a vida real, conhecida de perto pelo pequeno leitor, e o espaço do maravilhoso que é próprio da literatura infantil tradicional". Essa idéia é exemplificada com a

primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que, conforme a autora, Lobato mostra que seu ponto de partida foi a história de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, pois assim como Alice, que está quase adormecendo no jardim em que brinca quando vê um coelho passando e resolve segui-lo, Lúcia também está quase adormecendo à beira do ribeirão quando percebe que há um peixinho e um gafanhoto em seu nariz, e também resolve seguir o peixinho entrando no maravilhoso Reino das Águas Claras. No final da história, tanto Alice como Lúcia voltam para a realidade comum, "no momento em que acordam 'tudo não passara de um sonho'". A autora ressalta que desde seu primeiro livro Lobato introduz o humor em suas histórias infantis, a irreverência, a ironia e a "familiaridade carinhosa".

77) SANDRONI, Laura Constância. O nacionalismo na literatura no início do século XX. In: KHÉDE, Sônia Salomão (org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes.

O artigo traça a evolução da literatura infantil no Brasil desde o editor Quaresma, que foi o primeiro a perceber a necessidade de uma linguagem mais abasileirada para as crianças, passando por José Veríssimo, cuja tese defendida era a de que os "livros de leituras" deveriam ser mais brasileiros de conteúdo e nacionalistas, e pela literatura oral compilada por Alexina de Magalhães Pinto, chegando aos quadrinhos impressos nos jornais, como *O Tico-tico*. Conforme a autora, os componentes deste grupo citado, cada qual com suas falhas, podem ser considerados pioneiros que contribuíram para o aparecimento de uma literatura infantil

verdadeiramente brasileira, como a de "Monteiro Lobato com *Narizinho Arrebitado*, em 1921, e Viriato Correia com *Cazuza*, em 1938".

78) CESAR, Guilhermino. Monteiro Lobato e o Modernismo Brasileiro. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 33-40.

Nesta conferência proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o autor analisa como Monteiro Lobato era contraditório, e exemplifica citando a primeira edição de 20, da obra *Narizinho Arrebitado*, cujos desenhos que ilustram a obra ocorre exatamente aquilo que Lobato criticava em Anita Malfatti, ou seja, as características impressionistas que ele censurara nos quadros da pintora apareciam nos bichos representados como figuras humanas nas suas ilustrações. Também lembra que, ao publicar *Narizinho Arrebitado*, Lobato muda seu estilo, até então marcado pelo lusitanismo presente em suas primeiras obras. Ao publicar *Narizinho Arrebitado*, Lobato tem a necessidade de ser simples e para isso constrói de maneira diferente a linguagem de suas personagens, instalando no diálogo tons mais brasileiros.

79) YUNES, Eliana. Lobato e os modernistas. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 50-54.

O artigo refere-se aos limites que separam Lobato dos modernistas. A obra *Narizinho Arrebitado* é citada para exemplificar as inovações lobatianas, como a

linguagem inovadora, o imaginário que “é perpassado pelo simbólico” e desaparecem os limites entre realidade e maravilhoso. A autora observa que “a apropriação de certas passagens, históricas ou ficcionais, para sua reescritura, aproxima-o do antropofágico sem manifesto”.

80) FILIPOUSKI, Ana Mariza R. Monteiro Lobato e a Literatura Infantil Brasileira Contemporânea. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 102-105.

O artigo alude às personagens e às características inovadoras da literatura infantil de Monteiro Lobato. A publicação da obra *Narizinho Arrebitado*, de 1921, é apenas citada como marco da nova feição da literatura para crianças.

81) HOHLFELDT, Antonio. Comparando Lobato com Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 106-110.

O autor faz um estudo sobre as diferenças entre a primeira publicação de *Narizinho Arrebitado*, 1920, e a primeira história que constitui *Reinações de Narizinho*, publicado, em 1931, pela Cia Editora Nacional. Segundo o autor, as modificações não são apenas de informação, mas também de simplificação, cujo objetivo é dar mais dinamicidade ao texto. Para o autor é importante comparar as duas versões de *Narizinho Arrebitado* porque a primeira marca a estréia de Lobato na

literatura infantil e a outra, “a busca de articulação unitária desta literatura. Para ele, as modificações “permitem verificar, de qualquer maneira, o quanto Lobato reviu e corrigiu a versão definitiva de *Narizinho Arrebitado*, colocando-a de acordo com sua maneira em evolução de ver as coisas”.

82) PONDÉ, Glória Maria Fialho. A herança de Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 111-116.

O artigo refere-se ao engajamento da obra literária infantil de Monteiro Lobato aos problemas de seu tempo e fala da influência que exerceu em inúmeros escritores que confessam ter consumido muitas histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo quando crianças. A obra *Narizinho Arrebitado* é citada para afirmar que embora sua primeira obra tenha sido publicada somente em 1920, já em 1912, Monteiro Lobato se interessava pela literatura infantil.

1984

83) RIBEIRO, José Antônio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf/SMC.

O livro, falando sobre a vida de Monteiro Lobato, suas obras e suas lutas, traz um capítulo, *A literatura infantil*, em que o autor aponta que foi a partir da história de Toledo Malta sobre o peixinho que morrera afogado, que Lobato começou

a escrever para criança. Publicou esta história e depois a reformulou, acrescentando outros personagens, "todos reais, lembranças, reminiscências da infância". O autor aponta que, falando sobre *Lúcia, A Menina do Narizinho Arrebitado*, Lobato confessou, certa vez, a um jornalista que "queria dar um traço mais característico, pitoresco, à minha pequena personagem. E que traço mais característico e mais pitoresco do que um narizinho arrebitado?". O autor também menciona a nomenclatura usada por Nelly Novaes Coelho para dividir a produção infantil de Lobato: "originais, adaptação e traduções". Das obras originais, a primeira citada é *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1921. Segundo o autor, Lobato entendeu a psicologia infantil, pois a criança separa aos poucos a realidade da fantasia e Lobato soube dosar estes elementos "de forma precisa e ponderada". O autor aponta também que o escritor conseguiu misturar o "imaginário com a realidade concreta" e foi isto que mais atraiu as crianças na história de *Narizinho Arrebitado*. Entretanto, há uma grande diferença entre a primeira e a segunda versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, pois na primeira há uma nítida separação entre o mundo real e o mundo do fantástico, isto é, na primeira versão Lúcia sonha tudo que narra, enquanto na segunda versão "ela não acorda de um sonho, há a fusão entre imaginação e realidade". Conforme o autor, é entre estas duas versões que "ocorre a evolução da arte de Lobato destinada às crianças". Depois, seguindo o livro, o autor analisa as personagens do sítio e algumas das histórias infantis de Monteiro Lobato.

84) Fundação Getúlio Vargas/CPDOC. Monteiro Lobato [verbete]. In: _____ *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 3, p. 1904-1906.

Nesta referência, informa-se que Monteiro Lobato "lançou algumas histórias infantis inéditas, em 1921, como *A Menina do Narizinho Arrebitado*", que vendeu 50 mil exemplares.

85) VARELA, Dallor. Um tesouro oculto em Monteiro Lobato. *Vale Paraibano*. São José dos Campos, 19 abr.

O artigo alude ao sítio que foi da família Lobato e ainda hoje é conservado pelo atual dono. O lugar é lembrado como cenário das primeiras obras do escritor, inclusive de *Narizinho Arrebitado*.

86) NUNES, Flávio Bellegarde. Estilo de Lobato. *A voz do Vale*, Vale do Paraíba, 17 mar.

O artigo se detém em ressaltar a mestria com que Lobato lidava com a língua portuguesa. O autor aponta que dos tantos neologismos criados pelo escritor, o primeiro é encontrado em *Narizinho Arrebitado*, edição de 1921, obra adotada nas escolas primárias de São Paulo, àquela época.

87) ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil: história e histórias*. São Paulo: Ática, p. 45-83.

No quarto capítulo do livro, intitulado *De braços dados com a modernização*, as autoras estudam o que denominam de “segundo período da literatura infantil brasileira”, época de sua emancipação, em que foram, criadas uma infinidade de histórias originais. E a primeira obra original citada pelas autoras é *Narizinho Arrebitado*, de 1921. Na seqüência, as autoras comentam que *Narizinho Arrebitado*, no início, repetiu o mesmo sucesso de *Saudade*, de Tales de Andrade; livros adotados, ao mesmo tempo, nas escolas públicas do estado de São Paulo. Diz-se também que a partir de *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato define o espaço, o sítio, e boa parte do elenco que vai constituir as aventuras de todo tipo: Lúcia, Tia Nastácia, Dona Benta, Pedrinho, seres mágicos, animais falantes, eventuais seres aquáticos ou ilustres advindos de outras histórias. Segundo as autoras, o sítio é idílico, mas na redação posterior, já em *Reinações de Narizinho* muita coisa mudou, como a orfandade de Narizinho não mais mencionada, embora a descrição da casa tenha permanecido igual.

1985

88) LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense.

O livro traz uma biografia de Monteiro Lobato. Comentando a vida e a obra do escritor, a autora lembra que a mais bela invenção de Lobato, O sítio do Picapau Amarelo, começa com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de

1921, antecipada com alguns fragmentos publicados na *Revista do Brasil*. Com isso, o escritor inaugura a literatura infantil, "gênero marcadamente moderno" e inova também quando imprime 50.000 exemplares de *Narizinho Arrebitado* e os distribui às escolas públicas paulistas, como meio de difusão do livro.

1986

89) ZILBERMAN, R. & LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global. p. 117-119.

Na segunda parte do livro, no item intitulado *Biobibliografia*, as autoras mencionam que a obra *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi publicada em 1921 e obteve de pronto uma grande vendagem.

1987

90) SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir.

O objetivo deste livro é mostrar por meio da análise da obra de Lygia Bojunga Nunes, que, esteticamente, não existe diferença entre a literatura adulta e a infantil. Para chegar ao objetivo, a autora traça um panorama da evolução da literatura infantil, desde o século XVII na Europa, passando pelos fundadores da literatura

infantil no Brasil até chegar às inovações de Lobato, as quais se concretizam com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921, que inaugura, verdadeiramente, a literatura infantil brasileira. Finaliza seu livro, fazendo um breve comentário sobre a obra infantil lobatiana.

1988

91) CADEMARTORI, Lígia. Nem isto nem aquilo: literatura irrestrita. *Leia*, São Paulo: Cia editora Joruês, março, nº 113, ano X, p. 57.

A autora comenta o grande crescimento de publicações de livros infanto-juvenis no Brasil a partir da década de 70. A autora lembra também que Lobato é o primeiro que consegue fazer do livro "uma mercadoria de consumo". E sua opção é por fazer obra didática como *Narizinho Arrebitado*, que teve sucesso "graças a chancela do governo do Estado de São Paulo, recebida em 1920, que comprou 30.000 exemplares" do livro, tiragem impossível na época, "tivesse Lobato seguido outros caminhos".

92) PELEIAS, Débora. A historinha vira assunto sério. *Leia*, São Paulo: Cia Editora Joruês, abril, nº 114, ano X, p. 65.

O artigo discute a respeito da consolidação dos leitores e dos livros infanto-juvenis no mercado editorial brasileiro nas décadas de 70 e 80. A autora lembra que a história da literatura infanto-juvenil brasileira começa quando Lobato

edita, em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*. E até a década de 60, Lobato foi o "grande escritor brasileiro da literatura para os mais jovens", panorama que só começa a mudar a partir da década de 70.

93) LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Neste livro, a autora defende a tese de que Monteiro Lobato foi o “verdadeiro pai do Modernismo”, visto que deu as diretrizes do novo movimento, se preocupou com o nacionalismo, com o folclore, com a inovação da linguagem brasileira e sempre preteriu a imitação dos modelos estrangeiros. Entretanto, relata a autora, Lobato ficou conhecido como regionalista e a este respeito lembra que “o retardamento da valorização da obra de Lobato está resultando no retardamento da valorização do artista”. Evidencia também que, além de *Urupês*, o escritor havia publicado, até 1922, *Cidades Mortas*, *Problema Vital*, *Idéias de Jeca Tatu* e sua primeira obra para criança *Narizinho* (1921). Nestas obras citadas poderiam ser encontrados muitos “manifestos que têm se dissipado como idéias renovadoras”, mas “interesse ainda não houve de conhecê-las profundamente”. E prossegue a autora apontando que, ainda com *Narizinho* (1921), Lobato construiu um mundo livre, “utópico, baseado na sua 'desadoração' aos sistemas rígidos". Ressalta também que o sítio representa o Brasil com suas peculiaridades como a língua coloquial, a comida típica, o folclore; “é o Brasil que os modernistas só foram descobrir anos depois da Semana”.

94) KUPSTAS, Marcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática.

O livro é uma biografia de Monteiro Lobato, com as principais realizações e idéias do escritor. O terceiro capítulo do livro refere-se às principais obras do autor e cita que entre os vários trabalhos como editor Lobato lança em 1921 o que seria seu primeiro livro infantil: *Narizinho Arrebitado (segundo livro de leitura para uso das escolas primárias)*. A autora lembra que a primeira edição dessa obra foi de 50.000 exemplares, sendo que 30.000 foram vendidos às escolas públicas de São Paulo, no governo de Washington Luís. No quinto capítulo, *O sítio, quintal do mundo*, a autora faz uma breve análise sobre as personagens e os tipos de livros infantis que Monteiro Lobato escreveu. Neste capítulo, novamente há uma referência à *A Menina do Narizinho Arrebitado*, dizendo que, em 1921, este conto optava por um final "semelhante aos de tantos livros: a aventura fora um sonho. Porém quando sai *Reinações de Narizinho*, Lobato já optara por unir a fantasia e a realidade"; assim, Narizinho visita o Reino da Águas Claras e o grito de D. Benta assusta os peixes e a menina então volta ao ribeirão. As histórias seguintes são acompanhadas de outros personagens que vão chegando e ficando no sítio.

1992

95) BARBOSA, Alaor. 1922-1992: Monteiro Lobato e os Modernistas. *D.O. Leitura*, São Paulo, 11(122), jul.

O artigo discute sobre a relação de Lobato com os modernistas e da importância do escritor para o movimento. Para finalizar o artigo, o autor cita Tristão de Athaíde, que diz que "Monteiro Lobato precedeu o Modernismo por duas formas - uma em 1918, com *Urupês*, e a outra em 1921, com *A Menina do Narizinho Arrebitado*".

1993

96) BARBOSA, Alaor. O sítio do pica-pau amarelo. *D.O Leitura*, São Paulo, 12 (134), jul.

Neste artigo, o autor comenta todos os personagens lobatianos que passaram pelo Sítio do Pica-pau amarelo e as inovações feitas por Lobato em sua obra infantil, como a linguagem abasileirada, a fronteira inexistente entre o real e o imaginário, a introdução do progresso científico e técnico na narrativa e na linguagem. O autor lembra que tudo começou por acaso quando, numa partida de xadrez, seu adversário Toledo Malta contou-lhe a estória de um peixinho que, por passar muito tempo fora d'água, morreu afogado ao voltar para a água. Menciona ainda sobre a primeira história, que Tristão de Athaíde afirmou, certa vez, que Lobato antecipou o

Modernismo, uma vez que "*Reinações de Narizinho* foi escrito em 1920 e depois no início de 1921", somente um ano depois aconteceria a semana emblemática no Teatro Municipal de São Paulo, marcando o início do Modernismo.

1994

97) VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: Inovações e repercussões*. Lisboa: Portugal Mundo Editora.

Neste estudo sobre a literatura infantil de língua portuguesa, o autor faz uma análise da produção infantil de Monteiro Lobato. Confere ao escritor o título de criador da literatura infantil brasileira e aponta as inovações e as influências da literatura lobatiana junto ao leitor e à literatura infantil brasileira contemporânea. Segundo o autor, em 1920, a renovação da literatura se impunha com a publicação, na *Revista do Brasil*, da história de *Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado*, depois publicada pela Editora Monteiro Lobato e Cia com o título *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Lembra que classificado como *livro de figuras*, *A Menina do Narizinho Arrebitado* estava de acordo com as diretrizes da Escola Nova, que preconizava imagens nos livros infantis e ao mesmo tempo era uma inovação no gênero. Fernando Vale atesta que o sucesso desta obra fez com que, em 1921, ela fosse lançada com o novo título de *Narizinho Arrebitado - segundo livro de leitura* e vendesse 50.500 exemplares e quem ficou encarregado de "avaliar o interesse que esta obra despertava" nas crianças foi o amigo de Lobato, Godofredo Rangel. O autor ainda aponta que "fundindo o real e o maravilhoso em uma única realidade, Lobato fez com que as

crianças se sentissem identificadas com as situações narradas". E este mundo criado por Lobato foi sendo enriquecido nas novas publicações. Conforme o autor, o mais curioso é que este mundo "inventado" passa a ter foros de "realidade". Ainda sobre a primeira edição de *Narizinho Arrebitado* (1921), o autor afirma que existe o "predomínio do racionalismo sobre a livre fantasia". Lobato, usando a fantasia, mas se cuidando com a lógica, "fez com que a aventura "maravilhosa" de Narizinho no Reino da Águas Claras terminasse no momento em que a menina ia responder ao príncipe Escamado, que a pedia em casamento", isto porque há o esclarecimento final de que "tudo aquilo não passara de um lindo sonho". Assim, a presença do maravilhoso dentro do cotidiano acabou por ser anulada. Mas, o escritor toma consciência da diferença entre os mundos da criança e do adulto e, aos poucos, consegue quebrar os limites entre estes dois mundos, e então quando publica a versão definitiva intitulada *Reinações Narizinho* a fusão real/maravilhoso é total. Para o autor, esta e outras obras, de 1921 a 1931, demonstram a evolução no pensamento e na arte do escritor, em relação ao convívio do fantástico com o real. O autor ressalta que o sucesso obtido com *Narizinho Arrebitado*, em 1920, ajudou Lobato no grande salto dado por ele ao modo de produção literário, superando os mecanismos editoriais de distribuição e propaganda do livro no Brasil. Para finalizar este estudo, o autor cita os três ilustradores de *A menina do Narizinho Arrebitado*, Voltolino, Belmonte e Jurandir Ubirajara, para lembrar que com as ilustrações das obras infantis foram abertas novas oportunidades ao aparecimento e consagração de diversos artistas brasileiros e estrangeiros.

1995

98) 100 anos de cinema. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 30 nov., p. 04.

O texto apresentado é um trecho da crônica *A Influência Americana*, de Monteiro Lobato, em que ele defende os Estados Unidos e o cinema norte-americano. No final desta transcrição, também é apresentada uma pequena biografia do escritor, informando que foi editor e escritor de adultos (*Urupês*) e de crianças, iniciou-se neste último gênero com “*Reinações de Narizinho*, 1921, primeira obra da coleção do Sítio do Picapau Amarelo”.

1996

99) ALVES, Januária Cristina. Literatura infanto-juvenil - A história da Estória. *D. O. Leitura*, São Paulo, nº 152, p. 03.

A autora faz um panorama da literatura infantil desde seu surgimento na Europa até sua chegada ao Brasil, que coincide com a implantação da Imprensa Régia (1808). Somente em 1921, conforme o artigo, com a chegada de *Narizinho Arrebitado*, a situação da produção literária para crianças começa a mudar. No novo universo criado por Monteiro Lobato há espaço para "uma crítica ao modelo rural, para personagens mais marcantes e personalidade própria". A autora ressalta também que tão logo *Narizinho Arrebitado* "se torna *best-seller* e vende tanto quanto *Saudade*, que chegou a ser adotado em todas as escolas públicas da época". A partir de então até

1945, a literatura infantil nacional cresce em "vendagem e produção de títulos".

100) Monteiro Lobato vírgula, ponto e vírgula (curta-metragem - 22 minutos). Roteiro de Fernando Navarro, Direção de Renato Barbieri. In: *Coleção Encontros - Itaú Cultural*, mai. (Documentário)

A pequena biografia de Monteiro Lobato cita *A Menina do Narizinho Arrebitado* como informação da primeira obra infantil. O texto informa que foi publicada em 1920 e no ano seguinte foi publicada com o título de *Narizinho Arrebitado*, cuja tiragem atingiu o número de 50.000 exemplares e foi adotada nas escolas de primeiro grau pelo governo de São Paulo.

101) CALLADO, Antonio. Este é um país hostil a editores e hortênsias. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 20 out., p. 5-10.

O autor comenta neste artigo do amigo Ênio Silveira, que morrera em 11/01/96. Compara Ênio com Monteiro Lobato, que foi muito ousado e criador. Ressalta que, do *ponto de vista do livro*, ninguém seguiu mais de perto o exemplo de Monteiro Lobato que Ênio Silveira. Sobre Lobato, o autor lembra que não somente escreveu sobre o petróleo, mas também fez campanha e fundou a Companhia mato-grossense de Petróleo, da qual Callado comprou a ação porque tinha lido de Lobato, muito antes de *O Escândalo do Petróleo, A Menina do Narizinho Arrebitado*.

102) MERZ, Hilda Junqueira Villela et alii. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense.

Nesta pesquisa histórica dos livros infantis de Monteiro Lobato, a autora organizou cronologicamente as obras do escritor. Ao comentar de *Narizinho Arrebitado*, a autora lembra que já em 1916 Lobato se preocupava com a pobreza da literatura infantil brasileira, a ponto de pensar em traduzir fábulas para crianças; mas, somente em 1920, após ouvir a história do peixinho que desaprendera a nadar, Lobato escreveu *História do peixinho que morrera afogado*. No final do mesmo ano, publicou *A menina do narizinho arrebitado*, que iniciou o “mundo maravilhoso da vida no Sítio do Pica-pau amarelo”. Segundo a autora, com este livro, Lobato transformou a literatura infantil em *gênero nobre*. Em 1921, publicou *Narizinho Arrebitado*, dando continuação a história de Narizinho, Pedrinho e de novos personagens.

103) LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.

Comentando sobre a indústria livreira, as autoras lembram da astúcia de Monteiro Lobato em perceber a força do mercado e da publicidade que se coloca entre livros e leitores. E lembram, então, da propaganda de *Narizinho Arrebitado* que saiu no *Estado de São Paulo*, em 12 de abril de 1921. Salta a vista que *Narizinho Arrebitado* é anunciada com o preço de 2500 réis, com desconto de 25% a revendedores, e mais, a manchete traz opiniões de professores, da crítica e das crianças, a reprodução das diferentes recepções tem o objetivo de criar no leitor a

vontade de obter o livro.

104) TAUBATÉ. Recordando Monteiro Lobato. *Boletim Histórico Cultural*. Taubaté: Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico. Ano I, nº 08, abr.

Breve biografia de Monteiro Lobato. O texto aponta que a partir de 1921, com *A onda verde*, o escritor começava a alternar "sua produção literária entre literatura para adultos e literatura para criança. Assim, surgiria *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921)".

1997

105) MENDES, Olival. Crianças de 1921 falam de Narizinho. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 set., p. 5-6.

O autor organiza uma secção de cartas escritas por crianças que falam a respeito da história de *Narizinho Arrebitado*.

106) MOTA, Carlos Guilherme. Um militante do livro. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 dez., p. 5-6.

O artigo é uma resenha do livro *Furacão na Botocúndia*. O autor lembra que Lobato começou editando seus próprios livros e acabou editando o livro de

outros escritores. E sobre isto aponta: “Escreveu umas tantas lorotas que se vendem - *Urupês*, gênero de grande saída, *Cidades Mortas*, *Idéias de Jeca Tatu* subprodutos, *Problema Vital*, *Negrinha*, *Narizinho*.

107) PINTO, Ziraldo Alves. Meu amigo mais antigo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 set., p. 5-6.

Este texto é um depoimento do autor no qual lembra que, quando criança, o presente que mais ganhava de seu pai era livro. Seu pai também havia lido muito quando criança, mas um livro em especial lhe tinha marcado, *Narizinho Arrebitado*. Conta o autor que seu pai queria muito reencontrá-lo para lhe dar de presente, porque lembrava que achou estranho encontrar um livro infantil na escola só “para menino ler e não para estudar”.

108) FEITOSA, Mirna. O narizinho que se meteu na literatura. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 set.

A autora lembra, em sua nota, que a literatura infantil brasileira começou com a "aventura de uma menina que se apaixona pelo príncipe do Reino das Águas Claras". Esta aventura fazia parte da história d'*A Menina do Narizinho Arrebitado*, que foi publicada em 1920 e, no ano seguinte, chegou às escolas paulistanas com o título de *Narizinho Arrebitado*.

109) RIBEIRO, Leo Gilson. Lobato, brasileiro roxo. *Caros amigos*, dez.

Breve comentário biográfico de Monteiro Lobato. A referência feita a *Narizinho Arrebitado* diz respeito a vendagem de 50.000 exemplares, inédita no Brasil, até então.

110) PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Editora.

O autor defende a tese de que a leitura dos livros infantis de Lobato influenciou na formação ideológica dos dirigentes da sociedade brasileira, pessoas que contam com 48 a 61 anos. O livro apresenta cinco capítulos, sendo que os três primeiros consistem em uma revisão bibliográfica, e os dois últimos trazem a análise relativa à influência da literatura lobatiana; e o leitor ainda tem acesso às pesquisas que foram realizadas com os leitores de Lobato, ou seja, as entrevistas concedidas por estes leitores. No primeiro capítulo, em que faz uma revisão biográfica do escritor, o autor lembra que, em 1920, publica, em edição da própria *Revista do Brasil*, a primeira história infantil *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Em um capítulo mais à frente, Penteado lembra também que *Narizinho* teve uma tiragem de 50.500 exemplares, graças ao marketing de distribuição feita pelo escritor. Fazendo a *Cronologia da obra infantil de Monteiro Lobato*, aponta que o primeiro livro infantil de Lobato foi publicado em 1920, com o título *A Menina do Narizinho Arrebitado*; já em 1921, teve como título *Narizinho Arrebitado - segundo livro de leitura para uso das escolas*

primárias, e, em 1931, englobando as histórias publicadas entre 1920 - 1930, foi editada com título *Reinações de Narizinho*. O autor ressalta que Lobato inova ao extinguir as fronteiras entre o reino da fantasia e o mundo "real", é por isso também que *Reinações de Narizinho* - publicada em 1920 e 1921 - foi uma obra de antecipação do Modernismo. Para finalizar, o autor recorda que a história d'*A Menina do Narizinho Arrebitado* já introduz a maioria dos personagens lobatianos: "por ordem de entrada: Dona Benta, Lúcia, Tia Nastácia (Anastácia, na primeira versão), 'nega de estimação', Emília, uma boneca de pano, Pedrinho, o outro neto de Dona Benta".

111) AZEVEDO, Carmen Lúcia de. et alii (Marcia Camargos, Vladimir Sacchetta). *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 157-168.

O livro, que é uma biografia de Monteiro Lobato, comenta que *A Menina do Narizinho Arrebitado* tem sua origem num *insight* que Lobato teve durante uma das suas costumeiras partidas de xadrez. O *insight* se deu quando Toledo Malta contou-lhe a história do peixinho que morrera afogado por ter desaprendido a nadar. Monteiro Lobato transformou essa história em um conto intitulado *A história do peixinho que morreu afogado*. Ao desenvolver melhor a história, lança a primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. O livro traz, em seguida, as impressões publicadas nos artigos de Menotti del Picchia (23-12-20) e de Tristão de Athaíde (25-04-21). Os autores lembram que em 1921, sob o título de *Narizinho Arrebitado*, o livro teve uma edição recorde de 50500 exemplares. Ainda sobre *A Menina do Narizinho Arrebitado*, os autores comentam que por meio de sua primeira edição fac-símile foi possível verificar que seu autor sempre reformulava seus textos alterando,

acrescentando ou cortando situações, nomes e frases.

1998

112) MELLONI, Rosa Maria. *Monteiro Lobato: a saga imaginária de uma vida*. São Paulo: Plêiade.

O livro é um trabalho de análise antropológica, que tem por objetivo verificar de onde advém o imaginário presente na literatura de Lobato. O capítulo IV, embora apresente o subtítulo “*A Menina do Narizinho Arrebitado: do direito ao devaneio*”, comenta os episódios de *Reinações de Narizinho*.

113) SANT'ANNA, Rizio Bruno. Monteiro Lobato: Bibliografia Comentada. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, jan./dez., p. 163-189.

O autor se detém em enumerar os fatos sobre a vida de Monteiro Lobato e sua obra; para finalizar, apresenta um catálogo onde nomeia as obras escritas por e sobre Monteiro Lobato. Na apresentação das obras de Monteiro Lobato, ao citar *A Menina do Narizinho Arrebitado*, o autor diz em nota que foi sua primeira obra infantil e que na *Revista do Brasil*, foram escritos novos episódios com o título de *Lúcia, a menina do narizinho arrebitado*. Estes episódios foram publicados com o título de *Narizinho Arrebitado*, em 1921. Lembra também que, em 1945, Marina de Andrada Procópio de Carvalho realiza a radiodifusão da obra, pela Rádio Globo do

Rio de Janeiro e, em 1947, Adroaldo Ribeiro da Costa realiza a opereta *Narizinho Arrebitado*, para a qual Lobato escreveria um novo livreto, sua última criação infantil.

114) COELHO, Nelly Novaes. Um dos dínamos da cultura brasileira na primeira metade do século. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, jan./dez., p. 139-146.

O artigo aponta o que fez Monteiro Lobato ao longo de sua vida. Lembra que o escritor funda a editora Monteiro Lobato e Cia e introduz no mercado editorial processos novos, que modernizam a parte gráfica dos livros e seu processo de venda e distribuição, bem como concede aos novos escritores espaço para mostrarem suas obras. Em 1921, resolve escrever um livro para crianças, destinado à leitura nas escolas: *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que foi uma revolução para a literatura infantil e um "rebuliço na grande pobreza que imperava nos livros infantis da época". Conforme a autora, Lobato somente tomou consciência disso dez anos depois, com muitos livros infantis já publicados.

115) GÓES, Maria Lúcia Pimentel de Sampaio. Lobato, marco zero. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, jan./dez., p. 153-160.

Breve comentário sobre a biografia de Monteiro Lobato e suas inovações denominadas pela autora de "marcos zero", quais sejam: Lobato "divisor de águas da literatura infantil e juvenil; Lobato revolucionário da literatura infanto-juvenil brasileira e a de muitos outros países que traduziram seus livros; Lobato "marco zero

do movimento modernista" com Jeca Tatu; Lobato sanitaria; Lobato editor; Lobato com visao industrial; Lobato "marco zero da siderurgia nacional"; e Lobato tradutor. A autora considera-o "marco zero" em se tratando dos livros, porque renovou as obras didaticas, iniciou a literatura infantil brasileira com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e com ela tambem iniciou o livro infantil ilustrado.

116) FRIAS F^o, Otavio. Rememorias de Emilia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 de jun.

Neste artigo, o autor aponta que Monteiro Lobato foi taxado por duas tradicoes criticas distintas a partir da decada de 70, uma contava com educadores que submeteram "sua obra a uma revisao de cunho progressista"; a outra inverteu a imagem, Lobato "passou a ser tudo o que ele mais abominava em vida (...), conformista tanto do ponto de vista social quanto ideologico e literario". Mas, segundo o autor, o objetivo de seu artigo e voltar ao texto original, aos livros feitos para crianças, sem a interferencia destas posicoes criticas. E assim o autor faz uma analise sobre o desenvolvimento da obra infantil de Monteiro Lobato. Segundo o autor, nas primeiras historias de Narizinho datadas da decada de 20, Lobato ainda "experimenta o genero: as personagens sao rigidas, o enunciado e formulistico e a fabulacao e quase toda baseada numa glosa bisonha dos classicos da literatura mundial". Prossequindo, afirma que foi na decada de 30 que Lobato, ja se dedicando verdadeiramente a literatura infantil, consolida a estrutura do sitio que se conhece nos dias de hoje: "a trama perde a frouxidao anterior, torna-se mais magnetica e passa a se organizar em redor dos personagens brasileiros, (...), os caracteres ganham enorme nitidez e

colorido, e o texto adquire a segurança coloquial (...)". Unindo história e literatura, o autor continua, neste tom efusivo, a análise das personagens do Sítio, sobretudo de Emília.

117) MACHADO, Maria Cristina Q. O projeto modernizador presente na obra de Monteiro Lobato. In: *Curso de capacitação para professores de Educação de jovens e adultos*. Centro de Estudos Supletivos "Professor Manoel Rodrigues da Silva". Maringá, jul.

A apostila está dividida em duas partes, a primeira traz fragmentos da obra infantil de Lobato e a outra um capítulo da dissertação de mestrado da organizadora da apostila, cujo título é *Reinações de um escritor: Monteiro Lobato*. Ainda na primeira parte aparece o subtítulo "O autor e sua obra", que traz uma pequena biografia de Lobato. Neste tópico, a *História do peixinho que morreu afogado* é referida como o conto que origina, em 1921, *Narizinho Arrebitado*. E esta última é considerada "ponto de partida para a criação de uma série de aventuras no Sítio do Picapau Amarelo, onde fica o Reino das Águas Claras".

118) "Narizinho" ganha roupa nova aos 51. *Vale do Paraíba*, (Vale do Paraíba), 24 nov.

O artigo comenta a nova edição de *Reinações de Narizinho*, mas é ilustrado com a capa de *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

119) SILVA, Adriana Vera; JOVER, Ana; GUIMARÃES, Camila. A viagem da leitura. *Nova Escola*, mai.

O artigo comenta a importância da leitura e como despertar o gosto por ela nas crianças. Traz um fragmento de um artigo da *Revista do Brasil*, de 1921, que fala sobre o desinteresse que a literatura infantil da época causava no leitor mirim, com exceção do conto *Narizinho Arrebitado*, nova realidade que começou a ser despertada por "puros homens de letras", como Lobato.

120) ANDRADE, Antônio Carlos de Angelo. Monteiro Lobato uma breve biografia. *Vale Industrial do Paraíba*, Taubaté, 18 abr.

Nesta referência, o autor menciona que Monteiro Lobato se consagrou um dos maiores autores da literatura infantil brasileira e entre suas obras está *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921).

121) VILLA, Marco Antonio. Um combatente entre nós. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 de jun.

O artigo se detém na biografia de Monteiro Lobato, tendo como enfoque o Lobato empresário. Dentro desta perspectiva, menciona a fundação da Monteiro Lobato e Cia e sua ousadia em fazer uma tiragem de 50.000 exemplares de uma única edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

122) COSTA, Francisco. Reinações de Lobato. *Cult - Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Livraria Cultura, jul., p. 36-38, nº 12, ano II.

O artigo é dividido em duas partes: uma comenta os melhores estudos publicados em livros sobre Lobato e sua obra; a outra é biográfica, nesta há uma menção a compra da *Revista do Brasil*, em 1918, na qual começaria a publicar *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

123) SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angela (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens - algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, p. 11-26.

O artigo apresenta um percurso histórico da literatura infantil brasileira, desde a literatura importada do fim do século XIX até os mais vendidos dos últimos anos da década de 70. A autora lembra que a literatura infantil propriamente brasileira foi apenas inaugurada com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, em 1921. Para Sandroni, sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precederam, uma vez que a linguagem original, criativa e coloquial preconiza o Modernismo.

124) BERTOZZO, Sandra M^a Giovanetti. De Lobatos a Lobato. *Proleitura*, ano 05, n^o 18, fev.

O artigo fala sobre vida e obra de Monteiro Lobato. A autora afirma que em 1921, com a publicação de *Narizinho Arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*, Monteiro Lobato inaugura um novo conceito de literatura infantil no Brasil, mas há poucos estudos sobre sua literatura infantil.

1999

125) GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 13-29.

Neste artigo, a autora analisa os elementos e recursos textuais utilizados na literatura infantil brasileira. Para tanto, a autora recorre à produção inicial datada dos primeiros anos do século XX. Esta produção tinha como característica, segundo a autora, a descrição de um cotidiano infantil modelar, cujas virtudes e defeitos deveriam ser incorporados e evitados respectivamente. Somente a partir da década de 20, conforme a autora, é que se criam mundos pautados pela imaginação do autor, onde tempo e espaço reais são rompidos cedendo lugar à fantasia. O texto que inaugura esse novo tipo de representação do gênero é *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921. Esse texto rompe com os cânones que banalizavam o texto

literário anterior. A novidade de *A Menina do Narizinho Arrebitado* estava, sobretudo, nos novos referenciais e na linguagem fundada no recurso ao fantástico e à imaginação.

126) VIEIRA, Adriana Silene. O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 45-64.

Baseando-se nas correspondências de Monteiro Lobato dirigidas a Godofredo Rangel, o artigo analisa os planos de Lobato de criar uma literatura infantil brasileira. A autora observa que em 1921, ano que publicou *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Lobato revê suas idéias em carta reforçando a crítica às traduções de obras infantis disponíveis no Brasil. A autora lembra que Monteiro Lobato compara o produto livro com outros de primeira necessidade, como comida e remédio, atitude que o leva a inventar novos meios de fazer suas obras atingirem o maior número possível de leitores. Lembra também que Lobato compara *A Menina do Narizinho Arrebitado* a dois remédios, óleo de rícino e Gelol, ironizando, assim, o fato de que sua obra infantil seria comprada pelos pais e imposta à criança.

127) BIGNOTO, Cilza Carla. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 101-114.

O estudo de Cilza C. Bignoto tem como objetivo principal a comparação entre duas personagens infantis de Monteiro Lobato: Negrinha e Narizinho. Negrinha é filha de escrava da dona da fazenda, Narizinho é neta da dona do sítio, ambas meninas têm sete anos, seus apelidos são baseados em uma característica física. Esses dados revelam a sua condição familiar e social. Esse estudo também observa as bonecas dos contos, brinquedo que as duas meninas gostavam e desejavam. O livro *Narizinho Arrebitado*, de 1921, é citado como marco do início da série de aventuras dos habitantes do sítio e o ano que Emília começa a falar. Em outro momento, *Narizinho Arrebitado* é citado novamente para agora chamar a atenção para o subtítulo do livro: “segundo livro de leitura para uso das escolas primárias”; a autora chama atenção para o fato de Monteiro Lobato visar mais aos *escolares* que propriamente às crianças. Porém, o escritor encontrou espaço não só para um projeto pedagógico, mas também político, econômico, religioso, literário, entre outros.

128) Meu primeiro livro. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 out..

Neste artigo são apresentados depoimentos de escritores sobre o primeiro livro que leu. Dentre os autores elencados e seus respectivos livros estão José Paulo Paes com a coleção do Tarzan, Raquel de Queiroz com *Ubirajara*, Ferreira Gullar com *I-Juca Pirama* e Antonio Callado com *Narizinho Arrebitado*.

2000

129) *48ª Semana Monteiro Lobato e Dia do Jornalista Osvaldo Barbosa Guizardi*.
Câmara Municipal de Taubaté, 09 abr.

Este pronunciamento foi feito na Câmara Municipal de Taubaté, durante a sessão de abertura da Semana Monteiro Lobato, pelo Vereador e orador oficial Djalma José de Castro. O orador lembra que o mentor da idéia da Semana Monteiro Lobato foi o Professor Gentil de Camargo, mas foi pela liderança do jornalista Osvaldo Barbosa Guizardi que surgiu a primeira Semana Monteiro Lobato, em Taubaté. No seu pronunciamento, o vereador recorda a grandiosidade dos feitos de Monteiro Lobato e afirma que "em 1945 a Editora Brasiliense publica suas obras completas e, com *Narizinho Arrebitado*, lança o Sítio do Picapau Amarelo."

130) LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna.

No capítulo oito deste livro, que é uma biografia de Monteiro Lobato, Marisa Lajolo lembra que entre a "fundação e a falência" de sua editora, Monteiro Lobato e Cia, Lobato começa a desenvolver sua melhor invenção que é o Sítio do Picapau Amarelo, o qual aparece pela primeira vez em *Narizinho Arrebitado*, em 1921, cujos primeiros trechos foram publicados na *Revista do Brasil*. O livro lembra também que Monteiro Lobato distribuiu milhares de exemplares às escolas públicas paulistas. O governador, ao visitar as escolas, sensibilizou-se ao ver exemplares tão

surrados pelo uso e comprou 30.000 exemplares.

2001

131) ASSIS, Denise. Dona Benta na Justiça. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 nov.

Este artigo discute sobre a existência de uma revista infantil, intitulada *O Sítio de Dona Benta*, que Lobato teria pedido registro e autorização ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI). A autora lembra que a dúvida sobre a existência dessa revista reside no fato de Monteiro Lobato não ter anexado no pedido seu primeiro número, que o escritor afirma no processo ter sido publicado. Mas pesquisadores de Monteiro Lobato acreditam que este primeiro número da revista *O Sítio de dona Benta* não chegou a sair. Neste texto, a autora refere-se *A menina do narizinho arrebitado* para lembrar que desde 1920, quando escreveu este conto, o escritor marcou as gerações seguintes, “alimentando com grande sucesso a fantasia da criança”.

132) DEBUS, Eliane Santana Dias. *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores*. PUC: Rio Grande do Sul. 263 p. (Tese de Doutorado)

A autora tem como objetivo investigar a influência que Lobato exerceu na formação de leitores cuja infância se passou nas décadas de 20, 30 e 40,

período de plena atividade literária do escritor. Para tal verificação, a autora dedica-se, sobretudo, às cartas de leitores que foram receptores mirins à época, pois elas apontam *subsídios para refletir sobre a conduta e as reações dos leitores, bem como se tornam testemunhos*. Refletindo sobre a função da leitura e do seu destinatário nos contos de Lobato, a autora aponta que é nos contos infantis que o escritor se volta para a figura do leitor. E sobre a produção infantil, a autora lembra que Lobato já em 1916 cogitava a idéia de fazer literatura infantil. Este projeto foi concretizado em 1920, com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, em fragmentos na *Revista do Brasil*. Ainda sobre a literatura para criança, a autora aponta que até a publicação desta obra, o gênero era “confundido e tratado como literatura escolar, intimamente ligada à pedagogia”, ou seja, sua introdução se dava na escola. Mas disto, conforme a autora, nem mesmo Lobato escapou: “*Narizinho Arrebitado* que daria a independência do gênero, também fez concessões”. A autora destaca ainda que a divulgação dos livros a venda é uma preocupação que parte de Lobato. Uma das estratégias do escritor para vender 50.500 exemplares de *Narizinho Arrebitado* foi “ter gasto quatro contos num anúncio de página” e a outra foi distribuir gratuitamente 500 exemplares às escolas. No tocante às ilustrações de *A menina do narizinho arrebitado*, a autora observa que, antes de publicar este livro, o escritor criticava todos os demais que continham muitas figuras; mas neste, além de trazer ilustração, informa que é um *livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino*. A autora acredita que a fronteira entre a realidade e fantasia foi uma incógnita perseguida por Lobato, pois na primeira versão de *Narizinho Arrebitado* a aventura da menina não passa de um sonho, já em 1931, ao ouvir a voz de D. Benta, as personagens “somem por encanto e ela (Narizinho) envolvida numa ventania, retorna ao sítio”.

Artigos sem indicação de data

133) Realismo, naturalidade e franqueza rude deram-lhe popularidade. *Diário de Taubaté*, Centenário de Monteiro Lobato.

O artigo é dividido em três partes: a primeira se restringe a criação do Jeca Tatu e a virulência com que Lobato critica a figura do caboclo; a segunda diz respeito a luta pela exploração do petróleo no Brasil; e a terceira refere-se às inovações de sua literatura. Nesta última parte, o autor cita *A Menina do Narizinho Arrebitado* como uma destas inovações e como marco do surgimento da literatura infantil brasileira.

134) OLIVEIRA, Antenor Santos de. A literatura infantil através dos tempos. In: *Curso de Literatura Infantil*. São Paulo: Santos de Oliveira.

Este livro é resultado de um ciclo de palestras sobre literatura infantil ocorrido na Biblioteca Municipal de São Paulo. Dentre os artigos publicados há o de Antenor Santos de Oliveira, intitulado *A literatura infantil através dos tempos*. Neste artigo, o autor comenta o surgimento da literatura infantil na Europa até a chegada do Monteiro Lobato. Lembra que o maior autor brasileiro de contos infantis publica seu primeiro livro, em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e afirma que neste primeiro livro, dando o nome agora de "*Narizinho Arrebitado*", sentimos o Andersen brasileiro, mas o nosso Lobato cresce aos olhos de quem o lê, prendendo pela

magnitude das suas figuras, numa pujança constante, a demonstrar neste a superioridade sobre o outro, do seu maravilhoso".

MEIO ELETRÔNICO

1) Monteiro Lobato [verbete]. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/index.html>>. Acesso em: 10 ago. 2000.

O *site* Projeto Memória é dedicado a vultos famosos como Juscelino Kubitschek, Pedro Álvares Cabral, Rui Barbosa, Castro Alves e Monteiro Lobato. O *site* apresenta vários *links* que estão divididos em *Vida e Obra*, *Bibliografia*, *Histórico*, *Sítio do Picapau Amarelo*. O *link* *Vida e Obra (Monteiro Lobato e a Juventude)* informa que Lobato foi uma criança diferente que gostava muito de ler e conviver com as pessoas do interior. Também informa que em 1920, numa conversa com Hilário Tácito, Lobato ouviu a história do peixinho que esqueceu como nadar e morreu afogado. Lobato escreveu esta história e acrescentando reminiscências da infância transformou-a num conto, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que é "sua estréia no mundo do faz-de-conta". A partir de então, Lobato descobre sua "vocaçãõ de comunicador incomparável na fecunda produção de obras para o público infanto-juvenil". Neste *link* também há a informação de que Lobato, na tentativa de agradar as crianças, pede a seu amigo Rangel que dê seu parecer sobre a obra e faça o teste em seus alunos, dando-lhes para ler o *Narizinho Arrebitado*. Sobre a literatura infantil lobatiana, ressalta que o escritor criou suas histórias sob idéias opostas as de que

“crianças eram adultos reduzidos em idade e estatura, embora com a mesma psicologia”. Conforme o texto, Lobato defendia que “a criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto”. Seguindo no mesmo *site*, mas em outro link, intitulado de *Monteiro Lobato na Revista do Brasil*, cujo assunto é o Lobato editor que revolucionou o mercado de livros no Brasil, há uma referência a 1920, ano em que Lobato adquire a Monteiro Lobato e Cia e expande ainda mais seus negócios quando lança *Narizinho Arrebitado*, que de pronto foi adotado pelas “escolas públicas, alcançando, em 1921, tiragem de 50 mil exemplares”. Também o *link Cronologia* (<http://www.projeto memoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/1918.htm>), no qual se misturam fatos da história do mundo com os feitos de Lobato, informa que no natal de 1920 houve o lançamento da primeira obra infantil de Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, “com capa ilustrada e cartonada, formato 29 X 22 cm., 43 páginas e desenhos coloridos de Voltolino”; e, em abril de 1921, Monteiro Lobato lançou *O Saci*, seguido de *Narizinho Arrebitado* – “edição de *A menina do narizinho arrebitado* acrescida de histórias inéditas, 181 páginas, em tiragem de 50 mil exemplares e adotada pelo governo de São Paulo para a rede escolar”.

2) Monteiro Lobato [verbete]. Disponível em: <<http://www.faanac.edu.br/bib-lobato.html>>. Acesso em : 20 ago. 2000.

O *site* <http://www.faanac.edu.br> contém biografias de escritores da literatura brasileira e portuguesa. No *link* dedicado a Monteiro Lobato há um brevíssimo comentário sobre a vida do escritor e uma referência a 1921, ano em que Lobato, em um “projeto pioneiro”, mostra seu interesse pela educação, lançando o livro *Narizinho Arrebitado*, com distribuição gratuita para escolas.

3) *Site* de turismo. Disponível em:

<<http://www.revistaturismo.com.br/passeios/mlobato.htm>> . Acesso em: 27 jul. 2000.

O *site* é um convite a visitar o Sítio do Picapau Amarelo, em Taubaté.

No *link* que fala sobre a biografia de Monteiro Lobato há uma referência ao lançamento de *Narizinho Arrebitado*, em 1921, lembrando que foram feitos anúncios na imprensa e distribuição de exemplares gratuitos para escolas, num total de 500 doações.

4) Memória da Leitura (Campinas: Unicamp) Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/EnciclopediaLiteraria/Literatura%20Brasileira%20I/Cr%EDtica/hans/monteirolobato.htm>>. Acesso em: 20 set. 2000.

Neste *link* do *site Memória da Leitura* há um breve comentário sobre Monteiro Lobato e em seguida uma cronologia de sua vida. Nele há a citação de *Narizinho Arrebitado*, editado em 1921, e que teve anúncios na imprensa e distribuição de exemplares gratuitos para escolas, num total de 500 doações.

5) GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. *A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos*. Disponível em

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm>>. Acesso em : 10 nov. 2001.

Este artigo discute o ensino da leitura na escola, como formar leitores e para quê formá-los. Para tanto, os autores fazem uma retrospectiva das antigas práticas de ensino da leitura, desde os meados do século XIX até os dias atuais. No

panorama apresentado, dois títulos são apontados como livros que marcaram a história dos impressos escolares no Brasil: *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, e *Narizinho Arrebitado* (1921). Os autores ressaltam que este último nasceu como *2º livro de leitura para as escolas* e com ele trouxe uma inovação, a de tentar proporcionar o prazer na leitura, até então ignorado pela escola.

6) ABRAMOVICH, Fanny. *Monteiro Lobato - 1882-1948*. Disponível em: <http://www.vidaslusofonas.pt/monteiro_lobato.htm>. Acesso em 20 set. 2000.

Neste *link* aparece a biografia do escritor e há uma referência à *A Menina do Narizinho Arrebitado*, informando a data de sua primeira edição (1920), o número de exemplares vendidos (50.000), lembrando também que a ilustração era de Voltolino e que o livro foi adotado nas escolas primárias.

7) BIGNOTO, Cilza Carla. *Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/duasinfancias.html>>. Acesso em: 30 out. 2000.

Este artigo faz uma análise comparativa de duas personagens infantis de Lobato, Negrinha e Narizinho. A autora referencia *Narizinho Arrebitado*, lembrando que foi publicado em 1921 e dá início a série de aventuras dos personagens do Sítio do Picapau amarelo. O artigo informa também que com *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato visava mais do que às crianças, aos escolares. E com o sítio, evidencia a autora, o escritor encontrou espaço não só para um projeto estético ou pedagógico, mas para um projeto político que envolvia inúmeros setores da vida brasileira. Em suas obras infantis, o escritor mostrou idéias sobre literatura, história,

economia, política, religião; idéias que nem sempre estavam de acordo com o que queria o tal projeto educativo brasileiro. E por isso, seus livros condenados não eram recomendáveis às crianças da elite.

8) Catálogo de livros infantis e didáticos desde 1504 até 1921. Memória da Leitura (Campinas: Unicamp) Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Didaticos/didatico.htm> . Acesso em: 28 out. 2000

Este *link* apresenta um quadro que enumera os livros didáticos usados entre o começo do século XVI até o início do XX. No ano de 1921, o quadro destaca alguns livros de Lobato, quais sejam: *Narizinho Arrebitado (Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias)*; *O saci*; *Fábulas de Narizinho*.

9) BIGNOTTO, Cilza Carla. *Monteiro Lobato e a infância na república velha*. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios/republicavelha.htm>>. Acesso em : 30 out. 2000.

O artigo apresentado no *site Memória da Leitura* discute a concepção de infância depois de proclamada a república. A autora aponta que a nova idéia sobre a infância apareceu primeiro em teorias de educação, como as da Escola Nova, em leis de proteção ao menor, em histórias como as de Monteiro Lobato, para depois, aos poucos, tomar lugar na cultura nacional. A autora lembra que esta nova concepção surgiria somente depois da década de 20, quando começam as campanhas da alfabetização e da escola. Nesta época, Lobato lança *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), ponto de partida para a construção da saga do Sítio do Picapau

Amarelo – o que consagraria o escritor como fundador da literatura infantil brasileira. Conforme a autora, entre as inovações da literatura de Lobato, uma que se destaca é “o modo de tratar e retratar a criança, que se aproxima muito do que pretendia o Escolanovismo”.

10) Monteiro Lobato [biografia]. Disponível em: <<http://www.lobato.globo.com/>>. Acesso em : 11 nov. 2001.

Este *site* é mantido sob orientação da família de Monteiro Lobato e gerido pela Monteiro Lobato Licenciamentos. Apresenta os *links*: *Vida e Obra*, *Linha do Tempo*, *Biblioteca*, *Novidades*, *Lançamentos*, *Almanaque*, *Emails das personagens* e *Links diversos*. No link *Linha do tempo (1918-1925 Lobato editor e autor infantil)* há uma referência ao lançamento de *A Menina do Narizinho arrebitado* (1920) e *Narizinho Arrebitado* (1921), e características sobre o formato dos livros.

APÊNDICE B – BIBLIOGRAFIA SOBRE A MENINA DO NARIZINHO***ARREBITADO E NARIZINHO ARREBITADO***

- 1) [s.i.a.] *Revista do Brasil*, São Paulo, ano VI, jan/mar, p. 42-50, 1921.
- 2) [s.i.a.]. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 dez. 1920.
- 3) 48ª Semana Monteiro Lobato e Dia do Jornalista Osvaldo Barbosa Guizardi. *Câmara Municipal de Taubaté*, 09 abr. 2000.
- 4) ALMEIDA, Renato. Literatura infantil. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, vol. VI, p. 200-222.
- 5) ALVES, Januária Cristina. Literatura infanto-juvenil - A história da Estória. *D. O. Leitura*, São Paulo, nº 152, p. 03, 1996.
- 6) ANDRADE, Antônio Carlos de Angelo. Monteiro Lobato uma breve biografia. *Vale Industrial do Paraíba*, Taubaté, 18 abr. 1998.
- 7) ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira - ensaios de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.
- 8) ASSIS, Denise. Dona Benta na Justiça. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 nov.2001.
ATHAÍDE, Tristão. Um homem livre. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 ago. 1948.
- 9) AZEVEDO, Carmen Lúcia de. et alii (Marcia Camargos, Vladimir Sacchetta). *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.
- 10) BARBOSA, Alaor. Monteiro Lobato das crianças. Goiânia: Oriente, 1975.
- 11) _____. 1922-1992: Monteiro Lobato e os Modernistas. *D.O. Leitura*, São Paulo, 11(122), jul. 1992.
- 12) _____. O sítio do pica-pau amarelo. In: *D.O Leitura*, São Paulo, 12 (134), jul. 1993.
- 13) BARBOSA, Francisco de Assis. Monteiro Lobato e o direito de sonhar. In: LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Ed. fac-sim.. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 45-57.

- 14) BASTOS, Abgvar. Lobato: o escritor, o político e o profeta. In: DANTAS, Paulo (Org.). *Voices do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982. p. 121-124.
- 15) BERTOZZO, Sandra M^a Giovanetti. De Lobatos a Lobato. *Proleitura*, ano 05, n^o 18, fev. 1998.
- 16) BIGNOTO, Cilza Carla. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 101-114.
- 17) BOSI, Alfredo. Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, n^o 1/2, p. 19-33, jan/jun, 1982.
- 18) CADEMARTORI, Lígia. Nem isto nem aquilo: literatura irrestrita. *Leia*, São Paulo: Cia editora Joruês, ano X, n^o 113, p. 57, mar. 1988.
- 19) CALLADO, Antonio. Este é um país hostil a editores e hortênsias. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 5-10, 20 out.1996.
- 20) CARR, Stella. O mágico das sobrelhas em til *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 37, n^o esp., p. 21-23, jul./dez., 1976.
- 21) CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compêndio de Literatura Infantil – para o 3^o ano normal*. São Paulo: IBEP/ Cia Editora Nacional, 1959.
- 22) CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato e as Crianças - I. *O Estado de São Paulo*, 20 mai. 1943.
- 23) _____. Monteiro Lobato e as Crianças - II. *O Estado de São Paulo*, 27 mai.1943.
- 24) _____. Monteiro Lobato: vida e obra. São Paulo: Editora Companhia, 1955.
- 25) _____. Influência de Monteiro Lobato. *Ciências e Trópicos*, Recife, 9 (2): 315-320, jul./dez, 1981
- 26) Cem anos de cinema. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 04, 30 nov. 1995.
- 27) CESAR, Guilhermino. Monteiro Lobato e o Modernismo Brasileiro. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 33-40.
- 28) COELHO, Nelly Novaes. A Literatura infantil: teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. São Paulo: Quíron, Brasília: INL, 1981.

- 29) _____. Monteiro Lobato e a ficção para crianças. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, nº 1/2, p. 129-137, jan./jun.1982.
- 30) _____. Monteiro Lobato. In: *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira (1882-1982)*. São Paulo: Quíron, 1983, p. 718-734.
- 31) _____. *Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil – das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1981.
- 32) _____. Um dos dínamos da cultura brasileira na primeira metade do século. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, p. 139-146, jan./dez. 1998.
- 33) Coisas da Cidade - Um livro para crianças. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 jan. 1921, Estadinho.
- 34) COSTA, Francisco. Reinações de Lobato. *Cult - Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Livraria Cultura, São Paulo, ano II, nº 12, p. 36-38, jul. 1998.
- 35) DANTAS, Paulo. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.
- 36) D'ÁVILA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil (de acordo com os programas das escolas normais)*. São Paulo: Editora do Brasil, 1961.
- 37) DEBUS, Eliane Santana Dias. O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores. PUC: Rio Grande do Sul, 2001. 263 p. (Tese de Doutorado)
- 38) DONATO, Mário. O meu Lobato. *O Estado de São Paulo*, ano II, nº 97, p. 5-6, 1972.
- 39) Dúvidas e indefinições da literatura infantil nacional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 24, 25 jun. 1978.
- 40) FEITOSA, Mirna. O narizinho que se meteu na literatura. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 de set. 1997.
- 41) FERRAZ, Breno. Narizinho Arrebitado. *Revista do Brasil*, São Paulo, p. 157, 05 jan., 1921.
- 42) FILHO, Camões. Acende-se hoje a chama simbólica da Semana Monteiro Lobato. *Vale Paraibano*, 19 abr. 1981.
- 43) FILIPOUSKI, Ana Mariza R. Monteiro Lobato e a Literatura Infantil Brasileira Contemporânea. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 102-105.
- 44) FRIAS Fº, Otávio. Rememórias de Emília. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jun.1998.

- 45) Fundação Getúlio Vargas/CPDOC. Monteiro Lobato [verbete]. In: _____ *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 3, 1984, p. 1904-1906.
- 46) GÓES, Maria Lúcia Pimentel de Sampaio. Lobato, marco zero. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, p. 153-160, jan./dez. 1998.
- 47) GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 13-29.
- 48) HECKER Fº, Paulo. O problema da literatura infantil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano XVII, nº 798, 12 nov. 1972, Suplemento Literário.
- 49) HOHLFELDT, Antonio. Comparando Lobato com Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 106-110.
- 50) JOSEF, Bella. Monteiro Lobato revisitado. *Suplemento de Minas Gerais*, ano XV, nº 821, p. 5, 26 jun. 1982.
- 51) KAIROVSKY, Lúcia. A consciência do mundo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano XVII, nº 798, 12 nov. 1972, Suplemento Literário.
- 52) KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A Queiroz, 1982.
- 53) KUPSTAS, Marcia. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Ática, 1988.
- 54) LACERDA, Virgínia Cortês de. Monteiro Lobato e a literatura infantil – leitores e livros. Rio de Janeiro 2(5): p. 30-43, jul.-set., 1951.
- 55) LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*, nº 49, set. 1982, PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 15-22.
- 56) _____. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- 57) _____. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- 58) _____ & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- 59) LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

- 60) LIMA, Alceu Amoroso. Arte e mercantilismo. In: ____ *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, v. I, p. 301-305.
- 61) LIMA, Alceu Amoroso. Livros para crianças. In: _____. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, v. I, p. 347-351.
- 62) LOPES, Maria da Glória. A volta da Menina do Narizinho Arrebitado. *O Estado de São Paulo*, 15 ago. 1982.
- 63) MACHADO, Maria Cristina Q. O projeto modernizador presente na obra de Monteiro Lobato. In: *Curso de capacitação para professores de Educação de jovens e adultos*. Centro de Estudos Supletivos "Professor Manoel Rodrigues da Silva". Maringá, jul. 1998.
- 64) MAGALHÃES, Lígia Cadermatori. Literatura infantil brasileira em formação. In:
- 65) ____ & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982, p. 135-152.
- 66) MANSUR, Gilberto. Arte de dizer às crianças a verdade inteira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2(97), 1982, Suplemento Cultural, p. 8-10.
- 67) MANSUR, Gilberto. Um sonho de verdade. *Jornal da Tarde*, 17 abr. 1982.
- 68) MARTINS, Gilberto. O sítio do pica-pau. *Vale do Paraíba*, São José dos Campos, 20 abr. 1982.
- 69) MARTINS, Ibiapara. Lobato, um cético que acreditou no Brasil. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v.37, nº esp., p. 29-30, jul./dez, 1976.
- 70) MARTINS, Nilce Sant'Anna. Aspectos da literatura infantil de Monteiro Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 42, nº 1, p. 81-93, jan./mar., 1981.
- 71) MELLONI, Rosa Maria. *Monteiro Lobato: a saga imaginária de uma vida*. São Paulo: Plêiade, 1998.
- 72) MENDES, Olival. Crianças de 1921 falam de *Narizinho*. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 5-6, 13 set. 1997.
- 73) MERZ, Hilda Junqueira Villela et alii. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- 74) Meu primeiro livro. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 out.1999.

- 75) Monteiro Lobato vírgula, ponto e vírgula (curta-metragem - 22 minutos). Roteiro de Fernando Navarro, Direção de Renato Barbieri. *Coleção Encontros - Itaú Cultural*, mai.1996.
- 76) Monteiro Lobato vivo. Durante 15 minutos. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 04 jul. 1978.
- 77) Monteiro Lobato, o filho que Taubaté não esquece. *Valeparaibano*, Vale do Paraíba, 05 dez. 1979.
- 78) Monteiro Lobato. In: *Grandes personagens da nossa história*. São Paulo: Abril Cultural, 1970, p. 941-956.
- 79) Morreu Monteiro Lobato. *Correio da Manhã*, 06 jul., 1948.
- 80) MOTA, Carlos Guilherme. Um militante do livro. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 5-6, 13 dez.1997.
- 81) MURALHA, Sidônio. *Um personagem chamado Pedrinho: a vida de Monteiro para os alunos lerem e os professores também*. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- 82) Na trilha do passado. *Veja*, 15 dez 1982.
- 83) “Narizinho” ganha roupa nova aos 51. *Vale do Paraíba*, Vale do Paraíba, 24 nov. 1998.
- 84) *Narizinho Arrebitado* - órgão do curso primário anexo do Colégio Normal Monteiro Lobato. Redator: profº Sebastião M. Bonato, ano 5, nº 29, Taubaté, mai.1953.
- 85) *Narizinho Arrebitado* na Itália. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, ano XXXVII, nº 99, dez.1981.
- 86) *Narizinho, Opereta em quatro atos*. Salvador: Teatro do Instituto Normal da Bahia. Original de Adroaldo Ribeiro da Costa. Música Agenor Gomes, 1947.
- 87) NOGUEIRA, J.A. Literatura infantil – reabilitemos a imaginação. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 set.1922
- 88) _____. Literatura infantil – Narizinho Arrebitado, por Monteiro Lobato. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 out. 1922.
- 89) NUNES, Cassiano. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: Copidart, 1983, 27 p.
- 90) NUNES, Flávio Bellegarde. Estilo de Lobato. *A voz do Vale*, Vale do Paraíba, 17 mar. 1984.

- 91) OLIVEIRA, Antenor Santos de. A literatura infantil através dos tempos. In: *Curso de Literatura Infantil*. São Paulo: Santos de Oliveira, s/d.
- 92) Opereta de Narizinho Arrebitado. *Revista Fan Magazine*, 1947.
- 93) PACHECO, Renato. Emília: personagem de Monteiro Lobato. *Revista Brasiliense*. São Paulo, nº 10, p. 159-174, 1957.
- 94) PALLOTINI, Renata. Eu lia um livro. In: DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do Tempo de Lobato – depoimento – edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 159-160.
- 95) PATTI, Francisco. Literatura para crianças. *Correio Paulistano*, São Paulo, 06 jul. 1948.
- 96) PEIXOTO, Silveira. Vida, Paixão e Morte de Lobato. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 43, nº 1/2, p. 49-65, jan./jun 1982.
- 97) PELEIAS, Débora. A historinha vira assunto sério. *Leia*, São Paulo: Cia Editora Joruês, ano X, nº 114, p. 65, abr. 1988.
- 98) PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Editora, 1997.
- 99) PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário Universal de Literatura (Bio-bibliográfico e cronológico)*. Porto: Livraria Latina Editora 2, Santa Catarina, 10, 1940, p. 745-746.
- 100) PEREIRA, Astrojildo. Um Biografia de Monteiro Lobato. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, p. 89-99.
- 101) PINHEIRO, Paulo Sérgio. Um cidadão incômodo. *Istoé*, São Paulo, 21 abr. 1982, p. 46-48.
- 102) PINTO, Zivaldo Alves. Meu amigo mais antigo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 5-6, 13 set. 1997.
- 103) PONDÉ, Glória Maria Fialho. A herança de Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 111-116.
- 104) Realismo, naturalidade e franqueza rude deram-lhe popularidade. *Diário de Taubaté*, Centenário de Monteiro Lobato.
- 105) RIBEIRO, José Antônio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf/SMC. 1984.

- 106) RIBEIRO, Leo Gilson. Lobato, brasileiro roxo. *Caros amigos*, dez.1997.
- 107) RIBEIRO, Rui. Monteiro Lobato, inovador como literato e como editor. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1982.
- 108) RIZZINI, Jorge. *Vida de Monteiro*. São Paulo: Piratininga, 1954.
- 109) SALVADOR. *Monteiro Lobato - o pai de Emília*. Salvador: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1960.
- 110) SANDRONI, Laura Constância. A função transgressora de Emília no universo do Picapau Amarelo. *Letras de Hoje*, nº 49, set.1982, PUC-RS - Monteiro Lobato - edição comemorativa do centenário de nascimento, p. 87-95.
- 111) _____. Apresentação. In: YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.
- 112) _____. O nacionalismo na literatura no início do século XX. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- 113) _____. *De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- 114) _____. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angela (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens - algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998, p. 11-26.
- 115) SANT'ANNA, Rizio Bruno. Monteiro Lobato: Bibliografia Comentada. *Revista Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 56, jan./dez. 1998, p. 163-189.
- 116) São Paulo homenageia o escritor Monteiro Lobato. *Folha da Tarde*, São Paulo, 18 abr. 1980.
- 117) SÃO PAULO. Ano do Centenário de Nascimento de Monteiro Lobato. Biblioteca infanto-juvenil Monteiro Lobato, São Paulo, nov/1981- abril/1982.
- 118) SILVA, Adriana Vera; JOVER, Ana; GUIMARÃES, Camila. A viagem da leitura. *Nova Escola*, mai. 1998.
- 119) SILVA, João Carlos Marinho. *Conversando de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Obelisco, 1979.
- 120) _____. Conversando de Lobato. In: DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do Tempo de Lobato - depoimento - edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 181-193.

- 121) SILVA, Maria Betty Coelho. O carisma de Monteiro Lobato. *Diário Oficial do Estado*, Salvador, nº 12102 e 12103, 17 e 18 de abr. 1982.
- 122) TAUBATÉ. Monteiro Lobato é símbolo. Taubaté: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1968.
- 123) TAUBATÉ. Recordando Monteiro Lobato. *Boletim Histórico Cultural*. Taubaté: Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico. Ano I, nº 08, abr. 1996.
- 124) TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Edart, 1964.
- 125) VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: Inovações e repercussões*. Lisboa: Portugal Mundo Editora, 1994.
- 126) VARELA, Dallor. Um tesouro oculto em Monteiro Lobato. *Vale Paraibano*. São José dos Campos, 19 abr. 1984.
- 127) VIEIRA, Adriana Silene. O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 45-64.
- 128) VILLA, Marco Antonio. Um combatente entre nós. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jun.1998.
- 129) YUNES, Eliana. A maioria da literatura infantil brasileira. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 63, out-dez. 1980.
- 130) _____. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.
- 131) _____. Lobato e os modernistas. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 50-54.
- 132) ZILBERMAN, R. & LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986, p. 117-119.
- 133) _____. *Literatura infantil: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984, p. 45-83.

ANEXO A**ARTIGOS CRÍTICOS SOBRE A *MENINA DO NARIZINHO*
*ARREBITADO E NARIZINHO ARREBITADO***

- A "Menina do narizinho arrebitado", o novo e mimoso livro de Monteiro Lobato, está fadado a um successo colossal entre a petizada. Escripito com aquella simplicidade e graça que não peculiares ao victorioso autor do "Urupês", optimamente illustrado pelo lapis amestrado de Voltolino, não fica o bello livrinho editado pela "Revista do Brasil" em plano inferior aos congeneres do estrangeiro, superando-os mesmo se se levar em conta que taes livros o mais das vezes pessimamente traduzidos para o nosso idioma, tornam-se incomprehensíveis para as intelligencias em botão das crianças brasileiras.

Nesto particular, como em tantos outros, a nova producção de Lobato nada deixa a desejar: a linguagem é sempre pura, clara, singela, perfeitamente ao alcance da criança. A narrativa, por sua vez, sempre imaginosa, interessante, instructiva, prende o espirito, absorve, encanta, delicia, levando-o insensivelmente, como que preso por invisíveis mas poderosos fios para um mundo imaginario e encantador, onde os animaes vivem e falam como nós: os peixes usam cartola e casaca, os grillos são doutores, as baratas namoram, as cigarras fazem musica...

Tudo isso é escripito com singularidade, com graça e sobretudo com um perfeito conhecimento psychologico da criança, a quem "A menina do narizinho arrebitado" vai prestar o inestimavel beneficio de divertir, de espalhebr o espirito e de instruir.

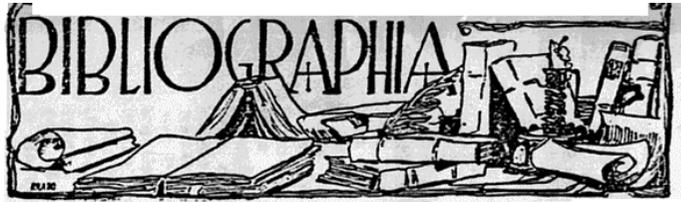
O trabalho typographico, o da Casa Editora Olegario Ribeiro, não possui uma lacuna: está perfeitamente de accordo com a narrativa e com a belleza das illustrações.

Coisas da Cidade

UM LIVRO PARA CRIANÇAS

A "Revista do Brasil", á qual já devemos bons e inestimáveis serviços, acaba de prestar mais um, e não dos menores, com a publicação de um delicioso livro para crianças. A literatura infantil é, no Brasil, de uma indigência deplorável. Os livros que aqui se destinam a crianças, são tudo quanto ha de mais insosso e desinteressante: sem fantasia alguma e sem pittoresco, difficilmente prendem o espirito da criança, ás suas paginas, de sorte que, se o leitorzinho não tem muita propensão para a leitura, acaba bocejando ou dormindo, quando não atira logo para longe o livro-massador.

Ora, tendo sido felicissima até agora nas suas edições para gente grande, a "Revista do Brasil" deliberou lançar a publico tambem um livro para as crianças. Vinha proximo o Natal, toda a gente havia de procurar nas livrarias, os albums e livros para a infancia, e como os que se vendem são, em maioria, pessimas traducções de livros feitos para outros paizes, era de esperar que a tentativa desse bom resultado. Mas, quem havia de escrever o livrinho projectado? — Este, tem o estylo muito empolado. Aquelle, preocupa-se demais com a collocação dos pronomes. Aquell'outro viria contar coisa da Grecia, em uma porção de palavras que nem nos dictionarios se encontram... Monteiro Lobato decidiu então fazer elle proprio o livro. E escreveu a "Menina do Narizinho Arrebitado". Uma historia deliciosa de uma menina que se deixa conduzir pelo Principe das Escamas de Prata até o fundo do ribeirão,



Monteiro Lobato: *NARIZINHO ARREBITADO* — Ed. Monteiro Lobato & Cia., S. Paulo, 1920.

Até onde chega a influencia das ideias que formam o nosso ambiente? É incrível, de tão largo, o seu círculo de expansão. Uma ou duas ideias geraes, consagradas por alguns factos historicos, regem ainda a nossa vida, tão estreita e directamente como se particular e immediatamente se referissem a cada um dos factos da nossa vida collectiva. Ha muitos annos — não é preciso dizer quantos — houve no Brasil um movimento materialista, anti-clerical, positivista ou o que quer que seja, com melhor ou peor nome. Encampou-o a politica. Fez-se a revolução.

Hoje, ninguem de algum senso, pensa nisso. Ainda existem materialistas e anti-clericaes?

Positivistas, certo, existem. Quando menos, a constituição e a interessante Republica do Rio Grande.

Mas, se em toda a parte as ideias passaram, entre nós ahí estão em pleno vigor. Somos ainda materialistas á velha moda e anti-clericaes a valer... Verdade é que os objectivos se perderam. O materialista de hoje, provavelmente, crê em Deus e vae á missa; e o anti-clerical, si não visa o clero, continúa tão exactamente caracterizado como outróra, quando em acção franca. São duas mummies vivas, automatós que a inercia deixa agirem com desembaraço e perfeita insignificação.

Essas especies extinctas, cujos últimos abencerragens curiosa e pit-

torescamente se adaptam assim aos novos tempos, em parte alguma fizeram sentir o insignificativo de sua acção já sem norte e sem ideal, como na instrução publica de São Paulo. Toda uma pedagogia, muito estudada com figurinhas, cálculos e apparatus apavorantes, todos os nossos modernissimos methodos do ensino não bastaram para a derrocada do velho espirito. O velho arcabouço, cavado e corroido em todos os seus meandros, resistia inabalavel. Por dentro, o vazio. Por fóra, mil remendos, sobre as traves e architraves, columnas e cupolas da velha architectura: duas ou tres ideias mestras, desfiguradas, esquecidas, e nem sequer suspeitadas...

Sinão, como comprehender certos phenomenos?

Por mais que o desejassem os nossos próceres do ensino, jamais conseguiram a preeminencia da educação sobre a instrução; nunca obtiveram para o sentimento o devido cuidado; e para a imaginação... Oh! o grande horror!

A escola se destina á formação de homens praticos. Imaginação é para poetas e só aproveita aos padres, para effeito do inferno... É um perigo — racionavam.

E educar se pretendia, sem influir na imaginação do educando. Educar pela intelligencia. Tornear caracteres a poder de ideias, de logica, de noções scientificas... Uma tortura, nada menos. E tortura improficua, inutil.

Um pae educa o filho mostrando-lhe factos e coisas impressionantes, despertando-lhe os sentimentos e a emotividade. As mães só têm, para

a educação, as fabulas da religião e da lenda, historias de magos, lobis-homens, e sacys. E assim, só assim, educam.

Coisa diversa só a encontramos em romance e romance da epoca bravia do "scientificismo" da segunda metade do seculo passado. Quando Zola dramatisou o caso Dreyfus, terminou vaticinando a reconstituição moral e psychica do homem por artes da instrução...

Ora, tanto vale curar um doente, medicando-se o pae ou o irmão.

Agir pelo maravilhoso sobre a massa mental inconsciente seria monstruoso e, quando menos, tolo e ingenuo. Porque? Porque o maravilhoso ou, simplesmente, o phantasioso repugna ao nosso seculo...

Pois, ainda ha no mundo segredos e mysterios que, por mera analogia, desculpem a phantasia como instrumento decente da acção pedagogica?

Pois, o mundo e a vida não estão geometricamente analysados? E a electricidade e o aeropiano não sobrepuzam qualquer phantasia?...

Demais, quaes os elementos da imaginação? Crendices, fabulas, preconceitos, — coisas indignas do espirito positivo e do caracter democratico.

Essa ideia nos tem feito mais mal que nos faria toda uma antiquada organização escolar. Que valem formulas, quando a ideia inspiradora é falha? E inspiração e espirito nos têm faltado, a ponto que a nossa literatura escolar é o que todos sabemos — um monumento de aridez e insipidez, caricatura de "realismo", contrafacção da literatura de gente grande. Nem arte, nem intelligencia. Os capitulos de um livro de

leitura para as escolas são como as peiores, as mais inexpressivas paginas de um diario, em que se registrassem notas para ulterior desenvolvimento da chronica de uma vida. A insignificancia, a banalidade, a mediocridade é o seu estalão.

Aliás, a taes factores só mesmo taes productos. Dada a ideia geral, decorre a natural particularisação.

Nesse ambiente cahiu uma bomba. Publicou-se um livro escolar absolutamente original, em completo inteiro desaccordo com todas as nossas "tradições" didacticas. Em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser a tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá a mostra do que podem os livros.

Esse livrinho-revolução, por muita gente recebido com o nariz torcido, é o *Narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato. Contando historias de bichos que são principes e princezas, e de meninas, que são fadas, arremette a obrinha contra todo o grave, pesado edificio dos nossos preconceitos escolares.

Com o seu apparecimento, marca-se a epoca em que a educação pasará a ser uma realidade nas escolas paulistas. De facto, a historieta phantasiada por Monteiro Lobato, falando á imaginação, interessando e commovendo o pequeno leitor, faz o que não fazem as mais sabias lições moraes e instructivas: — envolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para cabal eclosão, fim natural da escola. Nesses moldes ha uma grande bibliotheca a constituir-se.

Mas, será mesmo exacto que entre nós tenha havido um pequeno renovamento de ideias?...

BRENO FERRAZ

MONTEIRO LOBATO E AS CRIANÇAS

Edgard Cavalheiro

I

Os mais recentes catalogos da editora Argentina "Americalee" anunciam, com justo relevo, o proximo lançamento em lingua espanhola dos livros infantis de Monteiro Lobato, "esse gran escritor que ha sido el creador de la más moderna, alegre e instrutiva de las literaturas para niños". Trata-se de uma grande iniciativa, pois abrange toda a obra do criador de "Narizinho Arrebicado". São vinte e seis volumes, num total de 5.000 paginas. Os melhores ilustradores da Argentina, Chile, Mexico, e demais países de fala espanhola, ilustrarão os livros que terão, assim, oportunidade de conquistarem para o nosso grande brasileiro um publico vastissimo, um publico com o qual ele jámalis terá sonhado. Essa noticia, aliás, chega num momento muito grato para mim. Acontece que em companhia de Carlos Lacerda resolvemos radioteatralizar esses livros. Duas vezes por semana, na Radio "Gazeta", um grupo de artistas do "cast" dessa estação, vive para a criança (e para tantos adultos) as extraordinarias aventuras de Narizinho, Emilia, Pedrinho, o Marqués de Habió, o Visconde de Sabugosa, Dona Benta, Tia Nastacia, enfim, todo o mundinho maravilhoso que habita o sitio do Picapau Amarelo, indiscutivelmente o lugar mais conhecido do Brasil.

O numero de cartas que já recebemos, os telefonemas de aplausos, os comentarios entusiasticos etc., me levaram a interrogar Monteiro Lobato sobre a sua correspondencia com os seus pequenos leitores espalhados pelo Brasil. Com grande surpresa, e não menor alegria, recebo agora uma pasta com pequena parte dessas cartas. Apanhadas ao acaso, quem quer que tenha a alegria de percorrê-las, compreenderá perfeitamente porque o criador de "Jeca Tatu" não mais escreveu livros para adultos. Chega a ser comovente. Em geral são ligeiros bilhetes, que levam a palavra de aplauso ao homem que proporcionou alguns momentos de felicidade ao guri enfastiado com as horribes historias dos livros didacticos. A letra irregular, deliciosamente infantil (muitas vezes a lapis), o papel pequeno, que a mamãe trouxe da cidade especialmente para esse fim, a sencermunia do tratamento, a pontuação inteiramente arbitraria e a ingenuidade sem intenções, fazem dessas cartas pequenas poemas em prosa. E' um verdadeiro encanto percorrê-las.

"Bom dia senhor Monteiro Lobato — Sabe que eu ganhei o seu livro "Saci" já tenho outros mas o "Saci" é o mais engraçado. Eu me ri a valer, quando o saci puxou o cabelo da Yara. Que pena, que a gente nasce gente e não Saci. Eu estou fazendo uma coleção dos seus livros. Quería tanto conhecer o Senhor venna uma vez em minha casa. Eu sou o Flavio que gosta muito dos seus livros". Flavio não diz a idade que tem, mas João Eduazio conta oito anos e escreve: "Já sei ler e gosto muito de ler os seus livros. O que mais me impressio-

nou foi o que o senhor escreveu sobre o pó magico de pirimplimpim. Pedía para me mandar um pouco desse pó".

Pedidos, aliás, não faltam nestas cartinhas. Em geral, livros, retratos ou autografos. "Sou grande apreciador dos seus livros, mas acho "Emilia no país da Gramatica" o mais interessante. Como sou grande apreciador já tenho lido quase todos os seus livros. Gostaria de ter um retrato seu". Gilberto, outro menino, escreve: "O senhor pode me mandar uma fotografia do senhor, mas não só o busto, todo corpo e tambem uma lista de todos os seus livros". Muitas vezes é a mamãe quem escreve: "Desejava pedir-lhe um grande favor: poderia o senhor assinar o livro que vai junto para eu guardar como reliquia, para os meus filhos Lucia Maria e Francisco?". Outras, é um papé que deseja fazer uma surpresa á filha e então supplica ao escritor que mande os livros autografados para um endereço e a conta para o escritorio. "Faça o Dr., esta gentileza, mande alguns com apenas duas palavras, e tambem não esqueça de remeter as faturas, não para o mesmo endereço, porque tudo na vida é lituoso".

E' tambem muito grande o numero dos correspondentes que mandam retratos. "Mandei-lhe meu retrato pois achei que o senhor o merecia". Outra manda a fotografia com esta simples dedicatória: "Para Monteiro Lobato conhecer a sua admiradora". As crianças, não é novidade para ninguém, sabem ser gratas. Convem, portanto, acentuar que todas agradecem a fotografia ou o livro que o escritor enviou, atendendo o pedido feito. Marina, por exemplo, diz: "Quando vi a sua dedicatória, fui correndo, pulando de alegria, mostrar a todos de casa". E José Alberto, de Recife, admiradissimo por ter recebido resposta a sua carta, terrinha pedindo: "Se o senhor vier algum dia a Recife fazemos questão de recebê-lo em nossa casa para jantar, assim de conhecerem o senhor mais de perto". Identico desejo tem Manoel Pedro de Oliveira Marques, portuguezinho, residente em Lourenço Marques, Africa do Sul, que pensando bem nas imensas dificuldades de uma travessia do Atlantico, resolveu contentar-se com o retrato do grande escritor: "Se v. exa. não se importar dava-me um retrato, que é como se o conhecesse pessoalmente".

Mas não estão nesses pedidos — normais e encontráveis tambem na correspondencia dos escritores para gente grande — o maior interesse destas cartas. Ha coisa melhor. Que dizer dos leitores que sonham fazer parte da turma do sitio do Picapau Amarelo? São inumeros. Rogam a Lobato que os incluam nas proximas aventuras. Sabem fazer isto ou aquillo. Lucia deseja "entrar num livro que conta uma viagem á China". Marília pergunta se não haverá no sitio de Dona Benta lugar para uma pequena pianista". Ou então são pedidos para os pequenos animais domesticos — gato, ca-

chorro, passarinho, galo. "O senhor me prometeu que botaria o nome do "Manchinha", um galo meu, no seu livro, e espero que não se esqueça disso". Quem quer que leia os livros com atenção encontrará, de vez em quando, sem proposito — algum, um cachorrinho ou um gato que atravessa uma sala, ou passa pela frente dos meninos. Passa e desaparece. O escritor atendera o pedido da menina Teresinha ou do menino Alariquinho. Ainda dessa categoria de cartas, temos a variante dos que se julgam tambem criadores, dos futuros contadores de historias que traçam planos, sugerem assuntos, aconselham viagens, indicam livros estrangeiros para serem traduzidos etc. Sara chega mesmo a criticar Viriato Correia, autor de uma "Historia do Brasil", que ela não gostou. "Acho que o senhor não quer escrever porque Viriato Correia plagiou dos seus contos, escrevendo logo a Historia do Brasil. Mas por mim pode escrever porque certamente já o tinha imaginado e mesmo eu não gosto dos livros que Viriato Correia faz. Prefiro os seus. Veja se pode fazer a minha vontade, sim?". O grupo dos que se julgam aptos a concorrerem com Lobato na criação de historias é grande. E to-

dos eles estão convencidissimos da maravilha que fizeram. "Eu vou publicar um livro chamado "Aventuras de Hailey" e espero que o senhor leia, e acho muito justo que assim o faça, porque eu já li todos os seus livros". "Cristina, que confessa ter somente onze anos de idade, manda a historia de "Dulce e Nocmia". Vale a pena transcreve-la: "Dulce era uma menina muito levada. Estava brincando com sua prima Nocmia de vender bibelôs. Sua mãe disse que não brincasse com isso. Ela como era muito desobediente brincou e quebrou o bibelô. A empregada foi limpar e viu os carcos. Foi falar para sua patroa. Ela ficou muito brava. Dulce se arrependeu e ficou uma menina exemplar". Rai-mundinho, com 8 anos apenas de idade, escreve uma longa carta — anuncia esta coisa formidável: "Olhe, seu Monteiro Lobato, tenho de lhe dizer uma coisa: a minha idade: são 8 anos, o outra, que tenho no papel da cabeça escritos três livros: Jack e Alfred na Groelandia, Tom Water e seus irmãos na Dinamarca e o Caso do Bando Serela de Prta Quando escreve-los (no ras-unho é claro) mandarei para São Paulo para o senhor corrigir e prefaciar".

MONTEIRO LOBATO E AS CRIANÇAS

Edgard Cavalheiro

II

Outro setor da correspondência dos mais curiosos e dignos de atenção é o que se refere aos convites e oferecimentos. "Será talvez o maior. Uma quer que a Emilia compareça á sua festinha de aniversário. "Tendo lido todos os livros da sua biblioteca de Narzinho Arrebitado e admirando todos os personagens, mas não tendo o prazer de conhecê-los, venho por meio desta pedir-lhe a fineza de convidá-los em meu nome para virem lanchar comigo no dia do meu aniversário natalício, que será no dia 22 de novembro". Outra suplica-lhe que a leve ao sítio do Picapau Amarelo. Deseja conhecer dona Benta, brincar com o Marquês de Rabcó, comer os bolinhos de tia Nastacia, conversar com a Emilia. Outra ainda manda-lhe presentes, lembrancinhas para distribuir com as crianças do sítio, ou então, como Maria Amélia, que tem nove anos e que escreve: "Quero perguntar ao senhor onde posso encontrar uma Emilia e o Doutor Caramujo para fazê-la falar". Nenhum fato, porém, mais expressivo do que este: um amigo do escritor vem trazê-lo para sua casa, no automóvel, com a filhinha de dez anos, que se mantém silenciosa durante todo o trajeto. A casa onde Lobato residia tinha uma espécie de torre, com uma janellinha no alto. Ao despedir-se do amigo e da filha, esta não se contém e pede-lhe: "Seu Lobato, faça o favor de fazer a Emilinha aparecer na janela, sim?"

É velho lugar comum repetir-se que o brasileiro não lê, que as boas casas são pobres em bibliotecas e que a última coisa que o burguez pensa ao construir seu palácio é no escritório com a estante de livros. Os indícios da correspondência infantil de Monteiro Lobato deixam, contudo, prever melhores tempos para os nossos editores e escritores. Refiro-me ao interesse com que estes garotos cuidam de formar a sua biblioteca. Querem saber, com precisão, quantos livros já saíram, onde se pode adquiri-los. Perguntam sobre outros escritores. Pedem conselhos sobre a melhor maneira de se orientarem na leitura. Falam das pequenas bibliotecas que estão formando, com um carinho simplesmente encantador. Ao lado dessas incipientes estantes individuais, os clubes escolares, as bibliotecas colegiais. A maioria delas, acentuadamente, ostenta o nome de Monteiro Lobato. São dezenas, talvez centenas. "Eu, escreve Jaime Menezes, de Carambu", por meio desta venho em nome da classe dizer que o nosso clube tem o vosso nome, e é o primeiro aqui no Grupo Escolar Padre Correia de Andrade". Sonia Azevedo, de Bicas, também participa "que o nosso Clube de Leitura tem o seu nome como patrono". D. Belo Horizonte veio esta carta: "Com muita satisfação vimos lhe comunicar que fundamos um clube de leitura em nossa classe. Sendo

o sr. um escritor muito apreciado de todas as crianças de nosso grupo, que sempre tem os seus bonitos livros de história, lembramos de dar o seu nome ao nosso clube". Cartas idênticas vieram de todos os Estados do Brasil. De Niterói, do grupo escolar "Joáquim Tavora", da cidade de Campos, do grupo escolar "José do Patrocínio", do grupo escolar "Tiradentes", de Curitiba, de Uterlandia, usina Gariba, Silvestre Ferraz, Campinas, Prata, Juiz de Fora, Pelotas, Santa Maria, Recife, e tantas outras cidades mais. O tom é sempre o mesmo: "Nós, alunos do grupo escolar... escrevemos esta cartinha para convidá-lo que criamos um Clube de Leitura com seu nome, em sua homenagem". "Temos o grande prazer de comunicar que foi v. exa. escolhido para patrono do nosso Clube de Leitura. É uma singela, mas justa homenagem..."

Uma pergunta que geralmente ocorre aos leitores — crianças e adultos — é de como será a figura do escritor. Imaginamos as coisas mais incríveis. Mas quase sempre o contrário da realidade. Num grupo escolar de S. José da Lagoa, o grupo "Desembargador Drummond", a professora teve a boa idéia de dar como exercício de português o seguinte tema: "O Perfil de Monteiro Lobato". Um professor de psicologia talvez extrairia algumas conclusões das respostas. Tenho-as aqui em número suficiente para um pequeno ensaio. Trata-se de um segundo ano primário e as idades variam entre sete, oito e nove anos. Um perfil diz: "Monteiro Lobato é muito bonito. Ele é muito careca. Eu acho que ele tem cabelo curto. Eu acho que ele fica com a mão na cabeça. Eu acho que ele usa calça comprida. Eu acho que ele fica com o livro na mão. Eu acho que ele fica sentado na pedra. Monteiro Lobato é muito trabalhador. Eu acho bonita a capa do livro. Eu acho que ele tem renda no punho."

O autor dessa descrição é um menino. De uma menina, com a mesma idade — oito anos — é o seguinte perfil: "Monteiro Lobato é bonito e tem bigode. Eu acho que ele tem 20 anos. Eu tenho vontade de conhecer e ele tem cabelo curto e tem os olhos amarelos." As respostas coincidem sempre num ponto: todos acham que Monteiro Lobato é careca. A cor dos olhos vai do azul e negro ao amarelo. A idade varia. 20, 30, 40 anos. Que é um homem bom, todos concordam. Que é magro, dizem uns. Que é gordo, dizem outros. Zelia Gonçalves deu uma descrição que representa a média das opiniões: "Eu acho que Monteiro Lobato é um homem muito bom: muito agradável. Eu acho que ele é dos cabelos corri-

dos, olhos pretos. Ele não é alto e nem baixo. Ele deve ser muito rico porque faz muitos livros. Ele tem 30 anos."

Pena que a experiência da simpática professora não tenha sido seguida pelas suas colegas, com alunos de classes mais adiantadas. Aliás, as cartas mais curiosas entre as recebidas pelo escritor são as dos seus antigos leitores, aqueles que hoje compram os livros para os filhos e são, em geral, os primeiros a devorarem o novo volume. Muito interessante é o que diz este rapaz que está sentindo os primeiros comichões literários. Ha pouco mais de dez anos queria andar de braço com a Emilia, o Rabcó, o Narzinho o bando todo. Hoje é um homem, mas ainda traz consigo os livros que enchêram seu mundo infantil. E confessa: "com os seus livros na cabeça, meu caro Lobato, quase decorados, eu fiz os primeiros alicerces literários. Deles me vieram a imaginação enorme que me põe hoje a olhar para o chão, sem ver, a cismar em coisas e gatos e histórias que eu invento. Aquela mania analítica da Emilia possuíu-me até

hoje. Aquela bondade de dona Benta, não digo que a possua, mas dá-me vontade de ser também assim, tolerante e bom. O Pédrinho, o Visconde, Narzinho, em todos eles (até no Rabcó) eu vejo personificações de pedaços do meu eu. E' isso tudo, meu amigo, que me faz escrever para você. E' esse sentimento de gratidão e amizade e principalmente de admiração."

Gratidão e amizade que justificam plenamente o ter Monteiro Lobato desistido de escrever para adultos para dedicar-se inteiramente á literatura infantil. Escrever para crianças, disse ele, certa vez, "dá-me prazer e traz compensações, coisa que jamais senti e tive escrevendo para marmanjos".

Este punhado de cartas que tenho em mãos constitui exemplo dos mais expressivos dos momentos de pura alegria que os pequenos leitores proporcionaram áquele que, na opinião dos 41 alunos que subscreveram o ofício participando a criação da biblioteca "Monteiro Lobato", no grupo escolar de Curitiba, é o "maior amigo das crianças do Brasil".

*escreve o
camarada*
LOROTOFF

B.O.D.E.

**BOLETIM OFICIAL
DOS ESTADOS**

O LOBATO INFANTIL

Monteiro Lobato foi um homem que não precisou de morrer para se tornar falado, discutido e elogiado. Mesmo em vida, o grande prosador patricio jamais esteve ausente da crítica e da admiração dos homens e das crianças do Brasil e de grande parte do continente americano. É que Lobato, pelo seu temperamento irrequieto, voltado para todos os assuntos nacionais, encarando tudo com o mais pessoal criterio de independencia e de irreverencia, a todo momento feria susceptibilidades, pisava calos de estimacão, dizendo coisas que não agradavam, e de um modo que só ele e mais ninguem sabia dizer. Parece mesmo que a intromissão de Lobato na literatura infantil, apesar de gloriosa, não passou de um derivativo na vida de um cidadão já farto de desilusões e de incompreensões no trato com os adultos da sua geração.

A literatura infantil de Lobato foi por muitas vezes objeto de críticas e de anátemas oficiais e de elementos reacionarios, que enxergavam naqueles deliciosos livros, escondidos nas entrelinhas, péfidos venenos, sementes perigosas, insinuações comprometedoras. Procuraram desvirtuar a orientação pedagógica da sua obra destinada às crianças, inculcando-lhe determinado sentido ideológico mais revolucionario do que mandam os bons costumes. É verdade que Lobato jamais conseguiu, mesmo escrevendo para crianças, esconder a sua malcriação, o seu desrespeito a certos canones ainda conservados apenas como capa para as mais soezes sapezas. Mas Lobato era um bom sujeito, e seria incapaz de envenenar o espirito da juventude com idéias pouco edificantes. A sua obra pode ser lida sem restrições tanto pelas crianças como pelos adultos, que só terão a aprender boas coisas, inclusive a lingua pátria, que ele escrevia admiravelmente bem, sem as exageros da pureza e sem cair na impropriedade ou mesmo na obcecidade tão comum em autores modernos, que não sabem nem atenuar nem esconder as sujeiras da vida.

E se há, como há mesmo, uma literatura infantil perniciososa, esta não é a de Monteiro Lobato. É a literatura rocambolesca, policial, que anda por aí aos montões, em revistas e livretos, na banca de jornais, e é devorada avidamente por crianças e adultos indistintamente. Os livros de Lobato, ao contrario, têm um fundo de virtude, de ensinamentos uteis que até sacrificam a obra no que ela poderia apresentar de mais interessante. Não há nada de suspeito na literatura infantil deste grande paulista; o que há é muita coisa de agradável, de bom e de util. Daí o êxito espantoso da "Campanha Pró Monumento a Monteiro Lobato", cuja apoteose final será uma resposta cabal e arrasadora a todos aqueles que procuraram denegrir-lhe a obra e amargurar-lhe a vida — uma vida tão util à sua terra e à sua gente.

Literatura para crianças

FRANCISCO PATI

A beira da sepultura de Monjeiro Lobato, na hora em que os seus despojos baixavam à terra, coube-me interpretar, em palavras singelas, a dor da Academia Paulista de Letras. Disse eu, então, que a sua morte cobriu de luto o "Sítio do Picapau Amarelo".

Trata-se, em verdade, de uma das maiores contribuições do extinto à literatura universal para crianças.

Até o aparecimento de Lobato eram pedidos de empréstimo à Mitologia, pelos escritores daqui e de fora, os jardins encantados dentro dos quais se moviam os heróis das histórias infantis. Havia faunos nas florestas e nas noites de inverno ouvia-se o latido dos cães bravios sob a neve. Em chegando o Natal, São Nicoláu, branco de velhice e de neve acumulada às costas, descia pelas chaminés e distribuía-nos presentes caracteristicamente europeus, quando não nos contava história peculiares a outros povos. Proporcionava-se à criança brasileira, traduzida em vernáculo, uma emoção estrangeira.

Lobato não traduziu: criou.

Atribuo função importantíssima à chamada literatura para crianças. Nunca tentei o genero apesar de ter pertencido um dia à nobre classe dos professores primarios. Pénso, porem, que se poderia familiarizar a nossa petizada com a exuberancia da nossa flora e da nossa fauna por meio de livros em que as nossas arvores e os nossos animais falassem. Por que não fazer com o feijão o que ele fez com o sabugo de milho? Será difficilimo, bem o sei, conseguir ser novo depois dele, na literatura infantil, mas a boa imitação é tambem merecedora de aplausos. Nem todos podem criar.

Tive a felicidade de poder trocar ideias com Lobato sobre o assunto, inumeras vezes. Quando lhe inaugurei o busto em bronze na Biblioteca Infantil ouvi da sua boca interessantes revelações sobre sua especialização no genero.

O autor de "Urupês" costumava dizer, gracejando, que se fizera escritor de crianças porque os homens se tinham recusado a lê-lo no inicio da carreira. Uma profissão, dizia, que precisa de balões de oxigenio para viver. como foi, no meu caso, a conferencia

de Rui em Belo Horizonte; não é, evidentemente, em nosso país, coisa de futuro. É sem embargo da oportunidade que lhe proporcionou o elogio de Rui para o salto-mortal da gloria, voltou se entusiasticamente para o mundo das crianças e concebeu o "Sítio do Picapau Amarelo", verdadeira "trouvailla". O sabugo de milho e a boneca de pano "transformados" em gente lhe abriram o coração da infancia no Brasil.

Em visita à Biblioteca Infantil, tão suntuosamente instalada no solar da familia Rodolfo Miranda, graças ao desvelo de Prestes Maia, alguém resumiu as proprias impressões numa interjeição: "Que pena da minha infancia!" Folheando a obra literaria de Lobato temos impeto de exclamar tambem: "Que pena da nossa infancia!" Que pena, em verdade, tenho eu, de não ter nascido depois do "Narizinho Arrebitado" e de "Dona Benta". Minha meninice no interior, como a de minha geração inteira, foi nutrida à custa das peraltices do "Chiquinho" e do "Zé Macaco", no tocante a historias nacionais brasileiras, e à custa dos heróis de Andersen e Ratisbonne, através de mil e uma traduções e adaptações.

"Chiquinho" e "Zé Macaco" são, no Brasil e no Continente, os precursores da literatura de quadrinhos exportada pela America do Norte. Até o "Jagunço" parece ter servido de modelo ao proprio Walt Disney, para criação de "Pluto", nos desenhos animados.

Monteiro Lobato não precisou falar como as crianças falam para ser lido e admirado por elas. Escreveu para crianças como escreveria para homens, simplificando os temas e não o estilo. A simplificação do estilo, tão comum entre nós, fez nascer um genero literario à parte, o mais detestavel de todos, explorado por individuos que fraccassaram quer na literatura, quer no magistério primario.

Isso, no que diz respeito aos nacionais. No que diz respeito aos estrangeiros, peço licença para silenciar, em homenagem à memoria do nosso grande morto, a minha opinião sobre os "gibis" e quejandos.

O escritor e a criança

FRANCISCO PATI

Penso que é uma homenagem à memória de Monteiro Lobato a insistência neste assunto. Não haverá lágrimas que bastem, nos olhos das nossas crianças, para chorar-lhe a morte. Ficou vazio o seu lugar.

Tinha prometido à sra. d. Maria de Lourdes de Assis Ribeiro, a quem devo a honra de uma consulta sobre literatura infantil, uma referência crítica à fantasia de que me mandou copia, intitulada "A menina do desenho". Nunca imaginei, aliás, que ao responder-lhe (tardou tanto a minha resposta!), tivesse eu de lamentar a grande perda. Com Monteiro Lobato vivo, o tema tornava-se empolgante; com ele morto, o tema tornou-se triste. Quem te substituirá, na estima de Lilliput? — perguntei-lhe, à beira do túmulo.

"A menina do desenho" é a história de uma avó que se põe a bordar a sacola onde a filha guardará as roupas da neta. Vem, em primeiro lugar, a escolha do desenho, depois a das cores. Feito isso, mãos ao trabalho. Onde estão o cetim, a tesoura, as sedas a agulha, o dedal, o bastidor? Ah, está tudo aí? pois então vamos começar. A vovó, enlevada e feliz, começa a bordar. Sabe-se lá o que se passa na cabeça de uma avó, quando prepara o enxoval da netinha? Sabe-se lá o que os seus dedos conversam com a agulha, enquanto esta vai mordendo o tecido crucificado no bastidor? Sabe-se lá o que ela diz a tudo aquilo que tão docilmente se vai sujeitando à disciplina das suas mãos?

O desenho era uma borboleta azul entre flores. A borboleta pisca, então a certa altura, o olho à vovó, conta-lhe onde nasceu e como foi parar ali naquele pedaço de cetim.

Chamei-lhe fantasia no começo. Retífico o julgamento: é um poema de ternura. Todas as avós compreendem o que se passou na imaginação da escritora. Todas lhe dirão que já têm conversado também com a tesoura na mão em que cortaram o vestido comprido para o batizado da neta. Dir-lhe-ão todas que é isso mesmo: os dedos correm sobre o pano mas os olhos acompanham ao longe uma imagem de felicidade, aquela felicidade que todas

as avós escolhem no mundo para todas as netas.

Venço a emoção e ponho-me a colligir alguns dados sobre literatura infantil.

Existe diferença entre o que se escreve "sobre" crianças e "para" crianças. Atribuo à confusão, mais generalizada do que possa parecer à primeira vista, o insucesso de muitas tentativas literárias. Um livro "para" crianças é aquele em que o autor se limita a segurar e interpretar, o cicerone, o guia dos pequenos em presença da vida e da natureza. Tem de ser, porém, um companheiro tão inteligente e carinhoso, e sobretudo tão habil, que as crianças se esqueçam dele e passam a agir como se estivessem sozinhas. Foi o que fez Lobato. As crianças o lêem convencidas de que foram elas que inventaram ou descobriram tudo o que se contém nas suas páginas.

O livro escrito "sobre" crianças é aquele em que o autor está presente em cada linha e que em vez de nos revelar o estado de espírito delas em presença da vida nos revela o dele em presença dos seus pequeninos leitores. Daí o abuso dos diminutivos: carinha, beijinho, florzinha, roupinha. "Infantilizamos", "empequenecemos", "miniaturamos" (que horror!) as coisas que nos cercam. Fazemo-nos nós mesmos pequeninos. Mostramo-nos persuadidos de que só falando em "inho" e "ito" as crianças nos entendem. Desvirtuamos a realidade. Não quero dizer com isso que devemos banir os diminutivos e aumentativos. Digo que preciso parcimônia, porque, enfim, a ternura está mais nas coisas e nos atos do que nas palavras.

Não disponho de espaço para uma experiência gráfica do que estou dizendo. Pode fazê-la, porém, o leitor.

Outro ponto importantíssimo diz respeito à imaginação. O "Sítio do Picapau Amarelo" é, a meu ver, uma "trouville". Nunca a imaginação de um escritor subiu tão alto. Chega-se a apalpar a virgindade do tema e ele deu a Lobato oportunidade para explorá-lo com tamanha graça e com um tal sabor de inocência, que a sua leitura agrada uniformemente a pequenos e grandes.

ROTULO ESTRANGEIRO

FRANCISCO PATI

Tudo quanto se escreveu, na imprensa da Capital, sobre a morte de Monteiro Lobato, teve a maior repercussão no interior. E' como explico as numerosas cartas que vieram ter às minhas mãos, ratificando conceitos por mim emitidos.

Uma delas procede de Piracicaba. Diz-me o seguinte:

...“Como professora primária chorei o grande morto que encheu de encantos a pequena sala de aula em que trabalho, com as reações dos seus animados bonecos, com a sua genial inspiração

como mãe, choro-o porque deu a meus filhos o gosto pela leitura, encheu a minha modesta casa da alegria contagiosa que seus livros mestres encerram;

como escritora de crianças senti a responsabilidade que nos cabe, pois o vazio que ficou com a sua perda deixa-nos como que indecisos, no prosseguimento do “sonho infantil” que deveríamos levar para a frente. Tudo que escrevemos parece banal porque sabemos que os seus olhos não pousarão sobre a obra em que nos admitimos, como batalhadores dos mesmos ideais, embora pequenos soldados-rasos”...

Conta-me, a seguir, a ilustre educadora (devo revelar-lhe o nome e a identidade?) que recebeu de uma empresa editora um convite para escrever livros infantis, mas usando pseudônimo estrangeiro. Em lugar, por exemplo, de Maria da Silva, ou Carlota Joaquina, deveria chamar-se, para efeitos de propaganda e prestígio, Miss Margaret ou coisa que o valha: “Como brasileira — explicou-me — sempre prefiro os nossos assuntos e ambientes, apesar de ter recebido de “certa” editora convite para escrever às crianças e adolescentes usando um pseudônimo de estrangeira, visto que o “cartão de visita” estrangeiro facilita a venda da obra...”

Não preciso' é evidente, comentar o erro, a deselegancia e o impatriotismo de semelhante estratagem publicitaria.

Já se foi o tempo em que o livro estrangeiro constituía preocupação qua-

se doentia da nossa gente, no setor das letras infantis. Hoje a preocupação é descobrir autores nacionais. A gloria de Monteiro Lobato, como escritor, é muito grande, é enorme, é irrefutável; mas outra igualmente grande lhe cabe é ter mostrado ao estrangeiro que o Brasil já atingiu, nos domínios da literatura, especialmente da literatura infantil, o regime de auto-suficiência. Depois do “Sítio do Picapau Amarelo” não ha mais razão para os contos de Andersen no Brasil. Quem quiser ler Andersen, leia-o, mas não me venha dizer que o faz por não encontrar nada superior nas letras brasileiras.

A denuncia que me faz, na carta que me reporto, a distinta educadora obrigar-me-la, talvez, a assumir, de alto destas colunas, uma atitude de indignação e de revolta. Eu poderia, com efeito, desarrumar os cabelos, arregaçar os punhos, abrir bem os olhos, dizer que é um desaforo querer obrigar, numa terra que contou com a obra imensa de Monteiro Lobato, uma escritora nacional a usar um nome estrangeiro. Prefiro, no entanto, ter perdido o editor incriminado. Não devemos sequer fazer recair sobre o nosso povo, ou, melhor dizendo, sobre os compradores de livros, a culpa de tão infeliz atitude. A culpa é exclusivamente dele. Só a sua insuficiência mental lhe poderia ter sugerido o embuste.

Não se aflija, em todo caso, a misivista. Continue a escrever e principalmente continue a orgulhar-se de sua terra e do seu nome. Nem todo mundo pode ser Lobato, é claro, mas todos os escritores de verdade podem descobrir no Brasil, em suas tradições em sua natureza, em sua fauna e em sua flora, filões inexgotáveis, para livros e mais livros. A questão é procurar, e, depois de ter encontrado, a questão é também o bom gosto pessoal. Quanto ao mais, aqui está um receita ditada mais pela experiência de professor do que de escritor: um “livro para crianças” que não agrade a nós, não agradará jamais a nenhuma criança do mundo.

Existem, provavelmente, outras que aí fica, não obstante, afigura-se-me fundamental.

LOBATO

Quando há três anos atrás me pediram um nome brasileiro para o premio Nobel, não tive dúvida de apontar o de Monteiro Lobato, homem que valia uma nação, pela obra que realizou, pelo poder que exerceu sobre a massa de meninos que o leram, que o amaram, e que hoje o choram.

A obra de Lobato não foi obra de uma geração, de uma escola, de um grupo. Pode-se mesmo chamá-lo de escritor solitário pela separação em que vivera dos movimentos literários do seu tempo. Mesmo quando foi diretor de revista e editor, Lobato foi um homem isolado. Não cultivou nunca a literatura para fazer-se de chefe de escola. A sua vida de homem público batido em campanha pelo ferro, pelo petroleo, foi uma maneira de comunicar-se com a humanidade. Porque pela vida interior, pelas suas lucubrações de artista não se dava a ninguém. A crítica que exerceu foi mais de correspondência, não quis nunca atuar como devia. Permaneceu à margem de todas as nossas campanhas. Mas o solitário, às vezes misántropo, foi o maior criador de vida da sua geração.

Lobato me pareceu sempre um escritor ponte. Como existe escritores rios, ilhas e lagos, ele seria uma espécie de ponte entre duas épocas brasileiras. O homem do século XIX que havia nele, os 18 anos do fim do século que foram a sua adolescência, se passariam para o novo tempo, como resíduos bem ativos.

Lobato não se libertou, inteiramente, dos preconceitos de uma formação ainda alimentada no Imperio. E' o homem do café arruinado, que pretendeu salvar o país pela riqueza dos minerais. E' um rural, derrotado, que sonha com o fastigio da industria extrativa.

E, no entanto, o desajustamento do fazendeiro José Bento com o Brasil sem opulencia, daria no criador do Jeca Tatú, lamento lancinante de um coração varado de dor. O pessimismo de Lobato é o rancor do homem que se desapontou em não poder se ufanar da sua terra como o conde feliz.

Depois de chorar, de procurar as mazelas, as desgraças, as ruínas, Lobato foi para o país das maravilhas da nossa querida Alice. Aí, a dona Benta tomou o lugar do José Bento, o triste, o amargo, o doloroso.

Então Lobato dos contos leves e pesados passara a ser um Carroll de alma de passarinho. E conquistou o coração dos meninos, isto que é mais riqueza, mais fortuna, mais vida, que todos os petroleos de Rockefeller.

JOSE LINS DO REGO

INSTANTANEOS DE LITERATURA

Lobato e os meninos

JOSE' LINS DO REGO

RIO. 6 — Contou-me Lucia Miguel Pereira que viu, numa biblioteca para meninos, em São Paulo a visita inesperada de Monteiro Lobato. Ao encontro do escritor do "Narizinho" correram os guris, em festa garrida, e aos abraços e beijos, foram pedindo para contar-lhes histórias.

A dona Benta era assim consagrada pela melhor crítica, pelo melhor entendimento, pela mais efusiva alegria. Chegava assim Monteiro Lobato ao ponto mais alto de sua carreira. Era autor de um publico, que fora criado pela riqueza e engenho de sua imaginação prodigiosa.

Há doze anos atrás, em ensaio sobre a nossa literatura infantil, avançara a opinião de que não havia no estilo de Lobato sedução para o mundo da infancia. Era para mim um estilo seco, às vezes, aspero. Erro total de crítica. Os meninos que liam Lobato teriam sorrido do critico apressado. Por esse tempo, as minhas filhas não queriam saber de outro autor. Eram de Lobato os seus livros de cabeceira, eram de Lobato as historias que gravavam. E dona Benta muito mais valia do que eu, para os três filhos fans do "Narizinho".

Todos os meninos do Brasil choram o Lobato que ontem morreu, com as lagrimas dos que choram o avô que sabia tanta coisa boa para se ouvir.

. . .

No dia 2 de agosto de 1930. Eckerman correu à casa de Goethe para lhe dar a noticia da queda dos Bourbons. E lá encontrou Goethe alarmado. Eckerman quis logo saber da opinião do mestre sobre a revolução.

"Não se trata de politica, meu amigo. O que me preocupa neste momento é o escandalo que estourou na Academia de Ciencias de Paris. Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire abriram uma luta, em publico sobre a unidade da composição.

. . .

Afonso Schmidt, que Monteiro Lobato considerava o melhor romancista brasileiro, ganhou o maior premio de literatura, em dinheiro, do Brasil, com o seu livro "O Menino Felipe".



MONTEIRO LOBATO

Viriato Corrêa

Monteiro Lobato não foi unicamente o maior escritor de crianças que o Brasil produziu; foi um dos maiores escritores infantis do mundo.

Essa opinião se firmou no meu espírito quando comecei a publicar os meus primeiros livros para a infância.

Quando comecei a publicar os meus primeiros livros para a infância a crítica me cercou de louvores. Mas os livros tiveram venda mediocre.

Para livros infantis, há dois públicos: a criança e os pais das crianças. Quando nos tornamos pais, o contato com os nossos filhos como que infantiliza o nosso gosto. Em literatura temos a impressão de que passamos a gostar do que os nossos filhos gostam. Isso, porém, não é inteiramente verdadeiro.

Para nós, os marmanjos, o que mais interessa num conto infantil é a finalidade. Que conto nos divirta, moralizando! Para o gosto de crianças a finalidade é coisa secundária. O que mais interessa é o caminho que conduz à finalidade.

Uma missa não tem positivamente atrativo para despertar interesse à gente miúda. No entanto, há meninos que, aos domingos, arrastam os pais à igreja para ouvir missa? Foi a missa que os fez procurar a igreja? Não. Foi o passeio. Foram as atrações da viagem até o templo: o bonde ou o automóvel, as ruas cheias de gente, o movimento das ruas, etc.

O traçado de um enredo é a grande tortura, o grande segredo de um contista. A condução de um conto para leitores de calças curtas é uma arte difícil, complexíssima. São necessárias mil coisas que a gente não sabe quais elas sejam. É necessário colocar à margem do caminho atrativos que divirtam e deslumbram o entendimento das crianças, atrativos que lhes entrem no entendimento com o desembaraço de íntimos de casa.

Quem não fizer assim pode agradar aos pais dos meninos, mas aos meninos não agrada.

Foi o que se deu comigo. Quando publiquei os meus primeiros livros de crianças, tive, por certo tempo, a convicção de que era eu um escritor infantil. Tive essa convicção não só pelos elogios que a crítica literária me fazia, como pela festa que me faziam os pais das crianças.

Mas o diabo é que os livros se vendiam muito pouco. Impressionado pelo fato, voltei-me a procurar-lhe as causas. E fui procurá-las no próprio meio da meninada. Quando encontrava crianças de oito, nove ou dez anos, sem me dar a conhecer, procurava saber se elas conheciam algum dos meus livros infantis. Geralmente não conheciam e, quando conheciam, não mostravam interesse por eles.

— Eu gosto é dos livros de Monteiro Lobato, diziam todas, todas as crianças que falavam comigo.

Que segredo era esse o de Monteiro Lobato? E atirei-me a ler-lhe os livros destinados à gente de calcinhas curtas.

Só aí compreendi que as crianças tinham razão em não tomar conhecimento dos meus livros. Só aí compreendi o entusiasmo delas pelo criador de Narizinho.

Eu, realmente, não valia nada como escritor de infância. Monteiro Lobato era, na verdade, miraculoso.

O caminho que ele traça aos olhos da pequenada, para levá-la ao desenlace do conto, é um caminho simples, de linhas retas, caminho colorido, deslumbrante e surpreendente como um bazar de brinquedos. A linguagem é de uma simplicidade que atinge ao prodígio.

Eu já havia lido todos os mais famosos escritores de literatura infantil. E só em Monteiro Lobato que encontrei o rumo que devia seguir.

E a grande verdade é que, só depois disso, meus novos livros para crianças alcançaram edições imensas.

A "História do Brasil para crianças" e o "Cazuza" encontram-se hoje nas mãos de qualquer menino.

Eu não teria tido edições vultosas de livros infantis se não tivesse aberto as obras infantis de Monteiro Lobato.

Grande mestre ele foi! Mestre até de homens de sua idade, como eu.

Posso afirmar experimentalmente que Monteiro Lobato é de fato o escritor mais popular de nossa literatura.

Há dez anos que anualmente trato, com os meus discípulos, de dezenas de centenas de escritores nacionais, dos mais ilustres aos mais humildes, dos mais antigos aos mais modernos. Pois bem, a experiência não falhou nunca até hoje. O único nome, cuja menção desperta imediatamente um largo sorriso de satisfação e intimidade em todas as bocas e revela que todos, sem exceção, o leram, é o nome de Monteiro Lobato. É que todos ali foram crianças precisamente a partir do momento em que Lobato revolucionou a literatura infantil entre nós, a partir de 1921.

Se o modernismo, com sua revolução estética, data de 1922, pode-se dizer que Lobato por duas formas o precedeu — em 1918, com o realismo nativista dos "Urupês", e em 1921, com a "Menina do Narizinho Arrebitado".

Na aurora do Modernismo alguns escritores se apresentam solitários, escoteiros, diferentes dos outros, inassimiláveis a qualquer escola, embora ligados naturalmente a esta ou aquela tendência particular. Foram Humberto de Campos, Raul de Leoni, Jackson de Figueiredo, Manuel Bandeira e Monteiro Lobato. É a turma dos independentes. Uns se foram quando apenas começavam a transmitir sua mensagem, como Raul de Leoni. Outros, como Humberto de Campos ou como Martins Fontes, outro candidato à incorporação nessa ala dos solitários, vinham da esteira de Coelho Neto, esse Coelho Neto que os novos de hoje começam de novo a exaltar e contra o qual, em grande parte, se lançou toda a arrancada modernista. Jackson de Figueiredo ia ser o cruzado de uma outra batalha, ia ser o Eernanos da resistência ao agnosticismo, da cristianização da nossa inteligência, o restaurador dos laços rotos, que Laet contivera sozinho durante tantos anos e com outro espírito, em outra geração. Ficaria também solitário, inassimilável, intransigente, falando em nome de um espírito que não era deste mundo. Manuel Bandeira, o S. João Batista do Modernismo, na famosa sentença de Marlo de Andrade, também ficaria sozinho no próprio movimento. De cima, tanto pelo prestígio moral imenso de sua personalidade singularíssima como pela pureza da sua estética, de uma agudeza absolutamente própria e inigualável.

Monteiro Lobato foi o quinto grande solitário dessa turma, "last but not least", que vinha à tona, na aurora do outro pós-guerra, no limiar desse decênio dos 20, em que se iam revolucionar o cenário, os personagens, os temas e os estilos das letras nacionais.

Monteiro Lobato, como outro dia recordava Oswald de Andrade, um dos pioneiros da arrancada inelével, não quis participar do Movimento. Fechou-se intransigentemente nos moldes realistas dos seus contos. E só viu do Modernismo a face passageira, as atitudes iconoclastas ou cabotinas, o lado brejeiro e aparatoso que não tinha importância alguma. E deixou-se ficar sozinho, preocupado, antes e acima de tudo, em não parecer homem de letras. Desde o início de sua carreira, defendeu-se Lobato de ser escritor. E procurou cultivar, por isso mesmo, uma virtude que é realmente suprema em tudo e que tanto mais nos dispomos a prezar quanto mais os anos passam por nossas cabeças — a naturalidade. Lobato tinha a preocupação, a verdadeira obsessão da naturalidade, do antiumbandanismo, das maneiras rudes e primitivas do homem do povo. Era uma espécie de academicismo às avessas, por exagero de preocupação anti-acadêmica.

Lembra-me a primeira vez que foi à nossa casa, aí por 1921 ou 22, logo depois de publicado o "Narizinho". Eu escrevia, sobre o livro, uma crônica entusiasmada. Não nos conhecíamos. Quando

LETRAS E PROBLEMAS UNIVERSAIS

UM HOMEM LIVRE

Tristão de ATHAYDE

desce a escada, encontrei Lobato, na sala de visitas... cortando as unhas e deixando-as tranquilamente cair sobre o tapete, como a coisa mais natural deste mundo. De propósito. Depois, veio ver-nos nossa filhinha mais velha, que andava então pelos 2 ou 3 anos. Lobato esqueceu-se de mim. Pôs a pequena no colo e começou a contar a história do peixe que o homem levava na mão e morreu afogado, quando pulou da mão do homem no rio. A menina arregalava cada olho grande assim e Lobato passava a outras histórias além dessa, que fôra o sesamo da sua vocação para a literatura infantil.

Fez logo questão de me declarar que era fazendeiro. Só fazendeiro. Que Deus o livrasse de ser literato. Fôra tudo um equívoco ou uma necessidade de ganhar a vida. Afetava um pragmatismo exagerado, para mascarar o imenso idealismo, a bravura com que se lançava sempre para a frente, sem temer consequências, rasgando horizontes, criando indústrias, apolando iniciativas, desafiando os manda-chuvas. Lembro-me da carta que me escreveu quando se lançou no negócio dos eucaliptos. A carta era um hino a Navarro de Andrade e à árvore maravilhosa, que iria mudar o futuro econômico do Brasil e com a qual se fariam desde navios até mobilias de quarto e cachimbos. "A empresa começa um barquinho e acabará dreadnought", lembro-me que assim terminava a carta bandeirante. É inútil dizer que nunca mais tive notícias dos magros cobres que subscrevi. Ele porém não se esquecia. Guardava memória dos seus malogros. Que só eram malogros financeiros, mas quase sempre exitos para o futuro do Brasil. Assim com o petróleo. Assim com o ferro. Assim com o livro. Ah, o livro! Outra carta: "Tenho o mapa intelectual do Brasil inteiro. Sei que na localidade do Valão do Barro, por ex., há um leitor de contos e no povoado de Mirafior da Baixada dois leitores de poesia e assim por diante. Tenho o Brasil todo no meu quadro", escrevia-me ele em termos parecidos, fazendo propaganda da sua Empresa. Empresa que não lhe deixaria um vintem no bolso, mas que iria abrir horizontes jamais suspeitados às possibilidades editoriais brasileiras. E seria, um belo dia, um super-dreadnought... E a Revista do Brasil? E o entusiasmo pelo lanquismo? Tudo isso com aquele constante e aparente mau humor, aquele emburramento, aquele falar-mal-de-tudo que foi o sinal com que reagiu contra o narcisismo romântico de outrora. Afonso Arinos e sobretudo Euclides da Cunha haviam lançado o movimento do otimismo nativista. Os "Sertões" em 1902, haviam sido o endeuamento do sertanejo brasileiro, como o "Peço Sertão", de 1898, fôra a idealização da paisagem brasileira. O sertanista fluminense, naturalizado nordestino se é possível dizer, e o sertanista das alterosas, davam-se as mãos nessa transfiguração heróica e embelezada do Brasil nativo. Vinham apologeticamente, patrioticamente, defender os nossos patricios sacrificados e as paisagens esquecidas do nosso interior, contra o litoralismo, o mimetismo e o urbanismo de nossas letras e de nossa política, tanto imperial como republicana.

Monteiro Lobato ia tomar atitude diversa, mesmo oposta. Para Euclides e Arinos o sertanejo era acima de tudo um forte. Para

aquele Pereira ou Belsário Pena confirmaram com sua autoridade de cientistas. E de que mais tarde seriam sínteses impressionantes o "Retrato do Brasil" de Paulo Prado e hoje os artigos de Carlos Lacerda.

Lobato continuou sempre o mesmo ante a campanha de apologetica nacionalista, que se lançou contra o seu pessimismo ou antes o seu realismo audacioso. Muitos fomos os que sempre ficaram a seu lado, no seu propósito de falar a verdade, de apresentar o Brasil tal qual era, na sua triste condição de povo fraco e abandonado, de altas qualidades morais, mas cuja soma de males acumulados está ainda desafiando a persistência dos que se recusam a capitular ante a evidência. Lobato não se perturbava. Seu lema foi sempre falar a verdade, procurar a verdade, dizer a verdade. Só não a encontrou no plano espiritual. E dizé-la numa linguagem a mais verdadeira possível, o mais próximo do linguajar do povo, desse povo que ele fingia maldizer, por seus defeitos e seus males, mas que amava desabaladamente e pelo qual toda a vida deu o fruto de sua pena de escritor violento, desabusado. Escreveu sempre à brasileira. Sem preocupação, entretanto, de criar uma língua. Mas procurando traduzir, com o mínimo de deformação erudita, o que ouvia dos seus caboclos paulistas. Lembro-me de uma revista portuguesa daquele tempo (terá sido Orfeu?) em que se queixava um crítico de não entender Lobato por ser um escritor que escrevia um português desconhecido e bárbaro que estava liquidando com a tradição linguística dos nossos antepassados etc. etc. Lobato não se dava por achado. Escrevia como ouvia e como pensava. E com isso ia renovando, de dentro para fora, o patrimônio da linguagem brasileira, do "estilo brasileiro", segundo a luminosa distinção de Gladstone Chaves de Melo. Hoje seus livros são modelos da fala nossa, sem preocupações nacionalistas, mas ainda menores preocupações vernaculistas e por isso mesmo tesouros de expressão popular brasileira.

Por tudo isso é que Lobato não ficará apenas, em nossa literatura, como um regionalista, que apesar de todos os dotes que possuía, fica adstrito a uma zona, — outra o nativista, que embora parta de uma zona determinada, se estende, mesmo que seja involuntariamente, por todo um país. No próprio São Paulo, temos modelos das duas classes, Valdômir Siveira, por exemplo, foi um regionalista. Era uma criatura adorável, um espírito largo, uma inteligência finíssima, um excelente caráter. Nada disso foi incompatível com a sua arte estritamente praqueira, da baixada de Santos, onde viveu e onde localizou os seus contos deliciosamente expressos numa linguagem inconfundível.

O tipo da outra classe foi Monteiro Lobato. Seus contos nasceram da vida local, das impressões regionais, da língua que ouvida por ele, desde menino, nesse norte de São Paulo, que ora se orgulha do seu grande filho morto, mas indelevel. Já agora, nas letras nacionais. Pois Lobato, é hoje um escritor nacional. Mais do que isso, internacional.

Conclui na pag. 4 deste caderno

O HOMEM LIVRE . . .

Conclusão da 1.ª pag. deste cad.

Digo *é* e não *foi*, pois os escritores se dividem em quatro categorias: os que são mortos embora vivos e os que são vivos, embora mortos. Bem como os mortos, mortos e os vivos, vivos.

Não preciso dizer a qual das quatro pertence o nosso Lobato. Vivo em todo o Brasil. Vivo em toda a América. Vivo em Portugal. O próprio fato de não ter pertencido a escola alguma, de não ter dado origem a movimento algum — salvo em literatura infantil e aí mesmo quem lhe segue as pegadas? — concorre para colocá-lo numa independência que só serve à sua glória.

Foi um homem livre. Que pagou com a prisão a coragem de suas idéias e uma de cujas últimas manifestações pela imprensa, no caso da prisão de Caio Prado Junior, foi um protesto contra o Estado Policial. Foi um escritor livre. Um livre criador de figuras. O mundo dos mitos infantis de sua lavra ficará tão fortemente marcado em nossas letras como a obra dos irmãos Grimm na literatura universal. E quem tem por si as crianças, tem por si o mundo.

Por que Monteiro Lobato não é educador?

Pe. Adalberto de Paula Nunes, SDB

Instruir não é ainda educar, como muitos poderiam pensar a primeira vista.

O papel da educação vai ainda muito mais longe. É por isso que há muitos professores que não passam de simples instrutores, se assim posso dizer, e poucos que são realmente educadores.

E o professor não terá cumprido cabalmente sua sublime missão se ficar em instruir os seus alunos e não em educa-los.

E aí do professor que não for também educador.

Estas mesmas considerações podem ser também aplicadas aos escritores, principalmente àqueles que se dedicam de modo especial à literatura infanto-juvenil.

E quando se fala, no Brasil, em escritores que escrevem para as crianças, o nome de Monteiro Lobato aflora sempre em nossos lábios ou desponta no bico da pena de quem escreve.

Teria sido o conhecido escritor paulista um educador, na boa e legítima acepção do termo?

É indiscutível que seus livros instruem as crianças. Ele sempre conta às crianças uma sumula de conhecimentos úteis e aproveitáveis para enriquecer os conhecimentos de seus pequenos leitores. Não passa, porém, disto. Não vai além, porque Monteiro Lobato instrui apenas, mas não educa, isto é, não eleva as crianças a um plano superior e não lhes transmite normas seguras e firmes de uma boa conduta para a vida de família e da sociedade.

Estamos precisando não tanto de crianças precocemente «sabidas» e extraordinariamente «esperadas», e sim de meninos bem educados, de vida morigerada e de formação moral, que é a única garantia para o futuro dessas crianças de hoje, que serão os homens de amanhã.

Na correspondência epistolar que o falecido homem de letras manteve com o escritor Godofredo Rangel, e que acaba de ser publicada, Monteiro Lobato externou perfeitamente o que ele pensava sobre a vida moral e o comportamento do homem em sociedade.

Ora, um homem do porte moral do autor do «Urupês», que põe como únicos valores morais da vida do homem «o amor, o jogo e o álcool», não poderá ser apresentado e recomendado às crianças como o escritor preferido e como educador seguro aos nossos pequenos cidadãos.

Tem razão, pois, o IV Congresso de Escritores Infanto-Juvenís quando não recomendou Monteiro Lobato às crianças de Brasil.

INTELECTUAIS PAULISTAS REPUDIAM A CRITICA AOS LIVROS DE LOBATO

Ouvidos os srs. Edgar Cavalheiro, Tales de Andrade, Paulo Dantas, Paulo Bonfim e da. Lenira Fracaroli — Teria exagerado o autor de "Comunismo para Crianças"

"Comunismo para crianças" é o título de um livro que o padre católico (baiano) Sales Brasil acaba de publicar em Salvador. Motivo: Monteiro Lobato e suas histórias para crianças. O padre Brasil, segundo noticia um vespertino carioca, vem há algum tempo atacando a obra de Lobato, através de coherências e artigos na imprensa de Salvador. Em sua opinião, os livros do criador de Emília e Tia Nastácia são perniciosos para as crianças e os jovens.

Pela tese que aborreu, o livro dará, certamente, muito o que falar, pois os defensores de Lobato, desde já, estão a postos. A respeito do assunto, publicamos hoje a palavra de intelectuais e educadores que, ouvidos pela reportagem das FOLHAS, foram unânimes em dis-

cordar dos pontos de vista que o padre Sales Brasil defende a respeito do grande escritor paulista.

NEM MENSAGEM COMUNISTA NEM LIÇÃO DE CATECISMO

O escritor Edgar Cavalheiro, cujo livro sobre Lobato ("Monteiro Lobato — Vida e Obra") vem recebendo os mais francos elogios da crítica, foi o nosso primeiro entrevistado. Cuidadoso, preferiu dar a sua opinião por escrito. Ela:

— "Conheço uma conferência do padre Brasil — que dizem agora transformada em livro — acusando de comunista a literatura infantil de Monteiro Lobato. Acusação tola, inconsciente, para não dizermos inepta. Tudo quanto contradiz as convicções políticas e religiosas do padre Brasil é comunismo. E para provar sua tese ele cita trechinhos ou frases aqui e ali, desligando-as do todo e interpretando-as a seu modo. Dessa maneira qualquer sujeito de primeiras letras provará também que a Bíblia é comunista. A grandeza da literatura infantil de Monteiro Lobato reside na constância com que essa literatura faculta à infância brasileira, com o prazer da leitura, o sentimento das coisas da terra. Embora mantendo um clima em que real e irreal se confundem, ele não ignora que ainda a criança mais sonhadora vive rodeada pelo real quotidiano. Escreve, para elas, assim, com o mais rigoroso naturalismo. E como possui da vida uma concepção própria, alicerçada em anos de estudos, leituras e meditações, seus livros levam, sem dúvida alguma, uma mensagem. Mas será uma mensagem comunista? Não. Assim como também não é uma lição de catecismo, o que procura transmitir.

«Ele seguia o conselho de Marcel Brunschvig que dizia que à criança se deve dar uma idéia muito inexata da vida, e dessa forma prepará-la para amargas decepções mais tarde, mostrar-lhe sempre que a felicidade acompanha fielmente a virtude, e o infortunio segue infalivelmente o vício. Desse mal não padecem as histórias infantis de Lobato. Não há ali o misticismo, a superstição, a fantasia morbida que elaboraram o pensamento brasileiro através dos séculos. Há nelas completa libertação de preconceitos: alegria de viver; saúde para o espírito; impulso para os voos da razão que desabrocha. Lobato escreveu beneficiado pela felicidade de ignorar essa ciência que se chama pedagogia. E conseguiu, apesar disso, ou por causa disso, ser um grande educador. Conhecia de perto a realidade do fabuloso e o valor da imaginação. E, como diz um crítico de sua obra, «na contraposição moderna entre o conceito racional e o mito intuitivo, era o homem do mito contra o conceito». Acertar, por isso, seus livros infantis de comunistas, é tolice. Ou má fé. Ou burrice. Ou tudo isso junto.»

**PROF. TALEM DE ANDRADE
«CHUVINHA, EM DIA, DE
MORMAÇO»**

O prof. Talem de Andrade (mais de trinta anos de magisterio, da escolinha rural à formação de novos mestres), autor de muitos livros infantis, leu histórias de Lobato aos seus alunos e diz que nunca encontrou nada que possa ser considerado «comunista». Como educador (ele frisa bem esse ponto), encontra pequenas senões na literatura infantil de Lobato. «Pequenas coisas — frisa — que desaparecem diante da grandiosidade da obra de Monteiro Lobato. E humilde:»

— «Como educador, como brasileiro, como homem que teve a sorte de escrever para as crianças, julgo-me muito pequeno para julgar, tentar, sequer, diminuir a obra do grande paulista.»

Na opinião do prof. Talem de Andrade, Lobato criou uma verdadeira literatura infantil brasileira. Antes dele quase nada havia. «Sua obra — acrescenta — não só desperta interesse como é construtiva. Lobato ainda não foi substituído. Duvido que o seja. O gênio é gente não pulula por aí, à toa.» E conta uma história:

«Eu era professor primário, numa escolinha rural. Fazia um calor medonho. O mormaço enlanguecia a classe. Contei aos meninos uma história de Lobato, publicada num jornal sob o pseudônimo de Hello Bruma. Foi como se uma chuvinha benfazeja caísse e reanimasse as folhas que murcham pelo mormaço.»

E concluindo:

— «Quanto a haver comunismo nas histórias de Lobato, é exagero. O verdadeiro dilúvio de perniciosidade das histórias em quadrinhos e seus «heróis», ao alcance de todas as crianças, que deve merecer a nossa condenação.»

**«COMPLICAÇÃO DO
POLICIAMENTO»**

O escritor Paulo Dantas, autor de «Cidade Enferma» e «Purgatório», não considera a literatura infantil de Lobato nem comunista nem pernicioso. «Acho-a genial e deliciosa — diz. É a fabula mais animada que a inteligência brasileira produziu e destilou no tempo e no espaço. E se os puros e os inocentes de coração escolheram essa literatura, foi porque ela possui uma vitamina misteriosa que nem o clero nem a pedagogia oficial conseguiram «assimilar». Adianto mesmo: se Lobato fosse seguir de perto as normas do clero, da Pedagogia e da convenção, jamais teria sido o grande e inconfundível escritor que foi. Com o coração ele ensinou as crianças e os jovens a amar as coisas reais e positivas da vida. O resto é complicação do policiamento.»

**«MAIS LIVROS DE LOBATO E
MENOS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS»**

Da Lenira Fracaroli, diretora da Divisão de Bibliotecas Infantis da Prefeitura, assim se manifestou:

— «Durante todos estes longos anos de trabalho (ela foi a organizadora das bibliotecas infantis)

tenho notado o grande interesse que os livros de Monteiro Lobato despertam nos pequenos leitores. Até hoje não sei de nenhum caso em que uma criança tenha sido prejudicada pela leitura das aventuras de Emília e outras personagens de Lobato. Acompanho de perto e com carinho a vida de meus pequenos leitores. Vejo hoje os filhos de alguns dos meninos que há 20 anos frequentavam a biblioteca, lerem, como os pais liam, as histórias de Monteiro Lobato.

«Não vejo nada — concluiu da Lenira Fracaroli — que possa ser considerado comunista na literatura infantil de Monteiro Lobato. Tenho visto, isso sim, garotos que lêem histórias em quadrinhos e falam de personagens que usam facas, revólveres, pistolas de raios mortíferos. Acho que em lugar de tais campanhas contra o criador de Narizinho deviam combater os criadores de histórias de monstros e super-homens.»

**«AOIMA DE CORRENTES
POLÍTICAS»**

Paulo Bonfim, poeta («Quinze anos de poesia»), fala da poesia que há nas obras de Lobato. «escritor profundamente poético e humano». E completa:

— «Fala às crianças uma linguagem que tem o sabor de nossa terra e o perfume do mundo mágico que perdemos. Não conheço nada mais indicado à nossa infância do que os livros de quem viveu exclusivamente para ela.

«Os livros de Lobato estão acima de correntes políticas. Defendendo a memória do autor de «Reinações de Narizinho», estamos defendendo também os meninos que fomos correndo livremente pelos caminhos de sonho do Sítio do Pica-Pau Amarelo.»

ERICO VERÍSSIMO :

POR FAVOR, NÃO PRIVEM AS CRIANÇAS DOS BELOS LIVROS DE LOBATO!

Rápida enquete sobre pronunciamento contrários à obra de Monteiro Lobato

Segundo se divulga, por ocasião do lançamento do livro "Comunismo para as crianças", do Padre Sales Brasil, o arcebispo coadjutor de São Paulo, D. Antonio Maria Alves de Siqueira, se pronunciou contrário à obra literária de Monteiro Lobato para crianças, no que se refere a princípios que ferem os fundamentos espirituais da doutrina católica. Diz aquela autoridade que o autor "não distingue entre a religião e superstição, fazendo, assim, com que os conceitos se confundam, com grave prejuízo para a crença católica".

Por outro lado, ouvido pela reportagem em São Paulo, o deputado padre Mario Calazans também declarou que os livros de Monteiro Lobato não podem ser recomendados para as crianças, por colocarem os problemas sob o ponto de vista materialista.

A TENDENCIA MATERIALISTA

A reportagem da Folha da Tarde, na oportunidade de uma palestra com educadores e o escritor Erico Veríssimo, tratou do assunto e colheu pronunciamentos sobre o tema que parece deverá agitar os meios literários nos próximos dias. De maneira geral, cumpre salientar o reconhecimento, por parte de tais educadores, das qualidades excepcionais de Monteiro Lobato, sob o ponto de vista literário. Também constatamos que as ressalvas a certa tendência materialista do autor, estão sendo consideradas pelos responsáveis pela educação da infância. Várias pessoas procuradas se limitaram

a tecer esses comentários, evitando fazer declarações para publicação, sob a alegação de que o assunto necessita ser estudado mais demoradamente para um eventual pronunciamento.

O prof. Godofredo Fay de Macedo, que leciona português no Colégio Apcheta e no Júlio de Castilhos, disse à reportagem: "Monteiro Lobato é incalçavelmente um escritor brilhante. Pena que suas obras se ressentam da ausência de conteúdo cristão. Em consequência, não serão tais obras as mais indicadas para a infância. É forçoso admitir que a sua literatura para a infância sofre também dessa lacuna".

AS CRIANÇAS PREFEREM

Zaira Albuquerque Petri, funcionária da Biblioteca Pública Infantil da SEC, como assistente da diretora, teve oportunas considerações sobre o assunto: "Minha observação pessoal da Biblioteca Infantil me permite dizer que Monteiro Lobato é dos autores mais procurados pela criança. Alguns de nossos leitores lêem várias vezes cada um de seus livros.

Frequentemente, quatro, cinco vezes, até. Sabemos que um livro infantil deve ser feito para crianças, por pessoas que entendem as crianças e deve ir de encontro ao interesse da criança. Ora, Monteiro Lobato é um escritor que preenche satisfatoriamente tais requisitos. Não creio que uma criança que lê, por exemplo, "O Poço do Visconde", possa se tornar um adulto comunista. Ela terá tendência para isso, sem dúvida, se passar fome... Quanto ao aspecto religioso das obras de Monteiro Lobato, é assunto para ser estudado por autoridades religiosas".

DEVIAMOS MELHORAR O MUNDO

O escritor Erico Veríssimo, colaborando com nosso trabalho, também se pronunciou sobre o assunto:

— Sou suspeito para falar de Monteiro Lobato. Era meu amigo e eu o admirava muito. É verdade que muitas vezes ele não pôde evitar que seu ressentimento, sua irritação diante da "coisa brasileira" transparecesse nos seus livros.

Quanto a afirmarem que ele era um comunista, isso é pura balela. Eu poderia escrever um livro provando, com o testemunho das Sagradas Escrituras, que Cristo também era comunista.

Não creio que a obra de Lobato seja nociva à infância. O que penso é que o pai de cada criança que lê as histórias desse grande escritor devia estar ao pé do filho para ajudá-lo com esclarecimentos e interpretações. Acho que é um absurdo atacar os escritores que com seus livros ou artigos lutam por um mundo melhor de paz e justiça social. Em vez de atirar pedras neles devemos tratar de reformar, melhorar o mundo, a sociedade em que vivemos, para que nenhum escritor jamais tivesse o direito de ser pessimista.

Por favor, não privem as crianças dos belos livros de Lobato!

MONTEIRO LOBATO

CARTA DO PE. SALES BRASIL A TRISTÃO DE ATAÍDE

Na sua edição de 9 do corrente, o jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, publicou a seguinte carta do Pe. Sales Brasil a propósito da entrevista que o Prof. Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) concedeu recentemente àquele vespertino carioca — sobre o livro "A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças":

"Cidade do Salvador, 27 de agosto de 1957.

Eminente escritor católico, Prof. Alceu de Amoroso Lima. Louvado seja Deus!

A primeira surpresa que me causou a sua entrevista com "O GLOBO" de 26 de agosto p. p., a respeito do meu livro: "A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças", foi haver dito que conhecia os originais desse livro e haver estabelecido — para discordar, em parte, das minhas idéias — a mesma distinção de partes, que, desde as primeiras palavras da minha tese, eu mesmo estabeleci. A saber: distinção entre a "filosofia da vida", que informou as obras de Monteiro Lobato, e a "técnica" deste maravilhoso escritor "que compreendeu o modo de tornar interessante o livro infantil, criando personagens, atraindo o pequeno leitor".

Mas aconteceu que reconheço de tal modo a "técnica" dos livros infantis de Lobato, que o maior esforço da minha tese é justamente demonstrar que a arte do grande escritor paulista chegou ao ponto de esconder o bem distribuído veneno desses livros até a intelectualidade do porte de V. S., que ainda distingue os (livros infantis lobatianos) "que são bons e os que não o são".

Ilustre Prof. Alceu: as primeiras palavras da minha tese são as seguintes: "Traços ideológicos do GRANDE ARTISTA". Reconheço, portanto, em Lobato, a sua grande arte — que outra coisa não é senão aquilo a que V. S. chama "técnica", ou "modo de tornar interessante o livro infantil". Este pensamento inicial da minha tese vai repetido ao longo de suas páginas.

A literatura infantil de Lobato, sem fazer nenhum favor, dou o nome de "mimosos ver-géis" (pag. 28). Reconheço que "o sutilíssimo escritor" soube distribuir, em seus livros infantis, "uma dosagem psicológica verdadeiramente assombrosa" (pag. 28). Enalteço-o, ao mesmo Lobato, como "profundo conhecedor da psicologia infantil" (pag. 28). Enlevo-me com seu "encanto e flexibilidade literária" (pag. 45). Proclamo o seu "incontestável gênio que soube tornar acessível ao entendimento da criança as coisas mais complicadas" (pag. 82). Admiro "aquela sutileza e graça que ninguém lhe pode negar" (pag. 195). E assim por diante.

O que digo no meu trabalho

zia? Suicidava-me"... (pg. 101).

E é dessa mesma "personagem", Dr. Alceu, que Monteiro Lobato faz o seguinte elogio: "Você tem dito tantas heresias, Emília, que eles (os pastores da Igreja, a quem o "técnico" escritor chama "grandes burros"), a quem chamavam numa vela até ficar reduzida a carvão, e depois moíam esse carvão e o assopravam aos ventos, de modo que a poeirinha se juntasse e vivesse outra vez" (pg. 312).

Citel Narizinho, Dr. Alceu, a menina também materialista — que manda a vovó "dobrar a língua" (pg. 282) e que, em *Serões de Dona Benta*, proclama para todos os meninos do Brasil: "Materia é tudo que existe" (pag. 43).

Citel Pedrinho, "darwinista", como diz Lobato, levado da breca", para o qual serem "os deuses" (e o próprio Deus) criados ou "feitos à nossa imagem e semelhança" é uma "beleza" (pag. 54).

Citel o visconde de Sabugosa, também darwinista e spenceriano com todo o rigor da filosofia de Carlos Marx (pag. 140).

Citel Dona Benta para quem Deus não existe (caps. 1.º e 2.º) e Jesus é homem que "virou Deus" (capítulo 2º) Vovó que dá o seguinte conselho, quando os netos querem "realizar alguma aventura... "Vá, mas escondido de mim" (pag. 281). E que quer "transformar o mundo numa Confederação Universal", com todo o rigor da sociologia de Bukarine, a ponto de declarar que "todos os países ficariam fazendo parte dessa Confederação, como os estados dos Estados Unidos" (pag. 171). E o autor desses personagens, meu caro Dr. Alceu, é o mesmo que escreveu para os adultos não haver país que "vagamente não quisesse experimentar em sua carne a experiência soviética, feita a princípio com dor, mas finalmente com sucesso pleno", e que disse aos meninos que "a paz não sai porque somos todos aqui representantes de países" e que, certamente por isto, é festejado em Moscou (vide Introdução e o 9.º capítulo do livro com o clichê que antecede a este capítulo).

Citel, ainda, Tia Nastácia que, no Sítio do Picapau Amarelo, é a única criatura que tem fé e que, na admirável "técnica de Monteiro Lobato", é também "um póço de ignorância" (pag. 88).

Citel o porco Rabió que se casou com Emília e dela se divorciou, oferecendo às crianças de nossa Pátria, em tudo por tudo, o mais belo exemplo de moralidade conjugal (Cap. VI).

Citel os insetos que, na "técnica" de Monteiro Lobato, "o primeiro escritor que compreendeu o modo de tornar interessante o livro infantil", ensinam às crianças a teoria marxista-leninista da luta de classe e das relações

contra a Literatura Infantil de Monteiro Lobato: é o que V. S., como escritor católico, também há de dizer: "o estilo não vale mais do que as idéias, nem a arte literária, mais do que a filosofia da vida, como nem a filosofia nem os enfeites valem mais do que a pessoa. O que digo é que quando o Mal vem recoberto por um estilo bom, tanto pior!" (vide pags. 313 e 314).

Não é isto o que V. S. também diz, meu caro e ilustre Prof. Alceu?

Será interessante estabelecermos analogia entre o que V. S. escreve sobre a "Técnica", em seu próprio livro "Mitos do nosso tempo" — e o que escreve na entrevista com "O Globo", a respeito da minha tese.

E "Mitos do nosso tempo", depois da criteriosa divisão dos mitos "em capitais e acidentais; universais e locais; de ordem geral e de ordem política", está dito muito claro: "A primeira divisão quanto à importância" (pag. 47). E, na página 48, V. S. declara que a "Técnica" está entre "os mitos capitais", acrescentando que ela "corresponde à fase socialista do fenômeno do predomínio do econômico" (pag. 60). E dizendo, ainda mais, que ao "mito da Técnica" se deve opor "o ideal do Espírito" (pag. 145).

Pergunto agora: — V. S. que, na entrevista com "O Globo", usurpou a mesma palavra — "Técnica", — não mais no sentido de arte da produção econômica, mas no sentido de arte da produção literária V. S. pergunto, não dirá, também neste caso, que ao "mito da Técnica" se deve opor "o ideal do Espírito"? E não o dirá com muito mais ênfase, uma vez que a arte literária é o veículo mais perante da "filosofia da vida"?

Em que consiste, pois, aquela distinção em que V. S. "se separa do Padre Sales Brasil"?

Em que consiste a minha "condenação radical", senão nos pontos pacíficos de doutrina e disciplina, que são os mesmos pontos em que um líder católico não se deve "separar" do Padre?

Em "mostrar às crianças os livros que são bons, evitando-lhes os que não o são"?

Mas no meu livro eu citei todos os livros de Lobato, com indicação da página e do ano da edição. Citel pontos de doutrina, de disciplina e de indisciplina comunistas, com os quais V. S. não concordará.

Citel aqueles "personagens" a quem V. S. se refere com tanto encantamento: a mal-educada Emília — que anda "botando a língua" para toda a gente e que proclama que "isso de respeito nada tem com a idade" (página 289); boneca divorciada — que "andava com mania de coisas russas" (pag. 183) e que, por meio da chave do tamanho, "reduziu" a estatura de toda a humanidade (cap. VIII); e que humilha, crudelissimamente, a raça negra (pgs. 210 a 225); e que, pelo fato de haver diminuído a estatura dos homens, praticou, uma façanha que, na expressão "científica" do visconde de Sabugosa, "corresponde a destruir toda a civilização humana" (pg. 284); e que, se houvesse nascido "gente grande", pergunta: "Sabem o que fa-

de produção — Productionsverhaeltnisse — (cap. VIII).

"E esses personagens e seres personificados. Dr. Alceu, não figuram apenas na "História do mundo para as crianças", o único exemplo de livro dado por V. S. que, por outro lado, não deu nenhum exemplo de livros "que são bons". Esses personagens percorrem todos e cada um dos livros infantis de Lobato, que, segundo o próprio autor, são, "na essência uma história só, em muitos episódios".

Cumprido simplesmente a minha obrigação de brasileiro, de cristão e de sacerdote.

Resta-me agora aguardar, com todo o público brasileiro, que o Dr. Alceu de Amoroso Lima:

1.º — nos aponte alguma página do meu livro, na qual estabeleço confusão entre "a filosofia da vida" e a "técnica" ou "modo de tornar interessante o livro infantil";

2.º — aponte-nos, principalmente, os livros infantis de Lobato, "que são bons" (no sentido, é claro, em que os católicos julgamos que um livro é bom. A saber: Livro que não ofenda nem pontos de doutrina religiosa, nem pontos de filosofia e sociologia cristãs, nem pontos da educação social e doméstica do povo brasileiro. Não só não os ofenda (seria livro indiferente), mas exponha e defenda esses pontos — em que a Igreja não cede).

Mas admitamos que V. S. não chegue ao "radicalismo" de exigir que um livro para crianças defenda aqueles assuntos. Darnos-emos por satisfeitos se o Dr. Alceu de Amoroso Lima nos apontar os livros infantis lobatianos que simplesmente não ofendam algum dos citados pontos.

E esta declaração que esperamos de V. S. não se vai equiparar à de certos homens de letras analfabets. Há de ser feita, sem dúvida, com a tremenda responsabilidade da altura em que se colocou — e para falar ao Brasil na perigosa situação, em que, infelizmente, o colocaram".

De Lobato a Cassiano

Virginius da Gama e Melo

Não sei se tem feito a devida justiça ao escritor e homem que foi Monteiro Lobato. Todos lhe conhecem a trajetória de ação e pensamento mas ainda não se lhe dedicou o estudo sério que tudo isso reclama.

Há, por exemplo, um ângulo aparentemente menor da obra do paulista que atinge ou se aproxima da genialidade. É a sua obra didática para as crianças. A gramática, a aritmética, a geografia, a história, onde se misturam a arte, a ciência, a psicologia, a graça, o humor, reúnem-se todos para ensinar as crianças do modo mais leve possível, quase um modo de brincadeira.

É certo que alguns capítulos desses livros estão desatualizados, como a gramática e a aritmética, bastante modificadas ultimamente, ou melhor, desde o tempo em que os livros respectivos foram escritos. Cumpriria atualizá-los ou, então, suprimir os capítulos desajustados talvez não houvesse prejuízo do conjunto da obra.

Foi um admirável escritor para crianças. A literatura infantil, de caráter utilitário, didática, nele chegou a um nível de talvez único na literatura universal. E partira da fantasia pura, da criação de estórias e de personagens realmente de faz-de-conta.

Inovador e realizador, ainda há pouco merecia de Carlos Lacerda em "O Estado de São Paulo" um artigo que se intitulava "Lobato: Pioneiro em Tudo". E, de fato, tudo no paulista era criação vanguardista, capacidade de realização, execução, nos setores mais variados. Dizia aos amigos:

Sou o único homem no mundo que ganhou dinheiro com a literatura e perdeu no petróleo.

Tudo, efetivamente, em Lobato fascina pela completa imprevisibilidade. As coisas acontecem em seu âmbito de vida, circulação, de forma diferente ao que ocorre aos outros. Criatura contraditória, ele mesmo, a vida também lhe foi contraditória. A sua posição diante do Movimento Modernista, por exemplo, é das mais curiosas. Modernista por índole, temperamento, a sua obra inovadora diante do antigo, certamente, enquadra-se na modernidade; a sua atuação, entretanto, diante da Semana de Arte Moderna foi, até certo ponto, de incompreensão.

Acontecem-lhe coisas estranhas. Inclusive depois de morto. Como o que lhe acontece agora, em Campina Grande, Paraíba. Descobre-se agora uma carta inédita de Monteiro Lobato naquela cidade. A notícia vem numa crônica do escritor e advogado Francisco Maria no "Jornal da Paraíba", editado naquela cidade, onde aquele jornalista mantém a coluna diária "Confidencial", das mais lidas. Esclarece Francisco Maria que a carta pertence aos arquivos literários do poeta João Mendes de Lima. O estranho porém é que a carta é endereçada a um "Cassiano". Pelos termos e assuntos da missiva, colhe-se que o "Cassiano" é o poeta Cassiano Ricardo. Ora, como poderia ter ido parar nas mãos de João Mendes de Lima uma carta de Lobato para Cassiano Ricardo? É um assunto. E, por curiosidade, transcrevamos a carta:

"São Paulo, 11 de outubro de 1944 — Cassiano: "Sursum corda"! O Mariano esteve cá, ontem. Disse-me que você estava aborrecido. Venho explicar-me: Chegaram-me aos ouvidos tantas intrigas a propósito de minha entrada na Academia que resolvi pôr termo à situação com um coice, mas estava a mil léguas de supor que você ia ficar tão maguado.

Não culpe o Menotti. Ele fez tudo direitinho. O ruim, o peste, sou eu. E sabe por que? Porque não consigo levar à sério coisa nenhuma neste indecentíssimo mundo. Academia; professor, papa bispo, tudo bonecos, sacos de tripa

por dentro e só vaidade e bobagzinhas por fora.

Você está errado. Toma a sério demais coisas e bichos que não merecem ser tomados a sério. Abra um livro de Astronomia e envergonhe-se de fazer parte do rebanho de pulgões que parasita essa isca de pó. Imortais, imortalidade, latas, instituições, reis, presidentes, Getúlio, Armando, Churchill, Stalin, Hitler, "tutti quanti" — pulguinhas magras convencidas de que são gordas.

Literatura: bichinhos que dizem o que pensam de outros bichinhos. Tudo bicharia. Tudo bobagem. Ponha o "Eclesiaste" em seu criado mudo e faça dele seu livro de cabeceira, e ria-se comigo do rebanho sórdido que rola às cegas para o abismo da morte, em a falar mal do outro, a roubar do outro, a enganar o outro, a disputar latas vazias, etc. etc.

Mude de vista, sarará, e rirá do que agora lhe faço sofrer. Dispa as grandes gentes e veja como são grotescas. Ponha o Papa nu, de cuecas, Pegue o figurão mais importante aí do Rio, e ponha-o no banheiro, de cuecas, no "Pescada"... Distribua um cacho de bananas para os imortais que o aporrinham por causa do Lobato e ria-se, e vá lavar a lama com um "chope" no "Simpatia" (o Alemão daqui). Tome um por você e outro por mim, dos grandes. E ria-se, ria-se, pois o riso no s salva. E toca o bonde, Cassiano!

Nunca mais seja fiador de ninguém. Não endosse letras, nem por aliás, nem para Cristo. Adeus. a) Monteiro Lobato.

Trata-se, evidentemente, duma sucessão de "demarches" para entrada de Lobato na Academia, cabendo a Cassiano Ricardo o papel de fiador isto é, garantir aos acadêmicos que Lobato aceitará. Mas este último como sempre imprevisível, deu o que ele mesmo chama de "coice". Daí a mágoa de Cassiano.

Artigos transcritos na íntegra

Livros infantis

Com as festas do Natal e do Ano Bom e as férias libertam os garotos das escolas, as livrarias se enchem de livros infantis.

Difícil gênero este de escrever para crianças. Leitores que se bem não o pareçam, são mais exigentes que os velhos que lêem os nossos romances e os nossos ensaios. Para satisfazer a estes leitores adultos é bastante relatar a vida, o cotidiano dos homens e dos ambientes ou ensinar alguma coisa. Não é preciso fugir do plano da realidade. Porém a criança exige mais que isto: exige imaginação.

Neste fim de ano de 1934 e começo de 1935 as nossas livrarias se abarrotaram de volumes para crianças... Há alguns anos passados os garotos tinham que se contentar com os Contos da carochinha, editados em edições miseráveis e com o Almanaque do Tico-Tico, insulto lançado anualmente às crianças do Brasil.

Hoje não são poucos os livros infantis. Alguns escritores para adultos de nosso país, depois que se voltou para o sítio de Dona Benta não quis outra vida. Aqueles seus heróis, dois meninos, dois bonecos e um porco, são muitas vezes admiráveis. Monteiro Lobato criou, e leva sobre os demais escritores de livros infantis a vantagem de ter sido o primeiro, uma série de livros que por muitos anos serão o encanto da meninada. Muita coisa notável há nestes livros de Lobato, livros que todos, garotos e adultos, lêem com imenso prazer, muita fuga para os países da imaginação, do nunca visto.

Porém aí é que aparece a minha discordância com este grande Lobato. E essa discordância está num pozinho. Um pozinho com nome comprido: “Pó de Pirlimpimpim”. Todas as vezes que os pequenos heróis de Monteiro Lobato têm que fugir do plano da realidade para o plano da imaginação tomam uma pitada daquele pó. O pó é como uma explicação, uma separação mesmo dos dois planos, deixando os leitores na impossibilidade de passar para o imaginário porque lhes falta o rapé pirlimpimpim. Ora, o garoto não precisa de rapé algum para se embrenhar pelos países da imaginação, viver aventuras maravilhosas, criar mundos novos, ver coisas nunca vistas. Para que a explicação do pó?

A imaginação da criança não só não exige como até recusa estas explicações. Acho que no livro infantil a passagem da realidade para a imaginação deve se dar sem nenhum sono, sem nenhum pó, sem coisa alguma que auxilie esta passagem. A criança pode estar no plano da realidade e passar para o da imaginação naturalmente, de olhos bem abertos, bem acordados, sem qualquer auxílio que o da sua própria imaginação. A criança, para citar um exemplo que está num livro infantil de Matilde Garcia Rosa e meu, pode estar no cinema assistindo à fita e de repente se encontrar na fita sem qualquer auxílio. Para o pequeno leitor é sempre uma decepção isto de os heróis se servirem de qualquer coisa para fugirem da realidade besta deste mundo besta.

Um dos meus irmãos pequenos lendo há uns dois anos o magnífico livro infantil de Carlos Lebeis, *No país dos quadratins*, estava entusiasmado. Depois que ele terminou a leitura perguntei que tal.

_ Muito bem, mas estraga no fim.

_ Por quê?

_ Ora, tudo era sonho...

Isto de fazer aventuras imaginárias durante o sonho também os garotos fazem muito mais, pois eles vão, mesmo acordados, quando, desprezando os brinquedos, se sentem num canto pensando coisas.

Porém tanto os livros de Monteiro Lobato como Carlos Lebeis são volumes admiráveis. De Lobato há um *Emília no país da gramática*, que é uma obra-prima, um livro delicioso. Livro que escrito em outra língua não a portuguesa daria celebridade e fortuna ao autor. O volume de Lebeis é movimentadíssimo o que é grande qualidade nesta espécie de livros. Alias, Mário de Andrade escreveu um estudo notável sobre este livro. Lobato tem outra grande virtude para os pequenos leitores: a linguagem. Ele sabe a palavra que deve usar no livro infantil e isto é difícil.

Há uns dias me disseram que o criador da *Menina do Narizinho Arrebitado* pretendia fundar uma revista infantil: *O Sítio de Dona Benta*. Seria uma grande coisa. Teríamos no Brasil verdadeiramente uma revista infantil e não estas infâmias que se apresentam com esse rótulo.

As edições destes livros infantis que têm aparecido ultimamente estão admiravelmente apresentadas, especialmente as da Editora Nacional e as da Livraria do Globo. Esta editora do Rio Grande do Sul nos ofereceu cinco livros infantis numas edições que se pode chamar da perfeitas. E de livros escolhidos a dedo, com muito capricho. Os da Editora Nacional não ficam atrás. Igualmente muito bem apresentados e muito bem escolhidos.

Entre estes livros da Editora Nacional há um de Viriato Corrêa: *História do Brasil para as crianças*. Exceto a bela apresentação eu o acho inferior aos ótimos *No reino da bicharada* e *Arca de Noé*. Talvez porque a história do Brasil seja um assunto de muito pouca imaginação, ou dizendo melhor onde as mentiras foram inventadas por uma imaginação pobre. Ora, Viriato Corrêa é um sujeito que sabe realmente escrever para crianças. Para que ficar amarrando às aventuras tolas dos portugueses nestas terras da América?

Tivemos também outro livro de Henrique Pongeti. O primeiro (*Histórias de Carlitos*) talvez fosse um livro mais para adultos que para crianças. Este segundo porém é um dos melhores livros infantis deste país.

Vários outros volumes encheram as livrarias. Entre eles vale a pena citar o de Luiz Martins: *Viagens de Guri-Guri*, sobre o qual a crítica autorizada tem-se desfeito em elogios. Pena ser um livro um tanto apressado, porque não lhe faltam qualidades e das melhores.

Estes são os prosadores infantis (adultos todos porque não saiu o volume de Guilherme Nogueira, garoto de 8 anos que dita as suas histórias para Hamilton Nogueira e que é o nosso maior escritor infantil). E os poetas para crianças? Não falo de uns sujeitos miseráveis que escrevem no *Tico-Tico*.

Só temos um poeta para crianças. Mas este é tão grande que vale por uma coleção. É Álvaro Moreyra. Esta é o nosso grande poeta.

Só ele sabe escrever poemas para os meninos. Só os poemas de Álvaro Moreyra não ficam cretinos quando recitados pelos meninos das escolas. Porque este poeta vê as coisas como as crianças. Só ele tem um sentido infantil do mundo e sem que para isto use nomes feios como supra-realismo, etc. Com a Caixinha dos 3 segredos Álvaro Moreyra se fez amar por todas as crianças do Brasil, disse eu uma vez e repito. E se fez admirar por todos que no Brasil têm capacidade de admirar o que é verdadeiramente belo.

21. AMADO, Jorge. Livros infantis. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 6 jan. de 1935.

Literatura Infantil – reabilitemos a imaginação

Conversando, há tempos, com um professor público acerca da literatura infantil entre nós, como nos referíssemos a dois livros recentes, verdadeiramente revolucionários: *Narizinho Arrebitado* e *Fábulas*, de Monteiro Lobato, perguntou elle de que gênero eram esses trabalhos. “São encantadoras histórias maravilhosas”, respondemos – “Maravilhosas!” exclamou o pedagogo, com a mais cômica estranheza. “Maravilhosas? Sou contrario a isso. Precisamos dar aos nossos filhos uma educação pratica. As obras de imaginação fazem mal às crianças, que têm de preparar-se para ganhar a vida e ser úteis a seus concidadãos”...

Atalhamos em tempo e acesso do verborrelo que ameaçava prorrogar-se, mudando súbito o rumo da conversação com salloltar a sua opinião sobre um “film” policial muito gabado pelos freqüentadores de cinema, que são todos – mestres e alumnos, velhos, moços e crianças.

E ficamos a pensar no como seria difícil fazer alcançar a essa gente o princípio de Ribot – que “a imaginação é na ordem dos movimentos”...

Em verdade, seria rematada tolice pretender supprimir a imaginação, conter-lhe os vôos, sobretudo na idade de sua maior exuberância. O que esse galhos queriam, com taes arremessos aparentemente de ordem geral, seria quando muito dar a imaginação uma orientação estreitissima, canalizando-a o mais possível para as pequeninas necessidades da vida, para os cálculos exercícios torturantes do mandarinato escolar, como se taes pelas fossem um remédio contra o possível apparecimento de formas pathologicas ou malsano e tivessem o condão de conduzir aos triumphos utilitários que assignalam como o principal escopo da existência. Esquecem-se de que semelhantes aspectos communs da actividade mental não só não collidem com os mais altos surtos imaginativos, numa criança sadia, senão que têm também , quando exaggerados, as mais funestas consequências. – Assim que – já mui judiciosamente o advertiu o grande psychologo acima referido – dos abusos da chamada imaginação pratica, tão louvada em modelos “yankees”, é que procede a mentalidade dos cavalleiros de industrias, dos aventureiros, dos inventores de expedientes suspeitos, dos inconstantes, que vivem a mudar de profissão, e dos excêntricos destinados a acabar nos asylos de alienados.

Não! Seria um crime e uma insensates tentarmos desfilar o mundo encantador em que vivem, queiramo-lo ou não, os pequeninos reis da fantasia. Fale por nós o genial Renan: “A criança, dis elle, espalha sobre todos nas coisas o maravilhoso que encontra em sua alma. A curiosidade, o vivo interesse que toma por qualquer combinação nova, provém de sua crença no maravilhoso... A graciosa embriaguez da vida que a acompanha dá-lhe vertigem: não vê o mundo senão através de uma gaze levemente colorida: lançando sobre todas as coisas um olhar curioso e alegre, sorri a tudo e tudo lhe sorri... Não são as coisas o que ella conta, mas sim as impressões fantásticas que têm das coisas, ou melhor, conta-se a si mesma. A criança cria todos os mythos que a humanidade criou; aceita todas as fábulas que lhe impressionam a imaginação, improvisa para si própria outras estranhas e a si própria as affirma.” “E essa criança não morre em nós – ajunta outro escriptor – vive no adulto, embora seja muitas vezes abafada pelas preocupações da existência e pelo amor próprio que nos faz parecer ridícula a sua manifestação. O homem tem vergonha de parecer criança e quer parecer sério, positivo, soeptico e pensador profundo. Mas os seus melhores instantes são os que, sentindo-se criança, escapa em liberdade para as regiões do sonho”...

E é nesse fundo delicioso que nos fica da infancia que vamos haurir forças, consolo e alento nas grandes crises Moraes. Causa horror pensar o que não haveria de aridez na alma de um homem que não encontrasse em si, magicamente adormecida como no interior de um columbario, essa criança divina que, segundo o autor de Phedon, permanece no mais intimo de nós mesmos até a extrema velhice.

Bem sabemos que há um certo gênero de “rêvasserie”, de romantismo mórbido, do fantástico desordenado e pessimista que convém afastar das crianças, por tender a inspirar-lhes desanimo e enfado da vida. Di Proal, no seu impressionante livro “A educação e o Suicídio das crianças”, mostra quão nefasta é a influencia dessas leituras, aconselhando-lhes o manuseio dos clássicos.

Dahl, porém, a temer a imaginação, o conto maravilhoso, a sabedoria secular encerrada nas fabulas vão um infinito de distancia. A alma da criança tem a virtude de uma varinha mágica. Anima e transfigura tudo o que toca. Ella não perdeu, nas angustias da vida pratica, essa lindíssima capacidade de surpresa e deslumbramento em que se resume todo o frescor da existência e que aliás se conserva nos adultos privilegiados, nos grandes homens de pensamento e de ação, nos gênios e nos heroes. Quem não sabe que Napoleão foi um grande sonhador, como grandes sonhadores também são ainda hoje os maiores estadistas dos nossos tempos. E não só estes, senão também os criadores das grandes compainhas, monopólios e “trustes”, porque ao lado dos poetas propriamente ditos há os poetas da nação, os forjadores da realidades, os domesticadores de ideaes, em todos os campos da actividade humana.

Os inimigos da imaginação e da fantasia, para serem lógicos, deveriam prohibir as crianças a contemplação da natureza, que já é por si só uma grande e inexplicável maravilha, em cujo seio nos debatemos, deslumbrados, até as ultimas da existência. Razão havia Emerson de querer que os brinquedos dos nossos filhos fossem sobretudo o sol, a lua, os animais, as pedras, os mil e um sortilégios que nos rodeiam a cada passo. E que são os contos de fadas senão a projecção deliciosa dessa realidade superior que a criança “sente” dentro em si e no ineffavel milagre da vida circunstante?

Querer fazer della um ser de calculo e de razão violentando-lhe a natureza é dar uma prova do quanto nos afastamos nós mesmos dessa sensação de mysterio e de belleza que é a final a essência mesma da vida consciente, para nos apequenarmos miseravelmente até convertermos em nosso tudo a busca de um illusorio bem-estar e a combinação de meia dúzia de ideas e algarismos.

Toda literatura infantil que não se inspira nessas verdades é para a criança insuportável tortura. Os livros que commumente lhe pomos nas mãos são verdadeiros crimes. Pois haverá associação mais revoltante de que a de uma alma de velho, de uma secura infinita – que taes são de ordinário os nossos autores escolares – e a de uma criança que desabrocha, em todo o esplendor de seus primeiros annos?!

Proal horrorizado com o numero crescente de suicídios de crianças, preconisava, como remédio efficaz contra essa degenerescência nervosa, a vida dos campos e a sociedade dos animaes... Das fadas e dos animaes, diríamos, pois estes para a sua imaginação criadora apparece sempre como fadas e gênios mais ou menos disfarçados. Nada mais característico de um temperamento sadio, na criança, do que um pronunciado pendor pelas lendas e historias maravilhosas, em que se espelham a alegria e optimismo da infância. Uma notável escriptora ingleza, tendo-se encontrado, em casa do jurisconsulto Bavigny (que, seja dito de caminhão, não se dedignava de tomar vivo interesse pelas lendas e narrativas populares) como um dos famosos irmãos Grimm, fez-lhe este cumprimento: “Vossas crianças parecem-me as mais felizes do mundo, porque vivem no meio de contos de fadas”. E tinha razão. Nunca se ouviu dizer que um conto de fadas fizesse nenhum mal a ninguém. Muito ao contrário, o reino de Perrault, embora atacado pela legião dos despoetisadores da vida, resistira a todos os embates, porque tem os seus fundamentos no esplendor da imaginação, faculdade que o philosopho Froschammer ensina ser apenas uma como subjectivação humana da grande fantasia cósmica que trabalha surdamente no seio da natureza, produzindo as inconstes variedades das formas vegetaes e animaes...

Felizmente tem-se ultimamente operado entre nós um bello e corajoso movimento de reabilitação da imaginação. Temos entre mãos três livros que confirmam esta nossa affirmativa: “Narizinho Arrebitado” e “Fábulas”, de Monteiro Lobato, e “Como se aprende a língua”, de Sampaio Dorin. Este ultimo, com ser de gênero muito diverso dos dois primeiros, tem entretanto com elles a mesma qualidade essencial – instruir as crianças sem atormental-as, reunndo com arte o útil ao agradável – “utile dulci”, segundo o salutar conselho do velho Horácio.

Acerca de cada um desses trabalhos daremos aqui, em outros artigos, a nossa sincera impressão.

Lobato e duas literaturas

Estamos em plena “Semana do Livro Infantil”. Por uma natural obediência à lei internacional e não um simples decreto-lei dos que se fazem às centenas no Brasil, nós que habitualmente tratamos dos assuntos sérios e com a maior simpatia e sempre dispensamos o nosso inter-estadual apoio à literatura infantil.

Nas mãos das crianças o livro exerce com maior plenitude a sua função educadora do que quando em mãos de adultos. Pois que as crianças têm o manifesto desejo de praticar tudo o que lêem, quando os adultos porfiam em realizar sempre o contrario. Daí o cuidado que devemos ter na leitura destinada aos nossos filhos. Podemos fazê-los santos ou bandidos, homens de bem ou políticos – tudo depende dos livros que lhes dermos a ler. No cérebro da criança, o livro verdadeiramente é o germe: na cabeça dos adultos, será quando muito o adubo. Um mau livro absolutamente não transformará facilmente um bom filho em mau filho. Cabeça de gente grande é de barro já endurecido, difícil de amoldar. É mais fácil quebrar-se a cabeça de um adulto com o primeiro volume do Dicionário do sr. Laudelino Freire, do que colocar-se-lhe dentro o texto da dita obra.

Seria ocioso enumerar os milhares de argumentos, cada qual de melhor qualidade que militam a favor da boa literatura infantil. O que é deveras lastimável é que noventa por cento dos escritores brasileiros sejam impróprios para menores, embora sejam excelentes para senhorinhas... Mas as senhorinhas, já não podemos mais nada fazer por elas: façamos pois o que podemos pelos menores. Sim, não é de hoje que vimos dizendo que no Brasil o problema dos menores é um dos maiores.

Em matéria de literatura infantil, sempre fomos pela antiga. História sem fadas, príncipes encantados, pode ser tudo menos história para crianças. Neste particular, respeitamos Monteiro Lobato que, alias, seria muito mais interessante se fosse menos instrutivo. Com Monteiro Lobato acontece o seguinte: o pai compra o livro para dar ao menino, mas antes que o faça passar inadvertidamente os olhos pelo livro, gosta e lê. Ora, se o pai gosta e lê, é quase certo que o menino nem o lerá nem gostará, e se ler não gostará. O gosto das crianças poderá parecer muito com o nosso em se tratando de marmelada, de automóvel, de futebol, de curtir preguiça, de falar palavras feias, mas de livros não. Mas existem inúmeras crianças que gostam de Lobato, assim como gostam de estudar; também existem cidadãos maiores de 21 anos que gostariam de andar de velocípedes capazes de suportar-lhes os quilos.

De qualquer modo, já está muito bom. Se Lobato não é “próprio” para menores, também não é impróprio – é ajustável para todas as idades, sexos e profissões. E assim, no Brasil, a “Semana do Livro Infantil” é mais ou menos uma semana de Monteiro Lobato, pois que este grande escritor, pode-se afirmar que venceu na literatura infantil tão “sobrancelhamente” quanto na adulta. Lobato é um escritor que, na classificação literária de Agripino, seria considerado anfíbio: para adultos e crianças.

Mas a “Semana de Literatura Infantil” veio acentuar e deixar sem resposta um problema nacional: os adultos lêem Lobato porque não temos escritores para adultos, ou as crianças lêem Lobato por que não teria escritores para crianças no Brasil?

23. LOROTOFF (pseudônimo de Eduardo Palmério). Lobato e duas literaturas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 nov 1947.

“Há muitos anos Lobato veio aqui uma vez e eu assisti a uma coisa que me assombrou. Fomos visitar um grupo escolar e quando reunimos os alunos apresentamos o escritor – ‘Este é Monteiro Lobato que vocês todos conhecem’. Os guris se entreolharam e começaram a rir em surdina. Ficamos sem compreender. Repetimos – ‘É Monteiro Lobato, autor de Narizinho!’ Um dos guris falou por todos: - Então o sr. pensa que nós acreditamos? O homem que escreve Narizinho não pode estar aqui!’- Tal era a magia ao redor das histórias infantis que a idéia de um homem de carne e osso, sobranceiro e triste como Lobato, ser o autor e além disso estar ali, ao alcance de todos, não tinha realidade. Lobato ficou profundamente emocionado, disse à gurizada que era ele mesmo e ao sair expressou aos que o acompanhavam: - ‘Nunca pensei que fosse tão séria a influência do que escrevo. Até agora eu ia escrevendo, por escrever, mas essa meninada me deu uma lição. Vou pensar muito antes de escrever para crianças daqui para diante.’”

24. Depoimento de Emílio de Moura a respeito de uma visita que fez Monteiro Lobato a Belo Horizonte. Retirado do artigo “Emília, personagem de Monteiro Lobato”, de Renato J. C. Pacheco, *Revista Brasiliense*, v. 10, n. 10, p.1957, p. 159-174.

Monteiro Lobato Vírgula, Ponto e Vírgula

A boneca Emília e o Visconde de Sabugosa contam a história de seu criador, Monteiro Lobato. Principal escritor infanto-juvenil brasileiro, Lobato concilia sua literatura inovadora com as atividades de fotógrafo, pintor, industrial, editor e defensor de campanhas nacionalistas como a do petróleo.

Monteiro Lobato (Taubaté SP 1882 – São Paulo SP 1948) é o mais importante escritor do gênero infanto-juvenil brasileiro. O dia de seu nascimento, inclusive, é comemorado como Dia Nacional do Livro Infantil e Juvenil (18 de abril). Sua produção voltada a crianças e jovens é inaugurada com *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), lançado no ano seguinte como *Narizinho Arrebitado*, com tiragem de 50.000 exemplares, adotado pelo governo de São Paulo como leitura para o 1º grau. É autor também de uma vasta obra para adultos (treze volumes) e sua atuação literária se estende à infra-estrutura da literatura: em 1918, compra a *Revista do Brasil*, dando início a uma editora; em 1924, a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato torna-se o maior parque gráfico da América Latina; em 1925, funda a Companhia Editora Nacional, com mais nove sócios, entre outros empreendimentos. Ampliando sua ação social, Lobato transforma-se em empresário, incorporando a Companhia Petróleo Nacional e a Companhia Petróleos do Brasil. O artigo "A propósito da exposição Malfatti" (publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1917), em que Lobato critica a linguagem expressionista de Anita Malfatti, valeu-lhe a antipatia dos modernistas e certa má vontade da crítica. Aos poucos, porém, um melhor conhecimento de sua obra e do contexto da época vem revertendo essa imagem. A começar, já em 1943, pelo insuspeito Oswald de Andrade, para quem Lobato "foi o Gandhi do Modernismo".

25.Documentário: Monteiro Lobato Vírgula, Ponto e Vírgula. Roteiro Fernando Navarro. Direção Renato Barbieri. São Paulo: Coleção Itaú Cultural, maio de 1996. (22min.)

ANEXO B – ILUSTRAÇÕES

“Nasceu em Taubaté, aos 18 de abril de...1884 [na verdade 1882]. Mamou até 87. Falou tarde, e ouviu pela primeira vez, aos 5 anos, um célebre ditado: Cavalos pangaré/Mulher que ...em pé/Gente de Taubaté/*Dominus libera mé*’.

Concordou.

Depois, teve caxumba aos 9 anos. Sarampo aos 10. Tosse comprida aos 11. Primeiras espinhas aos 15.

Gostava de livros. Leu o *Carlos Magno e os doze pares de França*, o *Robinson Crusóé*, e todo o Júlio Verne.

Metido em colégio, foi um aluno nem bom nem mau – apagado. Tomou bomba em exame de português, dada pelo Freire. Insistiu. Formou-se em Direito, com um simplesmente no 4º ano – merecidíssimo. Foi promotor em Areias, mas não promoveu coisa nenhuma. Não tinha jeito para a chicana e abandonou o anel de rubi (que nunca usou no dedo, aliás).

Fez-se fazendeiro. Gramou café a 4.200 a arroba e feijão a 4.000 o alqueire.

Convenceu-se a tempo que isso de ser produtor é sinônimo de ser imbecil e mudou de classe. Passou ao paraíso dos intermediários. Fez-se negociante, matriculadíssimo. Começou editando a si próprio e acabou editando aos outros.

Escreveu umas tantas lorotas que se vendem – *Urupês*, gênero de grande saída, *Cidades Mortas*, *Idéias de Jeca Tatu*, subprodutos, *Problema vital*, *Negrinha*, *Narizinho*. Pretende publicar ainda um romance sensacional que começa por um tiro:

_ Pum! E o infame cai redondamente morto...

Nesse romance introduzirá uma novidade de grande alcance, qual seja, a de suprimir todos os pedaços que o leitor pula.

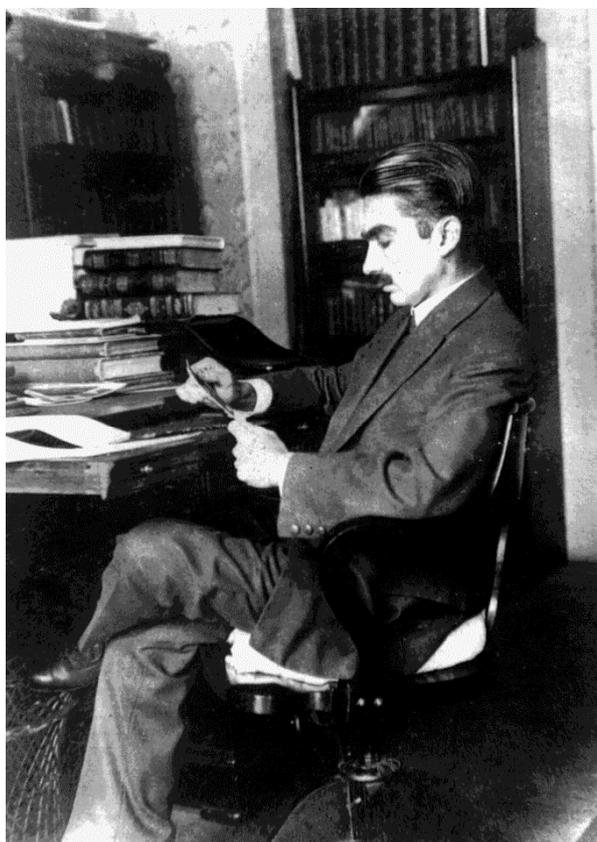
Particularidades: não faz nem entende de versos, nem tentou o *raid* a Buenos Aires.

Físico: lindo!”





2. Monteiro Lobato no início dos anos 20.



3. Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*, início dos anos 20.



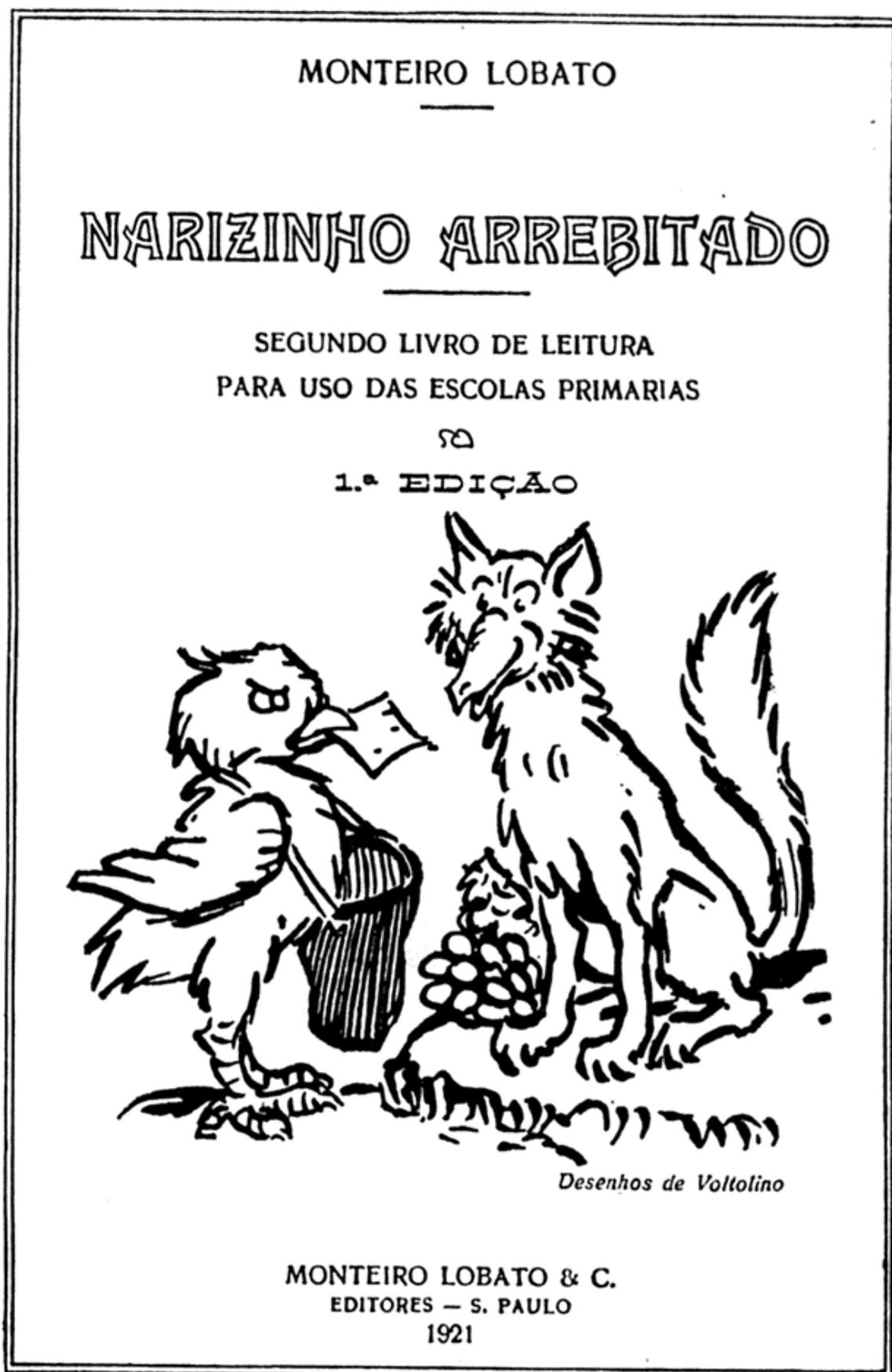
4. Capa da primeira edição do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), com ilustração de Voltolino.



5. Primeira página do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, com correções de Monteiro Lobato.



6. Anúncio de 16/01/1921, desenhado por Voltolino, divulga o livro recém-lançado *A Menina do Narizinho Arrebitado*; Monteiro Lobato comenta com Edu Chaves, ambos sobre a libélula: “Vês? Eu andava com a cabeça vazia. Tomei guaraná Espumante e todo este mundinho maravilhoso saiu de dentro da cachola!...”.



7. Capa da primeira edição do livro *Narizinho Arrebitado*, lançado em abril de 1921. Ilustração de Voltolino.

NARIZINHO ARREBITADO

— POR —

MONTEIRO LOBATO

(Edição escolar, completa)

É um livro fóra dos moldes habituaes e feito com o exclusivo intuito de interessar a creança na literatura.



O livro que não interessa a creança é um mal: crêa o desapego, quando não o horror á leitura.

Nazizinho Arrebitado forma um volume de 181 paginas, em corpo 12, com todos requisitos didativos e é magnificamente illustrado com 114 desenhos de Voltolino.

PREÇO: 2\$500



9. Edição italiana de *Narizinho Arrebitado*, ilustrada por Vincenzo Nicoletti, publicada pela Editora Eclética, em 1945.



10. Capa da edição russa de *Narizinho Arrebitado*.

3ª Temporada do Teatro Infantil da Bahia

A HORA DA CRIANÇA

apresenta

NARIZINHO

Opereta em 4 ATOS

Inspirada no conto de MONTEIRO LOBATO

A Menina do Narizinho Arrebitado

Original de ADROALDO RIBEIRO DA COSTA com
a colaboração musical de AGENOR GOMES



TEATRO DO INSTITUTO NORMAL

NARIZINHO

PROTOFONIA — (Gomes) — Abre o espetáculo uma composição sinfônica sobre motivos da opereta, sobressaindo-se a *Dansa das Sombras*, a *Aria de Narizinho* e a *Barcarola dos Gaturamos*. Durante sua execução pela orquestra a Criança bahiana apresenta, na ribalta, a peça à plateia.

PRÓLOGO — A opereta **NARIZINHO** foi extraída do livro **A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO**, primeiro da longa série escrita por Monteiro Lobato. A história foi mais tarde modificada e incluída no livro **REINACÕES DE NARIZINHO**. A peça conserva a versão primitiva, mais bela, mais teatral. O aparecimento do primeiro livro infantil de Lobato é o marco inicial da literatura infantil brasileira. Como homenagem ao grande acontecimento, o **PRÓLOGO** reproduz, na íntegra, o primeiro capítulo. A Narradora veste um costume negro, como o "Côro" do teatro elizabetano. A narração é acompanhada pela orquestra que faz **VARIAÇÕES SOBRE A ARIA** (Adroaldo-Gomes) enquanto oito figurantes recordam personagens e obras do grande escritor.

I ATO — Este ATO está dividido em dois quadros. O primeiro corre à altura do procênio que representa um trecho do pomar do Sítio do Picapau Amarelo. Inicia-se com a **ARIA DE NARIZINHO** (Adroaldo) cuja letra recorda uma história de Grimm. A primeira parte da **ARIA** é repetida logo após, em **FANTAZIA** (Adroaldo), a voz em diálogo com a orquestra. A segunda parte também voltará a ser ouvida após o **Monólogo de Narizinho**, em forma de **ACALANTO** (Adroaldo). Nas palavras da **ARIA** e do **MONÓLOGO** e na movimentação de Narizinho do procênio, está toda a motivação da peça. Seguem-se, na parte musical, a **DANSA DAS SOMBRAS** (Gomes) e o **COCHE** (Gomes) que evitam solução de continuidade entre cenas situadas em planos ou lugares diversos.

O segundo quadro corre na cena propriamente dita. É a sala das audiências do **Palácio Real das Águas Claras**. A Ação é perfeitamente inteligível e, pois, dispensa explica-

ções. Na parte musical há a MARCHA DOS GRILOS (Adroaldo).

II ATO — E' o JANTAR. O Mordomo Gafanhoto anuncia os pratos que os Peixinhos do Aquário conduzem e os Gafanhotos Lacaios servem. Enquanto isso, o Maestro Sabiá do Campo apresenta um programa de variedades.

A CIGARRA E A FORMIGA — (Adroaldo) — O assunto é a célebre fábula de La Fontaine. Duas solistas cantam o diálogo, enquanto o Côro narra e imita o "canto" das cigarras.

DANSA DOS TANGARÁS — (Adroaldo) — Consta que os tangarás andam sempre em bandos de cinco. Vão, poucam num galho, em fila. Sai o primeiro, baila na frente dos outros que saltitam no ramo. Volta para o seu lugar. Sai o segundo: novo bailado. E assim por diante, até o último. Após o bailado, revôam. A coreografia da DANSA DOS TANGARÁS foi inspirada nesse curioso "ballet" das nossas matas.

DISCURSO DO DR. LOURO BICUDO — Do alto de um poleiro de coral que as FORMIGUINHAS (Gomes) transportam, o papagaio faz as suas queixas e defende os seus direitos. O texto não é o da primitiva versão da opereta.

POESIA DA LAGARTIXA BATE-A-CABEÇA — Na primeira versão era um poema ao estilo ultra-romântica. Imagine-se que tinha 245 cantos (!) dos quais só se ouvia o primeiro. Mas o fato é que já não há declamadoras que recitem a "Douda de Albano". Então, a poesia foi modernizada.

OS VAGALUMES MAGICOS — Durante um dos números, ouve-se a VALSA DOS MAGICOS (Gomes).

O SABIÁ E O BEM-TE-VI — (Adroaldo) — Este número sofreu modificações na música e no poema, com a inclusão da Rôla Fogo-Pagou. Narra o Côro que o Sabiá estava cantando na mata quando o Bem-te-vi começou a pirraçá-lo. Então quasi há uma briga entre os dois, "mas veio a Rôla Fogo-Pagou e conseguiu os dois apasiguar". No final os três passarinhos conjugam seus cantos.

6

III ATO — O BAILE. Após a entrada solene de Escamado e Narizinho, ao som do HINO DAS AGUAS CLARAS (Adroaldo), e a reverencia da côrte, ouve-se a SINFONIA DO MARIDO-E'-DIA (Gomes), composta sobre o canto do passarinho, que a flauta reproduz no meio da narração do Maestro Sabiá. A sinfonia conta "musicalmente" essa "lenda".

Tambem sobre motivos do canto de um passarinho é a CANÇÃO DO "SOFRER" (Adroaldo). Esses motivos podem ser identificados nos trechos em que o tenor canta "Sofrer! Sofrer! Sofrer!" Ou então: "Quando eu canto..." E mais: "Sou canoro"...

A BARCAROLA DOS GATURAMOS (Adroaldo) é, por sua vez, inspirada por esses passarinhos cujo canto a flauta imita na introdução. Toda a Barcarola gira em torno desse motivo.

Seguem-se: a QUADRILHA "NADA, NADA, PEIXINHO!" (Adroaldo), a VALSA REAL DAS AGUAS CLARAS (Gomes), a polca COM CASCO E TUDO (Gomes) e a DANSA DAS LIBÉLULAS (Adroaldo).

IV ATO — A CONSPIRAÇÃO. Logo no inicio do ato que corre na ante-câmara do palacio, Narizinho vê passar na sua imaginação os belos vestidos confeccionados por D. Aranha. Ao som de uma GAVOTA (Gomes) eles passam:

Da côr do céu com todas as estrelas...

Da côr do mar com todos os peixinhos...

Da côr do campo com todas as flores...

De penas de todos os pássaros...

De teia de aranha com pingos de orvalho...

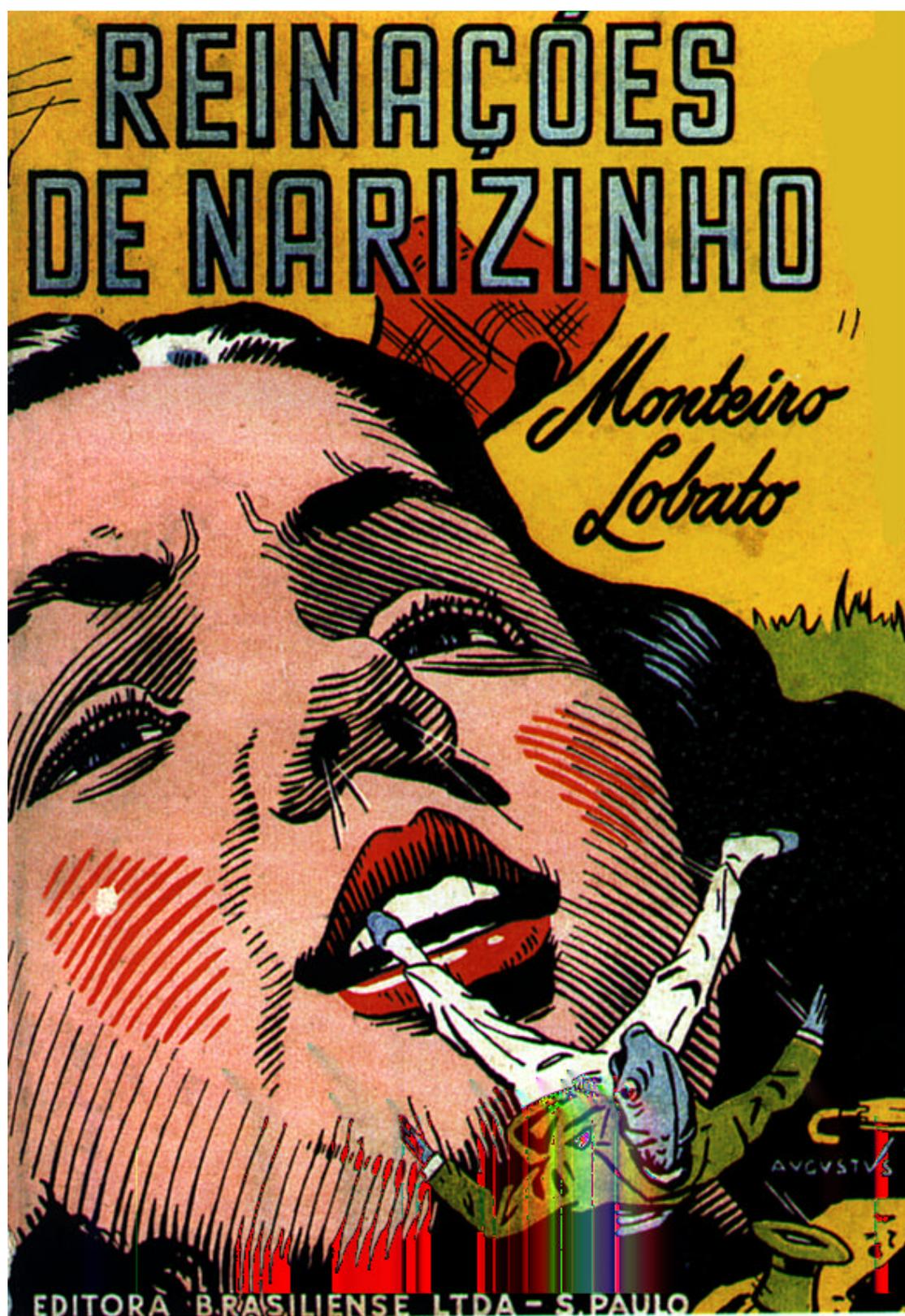
Outra inovação do IV ATO é a PANTOMIMA (Gomes). Não há palavras: a ação é apenas descrita pelos movimentos, pelos gestos e pelos efeitos de orquestra e de luz.

A ARIA DE NARIZINHO (Adroaldo) finaliza a opereta.

7



14. Litografia de Jean G. Villin para a primeira edição de *Reinações de Narizinho*, 1931.



15. Em 1931, Monteiro Lobato retorna dos Estados Unidos e se dedica à campanha pelo petróleo; sua sobrevivência é garantida pelas traduções e publicação de histórias infantis, como *Reinações de Narizinho*.